

Coleção
EDVCERE

[Dissertações]

O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira:

Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)

coordenação: Marilia Pontes Sposito

[Teses]

Volume 1

ARGUMENTVM
Editora

Coleção
EDVCERE

O Estado da Arte sobre juventude na
pós-graduação brasileira:
Educação, Ciências Sociais e
Serviço Social (1999-2006)

Volume 1

Marilia Pontes Sposito
coordenação

O Estado da Arte sobre juventude
na pós-graduação brasileira:

Educação, Ciências Sociais e
Serviço Social (1999-2006)

Volume 1

ARGUMENTVM
Belo Horizonte
2009

Todos os direitos reservados à
ARGUMENTVM Editora Ltda.
© Autores

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido
por qualquer meio sem a autorização da editora.

As ideias contidas neste livro são de responsabilidade dos seus autores
e não expressam necessariamente a posição da editora.

CIP-BRASIL CATALOGAÇÃO-NA-FONTE | SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVRO, RJ

E82

Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira : educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006), volume 1/ Marília Pontes Sposito, coordenação. – Belo Horizonte, MG : Argvmentvm, 2009.

276p. ; 2v. : il. – (Edvcere ; 9)

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-98885-77-3

I. Jovens – Educação – Brasil. 2. Educação – Pós-graduação. I. Sposito, Marília Pontes, 1948- II. Série.

09-5809.

CDD: 379.91

CDU: 37.014.5(81)

09.11.09

16.11.09

016219

CONSELHO EDITORIAL COLEÇÃO EDVCERE

Diana Gonçalves Vidal | USP

José Gonçalves Gondra | UERJ

Luciano Mendes de Faria Filho | UFMG

Maurilane de Souza Bicas | USP

ARGUMENTVM

Editora Ltda.

Rua dos Caetés, 530 sala 1113 – Centro
Belo Horizonte. MG. Brasil

Telefax: (31) 3212 9444

www.argvmentvmeditora.com.br

Sumário

Volume 1

PREFÁCIO

O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)

Juarez Dayrell e Paulo Carrano 7

Estado da Arte sobre juventude: uma introdução

Marília Pontes Sposito..... 11

CAPÍTULO 1

A pesquisa sobre Jovens na Pós-Graduação: um balanço da produção discente em Educação, Serviço Social e Ciências Sociais (1999-2006)

Marília Pontes Sposito..... 17

CAPÍTULO 2

Juventude e Escola

Juarez Dayrell, Brésia França Nonato, Fernanda Vasconcelos Dias e Helen Cristina do Carmo 57

CAPÍTULO 3

Adolescentes em processos de exclusão social

Marília Pontes Sposito, Livia De Tommasi e Gilberto Geribola Moreno..... 127

CAPÍTULO 4

Jovens Universitários: acesso, formação, experiências e inserção profissional

Paulo Carrano 179

CAPÍTULO 5

Jovens, sexualidade e gênero

Marília Pinto de Carvalho, Raquel Souza e Elisabete Regina Baptista de Oliveira..... 229

Volume 2

PREFÁCIO

O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)

Juarez Dayrell e Paulo Carrano 7

Estado da Arte sobre juventude: uma introdução

Marília Pontes Sposito..... 11

CAPÍTULO 6

Jovens e trabalho

Maria Carla Corrochano e Marilena Nakano 17

CAPÍTULO 7

Juventude, Mídias e TIC

Maria da Graça Jacintho Setton 63

CAPÍTULO 8

Os estudos sobre jovens na intersecção da escola com o mundo do trabalho

Monica Peregrino..... 87

CAPÍTULO 9

Os estudos sobre grupos juvenis: presenças e ausências

Elmir de Almeida..... 121

CAPÍTULO 10

Estudos sobre jovens na interface com a política

Marília Pontes Sposito, Ana Karina Brenner e Fábio Franco de Moraes..... 175

CAPÍTULO 11

Estudos históricos sobre a juventude: estado da arte

Maria Lucia Spedo Hilsdorf e Fernando Antonio Peres 213

Apêndice235

*O Estado da Arte sobre juventude na
pós-graduação brasileira: Educação,
Ciências Sociais e Serviço Social
(1999-2006)*

A produção de conhecimento, qualquer que seja o campo do saber, não pode prescindir do esforço sistemático de inventariar e fazer balanço sobre aquilo que foi produzido em determinado período de tempo e área de abrangência. Isso é o que se convencionou denominar de “estado do conhecimento” ou “estado da arte”. Esta é a denominação que foi adotada nos dois volumes deste livro que temos a satisfação de apresentar. Para tratar do inventário de determinado campo do conhecimento, podemos utilizar a imagem de alguém que iniciou uma caminhada e num certo ponto faz uma parada, olha para trás, toma fôlego, reavalia os objetivos do caminhar e se coloca em posição de retomar o percurso, podendo mesmo reorientar o seu rumo em função da “reflexão” e da recuperação que o ato de interromper a marcha possa ter promovido.

O exercício de recuperação analítica da produção sobre os jovens e a juventude no Brasil tem um início que o demarca e que prossegue de maneira ampliada com esta coletânea de pesquisa, resultado dos esforços de uma rede nacional de cooperação científica que se estabeleceu a partir do ano 2000 sob a coordenação da professora Dr^a. Marília Pontes Sposito (USP). A primeira iniciativa de pesquisa conjunta foi o *Estado do Conhecimento Juventude e Escolarização*, que inventariou e analisou a produção discente sobre juventude na pós-graduação em Educação no período de 1980 a 1998.¹ O trabalho tornou-se referência para alunos de graduação, mestrandos, doutorandos, pesquisadores iniciantes e experientes, que puderam dialogar com os textos daquela coletânea os quais apontavam o “momento” em que havíamos chegado com a produção discente da pós-graduação que buscou nos jovens e estudantes seus problemas de investigação científica.

A pesquisa atual realizou um balanço da produção de conhecimentos discente nos programas de pós-graduação no campo dos estudos sobre **Juventude**, de 1999 até 2006, nas áreas Educação, Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia) e Serviço Social, além de estabelecer, sempre que possível, parâmetros comparativos entre a produção anterior (1980/1998) e a atual, verificando as principais inflexões e aportes teórico-metodológicos observados nas áreas de conhecimento analisadas e também sugerindo novas vertentes

¹ Esse estudo foi publicado pelo INEP em 2002 na série Estado do Conhecimento.

de investigação para problemáticas ainda pouco exploradas pelas pesquisas de mestrado e doutorado.

A publicação dos dois volumes deste livro é uma das ações do Projeto *Diálogos com o Ensino Médio*, uma parceria iniciada no ano de 2009 entre o Observatório da Juventude da UFMG,² o Observatório Jovem da UFF³ e a Secretaria de Educação Básica do MEC.

Os objetivos dessa parceria entre os referidos Observatórios e o MEC estão relacionados com a busca do diálogo entre as temáticas do ensino médio e juventude por meio do levantamento, da sistematização e da divulgação da produção acadêmica destas áreas. A finalidade é a de subsidiar a elaboração, a implantação e o monitoramento de políticas públicas que atendam com qualidade o público jovem no espaço da escola pública. E, ao mesmo tempo, fomentar o intercâmbio entre a comunidade acadêmica e outros atores envolvidos nos processos de educação e de produção de conhecimentos relacionados com os jovens alunos do Ensino Médio. Outra ação diz respeito à realização de pesquisas de caráter qualitativo sobre a posição dos jovens estudantes em relação à escola de ensino médio.

O Projeto “Diálogos” criou um espaço virtual – Portal Ensino Médio *EMdiálogo* (www.emdialogo.com.br) – que vem estimulando o intercâmbio de informações e conhecimentos entre jovens alunos, professores e demais interessados acerca da realidade do ensino médio no Brasil. Inventariou também documentos e produções acadêmicas relacionadas ao Ensino Médio, classificando-a e disponibilizando-a num diretório no Portal, além de desenvolver uma pesquisa-piloto no estado do Pará, buscando elevar o nível de conhecimento sobre os jovens alunos do ensino médio, suas condições de aprendizagem, suas expectativas e o relacionamento entre professores e alunos naquele estado.

² O “Observatório da Juventude da UFMG” (www.fae.ufmg.br/objuventude) é um programa de ensino, pesquisa e extensão da Faculdade de Educação da UFMG. Desde 2002 vem realizando atividades de investigação, levantamento e disseminação de informações sobre a situação dos jovens na Região Metropolitana de Belo Horizonte, além de promover a formação de jovens, de professores que trabalham com a juventude, como também de alunos da graduação da UFMG interessados na temática. Situa-se no contexto das políticas de ações afirmativas, orientando-se por quatro eixos centrais de preocupação que delimitam sua ação institucional: a condição juvenil; políticas públicas e ações sociais; práticas culturais e ações coletivas da juventude e a construção de metodologias de trabalho com jovens.

³ O “Observatório Jovem” (www.uff.br/obsjovem) iniciou suas atividades no ano de 2001 como um grupo de pesquisa e extensão universitária e vincula-se ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF. Suas principais preocupações de estudo, pesquisa e extensão estão relacionadas com a investigação de processos sociais educativos escolares e não escolares, as situações de vida dos jovens na contemporaneidade e suas mobilizações sociais, culturais e políticas. O Observatório produz matérias de conteúdo próprio na forma de entrevistas e reportagens e também procura divulgar informações qualificadas de outras fontes.

Foi no bojo destas ações que o Projeto apoiou o desenvolvimento da análise dos dados produzidos pela pesquisa “*Balanço e perspectivas do campo de estudos de Juventude no Brasil em conjuntura de expansão*”, publicando os dois volumes deste livro com os artigos relacionados aos diversos temas classificados neste estudo e, ao mesmo tempo, disponibilizando a base de dados e este livro no Portal EMdiálogo (www.emdialogo.com.br).⁴

Esta pesquisa não seria possível sem a coordenação da Dr^a Marília Pontes Sposito e seu intransigente compromisso com o rigor analítico e a ética necessária em um trabalho de balanço que se propõe a analisar produtos e processos de investigação. Por fim, registamos o decisivo apoio à pesquisa dado pelo CNPq, pela FAPEMIG e pela FAPERJ, além da Secretaria de Educação Básica do MEC, que aportou recursos para a publicação deste livro, o qual surge com a expectativa de contribuir para a consolidação do campo de estudos sobre juventude no Brasil.

Juarez Dayrell

Paulo Carrano

⁴ A mesma base de dados encontra-se disponível na biblioteca digital da ONG Ação Educativa.

Estado da Arte sobre juventude: uma introdução

Marilia Pontes Sposito

Este livro reúne os resultados do segundo balanço da produção discente sobre o tema Juventude no interior da Pós-Graduação no Brasil. O primeiro balanço – *Juventude e Escolarização* (Sposito, 2002) – cobriu um extenso período (1980-1998) e se dedicou somente à área da Educação. O atual ampliou seu escopo ao incorporar as áreas de Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia) e Serviço Social, fixando como recorte temporal o período 1999-2006 para o levantamento das dissertações e teses.¹

Certamente, outras áreas têm apresentado produção significativa sobre o tema, como a Psicologia, por sua tradição adquirida nos estudos sobre a adolescência, as Ciências da Comunicação e a Saúde Coletiva. No entanto, a investigação realizada privilegiou apenas a produção dessas três áreas, considerando como eixo delimitador os estudos que contemplem, na formulação de seus apoios teóricos, uma *dominante social*. A expressão dominante social é aqui utilizada apenas para delimitar as áreas investigadas no conjunto das disciplinas das Ciências Humanas (Educação e Ciências Sociais) e Ciências Sociais Aplicadas (Serviço Social). Neste caso, a ênfase recai sobre o que pode ser designado como produção de conhecimento fundamentada na teoria social, que compreende a Sociologia, a Antropologia, a Ciência Política e os domínios a elas correlatos como o Serviço Social.

A confiabilidade de um levantamento que pretende caracterizar-se como Estado da Arte depende, em grande parte, do claro recorte do universo a ser investigado, das fontes disponíveis e do seu tratamento (Davies, 2007). A decisão de circunscrever, neste momento, o levantamento em torno da produção discente da Pós-Graduação decorreu do pressuposto de que parte importante, e não muito visível, da produção de conhecimento no país se desenvolveu e ainda se desenvolve no processo de formação de novos pesquisadores no interior da Pós-Graduação.

¹ Os programas de pós-graduação considerados no atual levantamento são aqueles definidos pela CAPES, em seu portal, como pertencentes a uma das áreas (Educação, Serviço Social e Ciências Sociais, esta última compreendendo Antropologia, Ciência Política e Sociologia). Assim, programas interdisciplinares, que não estão alocados numa dessas áreas, não foram percorridos. Omissões de trabalhos que deveriam estar contemplados também podem ser decorrentes de eventuais imperfeições no levantamento realizado junto ao Portal, diante do amplo universo a ser percorrido.

No entanto, a expansão recente dessa modalidade de ensino tornou a tarefa bastante complexa pelo número potencial de trabalhos a serem percorridos e, eventualmente, incorporados.

Os trabalhos foram selecionados a partir das informações contidas no Banco de Teses do portal CAPES.² Foram consolidados 43 descritores (ver anexo),³ que serviram como filtros para se percorrer a extensa base de dados do banco (1987-2006),⁴ a partir de três campos: título, palavras-chave e resumos. A busca mais exaustiva⁵ dos trabalhos evidenciou que considerar apenas o campo palavras-chave não seria suficiente. Assim, os títulos e, principalmente, os resumos poderiam indicar com maior segurança a pertinência do estudo.

Em continuidade aos procedimentos adotados no estudo anterior, foi preciso ter acesso ao conteúdo total das obras selecionadas, pois um balanço de literatura, sobretudo nos moldes Estado da Arte, não pode ser realizado somente a partir de resumos (Ferreira, 2002). A recuperação dos exemplares que não estavam disponíveis em bases eletrônicas exigiu muita persistência da equipe e atravessou muitas dificuldades. As bibliotecas digitais das universidades foram uma fonte importante para a localização das teses e dissertações sobretudo para a produção mais recente (2005 e 2006). A equipe tentou, também, estabelecer contatos com os autores e orientadores dos trabalhos, obtendo, em alguns casos, respostas positivas. Mesmo assim, um lote significativo foi recuperado pelo serviço de intercâmbio entre bibliotecas ou pelo sistema COMUT (Programa de Comutação Bibliográfica do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT). Tanto as bases de dados como os intercâmbios entre bibliotecas apresentam suas fragilidades, reconhecidas por outros pesquisadores como Vermelho e Areu (2005).

² O Banco de Teses do portal CAPES foi percorrido em duas etapas: a primeira, entre agosto e dezembro de 2006, quando se levantou a produção de 1999 a 2004, e a segunda, de agosto a dezembro de 2007, quando foram selecionados os trabalhos defendidos nos anos de 2005 e 2006.

³ Os descritores utilizados no primeiro Estado da Arte serviram de base para o levantamento, mas outros foram acrescidos de modo a ampliar as possibilidades de identificação da produção discente.

⁴ Atualmente o Banco de Teses do portal CAPES já contém os trabalhos defendidos em 2007 e 2008, mas a data limite do levantamento atual foi fixada em 2006.

⁵ Apesar do grande avanço no acesso público às informações, o Banco de Teses do portal CAPES ainda apresenta fragilidades que precisam ser consideradas. Uma delas é que o Portal constitui uma base instável, pois, de modo permanente, incorpora arquivos de trabalhos novos ou mesmo de anos anteriores, impossibilitando levantamentos precisos sobre o universo pesquisado. Além de instável, o Banco também não é exaustivo, pois encontramos trabalhos junto aos orientadores que não constavam no Portal, nem mesmo no acervo da biblioteca depositária da instituição responsável pela titulação. As ferramentas de busca no Portal são muito limitadas, pois não permitem pesquisar um único programa de pós-graduação, uma área do conhecimento ou por orientador. Além disso, é impossível fazer buscas a partir de um único campo (palavra-chave, título ou resumo).

Apesar dos esforços, alguns exemplares não foram localizados nas bibliotecas depositárias, sendo considerados perdidos.

Do total de dissertações e teses identificadas (1.427), não foi possível recuperar 134 exemplares. As teses e dissertações foram indexadas em uma base de dados digital,⁶ compreendendo informações descritivas do texto, resumo e tema.

Tabela 1 – Recuperação dos trabalhos por área

ÁREA DO CONHECIMENTO	RECUPERADOS	NÃO-RECUPERADOS
EDUCAÇÃO	883	88
SERVIÇO SOCIAL	131	13
CIÊNCIAS SOCIAIS	279	33
Ciência Política	9	4
Antropologia	107	10
Sociologia	163	19
TOTAL	1.293	134

Tendo em vista a quantidade de trabalhos a serem analisados, a diversidade temática, os limites de tempo e o número de pesquisadores envolvidos, algumas escolhas se impuseram ao grupo, não sendo possível, até o momento, esgotar a análise de todo material empírico levantado. Os artigos desta coletânea analisam os temas que apresentaram maior frequência de estudos no universo de trabalhos indexados.

O texto inicial, *Estudo sobre Jovens na Pós-Graduação: um balanço da produção discente em Educação, Serviço Social e Ciências Sociais (1999-2006)*, examina os dados gerais do levantamento e tece considerações em torno dos traços mais marcantes dessa produção. Um conjunto de três artigos examina os aspectos relativos aos jovens em suas relações com o sistema escolar: *Juventude e Escola*. Estudos relativos à sexualidade e às relações de gênero, em suas interfaces com a juventude, são analisados no artigo *Jovens, sexualidade e gênero*. O texto *Adolescentes em processo de exclusão social* recobre a produção discente que se dedicou, sobretudo, à pesquisa dos segmentos juvenis considerados em situação de extrema pobreza e dos adolescentes em conflito com a lei. Pesquisas que abordaram outros registros da condição juvenil foram examinadas em outros artigos: *Juventude e Trabalho*; *Jovens, mídia e TIC*; *Os grupos juvenis*; *Jovens Negros*; e *Juventude e política*. Finalmente, também foi objeto de análise o tema

⁶ A base de dados se encontra na biblioteca digital de Ação Educativa (www.acaoeducativa.org.br). Utilizando apenas *software* livre, o sistema foi desenvolvido em linguagem php com banco de dados mysql e funciona sob o sistema operacional linux. A opção pelo *software* livre e a execução na intranet de Ação Educativa, um servidor com acesso interno e monitorado, garantiu aos pesquisadores maior acessibilidade ao sistema, facilitando, sobremaneira, o desenvolvimento e a segurança dos trabalhos.

Estudos históricos sobre juventude. Como foram identificados trabalhos que se voltaram para o passado e tentaram compreender aspectos da vida juvenil em outros momentos da sociedade brasileira, julgou-se importante aferir se esse conjunto abre perspectivas, mesmo que de forma bastante incipiente, para uma eventual história dos jovens no Brasil.⁷ No apêndice encontram-se as listagens de todas as dissertações e teses localizadas, agrupadas por eixo temático de modo a facilitar a consulta.⁸

É forçoso admitir que já existe um conjunto de estudos produzidos nos últimos 20 anos no Brasil sobre os jovens, cujo balanço exaustivo é praticamente impossível. Além das teses e dissertações, há outros produtos importantes do processo de conhecimento, como os livros, periódicos e relatórios de pesquisa, não cobertos neste estudo.⁹ Por outro lado, a produção de conhecimentos e informações sobre juventude também não é privilégio do mundo universitário. Institutos privados de pesquisa, organizações não-governamentais e organismos públicos têm produzido, significativamente, nos últimos anos, sobre o tema. A relevância e a qualidade desses estudos ainda estão por ser aferidas, mas de algum modo eles não só traçam diagnósticos ou retratos da juventude como, também, constroem ativamente uma imagem sobre os jovens no Brasil.¹⁰

Um empreendimento coletivo dessa magnitude decorre de múltiplos apoios, da disponibilidade e atenção de colegas e dedicados funcionários de bibliotecas universitárias. Correndo o risco de cometer algumas injustiças, somos especialmente agradecidos a Irene Alves de Paiva, Luiza Mitiko Camacho, Olga Durand e ao inesquecível amigo Nilton Bueno Fischer.

O presente Estado da Arte exprime o trabalho de uma equipe diversificada de pesquisadores, envolvendo professores, alunos da pós-graduação e bolsistas de iniciação científica da Universidade Federal Fluminense, da Universidade Federal de Minas Gerais e da Universidade de São Paulo. Sou particularmente grata a: Ana Karina Brenner, Elisabete de Oliveira, Elmir de Almeida, Fábio Franco de Moraes, Fernando Antonio Peres, Gilberto Geribola Moreno, Juarez Dayrell, Livia de Tommasi, Maria Carla Corrochano, Maria da Graça Setton,

⁷ Um levantamento da produção na área de História certamente traria elementos importantes para a aferição das potencialidades de uma linha de investigação em torno de uma história dos jovens. Por outro lado, é importante registrar que a área de Educação já possui uma tradição consolidada no domínio da História da Educação e que poderia incorporar essa problemática em sua agenda de pesquisa.

⁸ Os trabalhos foram agrupados por área de conhecimento e, no caso das Ciências Sociais, a divisão em subáreas Antropologia, Sociologia e Ciência Política) decorreu do foco predominante apresentado pelo trabalho do aluno nos casos em que os programas de pós-graduação não formalizaram essa divisão.

⁹ Um balanço dos artigos de periódicos nessas três áreas também foi realizado pela equipe de pesquisadores e será objeto de análise em outro momento.

¹⁰ A este respeito consultar a tese de Doutorado de João Paulo Macedo e Castro (2006).

Maria Lúcia Hilsdorf, Maria Nobre Damasceno, Marilena Nakano, Marília Pinto de Carvalho, Monica Peregrino, Monica Sacramento, Nilma Gomes, Paulo Cesar Carrano e Raquel de Souza.

Como afirma Régine Sirota (2006), pesquisadora da disciplina Sociologia da Infância, os balanços da produção científica são importantes porque, em geral, assumem uma dupla feição: contribuem para a emergência do campo de estudos e auxiliam na sua estruturação. Se for considerado o conjunto do que já foi produzido nos últimos dez anos, é possível afirmar que a pesquisa sobre juventude no Brasil não pode ser mais tratada como um dado apenas emergente. A equipe de pesquisadores espera que a divulgação dos resultados deste livro contribua para a estruturação e a consolidação desse campo de estudos.

Referências bibliográficas

- DAVIES, Philip. Revisões sistemáticas e a Campbell Collaboration. In Thomas, Gary e Pring, Richard. *Educação baseada em evidências*. Porto Alegre: Artmed, 2007
- FERREIRA, Norma S A. As pesquisas denominadas ‘Estado da Arte’. *Educação & Sociedade*, ano XXIII, número 79, Agosto/2002.
- MACEDO e CASTRO, João Paulo. *UNESCO – Educando os jovens cidadãos e capturando redes de interesses: uma pedagogia da democracia no Brasil*. Tese de Doutorado. Museu Nacional, UFRJ, 2006.
- SIROTA, Régine. *Éléments pour une sociologie de l’enfance*. Paris: PUF, 2006
- SIROTA, Régine (coord.). Juventude e escolarização (1980/1998), Série Estado do conhecimento, número 7, Brasília, MEC/INEP, Comped, 2002.
- VERMELHO, Sonia Cristina e AREU, Graciela Inês Presas. Estado da Arte da área de educação & Comunicação em periódicos brasileiros, *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1413-1434, Set./Dez. 2005.

A pesquisa sobre Jovens na Pós-Graduação: um balanço da produção discente em Educação, Serviço Social e Ciências Sociais (1999-2006)

Marília Pontes Sposito¹

Ao propor um segundo balanço da produção discente na pós-graduação sobre juventude no Brasil, reforça-se o pressuposto de que os estudos de tipo Estado da Arte permitem, a partir de recorte temporal definido, conhecer e sistematizar a produção de conhecimento, reconhecer os principais resultados da investigação, identificar temáticas e abordagens dominantes ou emergentes, bem como lacunas e campos inexplorados abertos à pesquisa futura.

O tema *Juventude* alcançou maior visibilidade nos últimos quinze anos no Brasil como produto da intersecção de vários domínios da vida social e da ação de diferentes atores. Os jovens entram na pauta das políticas públicas como parte da questão social e do crescimento da violência no país. Iniciativas também observadas nesse período, em um primeiro momento nas prefeituras e posteriormente em âmbito federal, tentam trazer para a arena pública novas visibilidades em torno dos segmentos juvenis, considerados como atores capazes de ação e de interlocução política. Há, assim, uma confluência de demandas e de representações no campo político que se torna uma arena bastante diversificada de iniciativas e de concepções em torno da questão juvenil no país.²

As instituições tradicionalmente encarregadas da socialização das novas gerações sofrem os efeitos dos processos de mudança que alteraram as relações entre adultos e jovens nos últimos 50 anos. Os impactos sobre o ciclo de vida, em especial sobre os jovens, têm sido analisados de modos diferentes pelos pesquisadores. Para alguns trata-se da *desregulação* das etapas (Peralva, 1997) e sua *descronologização* (Atias-Donfut, 1996), outros enfatizam a crise de uma

¹ Professora titular em Sociologia da Educação, Faculdade de Educação, USP.

² O movimento em âmbito municipal foi anterior, tendo se iniciado no final dos anos 1990 e, no nível federal, ganhou alguma visibilidade a partir da gestão de Fernando Henrique Cardoso, intensificando-se no governo Lula com a criação da Secretaria Nacional de Juventude e Conselho Nacional de Juventude (Sposito, 2003; Sposito e Carrano, 2003; Novaes, 2006; Brenner e outros, 2005; Sposito, 2007).

determinada matriz que orientava a ação das instituições sobre os indivíduos, sobretudo aquelas voltadas para o processo de socialização (Dubet, 2002).

Uma das questões mais importantes derivada dessas mudanças reside nas imprecisões que delimitam a condição juvenil na contemporaneidade: quando começa ou termina a juventude? Essas preocupações, presentes também nos estudos atuais sobre a infância, acabam pelo reconhecimento do caráter *contingente* dessas categorias (Sirota, 2006). Assim, só o desenvolvimento desse domínio de estudos poderá produzir um conjunto de respostas sobre essa fase no ciclo de vida que não se separam dos processos estruturantes da vida social, fundados nas desigualdades sociais, nas relações de gênero e relações étnico-raciais, entre outras.

Um esforço intelectual adicional importante se faz necessário para delimitar os estudos sobre jovens como parte do campo acadêmico, pois alcançar relevância política e social não oferece garantia suficiente para sua legitimidade acadêmica, uma vez que os problemas sociais não são diretamente objeto de investigação científica (Lenoi, 1998; Machado Pais, 1990; Bourdieu, 1980). A visibilidade da questão juvenil na sociedade contemporânea, por essas razões, opera de forma contraditória: de um lado, suscita o interesse acadêmico, mas, de outro, impõe a tomada de distância dessa mesma visibilidade de modo que o objeto possa sofrer um esforço claro de construção científica e, assim, alcançar alguma legitimidade teórica.

As principais orientações do estudo anterior foram seguidas, diante das dificuldades de clara delimitação conceitual da noção de juventude. No entanto, essas dificuldades constituem um elemento a ser incorporado nas análises, pois a produção discente acaba por construir quadros conceituais em torno dessa noção que demandam também ser perscrutados (Sposito, 2002). Assim sendo, os estudos podem ser também investigados a partir do modo peculiar como construíram seu arcabouço teórico e selecionaram elementos empíricos capazes de enunciar algo sobre a condição juvenil no Brasil. Mas a análise também está atenta, como afirma Lagree, para a importância de se considerar o caráter normativo das representações³ correntes sobre a idade e os jovens na sociedade (Lagree, 1999).

A fixação da faixa etária como critério para a busca de trabalhos foi adotada como primeira delimitação, mas de modo ampliado, incluindo o grupo até 29 anos.⁴ Outro modo de aproximação do objeto, já utilizado no Estado da Arte

³ As representações sociais não são tomadas aqui como simples soma das representações dos indivíduos nem como falsas ou verdadeiras, pois são, ao mesmo tempo, falsas e verdadeiras: verdadeiras como respostas a problemas 'reais', e falsas na medida em que dissimulam objetivos 'reais' (Lefebvre, 1980: 55).

⁴ Um dado adicional que revela o caráter instável das delimitações etárias decorre da incorporação no recente debate público sobre juventude no país da faixa etária para além dos 24 anos, já consolidada em muitos países do continente europeu. Os recortes demográficos exprimem, também, o conjunto de definições em disputa na esfera pública em torno do que é ser jovem.

anterior, foi a adoção de usos associados ou indiretos à categoria juventude.⁵ Esse critério se revelou consistente e de algum modo é reiterado nas análises de Regine Sirota (2006), que indaga: o campo é constituído por pesquisadores que se identificam como dele participantes ou por trabalhos que examinam o objeto? Na verdade, ao levantar os produtos sob a forma do Estado da Arte, o recorte utilizado incidu muito mais sobre o objeto do que sobre o pesquisador e sua eventual identificação com os estudos sobre juventude.

As análises de um domínio de estudos em constituição não podem dispensar esse segundo recorte, pois muitas das contribuições podem ser produtos de pesquisadores que apenas incidentalmente debruçaram-se sobre o tema, mas, ao fazê-lo, poderão ter realizado estudos competentes e fecundos que alimentam o desenvolvimento de novas pesquisas. Sirota (2006) indica que os trabalhos reagem uns sobre os outros e muitas vezes uma contribuição em uma área incide sobre outra.⁶

Um primeiro olhar

Do total da produção discente das áreas compreendidas pelo atual levantamento (Educação, Serviço Social e Ciências Sociais) verifica-se que os trabalhos sobre os jovens, apesar de em termos absolutos constituírem um universo significativo (1427), em termos relativos ainda não ocupam grande relevância nas áreas cobertas pelo atual estudo. Uma das hipóteses iniciais do presente Estado da Arte incidia sobre a ideia de uma expansão significativa do campo de pesquisa tendo em vista os novos debates na esfera pública brasileira em torno da questão juvenil.

A possibilidade de estabelecer comparações só ocorre na área da Educação, sendo observado um crescimento discreto, uma vez que no período anterior os estudos representavam pouco mais de 4,5% da produção enquanto no balanço atual alcançam 6%.⁷

⁵ Não retomo aqui as discussões realizadas anteriormente sobre as dificuldades decorrentes da imprecisão contida no termo juventude. Apenas reitero a importância da distinção entre a noção de juventude como momento do ciclo de vida constituído a partir de matrizes sócio-culturais e os jovens, categoria empírica presente em todas as formações sociais (Attias-Donfut, 1996; Dubet, 1996).

⁶ O exemplo citado pela autora é a história da violência sexual (estupro) realizada nos estudos de Georges Vigarello, que colocou em evidência a mudança de olhar sobre o corpo da criança. A importância da contribuição é inquestionável, sem que, necessariamente, o autor se situe no interior do campo de estudos sobre a infância (Sirota, 2006: 16).

⁷ Não foram considerados na área de Educação os estudos que trataram de questões relativas ao ensino e à aprendizagem. Embora se volte para o universo dos alunos, em muitos casos da faixa etária coberta pelos estudos sobre juventude, essa produção tem como foco o aprendizado, os conteúdos, as metodologias, pertencendo ao domínio da

Em Serviço Social (quase 8%) os números também não são expressivos. A pesquisa realizada no interior da área dá centralidade à questão social e à análise da ação do Estado por meio das políticas de assistência e diminuição da pobreza (Sposati, 2007). Os direitos da infância e a aplicação de disposições legais contidas no Estatuto da Criança e do Adolescente se consolidam como eixos das investigações e é no interior desse conjunto que está situada a produção de conhecimento sobre os adolescentes afetados por processos de exclusão.⁸ Mesmo reconhecendo que a área se volta fortemente para o estudo da questão social e das políticas de assistência, não há razões “que limitem o campo dos objetos do Trabalho Social, pois, de qualquer modo, estão nele envolvidos os debates gerais sobre a investigação social, como em outro campo qualquer no qual esta seja seu meio de produção”(Grassi, 2007: 29).⁹

Nas Ciências Sociais, as teses e dissertações em Antropologia exprimem uma maior presença nos estudos sobre os jovens, se forem comparadas com a Ciência Política e a Sociologia. Os antropólogos foram, em termos relativos, os pesquisadores mais voltados para essa temática em todos os domínios investigados.

Se a proporção de doutorados defendidos pode indicar um fator de maturidade no domínio da investigação, observa-se que os estudos sobre juventude apresentam médias inferiores ao total de doutorados defendidos em todas as áreas.

Tabela 1 – Universo total da produção discente e produção sobre juventude/ mestrados e doutorados

ÁREA DO CONHECIMENTO	TOTAL/ÁREA (1999-2006)					TOTAL/JUVENTUDE (1999-2006)					
	M	%	D	%	T	M	%	D	%	Total	%
EDUCAÇÃO	12.969	81,1	3.015	18,9	15.984	823	84,8	148	15,2	971	6,1
SERVIÇO SOCIAL	1.460	78,8	393	21,2	1.853	123	85,4	21	14,6	144	7,8
CIÊNCIAS SOCIAIS	4.547	69,9	1.961	30,1	6.508	243	77,9	69	22,1	312	4,8
Ciência Política	821	81,0	192	19,0	1.013	10	76,9	3	23,1	13	1,3
Antropologia	821	75,9	261	24,1	1.082	85	72,6	32	27,4	117	10,8
Sociologia	2.905	65,8	1.508	34,2	4.413	148	81,3	34	18,7	182	4,1

didática. Da mesma forma, também não foram incorporados aqueles trabalhos que se debruçaram sobre problemas relacionados com a análise de políticas públicas ou de sistemas de ensino e que não tiveram como foco o jovem ao construir o objeto da investigação.

⁸ Em um balanço da produção discente (1998-2002) na Pós-Graduação em Serviço Social (Silva *et al.*, 2005) os estudos sobre juventude aparecem agregados aos de infância, família e sociedade, atingindo 14% da produção.

⁹ “*que limiten el campo objetual para el Trabajo Social, por lo que, en cualquier caso, lo involucran los debates generales sobre la investigación social, como a cualquier outro campo en el que ésta sea su medio de producción*”.

O intenso crescimento da pós-graduação no Brasil nos últimos anos, particularmente na área de Educação e no nível do Mestrado, ainda demanda estudos que possam apontar suas principais características, avanços e impasses. Ao lado dessa expansão, novas diretrizes fixaram prazos mais curtos para a conclusão dos mestrados e doutorados.

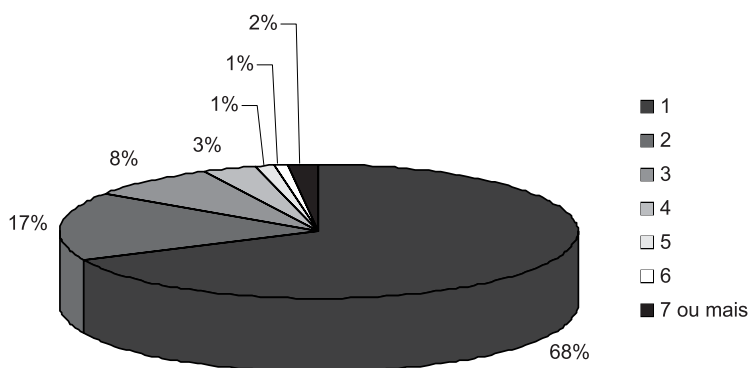
A importância do mestrado nas Ciências Humanas como etapa formativa sempre foi reconhecida. No entanto, as recentes alterações dos prazos imprimem dinâmicas complexas que poderão rebater na qualidade e relevância da pesquisa a ser realizada. O dispêndio de tempo para a investigação é algo que certamente interfere nas decisões sobre o universo empírico a ser selecionado, diante de prazos que se tornam cada vez mais exíguos. Os custos inerentes à realização de qualquer atividade de investigação certamente não são e nem devem estar embutidos nas bolsas concedidas aos estudantes da pós-graduação. A possibilidade de definir problemáticas relevantes e as incursões ao campo dependem, assim, de duas situações. Uma primeira, considerada a melhor, mas menos frequente, decorreria da inserção do aluno em grupos de pesquisa constituídos que assegurariam os recursos materiais mínimos para o desenvolvimento de seu trabalho de campo. A segunda, mais comum, é a experiência solitária do aluno da Pós-Graduação que acaba por definir o objeto possível de pesquisa no limite realista de suas possibilidades, ou seja, aquele que não exige requisitos materiais e financeiros inacessíveis à maioria dos estudantes.

É preciso reconhecer, também, que nem sempre ocorre a harmonização de interesses entre orientadores e alunos. Também tem sido uma tradição bastante comum, nas Ciências Humanas, o acolhimento das propostas daqueles que se inscrevem nos programas, muitas vezes distantes das orientações de pesquisa dos orientadores, que, por sua vez, abrem espaços para demandas que julgam portadoras de mérito. Para Zaia Brandão, “a ênfase excessiva na ‘originalidade’ das pesquisas de mestrado e doutorado tem contribuído para a superficialidade e a fragmentação da pesquisa em Educação. A atividade de pesquisa, em praticamente todas as áreas do conhecimento, é hoje e cada vez mais atividade de equipe” (Brandão, 2005: 10). Resta, assim, o difícil equilíbrio entre orientações mais coletivas para o trabalho intelectual por meio de grupos de pesquisa nos quais os alunos se inserem e os devidos espaços para a inovação e a criação que muitas vezes exigem o desenvolvimento de investigações empreendidas por um único pesquisador. Mas a possibilidade da inovação não deixa de exigir, também, a interlocução com grupos já constituídos porque alimenta a possibilidade da crítica e da colaboração permanentes.

O conjunto de orientadores sobre o tema indica dois grupos bastante distintos. Um contingente majoritário que orientou apenas uma dissertação ou tese e um núcleo constituído de professores responsáveis por um maior número de orientações nas três áreas. Do total de professores orientadores constantes no levantamento realizado nas três áreas verifica-se que somente 15% orientaram três ou mais

dissertações/teses.¹⁰ Porém, é preciso alguma cautela na utilização desses dados, pois professores orientadores com ingresso recente na Pós-Graduação, mesmo que tenham claros interesses na área de estudos ou recortem o tema juventude em suas pesquisas, ainda não terão tido tempo de consolidar suas orientações.¹¹

Gráfico 1 – Distribuição dos orientadores conforme número de trabalhos orientados



Além do recorte temporal (1999/2006), os critérios para distribuição da produção foram definidos a partir de eixos temáticos tendo como foco o sujeito jovem. Respeitando a ideia de uma inerente diversidade da condição juvenil, a produção discente foi agrupada a partir de critérios que favorecessem a compreensão desses segmentos nos mais variados registros.

Uma inevitável superposição de temas pode ocorrer nos estudos examinados de tal modo que alguns assumem feição nitidamente transversal, ou seja, buscam reunir categorias analíticas em torno dos estudos sobre jovens, como raça e gênero por exemplo. Por essas razões optou-se, após um exame mais criterioso, pelo eixo temático dominante em cada trabalho, remetendo o leitor, sempre que necessário, aos temas correlatos. No entanto, é preciso reconhecer que todo trabalho de distribuição e de alocação encerra certa dose de arbitrariedade que sempre desafia o pesquisador a proceder da forma mais coerente possível.¹²

¹⁰ Encontram-se, no anexo, os gráficos por área e subárea investigada, que reiteram as características gerais apresentadas no Gráfico 1.

¹¹ Este é o caso, por exemplo, de Wivian Weler (UNB) e Juarez Dayrell (UFMG).

¹² Como já indicava Mauger, o trabalho “aparentemente inocente, técnico, de constituição e de apresentação de uma bibliografia, de recenseamento de unidades de pesquisa, de pesquisadores e de trabalhos em curso, coloca um primeiro problema clássico: o da delimitação do domínio dos objetos” (Mauger, 1994: 6). A esse respeito consultar (Sposito, 1997; Sposito, 2002).

Tabela 2 – Frequência por tema nas três áreas

TEMA	QTDE	(%)
JUVENTUDE E ESCOLA	188	13,17
ADOLESCENTES EM PROCESSO DE EXCLUSÃO SOCIAL	177	12,40
JOVENS UNIVERSITÁRIOS	149	10,44
JOVENS, SEXUALIDADE E GÊNERO	133	9,32
JUVENTUDE E TRABALHO	91	6,38
JOVENS, MÍDIA E TIC	74	5,19
JOVENS, ESCOLA E TRABALHO	65	4,56
GRUPOS JUVENIS	64	4,48
JOVENS NEGROS	64	4,48
PARTICIPAÇÃO E CULTURA POLÍTICA	62	4,34
JUVENTUDE RURAL	52	3,64
ESTUDOS PSICOLÓGICOS/PSICANÁLITICOS SOBRE JUVENTUDE	47	3,29
ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE JUVENTUDE	38	2,66
JOVENS PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS	33	2,31
JOVENS E VIOLÊNCIA	31	2,17
JUVENTUDE, LAZER, CONSUMO E SOCIABILIDADE	31	2,17
JOVENS E SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS	23	1,61
JOVENS E MEIO AMBIENTE	22	1,54
JOVENS E RELIGIÃO	17	1,19
JOVENS E FAMÍLIA	16	1,12
JOVENS NO/DO ESTRANGEIRO	12	0,84
JOVENS, MODOS DE VIDA E SOCIALIZAÇÃO	11	0,77
JOVENS E ESPORTES	9	0,63
JOVENS INDÍGENAS	7	0,49
JOVENS E SAÚDE	5	0,35
JOVENS E CORPO	4	0,28
OUTROS	2	0,14
TOTAL	1.427	100,00

Um primeiro alerta diz respeito ao caráter eminentemente urbano da produção discente sobre juventude. Do total de trabalhos (1427) somente 52 (menos de 4%) trataram de jovens do mundo rural e apenas sete (0,5%) dedicaram-se aos jovens indígenas.¹³ É preciso admitir a existência de muitas imprecisões nas análises do

¹³ O universo de dissertações e teses sobre os jovens rurais apresenta alguns eixos comuns: a experiência de jovens em assentamentos dos movimentos pela terra, as relações entre escolaridade e trabalho, a migração e a permanência no campo e as formas de sociabilidade. A tese de doutorado em Antropologia de Elisa Guará de Castro (2006) oferece uma contribuição importante para esse domínio, pois se volta para a análise da constru-

grau de urbanização do Brasil, como afirma José Eli da Veiga (2003), uma vez que a definição do que é rural ou urbano ancora-se em critérios legais e administrativos e não considera aspectos importantes relativos ao tamanho das cidades, densidade demográfica, entre outros. Mesmo assim, é irrecusável a predominância urbana nos estudos sobre juventude no Brasil (Veiga, 2003). Todos os eixos temáticos que articulam a produção discente têm como elemento comum a condição juvenil urbana, sobretudo de grandes regiões metropolitanas, investigada a partir de enfoques diversos. A predominância de investigações sobre a vida de jovens em grandes metrópoles pode induzir a generalizações apressadas sobre a juventude brasileira, se não forem levadas em conta as condições de vida das pequenas e médias cidades e das zonas rurais. Há uma nascente produção sobre os jovens e o mundo rural que precisa ser ainda mais incentivada. Os poucos estudos existentes são reveladores das múltiplas temporalidades que articulam as relações sociais em nossa sociedade, das imbricadas relações de complementaridade e das tensões existentes entre cidade e campo, muito vezes obscurecidas por uma ótica excessivamente urbana.¹⁴

Há algumas diferenças nas ênfases e na frequência de temas de acordo com as áreas. Se considerarmos a produção em Educação, observa-se uma forte presença de estudos que se voltam para as trajetórias escolares dos jovens (educação básica e universitária), perfazendo quase 40% das dissertações e teses. Essa característica reitera as observações realizadas no último Estado da Arte, mas apresenta algumas alterações que sinalizam mudanças importantes. No período anterior esse conjunto de trabalhos representava mais de 47% dos estudos, ou seja, ocupava um espaço maior no conjunto da reflexão na área que se voltou, no estudo atual, para a pesquisa de novos assuntos. Por outro lado, o tema dominante situava-se nas interfaces entre *Jovens, Mundo do Trabalho e Escola* enquanto no presente balanço essa interface é menos frequente, dando lugar aos estudos centrados apenas na vida escolar.¹⁵ Diante desses índices, algumas hipóteses podem ser traçadas. Ressalta-se como primeiro elemento a mudança na composição etária dos alunos do ensino médio,

ção social da categoria jovem rural a partir de um estudo etnográfico com jovens de um assentamento no Estado do Rio de Janeiro. Na área de Educação, os estudos (quatro) sobre jovens indígenas enfatizaram aspectos educativos da experiência desses sujeitos, principalmente aqueles relativos à escolaridade. Em Antropologia a produção discente (três) tratou de temas relativos aos jovens de nações indígenas, tendo sido estudados os ticuna, os kamaiurá e os waiápi.

¹⁴ A este respeito consultar Carneiro e Castro (2007).

¹⁵ No atual balanço as relações dos jovens com o mundo do trabalho constituíram um tema específico, uma vez que foi possível identificar um conjunto importante de estudos centrados apenas nessa esfera e não na interface com a escola. No primeiro estado da arte, a produção sobre juventude e mundo do trabalho constituía um subtema no conjunto dos estudos sobre *Jovens, escola e mundo do trabalho*. Se considerarmos a partir do balanço atual, os dois temas reunidos (*Juventude e Trabalho e Jovens, trabalho e escola*) alcançam aproximadamente 11% da produção, ocupando o terceiro lugar na frequência de eixos temáticos na área da Educação.

tendendo ao rejuvenescimento dessa população.¹⁶ Os processos recentes de expansão, as políticas de correção de fluxo e a própria reforma do ensino médio, eventos marcantes da segunda metade dos anos 1990, certamente influenciaram na opção por determinadas temáticas de pesquisa. De todo modo, essa forte vocação para os estudos das trajetórias escolares de jovens da área de Educação aproxima o campo de estudos sobre juventude da Sociologia da Educação (Dubet, 1996).

Tabela 3 – Frequência por tema na área da Educação

TEMA	QTDE	(%)
JUVENTUDE E ESCOLA	173	17,82
JOVENS UNIVERSITÁRIOS	126	12,98
ADOLESCENTES EM PROCESSO DE EXCLUSÃO SOCIAL	81	8,34
JOVENS, SEXUALIDADE E GÊNERO	76	7,83
JOVENS, ESCOLA E TRABALHO	61	6,28
JOVENS, MÍDIA E TIC	61	6,28
JUVENTUDE E TRABALHO	47	4,84
JOVENS NEGROS	46	4,74
ESTUDOS PSICOLÓGICOS/PSICANALÍTICOS SOBRE JUVENTUDE	45	4,63
JUVENTUDE RURAL	35	3,60
PARTICIPAÇÃO E CULTURA POLÍTICA	34	3,50
JOVENS PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS	33	3,40
ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE JUVENTUDE	27	2,78
GRUPOS JUVENIS	21	2,16
JOVENS E MEIO AMBIENTE	21	2,16
JOVENS E SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS	16	1,65
JUVENTUDE, LAZER, CONSUMO E SOCIABILIDADE	14	1,44
JOVENS E FAMÍLIA	13	1,34
JOVENS E RELIGIÃO	9	0,93
JOVENS E VIOLÊNCIA	6	0,62
JOVENS, MODOS DE VIDA E SOCIALIZAÇÃO	5	0,51
JOVENS E ESPORTES	5	0,51
JOVENS E CORPO	4	0,41
JOVENS E SAÚDE	4	0,41
JOVENS INDÍGENAS	4	0,41
JOVENS NO/DO ESTRANGEIRO	2	0,21
OUTROS ¹⁷	2	0,21
TOTAL	971	100,00

¹⁶ Houve, certamente, um deslocamento dos alunos mais velhos para EJA. Não se observou, no entanto, um crescimento significativo de estudos sobre jovens alunos de cursos de Educação de Adultos.

¹⁷ Um trabalho realiza um balanço bibliográfico em torno de pesquisa sobre a educação escolar de alunos adolescentes (Giovinazzo, 1999) e outro examina as relações entre linguagem e juventude no interior de uma reflexão existencial (Nascimento, 2006).

Tabela 4 – Frequência por tema na área do Serviço Social

TEMA	QTDE	(%)
ADOLESCENTES EM PROCESSO DE EXCLUSÃO SOCIAL	54	37,50
JUVENTUDE E TRABALHO	19	13,19
JOVENS, SEXUALIDADE E GÊNERO	18	12,50
JOVENS E VIOLÊNCIA	9	6,25
JOVENS UNIVERSITÁRIOS	8	5,56
JOVENS E SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS	5	3,47
PARTICIPAÇÃO E CULTURA POLÍTICA	5	3,47
JOVENS NEGROS	4	2,78
JOVENS NO/DO ESTRANGEIRO	4	2,78
JUVENTUDE RURAL	4	2,78
JUVENTUDE, LAZER, CONSUMO E SOCIABILIDADE	3	2,08
ESTUDOS PSICOLÓGICOS/PSCANALÍTICOS SOBRE JUVENTUDE	2	1,39
GRUPOS JUVENIS	2	1,39
JOVENS E FAMÍLIA	2	1,39
JUVENTUDE E ESCOLA	2	1,39
JOVENS, ESCOLA E TRABALHO	1	0,69
JOVENS, MÍDIA E TIC	1	0,69
JOVENS, MODOS DE VIDA E SOCIALIZAÇÃO	1	0,69
TOTAL	144	100,00

Tabela 5 – Frequência por tema na área das Ciências Sociais

TEMA	QTDE				
	ANTROPOLOGIA	CIÊNCIA POLÍTICA	SOCIOLOGIA	TOTAL	(%)
ADOLESCENTES EM PROCESSO DE EXCLUSÃO SOCIAL	11	3	28	42	13,46
GRUPOS JUVENIS	21	1	19	41	13,14
JOVENS, SEXUALIDADE E GÊNERO	23	0	16	39	12,50
JUVENTUDE E TRABALHO	5	0	20	25	8,01
PARTICIPAÇÃO E CULTURA POLÍTICA	1	8	14	23	7,37
JOVENS E VIOLÊNCIA	6	0	10	16	5,13
JOVENS UNIVERSITÁRIOS	1	0	14	15	4,81
JOVENS NEGROS	7	0	7	14	4,49
JUVENTUDE, LAZER, CONSUMO E SOCIABILIDADE	10	0	4	14	4,49
JUVENTUDE E ESCOLA	6	0	7	13	4,17
JUVENTUDE RURAL	3	0	10	13	4,17



JOVENS, MÍDIA E TIC	3	0	9	12	3,85
ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE JUVENTUDE	4	1	6	11	3,53
JOVENS E RELIGIÃO	4	0	4	8	2,56
JOVENS NO/DO ESTRANGEIRO	4	0	2	6	1,92
JOVENS, MODOS DE VIDA E SOCIALIZAÇÃO	1	0	4	5	1,60
JOVENS E ESPORTES	2	0	2	4	1,28
JOVENS INDÍGENAS	3	0	0	3	0,96
JOVENS, ESCOLA E TRABALHO	0	0	3	3	0,96
JOVENS E SUBSTANCIAS PSICOATIVAS	1	0	1	2	0,64
JOVENS E FAMÍLIA	0	0	1	1	0,32
JOVENS E MEIO AMBIENTE	1	0	0	1	0,32
JOVENS E SAÚDE	0	0	1	1	0,32
TOTAL	117	13	182	312	100,00

As desigualdades sociais extremas e os processos de exclusão constituíram um grupo importante de estudos nas três áreas investigadas. Tanto em Serviço Social como nas Ciências Sociais foi o tema mais frequente, alcançando o terceiro lugar em Educação. No entanto, um olhar para as subáreas permite verificar que no domínio das Ciências Sociais os antropólogos voltaram-se sobretudo para os estudos sobre sexualidade e gênero, seguidos pelos grupos juvenis, que alcançaram praticamente os mesmo índices. Os adolescentes em processo de exclusão constituem o terceiro tema mais frequente para os antropólogos, mas são o primeiro na Sociologia.

O crescimento da pesquisa em torno das questões de gênero e da sexualidade entre os jovens decorre, sobretudo, do avanço do conhecimento dessas áreas nas Ciências Sociais (Sociologia e Antropologia) e Educação e menos de uma orientação específica de pesquisadores que se consagraram especialmente ao tema da juventude.

Outro achado importante do levantamento atual, como sintoma e ao mesmo tempo consequência de importantes deslocamentos teóricos na área de Educação, reside no lento arrefecimento das orientações da Psicologia e no crescimento de uma dominante sociológica nos estudos sobre juventude. Constituindo um universo em que estão mais frequentes as abordagens da psicanálise e da psicologia sócio-histórica, as teses que recortam o tema dos adolescentes hoje não alcançam a mesma força que em décadas anteriores, quando a área de Educação era nitidamente marcada pela força dos estudos de viés psicológico.¹⁸

¹⁸ As teses e dissertações que assumiram clara delimitação no campo dos estudos da Psicologia e da Psicanálise foram levantadas na área de Educação (45) e de Serviço Social (2). Como o foco deste balanço incidiu sobre uma dominante sociológica em torno dos estudos de juventude, esses trabalhos não serão analisados, mas constam na listagem geral por

Temas considerados emergentes no primeiro estudo – violência, mídia, grupos juvenis e jovens negros – permanecem na área de Educação e revelam presença também nas Ciências Sociais e em Serviço Social.

A violência foi tratada como tema incorporado de modo transversal no presente levantamento. A violência sexual e na família, delinquência e criminalidade são problemáticas que integram um conjunto de 31 estudos nas três áreas. A violência e indisciplina escolar participam do universo da produção sobre juventude e escola, perfazendo um total de 41 trabalhos. Tratadas sob forma indireta, mas sempre presentes, as violências aparecem como categoria subjacente nos estudos dos adolescentes em conflito com a lei que perfazem um total de 90 trabalhos e também no interior dos grupos juvenis (seis dissertações) pelas condutas belicosas de alguns estilos como os *skinheads* ou pela sua invasão em expressividades culturais juvenis como o *funk*.

Desse modo, poderíamos afirmar que aproximadamente 12% da produção se ocupa com as várias modalidades de violência que afetam os jovens na sociedade brasileira. A decisão de alocá-las em diversos temas decorre de orientações mais próximas do campo acadêmico do que político, embora tenha também implicações ético-políticas. De um lado, foi respeitado o modo como os autores construíram seus objetos de pesquisa e nem sempre a meta era o estudo da violência entre jovens ou contra os jovens, mas as condições de vida, por exemplo, de adolescentes em conflito com a lei ou medidas socioeducativas a eles destinadas. De outro lado, em busca de uma maior clareza conceitual, não seria possível reunir os estudos que examinam a violência que se processa na escola, muitas vezes superposta à categoria da disciplina ou simplesmente da transgressão, no mesmo lote daqueles que trabalham com as expressões da violência sexual e familiar contra adolescentes ou da prostituição juvenil.

Transformado em recurso midiático, o tema da violência escolar, por exemplo, tem sido associado “a um registro alarmista”, dificultando sua utilização de maneira suficientemente desapassionada em um trabalho científico. Por essas razões, pesquisadores como Agnès Van Zanten recorrem ao termo transgressão para melhor configurar o universo de práticas que estão sendo investigadas (Van Zanten, 2000: 25).

Como afirma Michel Misse, é preciso cautela ao tratar da violência, devendo-se preferir sempre:

Violências, assim, no plural, pois que não existe “a” violência, mas muitas, diversas, postas em distintas funções, servindo a diferentes destinos. É exatamente a polissemia da “violência” que a torna plural e que exige muita precaução teórica, se não quisermos deixar nossa análise deslizar para dentro da “violência”. (Misse, 2008: 165)

temas no apêndice. Uma possível “sociologização da área” de Educação mereceria uma reflexão mais detida que escapa aos objetivos deste artigo.

É sob o registro dessas violências que a esfera pública constituiu uma determinada imagem da juventude pobre, urbana, negra e masculina da sociedade brasileira (Abramo, 1997; Castro, 2006) e, provavelmente, os esforços de controle, de contenção ou de “gestão de riscos” sejam traduzidos nos inúmeros programas e projetos a eles destinados. Um amplo esforço para desconstruir essas representações, uma vez que nem todos os jovens são violentos e a própria definição de ato violento é polissêmica, tem sido realizado em debates públicos, em ações de organizações juvenis e ONGs. De algum modo a diversidade temática observada na produção discente é indicativa de outras formas possíveis de conhecimento da realidade dos jovens em nosso país. Mas é forçoso reconhecer que as intrincadas relações entre os jovens e as múltiplas violências, sobretudo aquelas derivadas da presença das redes criminosas nos bairros, ainda são pouco investigadas. O tema demanda um adensamento teórico ao lado da construção de problemáticas de pesquisa não assentadas em polaridades que, de um lado, reiterem o imaginário popular de uma juventude pobre violenta e perigosa e, de outro, considerem esses segmentos apenas como vítimas de desigualdades, não sendo, nesse caso, atores capazes de produzir orientações e algumas escolhas em suas trajetórias de vida.

À primeira vista, a diversidade temática registrada no levantamento poderia ser indicativa de fragilidades e de excessiva dispersão. No entanto, esse leque exprime de alguma forma possibilidades de investigações extremamente diversas e instigantes ainda que compareçam de forma minoritária na conjuntura atual.

Chama a atenção a baixa frequência de estudos sobre os jovens na intersecção família e religião. Esses dois universos das práticas e dos processos de reprodução cultural da sociedade brasileira estão consolidados nas Ciências Sociais, mas rebatem em estudos específicos sobre os jovens de forma muito discreta. *Os jovens e as substâncias psicoativas*, ao lado de temas como *corpo, esportes e meio ambiente* são também pouco estudados no interior da produção discente das três áreas.

O tema *Jovens portadores de necessidades especiais* foi objeto de um conjunto de estudos na área de Educação com objetivos e recortes teóricos heterogêneos. A maioria dos trabalhos (27 dissertações e seis teses) privilegiou a investigação de aspectos das denominadas políticas de inclusão no sistema escolar, mas não se limitou à educação básica e adentrou no universo do ensino superior, pesquisando situações que envolvem jovens cegos, surdos, portadores de deficiência física, jovens com altas habilidades, entre outros. Aspectos relativos à sexualidade e à inserção no mundo do trabalho também foram investigados, recobrando um espectro de questões importantes para parcela de jovens que até recentemente permaneciam na invisibilidade não só na esfera políticas pública, como no campo acadêmico.

O tema *Jovens e os deslocamentos transnacionais* indica a importância de pesquisas para dimensões menos visíveis dos denominados processos de globalização que constituem os novos nômades na acepção de Alain Tarrius (2002). Para Michel Wiervioka a mundialização é um processo certamente econômico, mas “ela procede inicialmente do desdobramento de um laço social que associa ato-

res inesperados” (Wieviorka, 2002: 9).¹⁹ A pequena produção discente atual (4 doutorados e 8 mestrados) voltou-se para o estudo de aspectos dos deslocamentos estudantis,²⁰ mas um leque de problemáticas ainda não constituiu o interesse de pesquisadores da Pós-Graduação, como, por exemplo, a circulação transnacional de mão-de-obra juvenil, quase sempre de forma clandestina, e os circuitos da prostituição transnacional que envolvem mulheres jovens.

Nesse conjunto de temáticas pouco desenvolvidas, mas contemplando eixos importantes para a investigação sobre juventude, estão situados, também, os estudos sobre o tempo livre, lazer e consumo (de bens materiais ou simbólicos). Essa produção (22 mestrados e 9 doutorados) já indica relações sociais e interações sociais vividas pelos jovens que revelam de forma mais complexa sua experiência contemporânea para além dos espaços tradicionais da socialização.²¹ Os estudos agrupados no tema *Modos de vida*²² são também reduzidos, porém exprimem tentativas de estudo da vida dos jovens a partir de perspectivas que integram o espaço da moradia como vetor importante na construção do objeto de investigação.

Verifica-se, finalmente, a carência de estudos que tratem de aspectos mais transversais da vida dos jovens, capazes de dialogar com diferentes domínios (família, escola, trabalho, relações de amizade, vida no bairro, entre outros). Essa transversalidade no estudo dos jovens, integrando vários aspectos da experiência cotidiana, poderá ter o bairro ou a cidade como ponto de partida, articulando práticas socializadoras ou da sociabilidade ou mesmo de ambas.²³ É importante

¹⁹ “*elle procede d’abord du déploiement d’un lien social qui associe des acteurs inattendus*”.

²⁰ Há trabalhos sobre as experiências de jovens africanos que frequentam o ensino superior brasileiro, sobre jovens filhos de brasileiros que residem no Japão e estudantes de camadas médias brasileiras que realizam intercâmbios, deslocando-se para o exterior.

²¹ O doutorado de Paulo Cesar Rodrigues Carrano abre caminhos inovadores de pesquisa sobre jovens e o tempo livre, tomando como universo empírico a cidade de Angra dos Reis, no Rio de Janeiro (Carrano, 1999).

²² Utilizo de modo heurístico a expressão “modos de vida”, na acepção que orienta as análises de Vera Telles sobre famílias trabalhadoras: “Daí que a questão colocada no início – como vivem os trabalhadores a sua condição – é menos banal do que à primeira vista poderia parecer pois a relação entre condições materiais de vida, cultura e experiências vividas não é unívoca, evidente e muito menos transparente. Mas é isso que constrói o que poderia definir como eficácia explicativa a noção de modos de vida” (Telles, 1994: 55). Para uma discussão sobre as modulações da noção no debate acadêmico consultar Lobo (1994) e Guerra (1993).

²³ Não obstante a diversidade teórica e os debates em torno da ideia da socialização e seus múltiplos agenciamentos, de modo geral, o processo pode ser definido como a interiorização de uma ordem social subjetivamente compartilhada por parte dos indivíduos (Berger e Luckman, 1975). A Sociologia de Simmel (1983) apoia grande parte dos estudos sobre sociabilidade entendida como uma forma de sociação na qual os indivíduos criam e recriam laços de convivência que exprimem o estar juntos sem compromissos e finalidades externas ao fato dessa mesma convivência.

deslocar os modos de apreensão das problemáticas de pesquisa, privilegiando, também, a dimensão espacial na constituição da experiência juvenil, quer sob o ponto de vista dos territórios estigmatizados quer das mobilidades e dos deslocamentos que reconfiguram relações e modos de apropriação do espaço, criam novos conflitos e assimetrias na cena urbana ou na área rural em regiões de intensa mutação. Nesse registro, certamente uma releitura sobre as relações entre jovens e violência também se impõe na medida em que fronteiras entre o crime e a vida comum, o legal e o ilegal, o formal e o informal, o lícito e o ilícito se tornam embaralhadas, por exemplo, no cotidiano dos moradores das grandes cidades (Telles e Cabanes, 2006; Telles e Hirata, 2007). Como afirma Misse:

Múltiplas e complexas redes sociais se desenvolvem a partir dessas diferentes estratégias aquisitivas, legais e ilegais, relacionando “mundos” que o imaginário moral prefere considerar como inteiramente separados entre si. Todas essas redes sociais que interligam mercados legais e ilegais, formais e informais, exploração de mercadorias políticas (propinas, chantagens, extorsões, redes de proteção) e exploração ilegal de mercadorias de oferta regulada ou criminalizada (como o jogo, o aborto, a prostituição e as drogas) não adquirem necessariamente contornos espaciais ou comunitários e nem constituem “setores”, mas, antes, percorrem complexamente todo o conjunto do tecido social, político e econômico. Quando algum contorno espacial-comunitário se desenha, quando uma “territorialização” pode ser identificada, a questão parece ganhar uma dimensão política completamente diferente daquela que se encontra na criminalidade pulverizada, seja ela convencional ou não. Se, por um lado, essa territorialização reforça estereótipos e estigmatiza importantes segmentos sociais do espaço urbano, por outro, passa a constituir efetivamente novas redes de sociabilidade, que emergem das relações de poder que demarcam esses territórios. (Misse, 2007: 144)

Um domínio de estudos em constituição?

Se considerarmos que os estudos sobre os jovens começam a ser retomados nas Ciências Sociais e na Educação a partir do início dos anos 1990, pode-se afirmar que já existe um acúmulo inicial que permite um quadro bastante diversificado, sinalizador de algumas direções. O balanço realizado, tendo como foco apenas a produção discente, retrata muito mais os desafios da estruturação desse campo de conhecimento do que sua emergência propriamente dita.

Em um artigo sobre a produção acadêmica no tema das políticas públicas no interior da Ciência Política, Marta Arretche constrói um conjunto de questões que, de algum modo, ilustram aspectos dos estudos sobre juventude. Para essa pesquisadora “as mudanças observadas embora positivas e promissoras, a institucionalização e a expansão são, contudo, insuficientes para que os trabalhos pro-

duzidos em uma determinada área temática se constituam em efetiva contribuição ao conhecimento” (Arretche, 2003: 37). Inspirando-se em Thomas Kuhn, afirma que a proliferação de trabalhos ou a “coleção de fatos” (Kuhn, 1976: 37) não são suficientes para o desenvolvimento de uma ciência ou campo disciplinar.

A produção discente na Pós-Graduação voltada para os estudos dos jovens exprime situação semelhante. Apesar do crescimento absoluto, da fragmentação e da dispersão da investigação, ao lado da clara ausência de agendas de pesquisa e de interlocução de grupos inter ou entre áreas, são elementos que evidenciam ainda a fragilidade desse domínio de estudos. Inexistem fóruns acadêmicos²⁴ e periódicos científicos voltados para a temática no Brasil. Mesmo no interior de cada uma das áreas cobertas por esse levantamento, os espaços dedicados às discussões específicas sobre juventude ainda são bastante incipientes.²⁵ Por outro lado, a realização de congressos e a confecção de periódicos especializados não sinalizarão avanços se, de fato, não forem consequência do adensamento investigativo e teórico nesse domínio da pesquisa.

Mas um quadro do estado atual dessa produção na Pós-Graduação das áreas investigadas pode ser esboçado. Os procedimentos utilizados para a realização do levantamento de trabalhos permitiram trazer à luz um conjunto de estudos que revelam aspectos importantes da experiência juvenil contemporânea, mesmo que seus autores não se considerem pesquisadores sobre juventude.

Não obstante a diversidade de olhares, dependentes do peculiar ponto de localização da pesquisa no interior de cada área do conhecimento, verifica-se que o reconhecimento da juventude como categoria analítica começa a se fazer presente no universo empírico que compõe o balanço atual.

Um indicador heurístico está presente nas palavras-chaves utilizadas pelos autores para nomear aquilo que consideram relevante para identificar seu objeto de pesquisa. Do total de expressões utilizadas no campo descritores ou palavras-chave verifica-se que aquelas relacionadas ao jovem, à juventude, entre outras, são empregadas por muitos trabalhos, principalmente nas Ciências Sociais e na Educação. Os trabalhos que recorrem à categoria adolescentes ou correlatos são em menor número nessas áreas, porém são ampla maioria em Serviço Social. Descritores ou expressões articuladas à condição escolar (universitária ou não) são muito frequentes na área de Educação e muito pouco referenciados nas outras áreas.²⁶ Ora, essas singularidades reiteram os eixos temáticos já analisados

²⁴ Há alguns anos o JUBRA – Simpósio Internacional sobre a juventude brasileira tem reunido pesquisadores, alunos, técnicos, educadores voltados para o tema. Sua feição é interdisciplinar e não se volta apenas para a discussão da produção científica. Alguns periódicos têm publicado números temáticos sobre juventude, o que não deixa de ser promissor.

²⁵ Em um estudo recente sobre os jovens na França era ainda reconhecida a fraca institucionalidade da sociologia da juventude nesse país (Pugeault-Cicchelli *et al.*, 2004).

²⁶ Como a expressão estudantil pode compor o estudo dos movimentos estudantis, considera-se que ela pode estar pouco mais afeita aos estudos sobre as relações do jovem com a política

e evidenciam os caminhos pelos quais as áreas percorrem na análise dos jovens na sociedade brasileira.

Se a expressão adolescente em décadas anteriores sinalizava o campo clássico de estudos da Psicologia, historicamente a primeira disciplina voltada para o exame das peculiaridades dessa faixa etária, no balanço atual ela se inscreve, de modo dominante, na acepção jurídica prevista pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, promulgado em 1990. Não se trata, assim, de uma construção teórica da noção, mas de um uso que recobre principalmente os trabalhos presentes no tema Adolescentes em Processo de Exclusão Social nas três áreas investigadas. Em outros termos, o objeto de pesquisa – *adolescente* – é definido como tal porque está na faixa etária prevista pelo dispositivo jurídico (Abramo, 2005; Leon, 2005). Mesmo assim, alguns estudos tentam ampliar os parâmetros da análise para além das definições legais e recorrem tanto a uma literatura especializada sobre juventude no campo das Ciências Sociais como se debruçam sobre autores da Psicologia sem, no entanto, constituir um claro referencial teórico baseado nessa disciplina. Idade cronológica, maturidade, relações de dependência e de autonomia deixam de ser construções sociais, para se fundirem, muitas vezes, em categorias naturalizadas, que privilegiam como campo de estudos apenas aqueles que estão sob a faixa de proteção do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Historicamente, a reflexão sociológica no Brasil, inspirada em Marialice Foracchi (1972), tratou essa fase do ciclo de vida globalmente como juventude, entendendo a adolescência como seu primeiro momento. Por essas razões, para além de uma delimitação precisa da faixa etária, muitos trabalhos já evidenciaram suas preocupações em tratar o objeto de investigação a partir de recortes teóricos disponíveis na literatura nacional e internacional.²⁷

Aqueles que se dispuseram a se enveredar no campo de estudos tentaram enfrentar a provocação de Bourdieu (1980) – *A juventude é apenas uma palavra* – afirmando a inerente desigualdade que afeta os jovens na sociedade contemporânea.²⁸

O tema da diversidade juvenil e das desigualdades já encontra ressonância forte na produção discente. Evita-se a referência a um jovem abstrato, desencarnado

e não com as instituições educativas, mas de qualquer modo é a partir da dimensão da vida estudantil que se coloca a questão política.

²⁷ É importante ressaltar que dois estudiosos europeus são referências importantes nos estudos sobre juventude no Brasil: o sociólogo José Machado Pais (Universidade de Lisboa) e o antropólogo Carles Feixa (Universidade de Barcelona). O periódico *Ultima Decada*, única revista sul-americana especialmente dedicada aos jovens, editada pelo CIDPA, no Chile, tem surgido como uma fonte importante para os alunos da Pós-Graduação nos anos mais recentes.

²⁸ Muitos estudos adotam as análises de Mario Margulis (1998), sociólogo argentino, que busca analisar a experiência juvenil contemporânea contrapondo-se à celebre frase de Bourdieu, em seu livro *La juventud es mas que una palabra*.

histórica e culturalmente. Se considerarmos que aspectos importantes derivados da condição rural e urbana, das relações de gênero e étnico-raciais começam a ser incorporados, pode ser afirmado que sob esse ponto de vista houve algum avanço nos estudos, ainda que de maneira muito desigual.

No entanto, o modo como a diversidade e a desigualdade são construídas nos estudos demanda um rigor analítico importante, pois, se a abordagem sugerida por Bourdieu fosse assimilada de modo mais complexo, poder-se-ia considerar que a análise das desigualdades é menos factível ao reducionismo das polaridades, uma vez que, por exemplo, as alterações decorrentes do processo de massificação de ensino tornaram mais nebulosas as polaridades entre duas juventudes (burgueses e operários), criando-se um conjunto de figuras intermediárias (Bourdieu, 1980):

Um dos fatores mais importantes desta confusão das oposições entre as juventude de diferentes classes é o fato de diferentes classes sociais terem tido acesso de forma proporcionalmente maior ao ensino secundário e, de, ao mesmo tempo, uma parte dos jovens (biologicamente) que até então não tinham acesso à adolescência, terem descoberto este status temporário, “meio-criança, meio adulto [...] os adolescentes são colados durante um tempo relativamente longo, numa idade em que anteriormente eles estariam trabalhando em posições quase-exteriores ao universo social que define a condição de adolescente.(Bourdieu, 1980:114).

A articulação entre elementos específicos e condições mais gerais da produção histórico-cultural da categoria juventude precisa ser permanentemente negociada no âmbito da produção acadêmica, pois, se o risco da abstração homogeneizadora da categoria ocorre, no limite oposto a fragmentação e a aposta radical da análise apenas nas diferenças, quer sejam elas diversidades ou desigualdades, implodem a própria noção de juventude e as eventuais singularidades que delimitam a condição juvenil em tempos e espaços socialmente construídos. Essa negação de elementos comuns incide sobre uma discussão mais densa que a produção discente ainda não realizou sobre o ciclo de vida e seus momentos e a importância da idade como categoria estruturante da vida social (Debert, 1999; Attias Donfut, 1996; Dubet, 1996).

Dubet (1996) argumenta que qualquer análise centrada na categoria juventude não pode ter a ingenuidade de postular sua unidade, sobretudo porque, se o estudo de qualquer grupo social ocorrer apenas a partir da ideia de sua homogeneidade, nenhum conjunto social resistiria a esse critério, a começar pela classe operária, que estaria longe de ser um conjunto unificado. Grupos podem ser reais sem serem, no entanto, homogêneos e nesse campo a juventude é tão construída como o são os idosos, as mulheres, entre outros. Com efeito, para o autor, a reflexão sobre a juventude implica que se mantenham os elos dessa corrente, uma vez que a experiência juvenil é ela mesma construída por essa tensão entre a formação moderna de um mundo juvenil relativamente autônomo e a distribuição dos indivíduos na estrutura social (Dubet, 1996; Dubet e Galland, 2004).

Contudo, um elemento ainda pouco explorado nas análises é o entendimento da categoria juventude a partir de um ponto de vista relacional. Essa perspectiva pode ser ilustrada a partir de dois eixos. Um primeiro incidirá sobre as denominadas relações entre gerações, ou seja, as importantes contribuições iniciadas por Karl Mannheim (1982) foram pouco exploradas, pois, além das dimensões conflitivas das gerações enquanto fenômeno social, as diferenças e complementaridades nas relações intergeracionais no ciclo de vida têm sido objeto de investigação há alguns anos, com pouca repercussão no Brasil (Attias-Donfut, 2000; Sarmento, 2005). Alguém é tido como jovem em relação a outro conjunto que o precede – crianças – e diante de um grupo que o sucede – os adultos. Assim, as investigações sobre infância poderiam se articular com as de juventude de modo a construir um conjunto comum de reflexões e colocar em debate temas importantes como: quando termina a infância e começa a juventude? Os sinais biológicos da maturidade sexual seriam indicadores suficientes para a delimitação? Poderiam ser desenvolvidos estudos de transições para a vida adulta²⁹ e investigações que discutissem as contingências culturais e históricas que constroem as especificidades de cada fase do ciclo de vida: como jovens se relacionam com o mundo adulto (relações intergeracionais) nas mais diversas esferas da experiência cotidiana? Que delimitações poderiam ser construídas para a definição da vida adulta na contemporaneidade que permitiriam compreender melhor a condição juvenil?

Ao discutir o que significa o “problema da juventude”, Bourdieu (1986) insiste no aspecto relacional da categoria, pois a visibilidade dos jovens só ocorre quando afloram as crises no modo de reprodução, ou seja, a ordem das sucessões não está assegurada, quer na transmissão do poder quer na dos privilégios.

Outra possibilidade no interior de uma perspectiva relacional seria o enquadramento mais amplo das várias formas de vida juvenil em um conjunto de relações não estanques, aspectos de uma totalidade aberta em que a dinâmica de um dos pólos afeta também o outro. Uma retomada importante, por exemplo, da discussão consagrada das classes sociais como *sistema de relações*, poderia evitar que parte substantiva dos estudos sobre jovens focalizasse sua atenção exclusivamente naqueles oriundos dos segmentos populares. Os estudos desenvolvidos sobre estratégias de escolarização de jovens de elite ou de famílias de classes médias desenvolvidos por Zaia Brandão e Marialice Nogueira contemplam não só elementos importantes para a compreensão da dinâmica de vida de segmentos pouco conhecidos na produção brasileira, mas explicitam mecanismos ativos de busca e de obtenção de privilégios dessas classes. Essa mobilização de práticas produz novas desigualdades que repercutem na vida de jovens de classes populares.³⁰

²⁹ A tese de Melissa Pimenta traça um balanço criterioso sobre os estudos de transição para a vida adulta desenvolvidos na Europa. Defendida em 2007, não foi incluída no atual Estado da Arte. Sob um ponto de vista demográfico, consultar Camarano (2006).

³⁰ “Refiro-me ao protagonismo crescente que assumem as famílias contemporâneas – através de suas escolhas e estratégias educacionais – na produção e no funcionamento dos próprios

Uma importante compreensão das Ciências Sociais em suas origens no Brasil, sob o meu ponto de vista, permanece atual e orienta a reflexão em torno dos domínios disciplinares contemporâneos (Sposito, 2008). Desde o início de sua carreira intelectual Florestan Fernandes propunha que recortes específicos da investigação em Sociologia – educação, trabalho, cultura entre outros – não poderiam implicar em segmentação e especialização excessiva:

Como acontece em qualquer ciência, os métodos sociológicos podem ser aplicados à investigação e à explicação de qualquer fenômeno social particular sem que, por isso, se deva admitir a existência de uma disciplina especial, com objeto e problemas próprios!... Sob outros aspectos o uso mais ou menos livre de tais expressões facilita a identificação do teor das contribuições, simplificando, assim, as relações do autor com o público. Isto parece ser suficiente para justificar o emprego delas, já que carecem de sentido lógico os intentos de subdividir, indefinidamente, os campos da Sociologia. (Fernandes, 1960: 29-30)

Se a adesão a alguma tradição do pensamento se faz profícua, não há dúvidas de que, tendo em vista o estado atual da pesquisa sobre jovens no interior da Pós-Graduação, a forma como Florestan concebia a produção sociológica é fecunda.

O crescimento absoluto e a discreta presença no interior da Pós-Graduação não permitem afirmar que se trata de um campo disciplinar consolidado. Talvez, e este é o ponto de vista aqui defendido, os estudos sobre os jovens não demandem a criação de um domínio específico para que alcancem solidez teórica. Ouso dizer que se trata muitas vezes da perspectiva oposta, uma vez que, quanto mais estreitas forem as interações dos estudos sobre jovens com as especializações existentes no interior das Ciências Sociais, maior solidez será possível nos estudos sobre juventude.

Como afirma Sirota (2006) no domínio dos estudos sobre infância na França, o aparecimento das preocupações desse “pequeno objeto insólito” decorre da confluência de inúmeros movimentos no interior das Ciências Sociais, *grosso modo* caracterizados pela crise das grandes narrativas, pela rediscussão das teorias da socialização, por um retorno geral ao ator ou *agency*, pela redescoberta das teorias do interacionismo simbólico e das teorias interpretativas, ao lado da ascensão de teorias do individualismo e de processos denominados de desinstitucionalização. De algum modo a produção sobre juventude se inscreve nesses mesmos quadros.

Movimentos teóricos e temáticos mais amplos nas áreas cobertas por este Estado da Arte provocam novas perguntas e deslocam olhares no interior de domínios

sistemas de ensino. Quero dizer com isso que o limitar-se à focalização do Estado e à análise das políticas e leis educacionais não basta para compreendermos o funcionamento de um sistema de ensino, em suas faces desiguais e iníquas. É o que nos ensina sobejamente o caso das classes médias” (Nogueira, 2008: 20-21).

específicos. Verifica-se no balanço realizado que a produção mais consistente sob o ponto de vista de uma agenda inicial de pesquisas, revelada, dentre outras coisas pela frequência das orientações, nasce de dois pontos de partida diversos, mas não antagônicos.

De um lado, verifica-se que parte da produção discente se articula com ocupações explícitas de orientadores que elegeram a temática da juventude como relevante e construíram uma trajetória de orientações voltada para o tema no interior da Pós-Graduação. Esse grupo, ainda que minoritário, está presente nas Ciências Sociais e em Educação (ver anexo). Ao construir uma trajetória de orientações em torno do tema juventude, alguns orientadores tendem a estabelecer eixos ou diálogos com as grandes questões que afetam as Ciências Sociais deixando de construir, assim, um isolamento intelectual nefasto para a área. Como exemplos podem ser citadas três pesquisadoras: na área de Educação as dissertações e teses orientadas por Maria Teresa Canesin, em explícito diálogo com a Sociologia da Educação e os estudos de Pierre Bourdieu; na área de Ciências Sociais, os estudos orientados por Janice Tirelli, que elegeu a participação e a militância política como focos temáticos principais em continuidade ao seu doutorado; e, finalmente, em Antropologia as teses e dissertações orientadas por Márcia Regina Costa³¹ sobre grupos e estilos juvenis na cidade.

A área de Serviço Social apresenta singularidades que exprimem o modo como se constituiu o seu campo de estudos. A produção sobre adolescentes na área de Serviço Social voltou-se sobretudo para a compreensão dos limites e das vicissitudes contidas na implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente após a sua promulgação em 1990. Os estudos desenvolvidos pelos alunos de Myrian Veras Batista e Denise Câmara de Carvalho, como exemplo, trouxeram elementos para um retrato bastante claro das precárias condições de vida de adolescentes pobres moradores de grandes cidades, a experiência dos abrigos e as vicissitudes na aplicação das medidas socioeducativas aos adolescentes em conflito com a lei.

Um conjunto importante de teses e dissertações que integram o atual Estado da Arte deriva de linhas de pesquisa que não estão inscritas diretamente na investigação sobre jovens, mas que examinam esses segmentos e de algum modo abrem perspectivas e iluminam os estudos sobre juventude. Alguns exemplos na área de Educação e de Ciências Sociais, sem qualquer pretensão exaustiva para não cometer injustiças, podem ilustrar as afirmações: os estudos empreendidos na área da Educação por Zaia Brandão voltados para a escolarização de elites acadêmicas e econômicas da cidade do Rio de Janeiro; as pesquisas em Antropologia sobre os circuitos juvenis na cidade, desenvolvidas sob a coordenação de José Guilherme Magnani ou sobre as práticas culturais de sociedades complexas, tendo como cenário as metrópoles, orientadas por Gilberto Velho; os trabalhos

³¹ Registro a perda de uma pesquisadora incansável e uma pessoa doce com quem pude conviver, ainda que esporadicamente.

sobre cultura política e juventude, coordenados por Marcello Baquero em Ciência Política; as pesquisas orientadas por Miriam Goldenberg na Antropologia sobre gênero e sexualidade; e em Sociologia a linha de pesquisa de Maria Ligia de Oliveira Barbosa sobre as desigualdades educacionais. Esses trabalhos constroem também o campo de estudos de juventude mesmo que esses pesquisadores e seus alunos não se considerem especialistas em juventude ou consagrem seus esforços de pesquisa em direção aos segmentos jovens. As questões orientadoras se inscrevem nos temas mais gerais das respectivas áreas de estudos: os processos de socialização, desigualdades sociais e escolares, a cidade, seus grupos e suas práticas, a cultura política e as relações de gênero, entre outros.

Essa situação exemplifica, assim, possibilidades de interação entre os domínios da pesquisa, pois, como afirma Sirota, a constituição de um campo se dá pelo cruzamento de certo número de olhares que, em geral, permanecem estranhos uns aos outros (Sirota, 2006: 17). Qualquer reflexão mais alentada sobre a condição juvenil no Brasil demanda que as pesquisas a serem desenvolvidas na Pós-Graduação dialoguem com temas e problemáticas que superam domínios específicos e adquiram, por essas razões, transversalidade.

Os trabalhos pioneiros sobre os jovens desenvolvidos por Marialice Foracchi, no início dos anos 1960, partilhava a mesma inspiração teórica e metodológica – a singularidade histórica da sociedade brasileira e a totalidade dos processos sociais – praticada por Florestan Fernandes. Uma das ideias centrais dessa perspectiva, que conduzia a uma certa forma de construção dos problemas de pesquisa, residia na premissa de que a partir da periferia e das margens se compreenderia melhor o movimento da sociedade como um todo, possibilitando a verificação dos princípios que a estruturam. Ao situar a juventude como categoria social, inspirada em Karl Mannheim (1973), Marialice Foracchi examinou em seus trabalhos a relativa marginalidade dos jovens diante da estrutura social e dos centros de poder. Nessa direção suas pesquisas situaram os universitários brasileiros como atores emergentes de uma sociedade dependente que se tornaram protagonistas do radicalismo político dos movimentos estudantis dos anos 1960 (Foracchi, 1972).

A retomada dos estudos no início dos anos 1990 alargou as possibilidades de compreensão das formas de aparecimento dos segmentos juvenis na esfera pública a partir dos denominados grupos de estilo. Os estudos realizados sobre as galeras *funk* no Rio de Janeiro (Vianna, 1987), sobre os *punks* e os *darks* (Caiafa, 1985; Abramo, 1994), sobre os carecas do subúrbio (Costa, 1993) e os grupos de RAP na cidade de São Paulo (Sposito, 1994) anunciaram possibilidades diversificadas de investigação.

As profundas mudanças nos processos de socialização, que obrigaram os pesquisadores a revisitar teorias consagradas, articulam os estudos de juventude com a Sociologia da Educação e os estudos dos grupos familiares no interior das Ciências Sociais (Sposito, 2008; Sirota, 2006; Setton, 2002; Dubet, 2002). Contudo, não se trata apenas de pensar o conjunto das instâncias que interferem nos processos de socialização dos jovens articulando-as, é preciso ir além. As

observações trazidas por Régine Sirota no interior da Sociologia da Infância podem ser reescritas sob a ótica da juventude: **“Trata-se de compreender o que o jovem faz com o que fazem dele”** (Sirota, 2006: 21).³²

Tanto para a Sociologia como para a Antropologia o desafio é a compreensão dos processos que constituem as relações dos indivíduos com sistemas ou estruturas sociais, nas quais a noção de *agency* pode se tornar ferramenta importante. Para Clarice Cohn a Antropologia da Criança passou a ocupar lugar importante, quando a disciplina produziu novas formulações para conceitos centrais como os de cultura, sociedade e *agency* ou ação social:

Quando a cultura passa a ser entendida como um sistema simbólico, a ideia de que as crianças vão incorporando-a gradativamente ao aprender ‘coisas’ pode ser revista. A questão deixa de ser apenas como e quando a cultura é transmitida em seus artefatos(...), mas como a criança formula um sentido ao mundo que a rodeia. Portanto, a diferença entre as crianças e os adultos não é quantitativa, mas qualitativa: a criança não sabe menos, sabe outra coisa. (Cohn, 2005: 33)

Assim, os estudos que tentam retomar a importância de uma compreensão sociológica sobre o lugar do indivíduo na teoria social³³ podem contribuir para o desenvolvimento de investigações sobre a experiência e os percursos juvenis das mais diferentes formas (Singly, 2000, 2004).

As mutações observadas no mundo do trabalho, no tempo livre e no lazer, as novas formas de sociação derivadas do uso intenso das tecnologias de informação e de comunicação, as múltiplas faces da vida privada e das relações entre homens e mulheres provocam impacto sobre os jovens que experimentam esses processos de formas múltiplas. Todos esses temas estimularam e podem alimentar investigações significativas sobre juventude. Para Manuel Jacinto Sarmento, os estudos centrados na infância propõem-se a “interrogar a sociedade a partir de um ponto de vista que toma as crianças como objeto de investigação” (Sarmento, 2005: 363). Do mesmo modo, a pesquisa voltada para os jovens não se desliga das interrogações mais amplas sobre a vida social e qualquer avanço nesse campo poderá favorecer o desenvolvimento de novos conhecimentos dos processos sociais que afetam o conjunto da sociedade.

³² A frase original é de Sirota: “Car il s’agit de comprendre ‘ce que l’ enfant fait de ce qu’on lui fait” (Sirota, 2006: 21). Para os pesquisadores da infância, a criança é levada a construir sua própria experiência em um *puzzle* de referências e normas. Clarice Cohn também analisa o quanto a Antropologia amplia seus referenciais sobre os estudos das crianças ao superar a ideia da socialização infantil “como processo que recusa às crianças uma parte ativa na consolidação e definição de seu lugar na sociedade” (Cohn, 2005: 16).

³³ A produção em torno do tema é diversificada, envolvendo olhares diferentes sobre esse processo. No entanto, qualquer análise sociológica do indivíduo aqui apontada não pode ser confundida com o individualismo metodológico. Um balanço sugestivo pode ser encontrado em Molénat (2006) e Martuccelli e Singly (2009).

No entanto, um traço comum na produção acadêmica tem sido a falta de acumulação no processo de conhecimento (Arretche, 2003). Trabalhos não dialogam entre si, apesar da abundância de referências bibliográficas.³⁴ São raros os estudos que constroem problemáticas a partir de um diálogo horizontal com os autores que produzem sobre o tema e, em geral, não há debate acadêmico em torno de hipóteses que mereçam investigação. Revisões de literatura orientadas por recortes e de médio alcance poderiam melhor delimitar o conjunto de questões relevantes que deveriam constituir novos universos de pesquisa. Um bom desafio residiria no esforço de orientadores da Pós-Graduação que se voltaram direta ou indiretamente sobre o tema da juventude para realizar uma síntese acurada do quê o conjunto de teses orientadas revelou e ao mesmo tempo indicou como lacuna a desafiar o avanço do conhecimento.

De modo a concluir essas considerações é preciso retomar as condições atuais de produção de conhecimento na Pós-Graduação. De forma geral, mesmo para o grupo de pesquisadores que reúne um maior número de orientações sobre juventude, observa-se que os seus interesses de pesquisa sempre dialogam com as motivações individuais dos alunos da Pós-Graduação e nesse (des)encontro tenta-se construir uma agenda de pesquisas. Uma atitude mais ativa e menos passiva dos orientadores na definição dos interesses de pesquisa, construindo com os alunos as problemáticas e o desenho da investigação para que hipóteses mais amplas possam ser construídas exige, fundamentalmente, uma mudança de postura daqueles que já estão na academia. A geração de novos alunos da Pós-Graduação demanda interlocutores que os auxiliem a reconhecer que suas dissertações e teses são parte de um projeto de produção de conhecimento que não se esgota em um único texto.

Mas essas questões remetem a temas que transcendem os estudos sobre juventude e incidem sobre os rumos da Pós-Graduação, sua rápida expansão no país, as políticas que definem as diretrizes de funcionamento e o destino das Humanidades. Os estudos sobre jovens são pequenos grãos de areia de um deserto em tempestade.

³⁴ Zaia Brandão (2005) examina o trabalho coletivo na Pós-Graduação. Inspirada em Bourdieu, constata que a abundância de notas de rodapé ou citações de autores não constituem indicativos seguros de consistência teórica.

Referências bibliográficas

- ABRAMO, Helena. *Cenas juvenis; punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Escrita, 1994.
- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil, in: *Juventude e Contemporaneidade - Revista Brasileira de Educação*, n. 5 e 6, ANPED, 1997
- ABRAMO, H. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In Freitas, Maria Virgínia (org.). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005
- ARRETICHE, Marta. Dossiê agenda de pesquisa em políticas. São Paulo, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ANPOCS, volume 18, número 51, 2003
- ATTIAS-DONFUT, Claudine. Rapports de générations. In *Revue Française de Sociologie*. Oct-décembre 2000
- ATTIAS-DONFUT, Claudine. Jeunesse et conjugaison des temps. *Sociologie et sociétés*. Vol. XXVIII, número 1, 1996
- BERGER, P e LUCKMANN, T. A construção social da realidade. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.
- BOURDIEU, Pierre. “La jeunesse n’est qu’un mot”. *Questions de sociologie*. Paris: Minuit, 1980
- BOURDIEU, Pierre. De quoi parle-ton - quand on parle du “problème de la jeunesse?”. In: PROUST, François (Org.) . *Les jeunes et les autres: contributions des sciences de l’homme à la question des jeunes*. Vauresson: CRIV, 1986
- BRANDÃO, Zaia. Pesquisa em educação.O olhar do nadador: do individual ao coletivo. *Educação On Line*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 1-15, 2005
- BRENNER, Ana K. CARRANO, Paulo & LÂNES, Patricia. A arena das Políticas Públicas de Juventude no Brasil. *JOVENES- Revista de Estudos sobre juventud*, ano 9, num. 22, janeiro-junho, 2005
- CAIAFA, Janice. *Movimento punk na cidade. A invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985
- CAMARANO, Ana Amélia. *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?*. Brasília: IPEA, 2006
- CARNEIRO, Maria José e CASTRO, Elisa Guaraná. *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007
- CARVALHO, Denise e SILVA, Ozanira (orgs). *Serviço Social, pós-graduação e produção de conhecimento no Brasil*. São Paulo: Cortez, Editora, 2005
- COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005
- COSTA, Marcia Regina. Os carecas de subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno. Petrópolis: Vozes, 1993
- DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1999
- DUBET, François. “Des jeunesses et des sociologies: le cas français”. *Sociologie et Sociétés*, v. 28, n. 1, 1996
- DUBET, François. Le déclin de l’institution. Paris, Seuil. 2002.
- DUBET, F, GALLAND Olivier. Avant-propos. In Dubet, F. Galland Olivier & Descha-

- vanne, Éric. *Comprendre les jeunes. Revue de Philosophie et de Sciences Sociales*, n. 5. Paris, Presses Universitaires de France, 2004
- ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (Lei número 8 069 de 13/07/1990)
- GRASSI, Estela. Problemas de *realismo y teoricismo* en la investigación social y en el Trabajo Social. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 10 número especial, 2007
- FERNANDES, Florestan. Ensaio de sociologia geral e aplicada. SP: Pioneira, 1960.
- FORACCHI, Marialice. A juventude na sociedade moderna. São Paulo: Pioneira, 1972
- GUERRA, Isabel. Modos de vida. Novos percursos e novos conceitos. Lisboa, *Sociologia –problemas e práticas*, número 13, 1993
- KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1976
- LAGREE, Jean Charles. *Age, jeunesse et politiques publiques*. Paris, 1999. (mimeo).
- LEON, Oscar Dávila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In Freitas, Maria Virginia (org.). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005
- LEFEBVRE, Henri. *La présence et l'absence : contribution à la théorie des représentations*. Paris: Casterman, 1980
- LENOIR, R. Objeto sociológico e problema social. In Merllié., Dominique et al. *Iniciação à prática sociológica*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998
- LOBO, Elisabeth Souza. Caminhos da sociologia no Brasil: modos de vida e experiência. *Tempo Social. Revista de Sociologia, da USP*, volume 4, números 1-2, 1992 (editado em 1994)
- MACEDO e CASTRO, João Paulo. *UNESCO – Educando os jovens cidadãos e capturando redes de interesses: uma pedagogia da democracia no Brasil*. Tese de Doutorado. Museu Nacional, UFRJ, 2006
- MANNHEIM, Karl. “O problema sociológico das gerações”. In: FORACCHI, M. Mannheim. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1982
- MARGULIS, Mario. La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud. Buenos Aires: Editorial Biblos, 1998
- MARTUCCELLI, Danilo e SINGLY, François de. *Les sociologies de l'individu*. Paris: Armand Colin, 2009
- MAUGER, Gérard. *Les jeunes en France: état des recherches*. Paris: La documentation française, 1994
- MISSE, Michel. Mercados ilegais, redes de proteção e organização local do crime no Rio de Janeiro. São Paulo, *Estudos Avançados*, 21 (61), 2007
- MISSE, Michel. Dizer a violência, *Revista Katálysis*. Florianópolis, v. 11 n. 2, jul./dez, 2008
- MOLÉNAT, Xavier. *L'individu contemporain. Regards sociologiques*. Paris: Éditions Sciences Humaines, 2006
- NOGUEIRA, Marialice. Um tema revisitado: as classes médias e a educação escolar, Comunicação apresentada no I Colóquio Luso-Brasileiro de Sociologia da Educação, Belo Horizonte, 2008
- NOVAES, Regina Reyes. Políticas de juventude no Brasil: continuidades e rupturas (mimeo), 2006

- PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. *Análise Sociológica*, v. 25, n. 105-106, 1990.
- PERALVA, Angelina. “O jovem como modelo cultural”. PERALVA, A e SPOSITO, M.P. (Orgs) *Juventude e contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação* São Paulo, ANPED, números 5/6, 1997.
- PUGEAULT-CICCHELLI, Catherine et al. *Ce que nous savons des jeunes*. Paris: PUF, 2004
- PIMENTA, Melissa M. *Ser Jovem e Ser Adulto: Identidades, Representações e Trajetórias*. 2007. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007
- SARMENTO, Manuel J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da Sociologia da Infância. *Educação & Sociedade*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago. 2005
- SETTON, Maria da Graça. “Família, escola e mídia, um campo com novas configurações”. *Educação e Pesquisa. Revista da Faculdade de Educação da USP*. Jan/jun, Vol 28, número 1, 2002
- SIMMEL, Georg. Sociabilidade; um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAIS FILHO, Evaristo (org.). *Simmel*. São Paulo: Atica, 1983 (Coleção Grandes Cientistas Sociais)
- SINGLY, François de. Penser autrement la jeunesse. Paris, *Lien Social et Politiques – RIAC*, 43: 9-21, 2000
- SINGLY, François de. La spécificité de la jeunesse dans les sociétés individualistes. Dubet, F. Galland Olivier & Deschavanne, Éric. *Comprendre les jeunes. Revue de Philosophie et de Sciences Sociales*, n. 5. Paris, Presses Universitaires de France, 2004
- SIROTA, Régine. *Éléments pour une sociologie de l'enfance*. Paris: PUF, 2006
- SPOSITO, Marília Pontes. “A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade”. **Tempo Social**. São Paulo: Departamento de Sociologia, FFLCH/USP, v.5, n. 1-2, 1993, editado em 1994
- SPOSITO, Marília Pontes. “Estudos sobre juventude em Educação”. In: *Juventude e contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação* São Paulo: ANPED, números 5/6, 1997
- SPOSITO, Marília Pontes (coord.). *Juventude e escolarização (1980/1998)*, Série Estado do conhecimento, número 7, Brasília, MEC/INEP, Comped, 2002
- SPOSITO, Marília Pontes. Trajetórias na constituição de políticas públicas de juventude no Brasil. In: Freitas, Maria Virginia & Papa, Fernanda de Carvalho (orgs.). *Políticas públicas de juventude. Juventude em pauta*. São Paulo, Cortez Editora/Ação Educativa/ Fundação Friedrich Ebert Stiftung, 2003
- SPOSITO, Marília Pontes (coord.). *Espaços públicos e tempos juvenis*. São Paulo: Ed Global/Ação Educativa/FAPESP, 2007
- SPOSITO, Marília Pontes Considerações preliminares sobre o estudo das relações entre ação coletiva, cultura e juventude no Brasil. Comunicação apresentada no I Colóquio Luso-Brasileiro de Sociologia da Educação, Belo Horizonte, 2008
- SPOSITO, M. P. & CARRANO, P. C. Juventude e políticas públicas no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. ANPED. São Paulo: Autores Associados, número 24, set/ dez 2003, pp 16-39.

- SPOSATI, Aldaiza. Pesquisa e produção de conhecimento no campo do Serviço Social. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 10 número especial, 2007
- TARRIUS, Alain. *La mondialisation par le bas*. Paris: Balland, 2002
- TELLES, Vera Silva. A experiência de insegurança: trabalho e família nas clases trabalhadoras urbanas. *Tempo Social. Revista de Sociologia, da USP*, volume 4, números 1-2, 1992 (editado em 1994)
- TELLES, Vera Silva & CABANES, Robert (orgs.). *Nas tramas da cidade. Trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006
- TELLES, V e HIRATA, D. *Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito*, 2007. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/sociologia/pos-graduacao/sites/trajetorias/>. Acesso em 10 jul. 2009.
- VAN-ZANTEN, Agnès. Cultura da rua ou cultura da escola. Educação e pesquisa. São Paulo: FEUSP, volume 26, número 01, 2000
- VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1987
- VEIGA, José Eli. *Cidades imaginárias, o Brasil é menos urbano do que se calcula*. Campinas: Autores Associados, 2003.
- WIERVIOKA, Michel. Prefácio. In Tarrius, Alain. *La mondialisation par le bas*. Paris: Balland, 2002

Anexo

Tabela 1 – Descritores utilizados para busca de teses e dissertações no portal CAPES

DESCRITORES	
PRINCIPAIS	Adolescência
	Adolescente(s)
	Filho (a, os, as)
	Caroto (a, os, as)
	(Inter) Geracional (is) / Geração (ões)
	Jovem (ns)
	Juvenil (s)
	Juventude (s)
	Menino (a, os, as)
	Moço (a, os, as, cinho, cinha)
	Rapaz (es)
UNIVERSO ESCOLAR Ensino Fundamental (7 ^a e 8 ^a séries); Ensino Médio; Ensino Superior (graduação);	Aluno (a, os, as)
	Discente
	Estudante (s)
	Estudantil (s)
	Gradua(n)do (a, os, as)
	Universitário (a, os, as)
ADJETIVOS (geralmente utilizados)	Abandonado (a, os, as)
	Carente (s)
	Conflito com a Lei
	Delinquência – de “delinquência juvenil”
	Delinquente (s)
	Infrator (a, es, as)
	Marginalizado (a, os, as)
	Menor (es)
	Situação de Risco
	Situação de Rua
Situação de Vulnerabilidade	
Relacionados a “Tribos Urbanas” e Grupos Juvenis	Galera
	Gangue (s)
	Grafitreiro (a, os, as)
	<i>Hip-Hop</i>
	Pich(x)ador (a, es, as)
	<i>Rapper</i> (s)
OUTROS	Estagiário (a, os,as) – referente ao mundo do trabalho
	Grêmio (s) – de “grêmio estudantil”
	Jovial – variante de juventude
	Maioridade/menoridade
	Mocidade
	Protagonismo – de “protagonismo juvenil”

Tabela 2 – Frequência dos descritores mais utilizados nos trabalhos da área da Educação (campo palavra-chave)

EDUCAÇÃO		
DESCRITORES	Quantidade de trabalhos que utilizaram o descritor	(%)
Jovem (ns)	96	9,89
Juventude	86	8,86
Adolescente(s)	82	8,44
Adolescência	62	6,39
Aluno (a, os, as)	39	4,02
Juvenil (s)	20	2,06
Universitário (a, os, as)	20	2,06
Estudante (s)	19	1,96
Estudantil (s)	15	1,54

Tabela 3 – Frequência dos descritores mais utilizados nos trabalhos da área de Ciências Sociais (campo palavra-chave)

CIÊNCIAS SOCIAIS		
DESCRITORES	Quantidade de trabalhos que utilizaram o descritor	(%)
Juventude	83	26,60
Jovem (ns)	36	11,54
Adolescente (s)	18	5,77
Juvenil (s)	15	4,81
Adolescência	12	3,85
Hip-Hop	9	2,88
Delinquência	7	2,24
Estudante (s)	4	1,28
Gangue (s)	4	1,28
Menino (a, os, as)	4	1,28

Tabela 4 – Frequência dos descritores mais utilizados nos trabalhos da área de Serviço Social (campo palavra-chave)

SERVIÇO SOCIAL		
DESCRITORES	Quantidade de trabalhos que utilizaram o descritor	(%)
Adolescente(s)	49	34,03
Adolescência	17	11,81
Juventude	16	11,11
Jovem (ns)	10	6,94
Juvenil (s)	9	6,25
Conflito com a lei	4	2,78
Estudante (s)	3	2,08
Infrator (a, es, as)	3	2,08
Estudantil (s)	2	1,39
Universitário (a, os, as)	2	1,39

Tabela 5 – Frequência dos descritores mais utilizados nos trabalhos da área de Educação (campo resumo)

EDUCAÇÃO		
DESCRITORES	Quantidade de trabalhos que utilizaram o descritor	(%)
Jovem (ns)	515	53,04
Aluno (a, os, as)	507	52,21
Adolescente (s)	251	25,85
Estudante (s)	219	22,55
Juventude (s)	117	12,05
Juvenil (s)	86	8,86
Adolescência	85	8,75
Universitário (a, os, as)	84	8,65
Menino (a, os, as)	51	5,25
Filho (a, os, as)	45	4,63
Estudantil (s)	38	3,91
Menor (es)	38	3,91
Discente	34	3,50
(Inter) Geracional (is) / Geração (ões)	31	3,19
Infrator (a, es, as)	20	2,06
Conflito com a lei	15	1,54
Protagonismo	15	1,54
Situação de risco	15	1,54
Hip-Hop	13	1,34
Carente (s)	11	1,13

Tabela 6 – Frequência dos descritores mais utilizados nos trabalhos da área de Ciências Sociais (campo resumo)

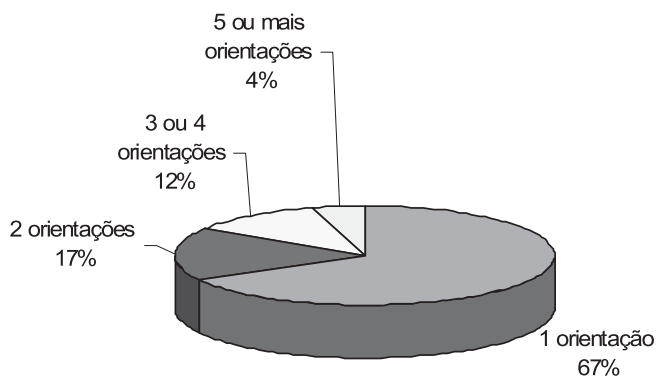
CIÊNCIAS SOCIAIS		
DESCRITORES	Quantidade de trabalhos que utilizaram o descritor	(%)
Jovem (ns)	220	70,51
Juvenil (s)	71	22,76
Adolescente (s)	68	21,79
Juventude (s)	67	21,47
Estudante (s)	42	13,46
Aluno (a, os, as)	33	10,58
(Inter) Geracional (is) / Geração (ões)	28	8,97
Universitário (a, os, as)	21	6,73
Filho (a, os, as)	19	6,09
Menino (a, os, as)	15	4,81
Adolescência	14	4,49
Infrator (a, es, as)	14	4,49
Menor (es)	12	3,85
Hip-Hop	10	3,21
Delinquentes/Delinquência	8	2,56
Estudantil (s)	6	1,92
Galera (s)	5	1,60
Gangue (s)	5	1,60
Garoto (a, os, as)	5	1,60
Rapaz (es)	5	1,60
Carente (s)	4	1,28
Conflito com a lei	4	1,28
<i>Rapper</i> (s)	4	1,28

Tabela 7 – Frequência dos descritores mais utilizados nos trabalhos da área de Serviço Social (campo resumo)

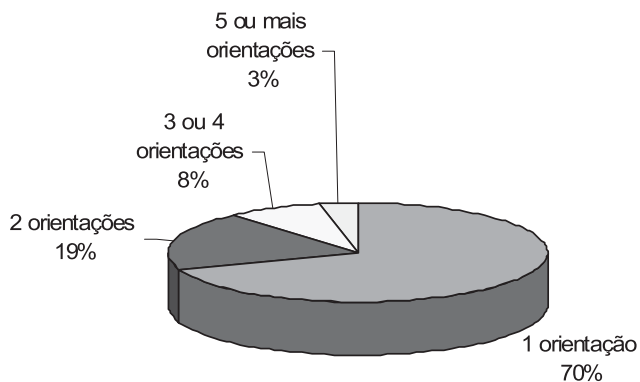
SERVIÇO SOCIAL		
DESCRITORES	Quantidade de trabalhos que utilizaram o descritor	(%)
Adolescente(s)	97	67,36
Jovem (ns)	60	41,67
Juventude	25	17,36
Juvenil (s)	24	16,67
Adolescência	21	14,58
Estudante (s)	14	9,72
Aluno (a, os, as)	12	8,33
Conflito com a lei	12	8,33
Menino (a, os, as)	11	7,64
Universitário (a, os, as)	9	6,25
Filho (a, os, as)	7	4,86
Situação de risco	6	4,17
Estudantil (s)	5	3,47
Discente	4	2,78
Menor (es)	4	2,78
Protagonismo	4	2,78
Infrator (a, es, as)	3	2,08
Hip-Hop	2	1,39
Maioridade/Menoridade	2	1,39
Situação de vulnerabilidade	2	1,39

Gráficos

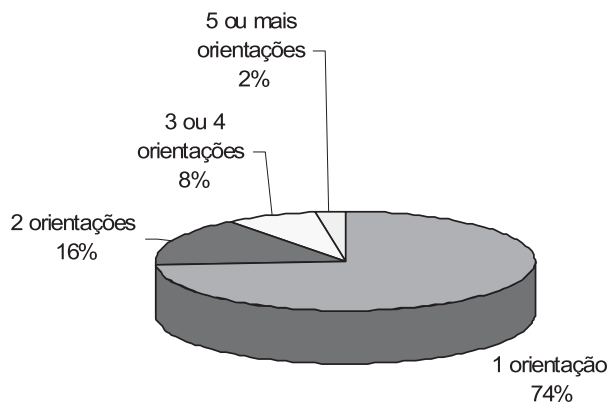
EDUCAÇÃO – distribuição conforme quantidade de orientações



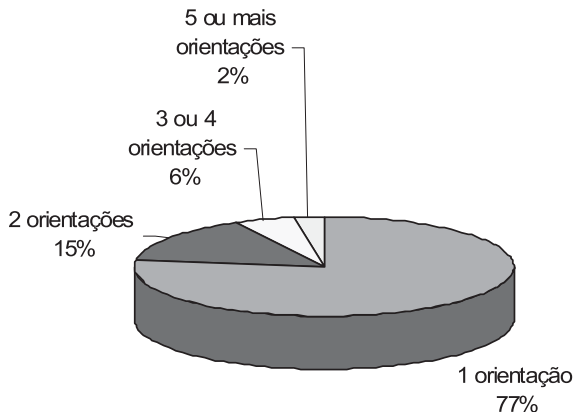
SERVIÇO SOCIAL – distribuição conforme quantidade de orientações



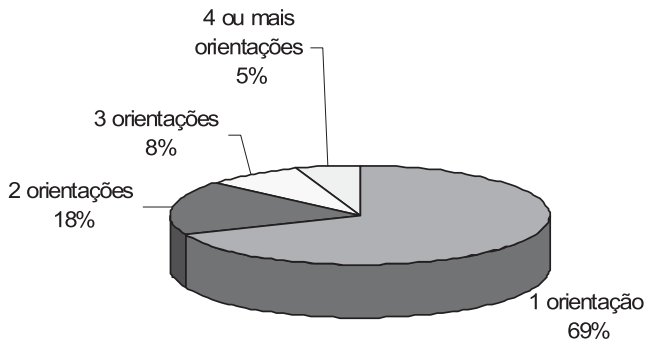
CIÊNCIAS SOCIAIS – distribuição conforme quantidade de orientações



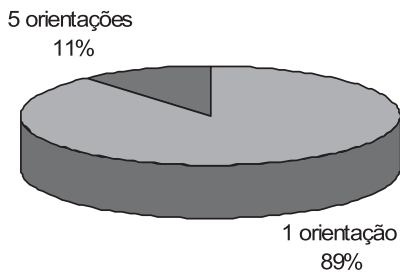
SOCIOLOGIA – distribuição conforme quantidade de orientações



ANTROPOLOGIA – distribuição conforme quantidade de orientações



CIÊNCIA POLÍTICA – distribuição conforme quantidade de orientações



Orientadores com três ou mais orientações

Tabela 8 – EDUCAÇÃO

ORIENTADOR	INSTITUIÇÃO	ORIENTAÇÕES
MARIA APARECIDA MORGADO	UFMT	14
MANOEL FRANCISCO DE VASCONCELOS MOTTA	UFMT	10
MARILIA PONTES SPOSITO 1 co-orientação com Karl Martin Monsma	USP	10
LUIZ ALBERTO OLIVEIRA GONÇALVES 1 co-orientação com Ana Maria Rabelo Gomes; 1 co-orientação com Antonia Vitória Soares Aranha; 1 co-orientação com Eustaquia Salvador de Sousa;	UFMG	9
JAQUELINE MOLL	UFRGS	8
MARIA LÚCIA RODRIGUES MÜLLER	UFMT	8
MARIA TEREZA CANEZIN GUIMARÃES	UCG	8
LUIZA MITIKO YSHIGURO CAMACHO	UFES	7
MARIA LÚCIA DE AMORIM SOARES	UNISO	7
MIRIAN PAURA SABROSA ZIPPIN GRINSPUN	UERJ	7
VERA MARIA FERRÃO CANDAU	PUC-RJ	7
CLARILZA PRADO DE SOUSA	PUC-SP	6
ELIZABETH NOGUEIRA GOMES DA SILVA MERCURI	UNICAMP	6
MARIA NOBRE DAMASCENO	UFC	6
NARA MARIA GUAZZELLI BERNARDES	PUC-RS	6
PAULO CESAR RODRIGUES CARRANO	UFF	6
ROSALY HERMENGARDA LIMA BRANDÃO ZAIA BRANDÃO	PUC-RJ	6
VERA MARIA MOREIRA KUDE	PUC-RS	6
EUGENIA COELHO PAREDES	UFMT	5
LUIZ CAVALIERI BAZILIO	UERJ	5
NILTON BUENO FISCHER	UFRGS	5
PAULO RENNES MARÇAL RIBEIRO	UNESP Araraquara	5
PETRONILHA BEATRIZ GONÇALVES E SILVA	UFSCAR	5
RAUL ARAÇÃO MARTINS	UNESP-Marília	5
ROGERIO CUNHA DE CAMPOS	UFMG	5
AUREA MARIA GUIMARAES	UNICAMP	4
BERTA WEIL FERREIRA	PUC-RS	4
CANDIDO ALBERTO DA COSTA GOMES	UCB	4
CARMEM MARIA CRAIDY	UFRGS	4
CELSO JOÃO FERRETI	PUC-SP	4
CLAUS DIETER STOBÄUS	PUC-RS	4



HELOISA SZYMANSKI	PUC-SP	4
IVONE TABELLI SCHMIDT	UNOESTE	4
LEA PINHEIRO PAIXAO	UFF	4
LEDA LÍZIA FRANCIOSI PORTAL	PUC-RS	4
MARCOS CÉZAR DE FREITAS	PUC-SP	4
MARIA DE LOURDES SPAZZIANI	MOURA LACERDA	4
MARIE JANE SOARES CARVALHO	UFRGS	4
MARISOL BARENCO DE MELLO	UCP	4
OLGA CELESTINA DURAND 1 co-orientação com Eros Marion Mussoi;	UFSC	4
OSMAR FÁVERO	UFF	4
ROMUALDO LUIZ PORTELA DE OLIVEIRA	USP	4
ROSA MARIA BUENO FISCHER	UFRGS	4
VERA MARIA NIGRO DE SOUZA PLACCO	PUC-SP	4
VERA RUDGE WERNECK	UCP	4
ABIGAIL ALVARENGA MAHONEY	PUC-SP	3
ALIPIO MARCIO DIAS CASALI	PUC-SP	3
ANGELA VIANA MACHADO FERNANDES	UNESP Araraquara	3
AUGUSTO NIBALDO SILVA TRIVIÑOS	UFRGS	3
BERNARDO KIPNIS	UNB	3
CELI NELZA ZULKE TAFFAREL	UFPE/UFBA	3
CÉLIA REGINA VENDRAMINI	UFSC	3
DANILO ROMEU STRECK	UNISINOS	3
ELIETE JUSSARA NOGUEIRA	UNISO	3
ELISA ANGOTTI KOSSOVITCH	UNICAMP	3
ELISABETE MARIA GARBIN	UFRGS	3
EMILIA MARIA DA TRINDADE PRESTES	UFPB	3
FRANCIS MUSA BOAKARI	UFPI	3
HIRAN PINEL	UFES	3
IZUMI NOZAKI	UFMT	3
JORGE ALBERTO ROSA RIBEIRO	UFRGS	3
JORGE LUIZ DA CUNHA	UFMS	3
JOSÉ ALOYSEO BZUNECK	UEL	3
JOSÉ LEON CROCHIK	PUC-SP	3
JUAN JOSÉ MOURIÑO MOSQUERA 1 co-orientação com BERTA WEIL FERREIRA;	PUC-RS	3
KESTER CARRARA	UNESP Marília	3
LAURINDA RAMALHO DE ALMEIDA	PUC-SP	3
LEILA DE ALVARENGA MAFRA	PUC-MG	3
LÚCIA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE WILLIAMS	UFSCAR	3



LUCIA HELENA TIOSSO MORETTI	UEL	3
LUÍS CARLOS SALES	UFPI	3
LUIZ ANTÔNIO CALMON NABUCO LASTÓRIA	UNIMEP	3
LUIZ CARLOS BARREIRA	PUC-SP/UNISO	3
MARCIA ONDINA VIEIRA FERREIRA	UFPeI	3
MARIA APPARECIDA CAMPOS MAMEDE NEVES	PUC-RJ	3
MARIA DE LOURDES RAMOS DA SILVA	USP	3
MARIA HELENA SANTANA CRUZ	UFSE	3
MARIA HERMÍNIA MARQUES DA SILVA DOMINGUES	UFG	3
MARIA LÍCIA DE OLIVEIRA BARBOSA	UFRJ	3
MARIA NESTROVSKY FOLBERG	UFRGS	3
MARIA SUSANA VASCONCELOS JIMENEZ	UFC	3
MARLI ELIZA DALMAZO AFONSO DE ANDRÉ	USP/PUC-SP	3
MARTA LUZ SISSON DE CASTRO	PUC-RS	3
MARY THEREZINHA ALEXANDRE SIMEN RANGEL	UFF	3
MITSUKO APARECIDA MAKINO ANTUNES	PUC-SP	3
NARCIMÁRIA CORREIA DO PATROCÍNIO LUZ	UNEB	3
ODAIR SASS	PUC-SP	3
REINALDO MATIAS FLEURI	UFSC	3
RITA DE CÁSSIA PEREIRA LIMA	MOURA LACERDA	3
SALVADOR ANTONIO MIRELES SANDOVAL	UNICAMP	3
SANDRA DE FÁTIMA PEREIRA TOSTA	PUC-MG	3
ZEILA DE BRITO FABRI DEMARTINI	UNICAMP/ UNIMEP	3

Tabela 9 – SERVIÇO SOCIAL

ORIENTADOR	INSTITUIÇÃO	ORIENTAÇÕES
MYRIAN VERAS BAPTISTA	PUC-SP	13
DENISE CAMARA DE CARVALHO	UFPB/UFRN	8
DILSEA ADEODATA BONETTI	PUC-SP	5
DENISE BOMTEMPO BIRCHE DE CARVALHO	UNB	4
MARIA DE FÁTIMA DE SOUZA SANTOS	UFPE	4
ANDRÉ AUGUSTO PEREIRA BRANDÃO	UFF	3
EDUARDO MOURAO VASCONCELOS	UFRJ	3
JOÃO DANTAS PEREIRA	UFRN	3
MARIA ÂNGELA RODRIGUES ALVES DE ANDRADE	UNESP-Franca	3
MYRIAM MORAES LINS DE BARROS	UFRJ	3

Tabela 10 – SOCIOLOGIA

ORIENTADOR	INSTITUIÇÃO	ORIENTAÇÕES
AUGUSTO CACCIA-BAVA JR.	UNESP-Araraquara	9
JANICE TIRELLI PONTE DE SOUSA	UFSC	7
IRLYS ALENCAR FIRMO BARREIRA	UFC	5
GLORIA MARIA DOS SANTOS DIÓGENES	UFC	4
LÍLIA MARIA JUNQUEIRA	UFPE	4
MARIA HELENA OLIVA AUGUSTO	USP	4
MARIA LIGIA DE OLIVEIRA BARBOSA	UFRJ	4
NORMA MISSAE TAKEUTI	UFRN	4
RUTHY NADIA LANIADO	UFBA	4
SÉRGIO FRANÇA ADORNO DE ABREU	USP	3

Tabela 11 – ANTRPOLOGIA

ORIENTADOR	INSTITUIÇÃO	ORIENTAÇÕES
MARCIA REGINA DA COSTA	PUC-SP	14
DANIELA RIVA KNAUTH	UFRGS	4
GILBERTO CARDOSO ALVES VELHO	UFRJ	4
JOSE GUILHERME CANTOR MAGNANI	USP	4
JUDITH CHAMBLISS HOFFNAGEL	UFPE	3
LILIA KATRI MORITZ SCHWARCZ	USP	3
MARIA ROSILENE BARBOSA ALVIM	UFPE/UFRJ	3
MIRIAN GOLDENBERG	UFRJ	3
SILVIA HELENA SIMOES BORELLI	PUC-SP	3
YVONNE MAGGIE DE LEERS COSTA RIBEIRO	UFRJ	3

Tabela 12 – CIÊNCIA POLÍTICA

ORIENTADOR	INSTITUIÇÃO	ORIENTAÇÕES
CESAR MARCELLO BAQUERO JACOME	UFRGS	5

Tabela 13 – Orientadores com orientações em mais de uma área

ORIENTADOR	INSTITUIÇÃO	ORIENTAÇÕES			
		Educação	Ciências Sociais	Serviço Social	Total
AFRANIO MENDES CATANI	USP	2	1	.	3
DULCE CONSUELO ANDREATTA WHITAKER	UNESP Araraquara	1	2	.	3
GLORIA MARIA DOS SANTOS DIOGENES	UFC	1	4	.	5
MARIA LIGIA DE OLIVEIRA BARBOSA	UFRJ	3	4	.	7
NEUSA MARIA MENDES DE GUSMAO	UNICAMP	2	1	.	3

Juventude e Escola

Juarez Dayrell¹

Bréscia França Nonato²

Fernanda Vasconcelos Dias³

Helen Cristina do Carmo⁴

Este texto pretende fazer uma análise inicial da produção acadêmica que trata da relação dos jovens com a escola, buscando compreender como a questão da juventude veio sendo tematizada por estas pesquisas. O universo é constituído pelas dissertações e teses produzidas entre os anos de 1999 a 2006, nas áreas da Educação, Ciências Sociais e Serviço Social.

O tema Juventude e Escola reúne 188 trabalhos, sendo 164 dissertações (87,3%) e 24 teses (12,7%). Este montante representa 13,17% do total da produção discente na pós-graduação sobre juventude no Brasil nas três áreas do conhecimento,⁵ sendo o tema que apresentou o maior número de trabalhos. A grande maioria deles está circunscrita à área de conhecimento da Educação, representando 92,0% do total, como nos mostra a tabela 1.

¹ Doutor em Educação, professor da Faculdade de Educação da UFMG.

² Pedagoga, integrante do Observatório da Juventude da UFMG.

³ Pedagoga, mestranda na FaE-UFMG, integrante do Observatório da Juventude da UFMG.

⁴ Pedagoga, mestranda na FaE-UFMG, integrante do Observatório da Juventude da UFMG.

⁵ No Estado da Arte anterior este mesmo tema representou 12,91% do total dos trabalhos, muito semelhante ao atual. Mas é importante ressaltar que as comparações que faremos entre os dois estudos ao longo deste texto têm de ser relativizadas, pois no primeiro Estado da Arte a abrangência dos trabalhos ficou reduzida à área da educação e no estudo atual abrangeu as áreas de Educação, Ciências Sociais e Serviço Social. As comparações que faremos neste texto não possuem, assim, uma precisão estatística, funcionando apenas para apontar as tendências temáticas nos diversos subtemas encontrados.

PESQUISA ESTADO DO CONHECIMENTO EM JUVENTUDE

TEMA: JUVENTUDE E ESCOLA

Tabela 1 – Subtema / Área do Conhecimento

Subtema	Educação	Serviço Social	Ciências Sociais			Total/ subtema
			Sociologia	Antropologia	Ciências Políticas	
Indisciplina e Violência da/na escola e juventude	35	1	3	2	0	41
Significados atribuídos à escola e seus processos	36	0	2	1	0	39
Programas e propostas educativas sob a ótica dos alunos	34	1	0	0	0	35
As relações sociais no cotidiano escolar	29	0	1	0	0	30
Sucesso e fracasso escolares	17	0	0	1	0	18
Identidades/subjetividades juvenis e escola	13	0	1	0	0	14
Culturas juvenis e escola	9	0	0	2	0	11
Total/Área do Conhecimento	173	2	7	6	0	188

Os restantes estão distribuídos na área de Ciências Sócios (a Sociologia com 7 trabalhos e a Antropologia com 6) e Serviço Social (2 trabalhos). Não foi localizado nenhum estudo no interior da Ciência Política.

Em relação ao Estado da Arte anterior, podemos constatar que as reflexões em torno da relação juventude e escola não experimentaram um maior crescimento relativo (representaram 12,91% do total dos trabalhos). Mas houve uma ampliação significativa tanto nas temáticas quanto nas abordagens realizadas, com avanços significativos na compreensão do jovem que chega às escolas. Podemos constatar um alargamento da problematização sobre a instituição escolar na sua relação com o jovem, abarcando questões do cotidiano escolar, as relações sociais que aí ocorrem, os processos de ensino e aprendizagem, com uma maior visibilidade do sujeito jovem, sua subjetividade, suas expressões culturais. Tal diversidade se manifesta nos diversos subtemas nos quais foram agrupados os trabalhos.

A tabela 1 nos mostra os sete subtemas nos quais foram agrupados o conjunto dos trabalhos, definidos de acordo com as temáticas específicas de cada um deles.⁶ Se a compararmos com a classificação realizada no Estado da Arte anterior (Dayrell, 2002), podemos constatar que três subtemas permanecem: o *Sucesso e Fracasso Escolares*, *Significados atribuídos à escola e seus processos*, *Programas e Propostas Educativas sob a ótica dos alunos*. O último subtema do Estado da Arte

⁶ É importante ressaltar a dificuldade em realizar tais agrupamentos na medida em que grande parte dos trabalhos poderia estar incluída em mais de um subtema. Mesmo buscando nos orientar através dos objetivos explicitados pelo autor, temos clareza do caráter arbitrário de tal classificação.

de 2002, *O aluno e as práticas escolares*, foi em parte incorporado ao subtema atual *As relações sociais no cotidiano escolar*. Os três restantes são temáticas que se adensaram a partir de então: o subtema *Indisciplina e Violência da/na escola*, *Identities/Subjetividades juvenis e escola* e *Culturas juvenis e escola*. Estes últimos, mesmo em menor número, são temas que apareceram em 2002 de forma ainda mais dispersa e pouco significativa, o que pode estar apontando para a emergência de novas preocupações entre os pesquisadores da área.

Podemos perceber que a reflexão em torno da relação da juventude com a escola veio ganhando novos contornos a partir do final dos anos 90, como veremos ao longo da análise a seguir. No Estado da Arte anterior, pudemos constatar uma tendência dominante dos trabalhos em centralizar as análises na instituição escolar, com ênfase no estudo dos jovens a partir da sua condição de alunos. São os aspectos associados aos resultados escolares que atraem a atenção, sem que se levem em conta as múltiplas dimensões da experiência escolar, muito menos as experiências dos jovens fora da escola, inexistindo nexos empíricos e teóricos capazes de absorver outras dimensões da experiência socializadora e da sociabilidade do educando.

Se essa tendência ainda persiste em parte dos trabalhos presentes no estudo atual, podemos perceber a emergência de novas temáticas e abordagens, com a incorporação de outros aspectos presentes na socialização e sociabilidade dos jovens, que contribuem para uma compreensão mais densa do jovem na sua relação com a escola e com o saber. Há uma tendência frutífera em boa parte dos estudos de uma aproximação da Sociologia da Educação com a Sociologia da Juventude. Tal deslocamento vem gerando um novo impulso às investigações, marcadas por uma tendência a valorizar os locais e as escolas nas suas especificidades, bem como os atores e as práticas como produtores de realidade e impulsionadores de mudanças. Todo este movimento não deixa de expressar uma ampliação da visibilidade do tema da juventude nos últimos anos, como produto da intersecção de vários campos e atores, dentre eles o político-governamental, o da prática social dos jovens e das instituições sociais e o acadêmico propriamente dito, que interferem de alguma forma nos estudos sobre a relação da juventude com a escola.

Um destes aspectos diz respeito a uma nova configuração da realidade da escola pública, decorrente da recente expansão das oportunidades escolares, principalmente do ensino médio no caso brasileiro, o que levanta novas questões e dilemas para a compreensão da experiência escolar dos jovens, refletidos em alguns dos trabalhos aqui analisados. Um outro aspecto ressaltado por algumas pesquisas e que merece atenção seria as mutações profundas que vêm ocorrendo na sociedade ocidental, interferindo na produção social dos indivíduos, nos seus tempos e espaços. Consequentemente, elas afetam diretamente as instituições e os processos de socialização das novas gerações, nos seus tempos e espaços. A desregulação das etapas e de sua descronologização, dentre outras dimensões, têm sido constatadas, constituindo impactos no ciclo de vida e na experiência juvenil, o que parece interferir nas formas como os jovens vivenciam o seu estatuto de

alunos. Significa a retomada da reflexão em torno do tema da socialização, tão caro à sociologia, que não apareceu de forma explícita no Estado da Arte anterior. É este contexto em que se situam os trabalhos aqui analisados.

Um outro dado diz respeito à modalidade dos trabalhos (Tabela 2):

TEMA: JUVENTUDE E ESCOLA							
Tabela 2 – Subtema / Modalidade							
<i>Área Conhecimento</i>	<i>Ciências Sociais</i>		<i>Serviço Social</i>		<i>Educação</i>		<i>Total Subtema</i>
<i>SUBTEMA/ MODALIDADE</i>	<i>Mestrado</i>	<i>Doutorado</i>	<i>Mestrado</i>	<i>Doutorado</i>	<i>Mestrado</i>	<i>Doutorado</i>	
Violência da/na escola e juventude	4	1	1	0	34	1	41
Significados atribuídos à escola e seus processos	3	0	0	0	30	6	39
Programas e propostas educativas sob a ótica dos alunos	0	0	1	0	32	2	35
As relações sociais no cotidiano escolar	1	0	0	0	25	4	30
Sucesso e fracasso escolares	0	1	0	0	14	3	18
Identidades/subjetividades juvenis e escola	0	1	0	0	8	5	14
Culturas juvenis e escola	2	0	0	0	8	1	11
Total	10	3	2	0	151	22	188

Podemos perceber um grande número de dissertações (87,3%) em relação às teses (13,3%), o que nos mostra que o processo de qualificação de pesquisadores na área educacional ainda é relativamente lento, apesar de haver uma tendência de crescimento ao longo dos últimos anos.

Uma outra tabela aponta a incidência de pesquisas por nível de ensino:

TEMA: JUVENTUDE E ESCOLA							
Tabela 3 - Subtema / Nível de Ensino							
<i>Subtema</i>	<i>Ensino Fundamental</i>	<i>Ensino Médio</i>	<i>EJA</i>	<i>Misto</i>	<i>Não Informado</i>	<i>Ex-Alunos</i>	<i>Total/ Subtema</i>
Indisciplina e Violência da/na escola e juventude	17	8	0	9	7	0	41
Significados atribuídos à escola e seus processos	8	23	5	2	1	0	39
Programas e propostas educativas sob a ótica dos alunos	12	18	2	2	1	0	35
As relações sociais no cotidiano escolar	7	14	2	3	4	0	30
Sucesso e fracasso escolares	5	6	2	0	3	2	18
Identidades/subjetividades juvenis e escola	6	6	1	0	1	0	14
Culturas juvenis e escola	7	2	0	1	1	0	11

A tabela 3 nos mostra que a maioria dos trabalhos tem como universo empírico escolas de ensino médio, significando 41,0% do total, bem acima do Estado da Arte anterior, no qual representava apenas 22%. Tais trabalhos estão concentrados nos subtemas especificamente escolares, a saber, *Significados atribuídos à escola*, *Programas e Propostas e Relações Sociais no Cotidiano Escolar*, respectivamente. Em parte podemos atribuir tal ampliação à própria realidade de expansão do ensino médio que ocorreu principalmente a partir da segunda metade dos anos 90, trazendo novas questões para os pesquisadores, como o processo de correção de fluxo ou mesmo o rejuvenescimento nesse período escolar. Outra questão relacionada pode ser a migração dos jovens adultos para a EJA (Educação de Jovens e aAdultos), processo este que não mereceu ainda uma maior atenção dos pesquisadores da área. Já o ensino fundamental foi pesquisado por 33,0% dos trabalhos, bem menos do que em 1998, quando significava 52% dos trabalhos. Os estudos realizados em escolas de EJA diminuiram significativamente, passando de 26% em 1998 para 6,4% neste. Chama a atenção o alto índice de trabalhos que não mencionam o nível de ensino pesquisado (10,1%), o que pode expressar no mínimo uma falta de cuidado metodológico.

Finalmente, uma última tabela nos mostra os professores que orientaram 3 ou mais trabalhos, na temática Juventude e Escola, nesse período (Tabela 4):

TEMA: JUVENTUDE E ESCOLA		
Tabela 4 – Orientadores com mais de dois trabalhos orientados		
<i>Orientadores</i>	<i>Instituição</i>	<i>Quantidade de trabalhos</i>
Jaqueline Moll	Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul	5
Luiz Alberto Oliveira Gonçalves	Universidade Federal De Minas Gerais	5
Candido Alberto Da Costa Gomes	Universidade Católica De Brasília	3
Lea Pinheiro Paixao	Universidade Federal Fluminense	3
Luiza Mitiko Yshiguro Camacho	Universidade Federal Do Espírito Santo	3
Maria Aparecida Morgado	Universidade Federal De Mato Grosso	3
Maria Lúcia De Amorim Soares	Universidade De Sorocaba	3
Osmar Fávero	Universidade Federal Fluminense	3
Vera Maria Ferrão Candau	Pontificia Universidade Católica Do Rio De Janeiro	3
Total de Trabalhos		31

A tabela nos mostra que 9 professores orientaram 3 ou mais pesquisas nesse tema, totalizando 31 trabalhos, o que abarca apenas 16,5% do total das pesquisas sobre Juventude e Escola. Estes dados apontam a existência de uma dispersão de orientadores nesta temática, na medida em que os orientadores da maioria das investigações (67,55%) só o fizeram em um trabalho e 15,95% orientaram dois trabalhos.

Até aqui foi feita uma descrição das características gerais das pesquisas abarcadas pelo tema *Juventude e Escola*, fornecendo um quadro sintético da produção acadêmica realizada. Mas, para que se compreenda como os jovens são tematizados nesses trabalhos, torna-se necessário uma descrição analítica de cada um dos subtemas, ressaltando os objetivos, a natureza dos textos e as conclusões a que chegam as pesquisas ali reunidas.

Indisciplina e violência da/na escola e juventude

Este subtema reúne 41 trabalhos, sendo 39 dissertações e 2 teses⁷ que têm como eixo temático a indisciplina e a violência da e na escola, relacionando tais fenômenos com os jovens que compõem a comunidade escolar. O objeto de análise neste subtema é amplo, abrangendo as concepções de jovens e/ou da comunidade escolar sobre a indisciplina e/ou a violência, as expressões de violência praticadas e sofridas na escola, as relações entre a violência extra-muros com aquela intra-

⁷ Neste subtema encontramos 6 trabalhos a que tivemos acesso apenas por meio de seus resumos. São eles: Ribeiro (2004), Fernandes (2006), Castro (2002), Silva (2006), Lopes (2004) e Romero (2005).

muros e até mesmo as relações entre violência e gênero, explicitando de alguma forma a ótica dos jovens sobre tais fenômenos. Esses trabalhos, em sua maioria, estão concentrados na área de conhecimento da Educação, encontrando-se apenas 6 deles distribuídos entre outras áreas de conhecimento, a saber: 3 na Sociologia, 2 na Antropologia e 1 no Serviço Social.

Este subtema reúne o maior número de trabalhos no tema Juventude e Escola, significando 21,8% do total.⁸ Podemos constatar uma ampliação e uma diversificação das abordagens realizadas, mas também a existência de continuidades. No primeiro Estado da Arte, a grande maioria dos trabalhos privilegiou a escola, quer do ponto de vista das representações dos alunos quer da investigação da violência observada na instituição. Também agora a escola é o lócus preferencial de pesquisa, e as investigações abordaram, além desses aspectos mencionados, as relações entre a violência observada fora da escola, seja na família ou na comunidade, com aquela praticada no interior da escola ou mesmo as relações entre violência e gênero. Esta diversificação pode expressar as novas configurações do fenômeno da violência nesta última década.

Mesmo sabendo que a violência escolar sempre correspondeu a uma característica das instituições escolares do passado, ela é bem distinta da violência escolar mais recente. Da forma como se apresenta hoje, tem uma relação estreita com a escalada da violência urbana, ganhando espaço no debate público brasileiro a partir da década de 80, paralelo ao processo de democratização. Naquele momento o problema consistia na destruição dos equipamentos escolares, em especial dos prédios, pela frequência das pichações e depredações e também das invasões durante os finais de semana (Corti, 2002; Sposito, 2001).

Na década de 90, o fenômeno da violência sofreu, a exemplo da criminalidade urbana, importantes transformações qualitativas e quantitativas e consolidou-se como uma das preocupações sociais mais explícitas. No caso da escola, a novidade foi a disseminação das agressões entre alunos, caracterizando um tipo de sociabilidade entre os pares ou dos jovens para com o mundo adulto. Houve um deslocamento do protagonismo da violência escolar que teria passado dos grupos externos à escola (ex-alunos, turmas do bairro, etc.) para os próprios alunos. Outro aspecto novo é que os incidentes passaram a se concentrar no período das aulas e não mais nos finais de semana, como ocorria na década anterior. Esta nova realidade torna mais complexa a própria análise do fenômeno já que não mais se trata de “... atribuir responsabilidade ao outro, o estranho, aquele que está fora da comunidade escolar. As interrogações voltam-se para as práticas dos atores, inscritas no dia a dia dos estabelecimentos de ensino” (Sposito, 1998: 66).

⁸ É interessante perceber que em 1998 esta temática estava presente de modo emergente nas investigações, com a presença de 8 dissertações e 3 teses. Mas, se ocorreu um aumento do número absoluto de trabalhos, o mesmo não aconteceu em termos percentuais, não havendo praticamente nenhuma alteração, pois naquele estudo perfaziam 2,84%, enquanto no estudo atual significam 2,86% do total de trabalhos relacionados com a juventude.

Todo este novo contexto interfere na escolha do objeto a ser investigado, bem como nas abordagens realizadas, mas podemos constatar a existência de continuidades em relação ao primeiro Estado da Arte. Para avançar na análise das pesquisas deste subtema, optamos por agrupá-las de forma semelhante ao que foi realizado naquele estudo, podendo assim comparar as continuidades temáticas e os possíveis avanços entre os dois períodos.

O enfoque da violência na escola

No primeiro Estado da Arte, 5 trabalhos enfatizaram a violência na escola, sendo privilegiados os processos extra-escolares de produção da violência que atinge a escola, como a escalada da criminalidade urbana, os novos padrões culturais juvenis e a formação de grupos violentos. De alguma forma semelhante, no estudo atual encontramos 2 teses e 33 dissertações que analisam as concepções de jovens e/ou da comunidade escolar sobre a violência, as expressões de violência praticadas e sofridas na escola, as relações entre a violência extra-muros com aquela intra-muros, as relações entre violência e gênero e até mesmo as vivências da paz no interior da escola, explicitando de alguma forma a ótica dos jovens sobre tais fenômenos.

Este conjunto de trabalhos utiliza a noção de violência com níveis de elaboração e de densidade teórica muito diferenciados. No geral, tal noção remete aos comportamentos agressivos e anti-sociais, incluindo danos ao patrimônio, atos criminosos, conflitos interpessoais, agressões verbais, agressões morais e preconceito. Estes podem manifestar-se nas diversas esferas sociais, tanto no espaço público quanto no privado, de forma física, moral, psicológica e simbólica. De modo geral, a violência, velada ou explícita, comporta sempre a negação e o desrespeito ao outro. A bibliografia percorrida é muito diversificada, sendo recorrentes a Sociologia francesa através de Debarbieux (1997, 2003) ou do clássico Ives Michaud (1989) e os autores brasileiros Aquino (1996, 1998), Alba Zaluar (1992, 1995), Sposito (1994, 1998, 2001) e Abramovay (2002, 2003), dentre outros.

Alguns trabalhos mais recentes introduziram a noção de *bullying*, pautando-se em Olweus (1998), Fante (2005) ou Williams (2004), entendida como a modalidade de violência que compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente, na qual um ou mais alunos agredem o outro (ou outros) por um determinado período de tempo. Mas fica evidente a dificuldade em definir claramente o conceito de violência e principalmente em delimitá-lo, visto que este fenômeno desenvolve-se de maneiras tão diversas quanto as possibilidades de interpretá-lo, que variam no tempo, na cultura, no contexto sócio-econômico e até mesmo nas subjetividades: o que é violência para uns pode ser indisciplina ou transgressão para outros ou mesmo expressões de resistência. Neste sentido, alguns autores, inspirados na literatura francesa, trabalharam com a noção de incivilidade para dar conta de toda uma gama de atos que desorganizam o cotidiano escolar, que ultrapassam os limites

das condutas socialmente esperadas em nome da boa convivência comunitária.

No contexto da discussão sobre a violência na escola, podemos agrupar os trabalhos de acordo com os eixos de análise enfatizados em cada um deles. Temos assim quatro agrupamentos: as concepções de violência; a violência praticada e sofrida na escola e fora dela; a relação entre a violência extra-muros e a intra-muros da escola e alguns outros trabalhos que não se encaixam nos agrupamentos anteriores.

As concepções de violência. A grande maioria dos trabalhos deste agrupamento buscou compreender as concepções, representações ou mesmo os significados atribuídos pelos jovens e/ou pela comunidade escolar a respeito do fenômeno da violência. É o caso dos trabalhos de Laterman (1999), Queiroz (1999), Nascimento (2000), Rebés (2000), Ribeiro (2002), Espírito Santo (2002), Tigre (2002), Stoelben (2003), Filho (2003), Rodrigues (2003), Saul (2004), Claudio (2005), Costa (2005), Ribeiro (2004), Fernandes (2006), todas eles oriundos da área da educação. Temos ainda a dissertação de Martins (2006), oriunda do Serviço Social, e a tese de Regina Helena Oliveira Martins (2003), da Sociologia.

A maioria desses autores constata que a violência escolar se traduz, em grande parte, em agressões verbais, em menor escala naquelas físicas, mas também em depredações. Podemos notar que há uma tendência a uma relativização do fenômeno. De um lado, evidenciando os motivos fúteis ou banais que provocam as brigas, por exemplo. Neste caso, lembra Cláudio (2005), estas acontecem muito mais no sentido de mostrar o que jovens são capazes de fazer para amedrontar colegas e professores. Neste sentido, a violência escolar não é tanto uma reação à instituição escolar, mas uma forma possível de demarcar espaços de poder. Por outro lado, a constatação de que a violência na escola traduz-se para a comunidade escolar principalmente em “provocações, desrespeito às pessoas e agressões verbais”, ou seja, é uma violência principalmente de caráter relacional, acentuando-se na relação professor-aluno, com consequências diretas sobre o processo de ensino-aprendizagem.

Nesta direção, vale destacar a dissertação de Laterman (1999), que buscou compreender como se manifestam e o que são as violências no meio escolar para professores e alunos de escolas públicas. A autora desenvolveu uma discussão consistente sobre juventude e violência, relacionando o envolvimento dos jovens com a violência, com a exclusão social e/ou a sociedade do consumo, não restringindo o fenômeno à juventude pobre. É importante pontuar este aspecto na medida em que vários trabalhos deixam entender que este fenômeno se reduz às escolas públicas e, nestas, aos jovens pobres.

Nas suas conclusões, a autora aponta que o clima das escolas é percebido por seus alunos e professores muito mais como ‘caótico’ do que propriamente como ‘violento’. Para ela, as violências, ditas assim de modo generalizado, fazem parte deste clima caótico, com as frequentes ocorrências que desorganizam a rotina idealizada por professores e alunos. Desse modo, as violências no meio escolar

seriam da ordem da pluralidade, se caracterizando mais como “incivildades”, entendidas como toda esta gama de atos que desorganizam o cotidiano escolar, incluindo-se a indisciplina, que ultrapassam os limites das condutas socialmente esperadas em nome da boa convivência comunitária. Neste sentido, a autora avança ao descaracterizar qualquer manifestação de transgressão às normas como expressão de violência.

Algumas investigações detectaram expressões mais explícitas de violência, como a dissertação de Martins (2006), da área do Serviço Social, que constatou em sua pesquisa realizada no Pará a existência de assaltos, balas perdidas, estupro, depredações, além de brincadeiras cada vez mais competitivas, de brigas e agressões e outras formas de violência que se expressam no interior da escola, ameaçando a paz e a vida de alunos e professores. E também Ribeiro (2002), que pesquisou os significados atribuídos ao consumo e tráfico de drogas na perspectiva dos jovens alunos de uma escola pública, onde a questão das drogas aparece como elemento importante a afetar o cotidiano escolar, relativizando a relação entre uso de drogas e a violência.

Em relação às concepções, vários desses trabalhos constataam que os jovens possuem um olhar crítico acerca da violência, quase sempre visto de forma negativa. Ao mesmo tempo, eles parecem relativizar o que sabem de violência, levando em conta quem a pratica, contra quem e por que é realizada, ancorados em conjuntos de valores e normas que os orientam. Neste sentido, é importante destacar a pesquisa de Espírito Santo (2002), que constata que algumas práticas que transgridem as normas da escola podem não significar uma violência para os sujeitos que as praticam ou mesmo podem adquirir diferentes significados, quer se trate de professores quer de alunos, como também constata Fernandes (2006). Muitas das expressões tidas como violência podem ser uma prática de sociabilidade, uma tática de oposição, uma forma que os sujeitos encontram de se mostrar ou mesmo uma forma de se identificarem.

Reforçando esta direção das análises, vale destacar a tese defendida por Regina Helena Oliveira Martins (2003) em Sociologia. A autora buscou compreender como se constroem as representações juvenis sobre violência, especificamente aquelas ocorridas no universo escolar. Com um arcabouço teórico consistente, ela constatou que os jovens pesquisados convivem cotidianamente com a violência em todos os contextos sociais (e que a violência está fortemente associada à desigualdade social), assim como as condutas de risco estão implícitas nas relações de sociabilidade entre os pares. Aponta que os jovens – ainda que participem de manifestações de violência (como pertencimento a gangues, porte de armas, consumo e pequeno tráfico de drogas) – demonstram estabelecer certos limites que os fazem abandonar essas práticas na medida em que em um certo momento são obrigados, coagidos ou intimados – direta ou indiretamente – a escolher que caminho trilhar: o da legalidade ou o da ilegalidade.

Verificou-se que a escola enquanto instituição social e, portanto, não imune às violências cometidas além de seus muros, não tem uma alternativa de proteção à

violência urbana, bem como não consegue promover a sua prevenção, educando e gerando atitudes identificadas com a cidadania; ao contrário, é sistematicamente palco de todas essas manifestações de violência.

Violência praticada e sofrida na escola. Um outro grupo de trabalhos se propõe a analisar o fenômeno da violência no cotidiano escolar, com ênfase nos atos praticados ou sofridos pelos jovens alunos, dentre outros objetivos. É o caso das dissertações de Lopes (2001), Corti (2002), Lírio (2004); Rodrigues (2005) e da tese de Camacho (2000), todas estas da área da Educação. Participam ainda deste agrupamento as dissertações de Castro (2002) e Silva (2006), oriundas da Antropologia.

Assim como no agrupamento analisado anteriormente, as pesquisas tendem a constatar que os atos de violência na escola ocorrem principalmente através das agressões e ameaças verbais, seguidas de agressões físicas, atos estes eminentemente de caráter relacional. Mas também foram detectados depredações do espaço físico, como pichações ou mesmo bombas. Vários chamam a atenção para a situação da sala de aula, que aparece na perspectiva dos próprios jovens alunos como um ambiente relacional desgastado pela bagunça, pelo descumprimento de regras e até mesmo pela ocorrência de brigas físicas em seu interior.

As análises, constataam que não há perfis muito diferenciados entre a condição de vítima e a condição de agressor, mas que há algumas nuances importantes, que dizem respeito à maior proximidade dos agentes nos circuitos da violência e também à sua maior propensão a utilizar a força na definição de situações conflituosas. Alguns dos trabalhos chamam a atenção para a diversidade presente dentre aqueles envolvidos nos atos de violência, marcadamente a geracional e a de gênero, apontando para a complexidade do fenômeno. Silva (2006), por exemplo, ao investigar a violência manifestada através da prática do *bullying* entre alunos, constata que há um envolvimento maior dos meninos nas redes das agressões, seja como vítimas, seja como agressores. Já as meninas, segundo ele, recorrem com frequência a formas de provocações como a difamação, o rumor e a manipulação das relações. Já Corti (2002) chama atenção para a diferença etária, ao constatar que há um envolvimento maior dos alunos do ensino fundamental nas redes das agressões, seja como vítimas seja como agentes, o que converge com outros estudos realizados em diferentes países. Para essa autora, ao falar em violência em ambiente escolar em termos de experiências, é preciso tratar das diferenças entre adolescentes e jovens.

Ainda nesta direção da diversidade, vale destacar a tese de Luiza Mitiko Yshiguro Camacho (2000), um dos poucos trabalhos sobre este tema que investigaram jovens de classe média. A sua pesquisa buscou compreender a violência praticada pelos alunos adolescentes no interior de uma escola da rede pública e em outra pertencente à rede privada de ensino, a partir de dados qualitativos e quantitativos. O seu trabalho apresenta uma análise consistente dos dados, baseando-se na Sociologia da Juventude e em autores da Sociologia da Educação.

A pesquisa nos mostra a existência de duas formas de expressão da violência: a física e a não-física. Em um esforço de classificar e comparar tais expressões nas duas escolas, a autora constata que as agressões físicas, sobretudo, aparecem mais no pátio da escola pública. Ali as brigas acontecem protagonizadas por aqueles alunos que se colocam como “diferentes”, estando presentes também em espaços como corredores ou mesmo no entorno da instituição. Já na escola particular predominam as agressões verbais e as formas mais sutis de violência como o preconceito, que aparecem mais na sala de aula, principalmente contra aqueles considerados “diferentes” do contexto social da maioria dos alunos. Deve ficar claro que essas combinações não se constituem em regras, e sim em tendências predominantes, pois outras associações também se mostraram possíveis.

Vários desses trabalhos evidenciam-se em suas conclusões que a violência escolar é expressão de uma crise da instituição escolar, explicada com argumentos e níveis de densidade teórica diferenciados. Para Lopes (2001), por exemplo, existe uma crise de identidade pela qual passa a instituição escolar como um todo e, mais especificamente, a relação professor-aluno. Ela discute que este fenômeno tem relações com a sociedade injusta e excludente em que vivemos, mas pode ser produzido ou ampliado no interior de cada escola por seus métodos e padrões de ensino. Nesta direção, Silva (2006) advoga que esta crise é resultado da homogeneização escolar, quando a escola, ao não levar em conta as especificidades sócio-culturais dos alunos, termina estimulando práticas de violência no ambiente escolar. Nesta discussão vale destacar novamente o trabalho de Corti (2002). Ela constata que a escola não é apenas um aparelho de reprodução das mazelas sociais do ambiente em que se situa, mas, ao contrário, também gera as suas próprias desigualdades e exclusões. Segundo a autora, as práticas dos agentes escolares e a dinâmica dos tempos e espaços no ambiente escolar acabam favorecendo situações de violência, que encontram solo fértil numa organização pouco regulada, onde as noções de justiça e autoridade são frágeis. Ela avança também ao estabelecer relações entre a juventude, a escola e as expressões da violência. Para Corti, a tensão que envolve a escola pública remete diretamente às relações entre os jovens e o modelo escolar vigente. A desmistificação da escolarização ocorre ao longo dos anos e atinge seu ápice no fim do ensino médio, momento em que os jovens se deparam com as poucas condições reais de mobilidade social ascendente, diante de uma escolarização já desvalorizada e pouco qualificada. Todo este processo tende a interferir na postura do jovem em sua relação com escola, bem como nos significados atribuídos a esta sua vivência. Neste sentido, segundo a autora, a prática dos agentes aparece associada a um tipo de gestão individual e particularista de uma insegurança que se inscreve no centro da experiência atual da juventude pobre, uma forma de gerir uma conjuntura existencial difícil, não só em função da crise social e econômica, mas sobretudo em função da dissolução dos vínculos intergeracionais tradicionais (a questão da autoridade) e da fragilidade do processo de socialização, frente à qual os sujeitos devem, de forma cada vez mais autônoma, construir suas experiências e sua identidade social.

Relação da violência intra e extramuros da escola. As dissertações de Araújo (2000), Cavalcanti (2006), Pinheiro (2006) e Ruduit (2005), esta última integrando a subárea da Sociologia, têm como objeto a análise das possíveis relações entre a violência ocorrida na escola com aquela que acontece fora da escola, seja na família ou na comunidade. Já Vieira (2002) buscou compreender como as mortes ocorridas em um bairro periférico repercutiam na comunidade escolar, seja junto aos adolescentes, aos professores ou aos pedagogos.

No geral, todas as pesquisas evidenciam que a realidade da violência que ocorre no meio social em que os jovens se inserem tende a penetrar os muros da escola, interferindo no cotidiano escolar, gerando de alguma forma um clima de insegurança. Para Araújo (2000), por exemplo, os jovens moradores de uma vila considerada violenta tendem a ser estigmatizados na escola. Assim as brigas acontecem na instituição escolar no sentido de mostrar o que eles são capazes de fazer para amedrontar colegas e professores. Não se trata de uma violência escolar no sentido de uma reação à instituição escolar, mas muito mais uma forma de demarcar espaços de poder. Em outra direção, Ruduit (2005) buscou relacionar a violência ocorrida na escola com as políticas pedagógicas da instituição, com a vivência e os valores familiares e com grupos de referência dos jovens. Constatou de uma forma um tanto linear que, quanto menos ações preventivas houver na escola, quanto mais violenta for a criação dos filhos e quanto mais práticas violentas de sociabilidades existirem entre amigos, tanto maiores serão as chances dos alunos desenvolverem práticas de violência interpessoal no espaço escolar.

Finalmente, existem 5 dissertações cujos temas não se encaixam nos agrupamentos anteriores. O trabalho de Lopes (2004) discute o fenômeno da violência em suas relações com as questões de gênero. A autora constata a existência da manifestação de comportamentos agressivos e violentos por parte das alunas, ocasionados quase que exclusivamente por questões afetivas e provocações verbais. Porém, tal fato não se reflete na constituição do estereótipo feminino na medida em que, quando uma menina apresenta um comportamento fisicamente violento, ela é sempre vista como exceção execrável à regra. Já o trabalho de Cordeiro (1999) objetivou descrever e analisar criticamente os resultados pedagógicos obtidos com a aplicação de medidas sócio-educativas pelo Juizado da Infância e Juventude aos alunos acusados de praticar atos de violência em uma escola pública. Concluiu que houve desvios entre as intenções e os resultados na aplicação das medidas, pois não foram desenvolvidas ações pedagógicas, e sim policiais, incluindo-se a prisão dos jovens, o que fugiria ao espírito do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente. Também envolvendo a polícia, a dissertação de Couto (2003) buscou discutir a concepção de alunos, professores e policiais acerca da intervenção policial em uma escola pública. Constatou que os jovens tidos como invasores da escola eram moradores da comunidade local e também alunos. Concluiu ainda que a polícia não tem uma definição clara do seu papel junto às escolas, não havendo critérios para decidir sobre os atos que demandariam ou não uma intervenção policial.

O trabalho de Nogueira (2000) buscou compreender o grau de aplicabilidade da proposta dos PCNs diante do fenômeno da violência. Constatou que apesar do problema da violência nas escolas estar presente e ser preocupante, as propostas de enfrentamento desta realidade incluídas no tema transversal da ética pouco ajudam de fato. Conclui assim que os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) estão distantes da realidade das escolas públicas e também do cotidiano de alunos e professores. Finalmente, o trabalho de Stephan (2005) vai na contramão das análises desenvolvidas até aqui, buscando compreender as vivências de paz no meio escolar e identificando as condições para que os sujeitos envolvidos possam buscar o desenvolvimento de culturas de paz. Constata que a maior preocupação da escola é reprimir a violência e proporcionar segurança à comunidade escolar, explorando-se muito pouco a resolução não-violenta de conflitos. Neste sentido, as ações pela paz na escola são predominantemente individuais.

O enfoque da indisciplina na escola

Um outro bloco de trabalhos apresenta 6 dissertações nas quais as tensões e os conflitos no interior da escola são analisados na ótica da indisciplina sem que se utilize a noção de violência. Muitas vezes os fenômenos são semelhantes àqueles analisados na seção anterior, porém ganham aqui novos contornos. Desta forma, os estudos de Nunes (2000); Sella (2002); Bortolás (2002); Mardones (2003), Oliveira (2004) e Romero (2005), todos oriundos da área da Educação, abordam a indisciplina e suas práticas entre alunos problematizando seus significados na visão dos discentes, caracterizando os alunos indisciplinados e buscando compreender as razões para a ocorrência da indisciplina a partir dos sujeitos que compõem a comunidade escolar; ou mesmo investigando a relação entre as regras de conduta, a autoridade e a disciplina na sala de aula. Parte desses trabalhos lança mão das contribuições de Foucault sobre a sociedade disciplinar, discutindo o papel da educação no estabelecimento de práticas de disciplinamento e controle existentes na escola.

Comparando-o com o primeiro Estado da Arte, podemos constatar uma diferenciação significativa deste segundo bloco, mesmo que haja alguma coincidência no enfoque teórico utilizado por alguns dos autores, como a abordagem foucaultiana, por exemplo. É o caso de quatro dissertações que se baseiam em Foucault para discutir o fenômeno da indisciplina. O trabalho de Nunes (2000) buscou compreender o que se entende por (in)disciplina na escola na visão de alunos do ensino médio, discutindo neste contexto as relações de poder e os próprios atos de indisciplina na escola. Já Mardones (2003) procurou investigar as manifestações de indisciplina em sala de aula, analisando as possíveis relações entre as regras de conduta, a autoridade e a disciplina. Nesta mesma direção, Romero (2005) pretendeu analisar a indisciplina escolar na ótica dos professores e alunos, discutindo sobre o papel da educação no estabelecimento de práticas de disciplinamento e controle. Finalmente, Bortolás (2002) pretendeu investigar a forma como a escola lida com o aluno indisciplinado, discutindo as relações de poder na escola.

De uma forma geral, todos eles evidenciam a tensão existente na escola, denotando a (in)disciplina como uma relação de forças num jogo de poder no interior da instituição. Concordam na constatação da complexidade do fenômeno, resultado de múltiplas variáveis. Alguns enfatizam a escola como geradora da indisciplina, resultado de aulas desinteressantes ou mesmo do excesso de tolerância dos professores. Mas também enfatizam as causas no aluno, referindo-se à falta de limites, à índole subjetiva de cada um e a influência da família. Neste sentido, a indisciplina não poderia ser explicada pela falta de conhecimento das regras, nem pela dificuldade em cumpri-las, nem mesmo por não considerarem as normas importantes, mas por um contexto histórico no qual vem ocorrendo transformações tanto na concepção quanto nas relações com o poder e a autoridade. Já Bortolás (2002) chama a atenção para o papel dos procedimentos disciplinares na construção social dos alunos, constatando também a existência de uma certa resistência aos códigos escolares através de suas micro-resistências no cotidiano escolar.

Os estudos de Oliveira (2004) e Sella (2002) abordam a indisciplina na escola como um fenômeno vinculado às relações sociais estabelecidas no ambiente escolar, tomando a relação professor-aluno como foco desta problemática. Oliveira se propõe a caracterizar o aluno indisciplinado, discutindo os fatores que geram tal perfil no contexto das aulas de Educação Física. Já Sella buscou compreender as manifestações de indisciplina no interior da sala de aula.

As conclusões não se diferenciam muito das anteriores. Atribuem as causas da indisciplina a múltiplos fatores, vistos de forma diferente por alunos e professores. Do ponto de vista dos alunos, as manifestações de indisciplina estão ligadas ao não atendimento de suas expectativas em relação à qualidade das aulas, sendo resultado da precariedade das relações pedagógicas. Para os professores, estariam relacionadas ao contexto social e familiar dos alunos, que favoreceriam as condutas sociais não aceitas no contexto escolar. Mas também apontam a escola como produtora de indisciplina, na medida em que não está articulada para oferecer parâmetros e limites para o seu aluno e, também, porque tendem a ignorar suas próprias normas prescritas.

Algumas reflexões sobre os estudos em torno das violências na escola

O tema da violência na escola acena para um campo de possibilidades de análise e de investigação no âmbito da Sociologia da Educação justamente por abranger aspectos importantes que dizem respeito à produção e à reprodução social, como é o caso da socialização, da educação escolar, da adesão e transgressão às normas sociais, das culturas e formas de sociabilidade juvenis e das relações intergeracionais, dentre outros. Aliada a uma relativa visibilidade, tanto na mídia quanto na realização de congressos e seminários, poderíamos esperar uma expansão das pesquisas nesta área. Contudo, tal fato não ocorreu, pois, como vimos, não houve um crescimento relativo nos números de teses e dissertações no período estudado.

No conjunto das pesquisas analisadas, fica evidente as dificuldades em definir a questão da violência escolar em razão dos seus múltiplos significados, encontrando-se uma ampla gama de definições sobre o fenômeno as quais muitas vezes se superpõem à noção de indisciplina. Como já apontamos anteriormente, em alguns estudos a novidade se expressiu na utilização da noção de incivilidade, inspirada sobretudo na obra de Débarbieux. Busca-se relativizar, assim, o peso muitas vezes estigmatizante da categoria violência. Entretanto, no interior da Sociologia da Educação de origem francesa, essa designação não é plenamente aceita. Os estudos de Agnes Van Zante preferem atribuir ao conjunto das práticas dos alunos a ideia de transgressão (Van-Zanten, 2000), reconhecendo o caráter midiático do fenômeno. Podemos questionar: por que será que um conjunto de condutas indisciplinadas que sempre aconteceram nas escolas passou a ser interpretado e classificado como violências? O que significa elevar a diversidade de condutas desviantes à condição de violência, fazendo com que alunos antes considerados indisciplinados passem a ser vistos como violentos?

De forma geral, a maioria das dissertações e teses analisadas tem como objeto empírico de análise os mecanismos intra-escolares de produção da violência, enquanto outras privilegiam os processos sociais externos, com destaque para o narcotráfico e para a suposta crise de valores que atinge o mundo juvenil. Apenas uma minoria articula as duas dimensões. A grande maioria das investigações ocorre em escolas públicas de periferia de centros urbanos, centradas em boa parte no ensino fundamental, tendo como público adolescentes das camadas populares. Já nas pesquisas que enfocam o fenômeno da indisciplina, o jovem de classe média é mais estudado.

Em relação às análises realizadas, podemos constatar duas tendências. Uma primeira tende a associar a violência cometida pelos jovens ao contexto familiar, de uma forma um tanto quanto linear, mesmo que em alguns casos chegue a levar em conta o contexto social em que aqueles se inserem. É interessante pontuar que, se o jovem pobre não aparece diretamente como “culpado” da violência, a sua família é assim vista. Tais estudos podem reforçar, mesmo que de forma implícita, um imaginário social que vincula a violência às camadas populares, ao pobre e quase sempre negro. Nesta direção, Arroyo (2004) adverte que, neste debate, o que fica em questão são os valores, o imaginário moral dos setores populares. Para esse autor, o que está em jogo é uma disputa simbólica instalada em relação ao olhar sobre as camadas populares e seus filhos. A consequência desta postura, segundo Arroyo, seria o “deslocamento da luta pela escola como direito ao conhecimento e à cultura para uma escola como agência adestradora, “moralizadora dos bárbaros”.

Este questionamento pode ser reforçado pelas próprias pesquisas, realizadas em diferentes países, que são unânimes em afirmar que na escola ocorrem menos crimes violentos em comparação com outros espaços (Debarbieux, 1996; Dubet, 2003, Peralva, 1997; Charlot, 1998) e que, nela, as agressões mais importantes são de natureza relacional, como aquela entre pares e aquela entre professor e aluno, as extorsões, as ameaças e as incivildades.

Uma outra tendência tende a ser mais consistente, explicitando as múltiplas variáveis que interferem na produção do fenômeno da violência, buscando articular a massificação escolar, a desigualdade social e a própria questão de gênero, dentre outros fatores. Nestas análises, os dados empíricos ganham destaque, ampliando o conhecimento sobre a magnitude e a tipologia dos incidentes que ocorrem na escola. Não por acaso, os jovens passam a ser vistos como atores cujas práticas gozam de relativa autonomia frente à estrutura social, sendo preciso buscar sentidos de sua ação nos contextos em que ela se inscreve. As trajetórias humanas, sociais e culturais dos jovens são de alguma forma explicitadas, possibilitando o conhecimento do contexto em que estão sendo socializados, superando as dicotomias entre bem e o mal. Nesta perspectiva, a ideia de uma violência puramente reativa à estrutura social e escolar se enfraquece e ganha novos contornos.

Nestas pesquisas há um alargamento das possibilidades de compreensão teórica, incorporando-se novos autores. Chama-se a atenção para a presença hegemônica da Sociologia da educação francesa, representada principalmente pelas obras de Debarbieux, François Dubet, Charlot, dentre outros. A denúncia da escola permanece, mas há uma mudança significativa de abordagem. Nos estudos do primeiro Estado da Arte, eram comuns as análises que insistiam no seu caráter autoritário e disciplinador, por exemplo. Esta abordagem pouco apareceu nos trabalhos atuais, nos quais a instituição escolar aparece como espaço não apenas de reprodução do que ocorre no contexto em que se insere, numa ideia de porosidade da instituição ao contexto social, mas também de produção da violência, quer pela fragilidade da sua dimensão pedagógica, sendo um espaço pouco atrativo aos jovens, quer pela dificuldade em lidar com a questão da autoridade e do disciplinamento. Neste sentido, a instituição aparece questionada na sua função socializadora.

Estas concepções guardam certa relação na forma como o jovem aparece nas pesquisas. Podemos constatar que, no geral, os estudos tendem a enfatizar a análise do fenômeno da violência nos quais o jovem aparece como vítima e/ou agressor, ao passo que em poucas dentre estas ele se constitui como o sujeito da análise. A tendência mais recorrente foi a de os pesquisadores restringirem-se a considerar a condição discente do público investigado, sem levar em conta outras dimensões constituintes da condição juvenil. Em várias dessas pesquisas não sabemos nem mesmo a idade dos pesquisados, apenas a série a que pertencem. Não por acaso, em tais estudos os sujeitos são descritos a partir da categoria “aluno” ou, mesmo quando se utilizaram os termos adolescente ou jovem, isto foi feito como uma variação de vocabulário, sem maior consistência analítica. Tal como no Estado da Arte anterior, podemos afirmar que para grande parte dessas pesquisas o jovem aparece como informante e não como sujeito da análise. Ainda nesta direção, é importante salientar que em boa parte delas os jovens alunos não foram os únicos sujeitos pesquisados, tendo-se incluído também os demais membros da comunidade escolar, como os professores, os diretores e até mesmo os funcionários.

Em uma tendência contrária, podemos citar vários estudos que se aprofundaram na análise dos sujeitos jovens. Os trabalhos de Queiroz (1999), Pinheiro (2006) e principalmente o de Laterman (1999) e Martins (2003), mesmo utilizando a noção de aluno, trazem uma delimitação precisa dos sujeitos investigados, com informações quanto a idade, sexo, composição familiar e perfil sócio-econômico dos mesmos, bem como a lazer, acesso à cultura, dentre outros elementos, de modo a fazer uma articulação da dimensão juvenil com as expressões da violência.

Significados atribuídos pelos alunos à escola e aos seus processos

Este subtema é composto por 39 produções, sendo 6 teses e 33 dissertações⁹ que têm como objeto comum a análise dos significados da escola e das práticas escolares para os sujeitos, sejam eles alunos e/ou seus professores. Nesses trabalhos aparecem reflexões em torno dos significados, sentidos e/ou representações sobre as trajetórias escolares e/ou a instituição escolar, seu cotidiano, suas práticas, as possíveis funções que cumprem, bem como as expectativas que nutrem em relação à escolarização.

Em relação ao Estado da Arte anterior, houve um pequeno decréscimo do número de trabalhos nesta temática. Naquele momento foram localizados 11 dissertações e 3 teses, significando 28% do total de trabalhos no tema Juventude e Escola. No estudo atual, os 40 trabalhos significam 21,3% do total, apontando a continuidade do interesse dos pesquisadores em discutir questões referentes às concepções que os jovens possuem em relação à escola e aos processos de escolarização. Chama a atenção a predominância de trabalhos que têm o ensino médio como campo empírico, significando 60% do total das pesquisas, o que pode ser expressão da recente expansão deste nível de ensino. Outro dado importante é a área de conhecimento em que se situam esses trabalhos, cuja grande maioria é oriunda da área da educação (92%), havendo apenas 3 dissertações defendidas em Ciências Sociais.

Em relação aos objetos específicos de pesquisa, podemos notar certa continuidade entre os dois estudos. No primeiro Estado da Arte os trabalhos foram agrupados em três eixos que contemplavam: as representações dos alunos sobre a escola, bem como os sentidos atribuídos às práticas escolares; a análise das necessidades expressas pelos alunos em relação à escola; e, finalmente, um último eixo, no qual os autores, além da análise dos significados da escola, discutiram a percepção dos alunos sobre algum tema específico; sejam as relações que eles estabelecem entre as vivências escolares e as experiências vividas extramuros; seja a percepção dos alunos sobre a questão da participação no

⁹ Neste subtema encontramos 4 trabalhos a que tivemos acesso apenas por meio de seus resumos. São eles: Cascaes (2003), Lopes (2003), Torquato (2002), Giordani, (2006).

cotidiano escolar; ou mesmo as representações dos alunos sobre o trabalho e a desigualdade social.

No estudo atual, foi possível agrupar os trabalhos em três grandes eixos que apresentam certa semelhança com a descrição acima. A maior parte dos trabalhos, como era de se esperar, foi agrupada no eixo *significado, sentidos e representações que o jovem atribui à escola e/ou à trajetória escolar*, que apresenta uma clara continuidade temática, apesar das diferenças existentes no aporte teórico e consequentemente na abordagem realizada. Um segundo eixo agrupa os trabalhos que têm em comum a discussão sobre os *significados que os jovens alunos atribuem à relação que estabelecem com a escola e com os seus sujeitos*, principalmente o professor. Finalmente, encontramos um grupo de trabalhos que têm como eixo *os sentidos que os jovens atribuem à relação com o saber e com sua formação*.

A seguir, faremos uma descrição analítica dos trabalhos agrupados nestes eixos, assim descritos.

Significados, sentidos e representações que o jovem atribui à escola e/ou à trajetória escolar. Estão agrupadas aqui 21 dissertações e 4 teses que buscaram analisar de alguma forma os significados, sentidos e representações que o jovem atribui à escola e/ou à trajetória escolar, algumas delas destacando as expectativas, as demandas ou mesmo uma avaliação da experiência escolar vivenciada.

Deste conjunto, as pesquisas de Lins (2000), Fernandes (2003), Cascaes (2003), Oliveira (2006) e Castro (2004), da Antropologia, trabalham especificamente com a teoria das representações sociais, baseada principalmente em Moscovici (1978, 1995) e Jodelet (1988, 1997, 1998), dentre outros, com densidades teóricas diferenciadas. Buscam compreender as representações sociais de jovens alunos acerca da escola e do processo de escolarização, alguns destacando também a questão da qualidade na educação ou mesmo a representação do que seja uma “boa escola”.

As pesquisas tendem a constatar que os jovens alunos possuem uma representação positiva da escola, o que não significa que não explicitem as críticas tanto à infra-estrutura quanto à qualidade do ensino. Há um reconhecimento das deficiências, mas estas não impedem de identificar e ressaltar as potencialidades da experiência escolar. Esta positividade fica mais patente no caso das escolas próximas de áreas rurais.

É o caso da tese de Fernandes (2003), que pesquisou jovens alunos do sertão da Paraíba. A partir de uma pesquisa consistente e bem fundamentada na teoria das representações sociais, constatou que, para os sujeitos pesquisados, a escola é uma instituição social carregada de positividade e de sentido. A escola é adjetivada pelos jovens estudantes como boa e é representada como um lugar de estudo e de aprendizagem de saberes, sendo lugar também de diversão e de amizades. Ao mesmo tempo, evidencia uma postura crítica por parte dos alunos quanto a várias dimensões da realidade escolar, desde a falta de políticas públi-

cas de preservação, ampliação e aparelhamento das escolas, quanto ao sentido atribuído à escola, esta é percebida como um “campo de sonhos de futuro”, onde os jovens estudantes acreditam que, dedicando-se ao processo de escolarização e conseguindo concluí-lo, terão um bom futuro, uma crença pouco problematizada nas promessas da educação.

Neste mesmo eixo, um outro grupo de trabalhos Delgado (2000), Nascimento (2001), Machado (2004), Garcia (2004) e a tese de Andrade (2004) enfatizam a análise dos significados das trajetórias escolares de alunos da EJA ou de cursos supletivos, discutindo também as suas expectativas e o sentido da escola. Esses autores tendem a constatar que, para os alunos, o significado da escola vai muito além de um espaço para ‘aprender’: representa esperança, autoestima, aceitação, realização pessoal e ascensão social. Mas a tendência em constatar a positividade da experiência escolar não elimina os entraves detectados. É o caso do trabalho de Delgado (2000), que explicita, a partir dos depoimentos dos alunos, as lacunas e os equívocos das propostas educativas dos centros de estudos supletivos, que, embora recebam uma clientela diferenciada do ensino regular, tendem a desprezar as suas especificidades. Já outros, como Nascimento (2001), desenvolvem uma discussão consistente em torno do fenômeno da juvenilização no ensino supletivo tanto privado quanto público. Para a autora, o desencanto dos jovens com a escola ‘regular’, a ausência de políticas públicas eficientes na área da educação, a repetência, os traumas escolares, os problemas familiares e econômicos são alguns dos fatores determinantes na escolha destes jovens pelo ensino supletivo.

Vale destacar a tese de Andrade (2004), que discute o universo que compõe a Educação de Jovens e Adultos, privilegiando o sentido da escolarização vivenciada pelos jovens alunos das escolas públicas noturnas. O trabalho apresenta uma metodologia consistente, lançando mão de instrumentos quantitativos, com aplicação de *survey* a alunos, professores e diretores de escolas e também qualitativos, com grupo focal e entrevistas. As suas conclusões vêm reforçar aspectos já apontados nos estudos anteriores. Um primeiro é a desconstrução dos estereótipos relacionados aos jovens, principalmente os pobres. Para a autora, os jovens pesquisados, ao contrário das imagens negativas existentes, exibem um caráter construído a partir das necessidades que regem seu cotidiano, marcado por muitas responsabilidades e tarefas. Demonstram também um esforço enorme em retornar ou permanecer na escola. Ainda que identifiquem a precariedade da escolaridade que lhes é oferecida, tendem a justificá-la, encontrando explicações para o seu fracasso; afinal, reforça a autora, desvalorizar a escola que lhes é permitida significa desvalorizar a si mesmos. É recorrente o fato de os jovens assumirem uma posição de culpa face aos insucessos e fracassos experimentados no mundo da escola, como se tal situação tivesse um cunho individual e não uma relação direta com a trajetória que marca os que vivem em condição de exclusão. Também é comum que essa juventude identifique as ideias de “sonhos” e de “futuro” com uma difícil possibilidade de emprego, sem relacionar tal dificuldade aos aspectos de ordem

econômica, política e social. De um modo geral, Andrade revela que os jovens da escola noturna de EJA são tratados como uma massa de alunos, sem identidade. Reflexo disto pode ser percebido nos procedimentos e práticas pedagógicas que, de um modo geral, não centram os processos pedagógicos nesses sujeitos. Neste sentido, a escola continua reproduzindo uma estrutura de desigualdades sociais, apontando para a divisão dos sistemas educacionais, à semelhança das diferenças existentes em nossa sociedade. Os jovens pobres continuam a dispor do ensino noturno e da educação de jovens e adultos, porém ambos se caracterizam pela sua condição periférica.

Ao mesmo tempo, revela a autora, a escola continua sendo um espaço privilegiado de encontro e socialização, apesar de sua inadequação às necessidades desses jovens. A partir dela e dos locais onde vivem, os jovens se organizam em grupos, vivenciam processos de aprendizagem, sociabilidade e, conseqüentemente, de afetividade.

Finalmente, um último grupo de trabalhos, ainda neste eixo, reúne 2 teses e 13 dissertações que apresentam em comum a análise dos significados, dos sentidos ou mesmo do lugar ocupado pela escola na vida dos jovens, discutindo também as expectativas e demandas dos jovens em relação à instituição escolar. É o caso das teses de Giovinazzo Jr. (2003) e Matos (2001) e das dissertações de Barbosa (1999), Silva (2000), Araújo (2001), Castro (2002), Bomfim (2003), Lopes (2003), Toledo (2003), Almeida (2004), Coelho (2004), Garcia (2005), Machado (2005) Mancin (2005) e Torquato (2002), da Sociologia.

Este conjunto de trabalhos apresenta um esforço em compreender a relação dos jovens com a escola, analisando a complexidade do cotidiano escolar na ótica dos alunos. Estas pesquisas, apesar das questões específicas diferenciadas, tendem a constatar em comum uma atribuição de significados positivos à escola por parte dos jovens, vista como espaço de acesso ao conhecimento, mas, principalmente, como uma “promessa” de um futuro melhor, através de uma inserção profissional mais qualificada. Isto não significa que não haja críticas, destacadas em várias destas pesquisas, desde à qualidade do ensino oferecido, à distancia dos conteúdos com a realidade vivenciada até mesmo a questões de infra-estrutura. Contudo, ao contrário do senso comum, a postura dos jovens tende a uma valorização da instituição escolar. Foi muito enfatizado também o significado da escola na sua dimensão de sociabilidade, sendo valorizado o espaço de convivência social e de encontro com os colegas e amigos.

Em alguns desses trabalhos foram reforçadas as demandas dos jovens em relação à escola, como no de Silva (2000), por exemplo, quase sempre relacionadas à postura do professor, à qualidade das aulas e também à infra-estrutura das escolas. É importante chamar a atenção para uma das conclusões desse autor, que aponta para uma diferença de posições dos alunos relacionada à série que frequentam, no caso do ensino médio. Segundo Silva, a postura crítica dos alunos tende a se diluir no transcorrer do ensino médio, com uma diminuição das reclamações contra a escola, na mesma proporção em que os alunos parecem ter menos esperanças

das contribuições da escola para com suas vidas. Tal constatação questiona uma tendência generalizante das pesquisas, que na maioria das vezes não levam em conta a diversidade existente no universo pesquisado.

É importante ressaltar que neste contexto de constatações mais amplas, vamos encontrar ênfases diferenciadas, de acordo com o campo empírico escolhido: se jovens das camadas populares ou da classe média, por exemplo, mas também de acordo com a densidade teórica desenvolvida pelo pesquisador, o que possibilita uma análise que ultrapassa a mera descrição da opinião dos jovens, realidade comum a vários desses trabalhos.

Um exemplo destas diferentes abordagens é o trabalho de Barbosa (1999), que analisou os sentidos que os jovens atribuem à escola e ao conhecimento em uma escola técnica federal do Rio de Janeiro, ou seja, com um universo empírico bem específico, grande parte de cujos alunos é oriunda das camadas médias. Partindo de uma análise baseada na Sociologia da Educação, com ênfase em autores como Charlot (2000), Dubet e Martuccelli (1994), Perrenoud (1995), dentre outros, a autora constata que a maior demanda dos jovens é para que a escola invista nos conteúdos para o vestibular, o que deixa evidente, como marca da experiência escolar desses jovens, a acentuada relação estratégica que mantêm com a escolaridade. Para a maioria do grupo pesquisado, o sentido da escola reside na reconstrução cotidiana que fazem das dimensões do conhecimento e do encontro, na articulação de ambas em favor de uma identidade juvenil, que não abre mão das perspectivas do futuro associadas às aprendizagens escolares, mas que ressignifica o espaço escolar, considerando inúmeras possibilidades de prazer e divertimento.

Uma outra abordagem é a tese de Giovanizzo (2003), que pesquisou alunos das camadas populares. Esse autor pretendeu analisar em que medida a experiência escolar determina a formação dos alunos adolescentes, discutindo os significados atribuídos por eles às experiências escolares. Diferentemente da grande maioria dos trabalhos sobre este tema, Giovanizzo baseou sua análise na chamada Teoria Crítica da Sociedade, de inspiração marxista, fundamentando-se em autores da Escola de Frankfurt. Para o autor, a educação oferecida pelas instituições escolares visa, predominantemente, à adaptação do aluno à sociedade, entendida como a sua adequação aos padrões culturais ou às tendências modernizantes da sociedade de base tecnológica ou, ainda, às exigências do mundo do trabalho. A educação escolar está baseada apenas na integração e na adesão dos indivíduos à ordem estabelecida. Em decorrência, a escola constitui mais um obstáculo no caminho dos alunos rumo à autonomia, já que a formação propriamente dita é relegada a um segundo plano ou é encarada como a adaptação às necessidades sociais.

Já a tese de Matos (2001) teve como objeto empírico alunos de escolas públicas e privadas e discutiu os significados da escola para os jovens. Com uma metodologia consistente, envolvendo instrumentos quantitativos e qualitativos, a autora desenvolveu uma análise centrada nos jovens como sujeitos, buscando articular a experiência escolar às outras dimensões sociais, como a família, a sociabilidade e o trabalho, dentre outras. Tendo como base teórica a Sociologia da Educação,

Matos constata que os jovens estão atualizados com os temas “do seu tempo” e, principalmente, que “não temem mostrar o que pensam quando lhes são dadas oportunidades para falarem”, chamando a atenção para a importância do diálogo intergeracional, ainda pouco exercitado. Evidencia também que os jovens, tanto da escola pública quanto da escola privada, têm posições semelhantes sobre o significado da escola, baseadas no discurso de senso comum sobre o valor da educação formal. Neste sentido, a escola foi considerada importante para todos eles, significando a preparação para o futuro relacionado à dimensão profissional. Mas também foi valorizada a sociabilidade, um espaço de encontro e ampliação de relações. Finalmente, a escola foi reconhecida também como um espaço de troca de conhecimentos. Reconhece-se a centralidade do professor, mas demandam-se conteúdos mais significativos, próximos da realidade e aulas mais “movimentadas”, utilizando novos meios para estimular o envolvimento do aluno.

A relação do jovem com a escola e seus sujeitos. O segundo eixo temático reúne uma tese (Oyarzabal, 2006) e 6 dissertações (Souza, 2001; Silva, 2003; Machado, 2004; Camargo, 2000; Mourão, 2006 e Giordani, 2006) que têm como foco a análise dos significados atribuídos à relação que os jovens (e/ou suas famílias) estabelecem com a escola e seus sujeitos, em especial com os professores.

Todas essas análises tiveram como universo empírico escolas públicas, na sua maioria de ensino médio. Boa parte delas apresenta uma construção metodológica frágil, com a tendência em apresentar a posição dos alunos na forma de opiniões que não passam pelo crivo de uma análise teórica mais consistente. Porém, contribuem para a compreensão da relação dos jovens com a escola ao reiterarem as críticas que já vinham sendo levantadas nos estudos analisados anteriormente.

No geral, os trabalhos deste agrupamento tendem a apontar uma crítica em relação à escola. Os jovens demonstram uma reflexividade acerca das suas condições sócio-econômicas e percebem o quanto este contexto interfere na qualidade da educação a que têm acesso. Destacam a inadequação do ensino em relação à realidade em que vivem, de tal forma que a escola não os vem preparando nem para o vestibular nem para que consigam uma vaga no mercado de trabalho. Muitos percebem estar aí uma das causas das crescentes evasão e repetência. Reconhecem a importância do professor no processo de ensino e aprendizagem e demandam docentes mais qualificados e principalmente motivados, capazes de ministrar aulas dinâmicas e interessantes. Em suma, demandam uma educação de qualidade. Deste conjunto, a dissertação de Souza (2001) se destaca pela qualidade teórico-metodológica da pesquisa realizada. A autora, da área da Sociologia, buscou investigar as relações de jovens alunos do ensino médio com a escola, problematizando a dimensão socializadora da instituição escolar. Baseando-se em uma extensa bibliografia sociológica, além de autores da Sociologia da Educação, Souza desenvolve uma reflexão sobre a crise da escola, a conduta juvenil dentro e fora do ambiente escolar e, em última instância, sobre o comportamento do próprio indivíduo na sociedade contemporânea, com base em depoimentos obtidos

de jovens de escolas públicas. Nesta análise, a autora tende a romper com a linha de pensamento que considera a escola um ambiente disciplinador, identificando a fragilidade e o descrédito da instituição em nossos dias. A regulação do estabelecimento escolar, feita por meio de regras instáveis, favorece um comportamento de adaptação por parte dos alunos, cujo requisito fundamental é a habilidade de aprender a aprender, no sentido de aprender a identificar a estratégia mais adequada para alcançar determinado fim. Ao contribuir para o desenvolvimento desta habilidade, a escola desempenha uma função socializadora fundamental na contemporaneidade, marcada por instabilidade, flexibilidade, crise de autoridade e de critérios (Souza, 2003). Neste sentido, a autora avança na compreensão do papel que escola vem exercendo para os jovens na atualidade.

Já o trabalho de Oyarzabal (2006), a única tese deste agrupamento, toma uma direção um pouco diferente. A autora buscou conhecer os sentidos discursivos enunciados na atualidade pelos professores, pais e alunos do ensino fundamental de escolas públicas municipais da cidade de Porto Alegre/RS sobre a escola por ciclos. Baseando-se na Análise de Discurso proposta por Michel Pêcheux (Pêcheux, 1997; Orlandi, 1999; Gadet e Hack, 1997), a autora constata a existência de contradições entre os sentidos discursivos de professores, de pais e dos alunos enunciados acerca da escola por ciclos, evidenciando concepções pedagógicas diferenciadas desses atores, bem como o desconhecimento dos pais e alunos a respeito da lógica da organização dos ciclos.

A relação do jovem com o saber e sua formação. Finalmente, o terceiro eixo reúne uma tese (Silva, 2006) e seis dissertações (Oliveira, 1999; Trevas, 2003; Almeida, 2004; Rebel, 2004; Ferreira, 2006 e Silva, 2006) que buscam analisar os sentidos que os jovens atribuem à relação com o saber e com a sua formação.

Os trabalhos de Silva, Rebel e Ferreira trabalham especificamente com a relação dos jovens com o saber. Vale destacar a tese de Silva, que investigou a experiência escolar de um grupo de jovens de uma escola pública de ensino médio, procurando compreender as aproximações e os distanciamentos entre os saberes pessoais dos jovens e os saberes propiciados pela instituição escolar. Para tanto, articulou duas perspectivas de análise: as que focalizam a cultura juvenil (Sposito, 2003, 2005; Abramo, 2005) e as que investigam a relação dos jovens com o saber, inspiradas principalmente na Sociologia da Educação francesa (Charlot, 2005; Bautier, Charlot e Rochex, 2000).

Segundo Silva, os jovens pesquisados têm uma vida social e cultural restrita e esperam ter acesso, na escola, aos saberes e a um espaço de sociabilidade e vivência de sua condição juvenil que não obteriam fora dela. Reivindicam uma ampliação de suas referências culturais e informações que os auxiliem na construção de seus projetos futuros. Contudo, constata a autora, a valorização da instituição escolar não garante que estes jovens encontrem sentido no trabalho escolar realizado. Ao contrário, eles não estariam preparados para compreender e valorizar

aspectos específicos do trabalho de apropriação dos saberes escolares como, por exemplo, a organização e os hábitos de estudo, os saberes para pesquisar, etc., o que tende a gerar uma gradativa perda de adesão à escola. Reforçando outras pesquisas já comentadas neste subtema, estes jovens pesquisados reivindicam que os saberes escolares se articulem com suas próprias referências, para que possam reconfigurá-las, o que incide sobre os modos de trabalho dos professores que deveriam promover o diálogo entre os saberes pessoais e os saberes escolares, contribuindo para a construção de seus projetos pessoais.

Já o trabalho de Oliveira (1999) se destaca pela temática abordada. A autora buscou investigar como se processam, em ambientes escolares díspares – escola particular e escola pública –, a prática pedagógica e a vivência dos jovens alunos, discutindo a visão destes sobre sua própria escolaridade. Focada nas relações sociedade-escola, a autora revela quatro categorias básicas de análises que emergiram como as mais significativas: a presença da família dos alunos como referencial no processo de escolarização e o relacionamento das mesmas com a escola; a trajetória dos professores das diferentes escolas e sua interação com os alunos; as experiências de preconceito e discriminação dentro e fora da escola e a maneira como cada instituição julga a indisciplina praticada por seus alunos.

Programas e propostas educativas sob a ótica dos alunos

O subtema *Programas e Propostas educativas sob a ótica dos alunos* reúne 35 trabalhos,¹⁰ sendo 33 dissertações e 2 teses, praticamente todas oriundas da área da Educação, sendo apenas uma delas da área de Serviço Social. Em termos gerais, este conjunto de trabalhos apresenta em comum a análise e/ou a avaliação de propostas político-pedagógicas de Programas públicos voltados para um determinado nível de ensino (ensino médio, EJA, etc.) ou mesmo de um projeto educacional a partir das representações, vivências e expectativas dos sujeitos, sejam eles alunos e/ou professores. Inclui também a análise e/ou a avaliação de experiências educativas diversas ocorridas na escola, sejam elas relacionadas às diferentes disciplinas ou às ações artístico-culturais, além de aspectos do processo de ensino-aprendizagem tais como a avaliação ou a construção de valores éticos.

No Estado da Arte anterior¹¹ este mesmo subtema possuía 10 trabalhos, o que significava 20% do total daqueles analisados no tema, permanecendo muito

¹⁰ Neste subtema encontramos 9 trabalhos a que tivemos acesso apenas por meio de seus resumos. São eles: Massulo (2002), Moreira (2004), Antunes (2000), Motta (2002), Greco (2000); Alves (2005); Mattos (2002), Porcaro (2006) e Mota (2004).

¹¹ Reforçamos aqui que as comparações que faremos ao longo deste texto têm um sentido apenas de apontar tendências dos estudos neste período de tempo, com ênfase na área de Educação. Como a abrangência das áreas de conhecimento foi diferenciada nos dois estudos, elas não são passíveis de uma comparação quantitativa.

próximo no estudo atual (18,1% do total). Mas o número absoluto de pesquisas aumentou significativamente, bem como ocorreu uma maior diversificação dos temas investigados. No primeiro estudo, a ênfase dos trabalhos recaiu basicamente sobre a avaliação de um determinado programa ou nível de ensino, tema presente apenas no primeiro eixo temático deste subtema, *As implicações de programas e projetos na formação do aluno*. O restante dos trabalhos neste estudo atual foi agrupado nos eixos *As práticas educativas na ótica dos alunos* e *As práticas de ensino escolares na ótica dos alunos*, com problemáticas que não apareceram no estudo anterior. A seguir, faremos uma descrição analítica dos trabalhos a partir destes eixos temáticos, assim elencados.

As implicações de programas e projetos na formação do aluno. Este primeiro eixo agrega 8 dissertações que buscaram analisar as possíveis implicações na formação dos alunos de Programas públicos voltados para o ensino fundamental, médio e EJA (Neto, 2002; Silva, 2004 e Chagas, 2003) ou projetos político pedagógicos de uma determinada escola, seja pública ou particular, sob a ótica de alunos e/ou professores, expressas nos trabalhos de Tolotti (1999), da área de Serviço Social, Vasconcellos (2004), Fagundes (2003), Braz (2004) e Massulo (2002).

Este conjunto de trabalhos, mesmo levando em conta as diferenças existentes de acordo com a ênfase dada a uma determinada dimensão, tende a constatar a existência de uma distância entre os objetivos proclamados pelo Programa ou projeto e sua prática efetiva. O foco da análise é o programa ou o projeto político pedagógico da escola, sem levantar questões teóricas mais densas a partir da realidade pesquisada.

Neto (2002), por exemplo, ao analisar o Programa Escola de Paz no Rio de Janeiro, evidencia as dificuldades de participação dos jovens e da comunidade no espaço escolar e constata que não houve uma mudança expressiva nas relações hierárquicas na escola a partir do Programa. Já Tolotti (1999), a única pesquisadora da área de Serviço Social, ao analisar uma instituição educacional de caráter filantrópico, desenvolve seu estudo a partir dos teóricos da educação e do trabalho, como Frigotto (2003) ou Kuenzer (1997, 1998) e toda uma bibliografia centrada no ECA, expressão da sua área de origem. Mas também evidencia as discrepâncias entre o que diz o ECA, a proposta da escola e os depoimentos dos professores e dos adolescentes, criticando a ênfase excessiva na formação profissional em detrimento de uma formação mais geral, além de constatar a pouca participação dos adolescentes no cotidiano escolar.

Vale destacar que, dos quatro trabalhos que tem o ensino médio como universo empírico, apenas dois tratam das consequências da expansão deste nível de ensino, uma questão relevante nesta década. Um deles, o de Silva (2004), analisa a proposta de expansão do ensino médio em Sergipe, evidenciando que esse fenômeno tomou as mais variadas formas no Brasil, grande parte delas marcada pela precariedade, uma resposta paliativa à pressão da sociedade pela

ampliação de vagas no ensino médio, como foi o caso da proposta analisada. Outro desses é o trabalho de Vasconcellos (2004), que desenvolve uma discussão mais consistente sobre as consequências da expansão do ensino médio. Esta discussão ocorre no contexto da análise da experiência de uma escola pública que desenvolve uma série de projetos extra-escolares, buscando entender o seu impacto na construção da identidade dos alunos. Baseando-se na Sociologia da Educação, em autores como Dubet (1999,2002), Charlot (2001) ou Van Zanten (2002), a autora constata que os projetos desenvolvidos na escola causam pouco impacto no currículo oficial, sendo vistos como uma estratégia de reprodução social em um contexto de massificação da escola pública. Por outro lado, evidencia as suas possibilidades enquanto espaço de sociabilidade e a criação de uma nova relação dos jovens com o saber. O seu trabalho contribui para uma reflexão crítica dos limites e possibilidades da implantação de projetos extra-escolares, quase sempre vistos como uma “salvação” da escola.

Este conjunto de trabalhos nos informa sobre os limites e possibilidades de um determinado projeto político pedagógico, porém suas reflexões pouco contribuem para uma compreensão mais densa da própria instituição escolar.

As práticas educativas na ótica dos alunos. Um segundo eixo de trabalhos, com 10 dissertações e uma tese, apresenta em comum análises de práticas pedagógicas, ocorridas no cotidiano escolar, na ótica dos alunos, com enfoques diversos. Os trabalhos de Moreira (2004) e Virgílio (2003) enfocam a relação dos alunos com o saber, discutindo a partir daí o sentido da escola para os jovens. Já as dissertações de Mendes (2006) e Silva (2002) analisam as práticas docentes e as concepções educacionais que as informam na ótica dos alunos e professores, buscando também, no caso de Silva, apreender a noção de adolescência presente entre os educadores.

Os trabalhos tendem a mostrar o distanciamento dos jovens em relação à escola. Na relação com o saber, evidenciam a desmotivação dos alunos que enxergam a escola não tanto como um espaço de construção do saber, mas sim como um meio para se conseguir um futuro melhor. É importante pontuar que as análises não mais culpabilizam o aluno, fato comum nos trabalhos do Estado da Arte anterior, porém tendem a responsabilizar a instituição escolar, que contribuiria com esta realidade ao não respeitar as diferenças e diversidades existentes entre os alunos, além de denunciar a falta de recursos pedagógicos e a precariedade da infra-estrutura. A partir dos depoimentos dos alunos, chama-se a atenção para a ênfase dada por eles à relação com seus professores como condição para o processo de aprendizagem, evidenciando a importância da renovação do olhar docente sobre o aluno desta etapa escolar. Silva (2002) também nos mostra que a cultura dos adolescentes, dos professores e formadores é quase invisível. Suas vozes são silenciadas, afirma a autora, pois eles não são levados em consideração como sujeitos de seus processos, com a negação de suas vivências específicas e de seus saberes anteriores.

Ainda neste eixo temático, as dissertações de Kossatzs (2006), Costa (2004), Motta (2002), Schlickmann (2002), Antunes (2000) e a tese de Rezende (2006) apresentam em comum a análise da dimensão ética ou de valores no cotidiano escolar, algumas abordando especificamente a relação entre professor e aluno. Boa parte deles baseia-se na matriz filosófica, com a construção do marco conceitual de ética, além de discutir a relação da ética e da moral na educação brasileira. Boa parte destas pesquisas foi motivada pela discussão dos temas transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – e não tanto por uma problematização construída a partir da realidade escolar. Eles constatarem a existência de uma variedade de concepções entre alunos e professores sobre a ética, porém com alguns pontos em comum, como as concepções de justiça, liberdade e respeito mútuo, considerados indispensáveis no cotidiano escolar. Mas também evidenciam a crise de valores éticos no contexto da sociedade globalizada, chegando a denunciar o “poder de sedução” da indústria cultural. Em relação aos educandos, observa-se uma associação de valores com a prática docente relacionados à competência do professor(a) e, até mesmo, à aprendizagem e à construção do conhecimento. Contudo, ressaltam a importância dos professores na construção de valores por parte dos alunos.

As práticas de ensino escolares na ótica dos alunos. Este último eixo agrega 12 dissertações e uma tese que têm em comum a análise da prática de ensino de uma determinada disciplina escolar, enfatizando de alguma forma o olhar do aluno sobre ela. É importante ressaltar que neste estudo não foram considerados os trabalhos no campo da didática e do ensino, uma vez que eles se voltam mais para os aspectos relativos ao processo de ensino-aprendizagem. As investigações analisadas neste item foram incluídas porque, ao examinarem aspectos do processo de ensino, ampliaram o foco da análise, voltando-se para o exame dos alunos de modo mais abrangente.

As dissertações de Greco (2000), Medeiros (2002), e Oliveira (2006) discutem como os alunos se relacionam com determinada disciplina escolar e seus professores, respectivamente geografia, história, ciências e matemática, analisando ainda como os jovens concebem tais áreas do conhecimento. Já os trabalhos de Vinhais (2006), Alves (2005), Dante (2006) e Lopes (2004) se propõem a investigar um determinado projeto desenvolvido nas áreas de ciências, linguagem, literatura e história, respectivamente, mas vão além da questão curricular, discutindo os seus possíveis resultados na ótica dos alunos. Estas investigações tendem a desenvolver suas análises partindo de uma bibliografia específica sobre a prática de ensino de cada uma destas áreas do conhecimento, seja história, geografia, ciências, matemática ou a linguagem, articulando-a com a teoria pedagógica e a literatura sociológica, com níveis bem diferenciados de aprofundamento. Para além das especificidades de cada área, chama a atenção a constatação, em vários desses trabalhos, de que um dos principais problemas da escola está situado na relação entre professor e aluno, entendida ora como falta de diálogo, ora como “vazio

pedagógico” ou ainda como discrepância entre espaço e tempo. Tendem a apontar a necessidade de o professor conhecer melhor seus alunos, sua realidade e suas demandas próprias, de modo a superar a tendência de culpabilizar estes últimos. Outra constatação comum é a distância existente entre os conteúdos curriculares e a realidade dos alunos, uma das causas apontadas para a desmotivação destes.

A tese de Goedert (2005) é um bom exemplo deste eixo temático. A autora pretendeu verificar como se enredam as práticas culturais juvenis às práticas escolares de Educação Física, focalizando o significado da cultura jovem na constituição da educação física como disciplina escolar. Parte de uma reflexão consistente sobre a juventude como categoria sócio-histórica e cultural, baseando-se em autores como Margulis (2000), Abramo (1994, 2004), Sposito (1997,2002) e Peralva (1997), dentre outros. Aponta as possibilidades de inserção do sujeito jovem no contexto escolar, o que promoveria a constituição do sujeito jovem escolar. Neste processo, faz um esforço para articular analiticamente a cultura jovem, a educação física e a escolarização. Constata que as disciplinas escolares se constroem com a participação da cultura juvenil no chão da escola e nas relações com os diferentes elementos que compõem o código disciplinar da Educação Física. Ao mesmo tempo, afirma que a escola também “cria” culturas juvenis que se destacam nos modos que dão sentido às formas de se viver a condição juvenil. Contudo, é interessante assinalar que a autora não consegue refletir no plano empírico o que aponta no plano teórico. Ao tratar dos jovens pesquisados, não delimita nem analisa o perfil destes, muito menos os analisa nas suas variadas expressões. Mesmo afirmando a ideia de juventudes, no momento da análise tende a cair na generalidade do jovem na escola.

Ainda neste eixo temático, as dissertações de Matos (2003), Araújo (2005), Mattos (2002), Porcaro (2006) e Salva (2003) partem de uma mesma área de conhecimento, a arte educação e analisam um determinado projeto pedagógico desenvolvido respectivamente através do teatro, da música e da dança, perguntando-se pela importância da linguagem artística na formação dos alunos. Partindo de abordagens teóricas diversas, as pesquisas convergem na constatação da importância da arte na construção de espaços de sociabilidade entre os jovens, no desenvolvimento da criatividade e a sua interferência na construção das suas identidades, apontando para a possibilidade transformadora da arte.

Neste conjunto, o trabalho de Salva (2003) se destaca pela densidade teórica, sendo o único que procura fazer uma análise dos sujeitos da pesquisa, trabalhando com a noção de adolescência baseada em Melucci (1996, 2001) e Calligaris (2001). Ela se propõe a fazer uma análise acerca do espaço escolar e da corporeidade dos adolescentes, com alunos integrantes de um grupo de dança na escola. Utilizando-se de observações de campo, fotografias, vídeos e entrevistas, nos mostra que a dança contribui para ressignificar o espaço escolar para os alunos, que, segundo ela, querem aprender, mas se contrapõem ao modo como a escola lida com o conhecimento.

Finalmente, três dissertações não se encaixaram em nenhum dos agrupamentos realizados acima. Os trabalhos de Mota (2004) e Furlan (2006) buscam discutir

os significados da avaliação da aprendizagem escolar a partir da ótica dos alunos do ensino médio e, no caso de Furlan, também dos professores. Constatam que as concepções de alunos e professores convergem para a compreensão da avaliação como verificação de conteúdo programático associado à mensuração de aprendizagem, privilegiando a quantificação da aprendizagem do aluno, ou seja, entende-se a avaliação de aprendizagem como verificação pontual do conteúdo aprendido. Já a dissertação de Castro (2000) focalizou a eficiência no uso, pelas escolas de ensino médio da rede pública do Distrito Federal, dos recursos educacionais espaço e tempo, discutindo, sem maior densidade teórica, propostas de utilização racional da escola de forma a absorver a expansão das matrículas.

As relações sociais no cotidiano escolar

O subtema *As relações sociais no cotidiano escolar* reúne 26 dissertações e 4 teses¹² que analisam de alguma forma as relações sociais no cotidiano escolar, principalmente aquelas que ocorrem dentre os próprios alunos e/ou destes com os professores. De acordo com a ênfase temática, podemos subdividir o conjunto dos trabalhos em três grandes eixos: *As relações de poder e/ou discriminação existentes no cotidiano escolar*; *As Relações entre professores e alunos e as possíveis repercussões no processo de ensino e aprendizagem* e, finalmente, *As relações sociais no cotidiano escolar, com ênfase nas expressões próprias dos jovens, sejam as culturas juvenis, seja a sociabilidade*.

No Estado da Arte anterior, este eixo temático não fora colocado, a não ser por cinco dissertações, inseridas no tema *O Aluno e as Práticas Escolares*, que analisaram as relações de poder existentes na escola e as formas como os alunos lidam com elas (ou reagem diante delas) mediante comportamentos e discursos, uma problemática presente no primeiro agrupamento deste estudo. Já no Estado da Arte atual, os trabalhos incluídos neste tema, se não são novos na literatura pedagógica, como a relação entre professor e aluno, avançam ao chamar a atenção para a centralidade das relações sociais no cotidiano escolar como uma dimensão que interfere diretamente nos processos de ensino-aprendizagem. Podem estar refletindo também, como veremos mais tarde, as influências teóricas da chamada nova Sociologia da Educação, que pauta temas relacionados ao cotidiano escolar, mas também à etnometodologia, que enfatiza as micro-realidades da vida social na escola, revelando em muitos casos as evidências e as rotinas dissimuladas nas práticas pedagógicas. Já um último bloco de trabalhos neste subtema inova ao trazer para análise diferentes expressões sócio-culturais específicas da juventude, como a sociabilidade, o lazer, os modos próprios de se comportar ou mesmo a cultura de

¹² Neste subtema encontramos trabalhos a que tivemos acesso apenas por meio de seus resumos. São eles: Garcia (2005), Silva (2005).

origem familiar, dentre outras, discutindo as tensões e possibilidades presentes na relação com a escola. Passaremos a uma análise de cada um desses blocos.

As relações de poder e/ou discriminação existentes no cotidiano escolar. Este bloco reúne 7 dissertações e duas teses que têm em comum a análise das relações sociais no cotidiano escolar na ótica do poder ou da desigualdade social.

As dissertações de Comerlato (1999), Fugita (2000), Cunha (2006), Valones (2003), Wurch (2002) e a tese de Xavier (2003) partem do aporte teórico de Foucault, dentre outras abordagens, para discutir as relações de poder no cotidiano das relações e das práticas escolares, em alguns casos buscando analisar suas possíveis associações com a cidadania ou mesmo as interferências na subjetividade dos alunos.

No Estado da Arte de 2001, os pesquisadores se dividiram em duas tendências de análise. Uma delas discutia as relações de poder no interior da escola, com ênfase no que elas “produzem” nos alunos, em uma ação unilateral da estrutura escolar sobre os estudantes, vistos assim como agentes passivos. Uma outra tendência considerava as relações de poder existentes na escola, enfatizando, entretanto, as atitudes e comportamentos de resistência dos alunos e ressaltando uma postura mais ativa por parte do aluno.

É esta última tendência que predomina nos trabalhos deste livro, em que podemos constatar um avanço na superação das análises dicotômicas, procurando entender a complexidade das relações no interior da instituição escolar. No geral, os autores fazem uma discussão teórica, com níveis de densidade diferenciados, sobre as relações de poder, suas manifestações, seus dispositivos disciplinares e os seus recursos de adestramento e controle para, em seguida, aplicar este referencial no enfoque pretendido. Todos constataam a existência das relações de poder na escola. Para uns, como Cunha (2006), tais relações centram-se na sala de aula e, especificamente, na figura de determinados professores que assumem um “poder autoritário”, sendo eles que direcionam todo o processo, com ausência de diálogo. Diante de um professor assim, o aluno tende a reagir com indisciplina, agressividade ou até mesmo com violência. Para outros, como Valones (2003), o poder aparece como disciplina e as relações, como relações disciplinares. Para esse autor as práticas e as relações pedagógicas são permeadas de um poder que disciplina o tempo, o espaço e o movimento de alunos e professores, que, em seu cotidiano, não percebem esta interferência e os efeitos positivos e negativos destas manifestações de poder no curso de suas vidas pessoal e profissional nem refletem sobre eles. Ou mesmo quando eles causam desconforto entre os professores, principalmente àqueles ditos progressistas, como constata Xavier (2003), por estarem associados à falta de democracia, com o autoritarismo ou com repressão. Para essa autora, a questão disciplinar tem de ser refletida no contexto das intencionalidades presentes nas práticas pedagógicas, em um esforço de desnaturalizá-las.

Ao mesmo tempo, todos eles constataam a existência da dimensão da resistência, um papel ativo do jovem aluno diante das estratégias de poder existentes na escola. Como lembra Wurch (2002) em sua dissertação, o conflito está sempre presente e se exerce como uma multiplicidade de relações de forças. E onde há poder há resistência, não existindo propriamente o lugar de resistência, mas pontos móveis e transitórios que se distribuem por toda a estrutura social. Em sua pesquisa, Wurch evidencia os processos de transgressão e indisciplina, a docilização dos corpos e a marca da exclusão presentes entre os alunos pesquisados. Estes movimentos se apresentam, segundo ela, na perspectiva da indisciplina, como uso da liberdade e, paradoxalmente, o seu viés de docilização, mesmo que via transgressão. Nesta mesma direção, tanto Fugita quanto Cunha evidenciam como os alunos lançam mão de mecanismos de resistência para burlar as vigilâncias, através de brincadeiras, fugas, colas e até mesmo do abandono escolar.

Vários desses autores constataam também a importância atribuída pelos alunos à escola e à figura do professor, principalmente daquele que demonstra atenção, paciência e que é competente em sua relação com os conteúdos. Alguns reclamam do controle disciplinar exacerbado, da permissividade em relação às condutas disciplinares, porém, no geral, é reconhecida e evidenciada a importância da disciplinarização na instituição escolar como único meio de socializar e articular o conhecimento.

Ainda neste eixo temático, encontramos três trabalhos que analisam as relações sociais no cotidiano escolar no enfoque da desigualdade ou do autoritarismo. Fernandes (2005) se propôs a trabalhar com a memória de professores que viveram o período da ditadura militar no Brasil e com jovens alunos de escolas públicas atuais, discutindo a questão da liberdade e da autoridade e do autoritarismo presentes na relação entre professores e alunos naquele período e nos dias atuais. Já a dissertação de Brum (2004), o único trabalho deste subtema que é oriundo da área de Sociologia, buscou analisar as relações cotidianas entre jovens estudantes de uma escola pública, discutindo como se constroem as diferenças de gênero, classe e etnia e as possíveis resistências às desigualdades sociais e culturais encontradas. Baseado em autores tanto da Sociologia, como Boaventura Souza Santos (2003), quanto da educação, como Giroux (1986), a autora constata a existência de expressões de violência simbólica no cotidiano escolar, as quais tendem a ser naturalizadas, como as manifestações veladas de preconceito racial ou de gênero, por exemplo. Ao mesmo tempo, sinaliza a existência de práticas de resistência, na sua maioria demonstrações isoladas de posições contra-hegemônicas, de valorização de uma cultura marginal, periférica, porém que está relacionada ao cotidiano dos jovens alunos.

Vale destacar a tese de Peregrino (2006), que teve como objetivo desvendar a relação entre a instituição escolar e os jovens pobres que passaram a habitá-la no contexto da expansão do ensino fundamental ocorrida nas últimas décadas. Traz para o debate o aparente paradoxo entre a universalização do sistema público de ensino e a realidade de um país que vem historicamente recusando a incorporação

de suas maiorias. Neste sentido, busca desvendar os nexos existentes entre a reprodução das relações sociais de produção (e seus desdobramentos na reprodução das gerações e das classes), instigada pelas atuais políticas de expansão degradada da escola, e as formas de escolarização daí resultantes. Com uma consistente construção teórica em torno da Sociologia das desigualdades escolares, a autora recupera três décadas de trajetórias escolares e faz um mergulho nos modos de escolarização dos tempos que correm, revelando os caminhos e as ações da seletividade escolar sobre os sujeitos que entram nela já desigualmente posicionados. Através das categorias da seleção, segregação, enraizamento e regulação, analisa as velhas e novas desigualdades que marcam a instituição escolar.

Segundo Peregrino, a seletividade escolar, em todas as décadas percorridas pela análise, manteve-se vigorosa, e direcionou sua ação para as camadas mais vulneráveis nos âmbitos econômico e social, dentro do universo de usuários da escola. Combinados com a extrema seletividade, encontram-se processos de segregação dos desiguais em turnos e em turmas, a partir da década de 1970. É interessante notar que a proporção alcançada entre os grupos de “desiguais” no turno da noite, na década de 70 na escola, é idêntica àquela que encontramos para os grupos de “extremos” e “não-extremos” nas duas décadas seguintes. A autora constata que a expansão escolar, ao trazer para o interior da instituição parcelas crescentes das classes populares, têm implicado na modificação paulatina da dinâmica institucional nas escolas. Para ela, a escola expande-se “desinstitucionalizando-se”, perdendo as características propriamente “escolares” e abarcando funções cada vez mais coladas às formas tradicionais de regulação dos pobres na sociedade brasileira.

As relações entre professores e alunos e as possíveis repercussões no processo de ensino e aprendizagem. Este bloco temático agrega 12 dissertações que privilegiaram a relação entre professor e aluno como foco central da pesquisa e, a partir desta ótica, analisaram desde as situações de conflito na sala de aula até suas possíveis repercussões no processo de ensino e aprendizagem.

Os trabalhos de Silva (2000), Rossito (2002) e Araújo (2002) detiveram-se especificamente sobre as influências da relação entre professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem, buscando responder questões variadas, como aquelas acerca das implicações das interações sócio-afetivas entre professores e alunos no processo de aprendizagem ou como esta relação pode interferir no fracasso escolar dos alunos. Com pouca densidade teórica, todos constata a importância da qualidade da relação entre professor e aluno na aprendizagem dos alunos, o que os influencia tanto positiva quanto negativamente. Ainda neste eixo, vale destacar o trabalho de Santos (2002), que analisou o processo participativo dos alunos enquanto tomada de decisão e condição para a construção do conhecimento no processo ensino-aprendizagem que ocorre na escola e, especialmente, no interior da sala de aula. Partindo da reflexão em torno de experiências participativas com os alunos, o autor constata que os professores possuem um entendimento apolítico

do que seja participar, e os alunos, um desejo latente de participarem, de tomarem decisões significativas nos níveis de planejamento, de execução e de avaliação, o que geralmente não ocorre na escola. Neste sentido, conclui Santos, a escola precisa desenvolver o germe da participação, para que haja produção do conhecimento e para o desenvolvimento da competência política do aluno enquanto cidadão.

Um outro grupo de quatro dissertações analisa a relação entre professor e aluno na ótica dos estudantes, mas com enfoques diversos. A pesquisa de Lopes (2005) busca discutir como se constrói a relação entre professor e aluno em uma escola de ensino médio noturno, discutindo as concepções de ambos sobre autoridade e liberdade. O trabalho de Garcia (2005) objetivou “discutir as possibilidades das relações contratuais entre professores e alunos de uma escola da periferia urbana”. Já Escalante (2006) almejou caracterizar as representações sociais que os alunos constroem acerca dos professores. Finalmente, a pesquisa de Maia (2005) procurou analisar o “agir comunicativo” entre professores e alunos, baseando-se na teoria da ação comunicativa de Habermas (1994).

Estes autores tendem a constatar que a educação é um lugar de exercitar a responsabilidade, onde o professor e aluno estabelecem uma relação reflexiva, em que cada um precisa reconhecer a legitimidade do outro para assumir a sua função. Neste sentido, apontam a importância da negociação das regras e da afirmação da autoridade do professor. Na visão dos alunos, as características valorizadas no professor são a *afetividade*, a sua *atitude*, que se refere ao jeito de ser e de interagir deste profissional e também a *metodologia* utilizada no cotidiano escolar.

Finalmente, um último agrupamento apresenta quatro dissertações que refletem as relações no cotidiano escolar com outros enfoques. As pesquisas de Motta (2002) e Salém (2006) investigam a relação dos professores com os jovens alunos, discutindo a postura e as percepções destes sobre os jovens e sua realidade. Baseados em uma bibliografia que contempla a formação docente, mas também a análise da escola e dos processos de ensino e aprendizagem, além do debate em torno da Sociologia da Juventude, as autoras apontam para um movimento de aproximação e afastamento entre a cultura docente e a cultura juvenil que reflete uma relação superficial entre ambas. Isto facilitaria a manutenção dos estereótipos em torno dos jovens, em sua maioria vistos pelos professores como “perdidos, desinteressados, descompromissados, sem limite”, dentre outras qualificações negativas. Para Motta (2002), os professores não reconhecem a escola como espaço de cruzamento de culturas diferentes, em que se convive com tensões, contrastes e conflitos na construção de significados. Outra constatação, agora de Salém (2006), é da falta de formação dos professores para atuarem junto ao público juvenil, tema inexistente na formação acadêmica da grande maioria dos docentes, o que aponta para importância de um processo de capacitação contínua dos professores.

Em uma outra direção, Girelli (2006) buscou investigar as redes de *saberes-fazeres*, tecidas e compartilhadas pelos alunos migrantes no cotidiano de uma escola pública de uma pequena cidade do interior. Finalmente, o trabalho de

Silva (2005) almejou analisar a questão da motivação na escola na ótica dos professores e alunos, discutindo as suas causas, mas principalmente as abordagens existentes sobre o tema, as quais, segundo o autor, não seriam apropriadas para o estudo na área escolar.

As relações sociais no cotidiano escolar, com ênfase nas expressões próprias dos jovens. Este último bloco reúne 2 teses e 7 dissertações que têm em comum a discussão sobre as relações sociais no cotidiano escolar enfatizando a análise de diferentes dimensões da condição juvenil, sejam as expressões culturais específicas, seja a sociabilidade ou mesmo as culturas de origem familiar.

A dissertação de Costa (2005) e a tese de Martinez (2006) almejam investigar as diferentes expressões culturais juvenis no cotidiano escolar, analisando a relação que estabelecem com a escola, suas demandas e necessidades. No caso de Martinez, a pesquisa foi desenvolvida em uma escola de EJA na periferia de Buenos Aires, trazendo à tona a realidade da evasão no ensino médio existente naquele país. A autora analisa o aumento do contingente de jovens que não frequentavam ou que haviam deixado de frequentar o ensino médio entre 2001 e 2004, evidência adicional de um cenário fortemente desagregador e de ruptura dos laços sociais. Aponta que as trajetórias dos jovens que voltam aos estudos na EJA trazem elementos fundamentais para uma proposta educativa, com um repertório de disposições, percepções, práticas e habilidades que a escola não leva em conta, não os reconhecendo como os jovens que são. Evidencia ainda a importância das relações de sociabilidade nos grupos de pares, principalmente relacionadas às novas tecnologias de informação e comunicação, que terminam contribuindo para a permanência dos jovens no sistema escolar.

Um outro grupo, com uma tese e duas dissertações, tem como eixo a discussão em torno da sociabilidade juvenil na escola. O trabalho de Minga (2002) investigou os significados do pertencimento a grupos por parte de alunos transferidos entre escolas particulares de São Paulo. A dissertação de Cabral (2005) procurou analisar as vivências escolares de jovens alunos em escolas privadas discutindo, entre outras questões, os significados atribuídos à convivência no ambiente escolar. A autora constata que a escola é apreciada pelos alunos quando oportuniza a convivência e o encontro entre amigos, ao mesmo tempo em que os jovens criticam a falta de canais de participação através dos quais possam ser ouvidos nas suas demandas e necessidades. Finalmente, a tese de Meinerz (2005) teve como objeto a sociabilidade praticada por adolescentes da periferia urbana considerando seus jeitos de viver a escola e a inserção escolar, através da análise das memórias individual e coletiva. Com uma consistente análise teórica, a autora constata que os processos de escolarização dos adolescentes pesquisados, cuja característica central é a circulação pelos espaços escolares, evidenciam a escola como um espaço no qual se pratica preferencialmente a sociabilidade e apontam para um rearranjo nas relações de poder presentes nesta instituição, demonstrando que ela não se resume à sala de aula.

Já as dissertações de Estrada (2000) e de Franco (2003) discutem a questão da cultura de origem dos jovens alunos, analisando a relação que estabelecem com a escola. No caso de Franco trata-se de compreender as possibilidades e os limites da escola pública em lidar com as diferenças culturais, nesse caso específico, com a cultura nordestina dos jovens alunos migrantes. Em uma outra direção, Estrada (2000) pesquisa uma “etno-escola” ligada à comunidade armênia em São Paulo, concluindo que na escola convivem de fato duas matrizes culturais, a tradição e a modernidade, a cultura nacional e a cultura armênia, tanto nas relações e rituais quanto no currículo escolar.

Finalmente, dois trabalhos apresentam abordagens específicas. A dissertação de Cremasco (2006) buscou analisar a vivência escolar de um grupo de jovens alunos que permaneciam sistematicamente na porta de uma escola pública. Dando voz aos jovens, a autora identifica o constante entrar e sair da escola e da sala de aula, de acordo com as aulas e principalmente com os professores, em um processo chamado de “resistência pacífica” e associado à necessidade de pertencimento por parte dos jovens. Segundo a autora, trata-se de um processo de escolarização precária, uma forma possível de exclusão escolar, que ocorre com a convivência da escola, a qual não demonstra interesse em reinseri-los em seu papel de alunos. Já a dissertação de Freire (2004) pretendeu analisar a apropriação e uso de uniforme pelos alunos de uma escola particular, buscando desvelar a partir daí a trama cotidiana das relações sociais na instituição. Constata que os alunos consideram a obrigação do uniforme como uma forma opressiva e procuram burlar as normas criando adaptações individuais que se tornam expressões de sua individualidade.

Sucesso e fracasso escolares

Este subtema reúne 18 trabalhos, sendo 14 dissertações e 04 teses,¹³ que têm como eixo temático a análise de situações de sucesso e situações de fracasso escolar na ótica dos jovens alunos, dentre outros atores da comunidade escolar. Neste subtema o objeto da investigação não varia muito, centrando-se principalmente na análise de trajetórias de sucesso ou de fracasso escolares, seus fatores determinantes, os significados atribuídos e as repercussões na subjetividade dos sujeitos. Quanto à área de conhecimento de origem dos pesquisadores, predominou a Educação, com exceção de uma tese de doutorado defendida na Antropologia.

Comparado ao Estado da Arte anterior, o número de trabalhos pouco se alterou, já que naquele período foram localizadas 15 dissertações que abordaram a temática do sucesso e do fracasso escolares. Contudo, em termos relativos, a

¹³ Neste subtema encontramos um trabalho a que tivemos acessos apenas por meio de seu resumo. É ele: Garcia (2006).

diferença é significativa. No primeiro estudo, os trabalhos nesta temática foram os mais numerosos, significando 30% do total no tema Juventude e Escola. Já no trabalho atual, significa apenas 9,5 % do total, apontando uma queda significativa no número de produções. Entretanto, tal diminuição não significa necessariamente o esgotamento das análises nesta temática, pois o fenômeno das desigualdades escolares continua presente na realidade educacional brasileira, demandando estudos para a sua compreensão. Pode significar, talvez, reorientações nas abordagens realizadas, quando o mesmo problema passa a ser analisado com outros enfoques, como a relação entre família e escola, por exemplo.

A realidade empírica que inspira os estudos envolvendo o fracasso e/ou o sucesso escolar são as desigualdades educacionais. As estatísticas vêm demonstrando a cada ano a persistência das desigualdades educacionais no Brasil, apesar das transformações na forma como estas se manifestam. Nas décadas de 60 e 70 o problema se concentrava na desigualdade de acesso. A partir dos anos 80 e 90 assistimos a uma gradativa universalização do acesso, com uma diminuição sensível das taxas da população não-escolarizada, dos índices de analfabetismo, da defasagem na relação idade/série. No entanto, os índices apontam a persistência das desigualdades evidenciadas no fenômeno da evasão e repetência, no descompasso idade/série e principalmente na falta de domínio de aprendizagens fundamentais, o que remete à baixa qualidade do ensino, principalmente no sistema público. Problemas estes que remetem a causas históricas, sócio-econômicas, políticas e institucionais, com reflexos visíveis em todos os níveis de ensino.

Para efeitos de análise, reunimos os trabalhos no eixo do *Fracasso escolar* e no do *Sucesso escolar*.

A Análise do Fracasso Escolar. Como no primeiro Estado da Arte a maioria dos estudos também abordou a questão do fracasso escolar, reunindo 2 teses e 12 dissertações (Garcia, 2006, e Silva, 2006) e 12 dissertações (Lima, 1999, Salomon, 2001, Rossato, 2001, Souto, 2002, Campos, 2002, Belucci, 2002, Birk, 2002, Batista, 2002, Andrade, 2005). Naquele momento a ideia de fracasso estava relacionada à repetência, almejando-se entender quem eram os alunos repetentes, a visão ou a representação que possuíam sobre esse fenômeno, bem como a análise das dificuldades encontradas no cotidiano escolar. Um outro bloco tratou da evasão escolar, analisando suas causas e seus efeitos sobre os alunos.

No estudo atual, encontramos também trabalhos que em sua maioria abordam de alguma forma a questão do fracasso escolar. Silva (2005), Santos (2005) e Souza (2006) discutem os fatores determinantes da realidade do fracasso, as trajetórias de alunos com esta experiência, a compreensão das motivações e das subjetividades dos jovens envolvidos com este fenômeno, bem como os limites e possibilidades de programas voltados para a superação desta realidade.

Praticamente todos os trabalhos desenvolveram suas pesquisas na rede pública de ensino, tendo como objeto jovens das camadas populares. Apenas Salomon (2001) pesquisou uma escola da rede privada e alunos provenientes da classe mé-

dia. As pesquisas se distribuíram entre o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, sendo que apenas Andrade (2005) e Lima (1999) tiveram como objeto empírico jovens na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os trabalhos se concentraram no meio urbano, exceto pelas pesquisas de Andrade (2005) e Silva (2005), que foram realizadas em pequenas cidades de Minas Gerais e do Pará, respectivamente.

Nestes trabalhos a noção de fracasso aparece associada à realidade de repetência, reprovação, evasão e de defasagem escolar, mas estas foram abordadas de formas diferenciadas. Para alguns, como Lima (1999), a discussão do fracasso se coloca no contexto de uma sociedade de classes, marcada pela exclusão que se manifesta através de múltiplos dispositivos de poder, tendo como aporte teórico o materialismo dialético, e, na discussão específica sobre a exclusão escolar, das reflexões clássicas de Patto (1996). As conclusões apontam, como no caso de Rossato (2001), o movimento reivindicatório que os jovens tecem cotidianamente contra o lugar que tanto a escola como a sociedade tentam lhes impingir: o da exclusão. Há um muro que separa os alunos e a escola. Por um lado, eles lutam para serem aceitos e ressignificarem as marcas históricas da exclusão; por outro lado, a escola não dá conta de acompanhar esse movimento por insistir em práticas de ensino arcaicas. Portanto, conclui a autora, esses jovens são penalizados duplamente: primeiro pela sociedade e depois pela escola. Esses trabalhos apresentam certa continuidade em relação às análises apontadas no primeiro Estado da Arte, que enfatiza a dimensão sócio-política do fenômeno do fracasso escolar.

Já outros trabalhos, principalmente os mais recentes, avançam mais ao produzirem um movimento que prioriza a investigação do “processo” que produz as experiências de fracasso escolar, articulando-as com as “relações” que estes mantêm com a escola e com o saber. Tais trabalhos expressam uma influência marcante da Sociologia da Educação francesa, dentre cujos autores está Charlot (1986, 2000), que procura desconstruir a noção de fracasso escolar como objeto de análise. Segundo esse autor, o “fracasso escolar” não existe; o que existe são “alunos em situação de fracasso escolar”, ou seja, alunos que não desenvolvem certas habilidades e competências, que não adquirem os saberes que a escola considera que deveriam adquirir, que reagem frente a uma retenção, por exemplo, com uma conduta de “retração”, ou de “agressão”, ou ainda de “desordem”, no ambiente escolar e em suas relações com colegas e professores. Para Charlot, o fracasso escolar seria, então, “uma experiência que o aluno vive e interpreta e que pode constituir-se em objeto de pesquisa” (2000: 17). Ao mesmo tempo, relaciona o fenômeno às relações que o aluno estabelece com o “saber”, com seus professores, com seus colegas e, ainda, consigo mesmo, ampliando, e muito, a problematização em torno do fracasso escolar.

Estas pesquisas tendem a constatar que as situações de fracasso escolar manifestam-se de maneiras múltiplas, que seus efeitos nas vidas dos sujeitos também são plurais, além de apontarem que a condição sócio-econômica é uma, dentre muitas outras variáveis que explicam esse fenômeno. Vários trabalhos constatarem que os alunos em situação de fracasso não se diferenciam em termos cognitivos e sociais

dos alunos com sucesso. O que os distancia é o posicionamento e os significados que atribuem ao saber e ao estudo. As pesquisas tendem a mostrar que a relação sócio-afetiva destes alunos com a aprendizagem é negativa, ou seja, não gostam de estudar e, muito menos, se envolvem com o saber escolar. Neste sentido, fica evidente que o fracasso escolar não é um fenômeno isolado da relação política-escola-aluno-aprendizagem, relação na qual a discussão deveria estar mais centrada.

Alguns autores, como Batista (2002), se destacam pelo tratamento dos dados empíricos, dando visibilidade aos jovens pesquisados. Nas suas conclusões, a autora aponta que os jovens mostraram que não existe um único modelo do que seja ser jovem, como não existe um único modelo do que seja ser jovem pobre, homem ou mulher, branco ou negro. Segundo ela, onde sempre se viu, ou se tentou ver, homogeneidade, existe um leque marcado pela pluralidade. No seu cotidiano, eles lançaram as mais diversas estratégias e assumiram diferentes posturas para dizer que a escola que lhes era oferecida não tinha a “sua cara” nem era o espaço com que eles sonhavam.

Outro destaque a ser dado é à tese de Silva (2006), oriunda da Antropologia. Ela se propôs a estudar o fenômeno da repetência em duas escolas públicas do Rio de Janeiro. Depois de dois anos de trabalho de campo de feição etnográfica, a autora traça um perfil detalhado dos alunos do Ensino Médio investigados. A pesquisa em sala de aula revelou como a cultura da repetência se reproduz na própria estrutura das aulas, na medida em que o professor não ensina a todos os alunos de forma homogênea. A sala de aula, para a autora, pode ser descrita pela metáfora “centro e periferia”, que define onde ficam os alunos que recebem a ação do professor e onde ficam os outros. As representações docentes justificam a estrutura “centro-periferia”. Silva constata que, para além da reprodução, analisada por Bourdieu, a sala de aula tem uma estrutura própria. As histórias dos alunos os definem socialmente, demonstrando que existem dois tipos de alunos no “centro”. Os primeiros, conforme a teoria da reprodução, são aqueles cujas condições extra-escolares contribuíram para seu lugar privilegiado na sala de aula. Os outros, conforme o estudo demonstrou, são aqueles com condições sociais menos privilegiadas. Constatou a autora o “efeito Pigmalião” (Forquin, 1995), entendido como a predição realizada pelo professor sobre o desempenho do aluno, que tende a influenciar não só a avaliação que faz a respeito dele, mas também, de forma ainda mais paradoxal, seu próprio desempenho. Para a autora, o ritual da sala de aula é legitimado pelo julgamento feito nos conselhos de classe, nos quais os professores lhes atribuem valores morais e não tanto juízos propriamente escolares.

A análise do sucesso escolar. O segundo agrupamento é caracterizado pelo esforço dos pesquisadores em entender as variáveis que interferem nas trajetórias de sucesso escolar dos alunos. No primeiro Estado da Arte, apenas duas dissertações trabalharam este tema, discutindo as razões da permanência dos alunos no ensino médio, lançando mão de uma abordagem quantitativa, com análises teóricas frágeis.

No estudo atual, temos 2 teses (Silva, 1999 e Lacerda, 2006) e a dissertação de Pereira (2005) que apresentam em comum a análise de trajetórias escolares de sucesso de alunos das camadas populares. Tais trajetórias de sucesso são caracterizadas pela aprovação dos alunos em cursos técnicos concorridos ou mesmo na universidade.

Esses trabalhos lançam mão da Sociologia da Educação, aqui também muito influenciados pela bibliografia francesa (Bourdieu, 1982, 2004; Lahire,¹⁴ 1997; Dubet, 1998, 2001), mas também em autores nacionais, como Nogueira (2000) ou Zago (1994, 1997, 2003), para analisarem as trajetórias de sucesso. Destacam a importância que tem sido dada à atuação das famílias nos percursos escolares de seus filhos e à atuação do próprio sujeito nesse processo. Pereira (2005), por exemplo, evidencia que a mobilização pessoal dos seis alunos de origem popular que entraram em um colégio técnico federal muito concorrido encontra pesos e formas diferenciadas, bem como são diferentes as estratégias familiares utilizadas para viabilizar esse sucesso.

Já as duas teses têm em comum o fato de investigarem a memória de adultos, através de depoimentos e relatos de vida, sobre as trajetórias escolares de sucesso que culminam na formação no ensino superior. Apresentam em comum também a constatação da importância das estratégias pessoais, coletivas e familiares diante das situações adversas na construção das trajetórias escolares. Silva (1999), ao desenvolver sua pesquisa com moradores do Complexo da Maré, faz uma articulação entre o passado e o presente, recuperando momentos significativos da trajetória de vida dos pesquisados como, por exemplo, o engajamento destes na associação de moradores e na igreja ou mesmo a situação de estudante-trabalhador vivenciada pela maioria quando os alunos cursavam a graduação, o que assim se reflete sobre a vivência juvenil destes sujeitos. Constata que as trajetórias dos pesquisados são marcadas pela superação de condições estruturais adversas, construídas através da utilização das mais diferentes estratégias. A vivência em novos campos sociais interferiu na constituição de um novo *habitus*, resultado de um processo continuado de incorporação de práticas adequadas a estes novos espaços sociais. Desta forma, várias práticas típicas das redes sociais de origem foram substituídas – no plano da fala, das preferências estéticas e afetivas e das formas de lazer, dentre outras. A dificuldade em exercitar, nas áreas populares, essas novas disposições é que gera o sentimento de distanciamento desse espaço, ao lado da segregação sócio-espacial existente na cidade do Rio de Janeiro – que desqualifica o morador e a moradia nos espaços populares.

Já Lacerda (2006) analisa as trajetórias escolares de alunos das camadas populares que se formaram no Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA). A discussão teórica baseia-se no debate das disposições da ação, especificamente nos estudos de Pierre Bourdieu (1982, 2004) e Bernard Lahire (1997, 2004).

¹⁴ Certamente, os trabalhos de Bernard Lahire foram fundamentais para os estudos do sucesso escolar na Pós-Graduação, sobretudo na área da Educação.

Trabalha também com a noção do “sucesso escolar pouco provável”, fundamentando-se em Portes (1993, 2001) e Vianna (1998) e referindo-se ao ingresso no ensino superior de estudantes desprovidos de capital econômico e de herança cultural familiar, ou seja, daqueles cujas chances de acesso à universidade são reduzidas. Constata que a construção desses percursos escolares pouco prováveis e de excelência é produto das práticas de duas gerações; do modo como pais e filhos se relacionaram com as histórias escolares intergeracionais; dos sentidos atribuídos a essas histórias e das disposições a pensar, sentir e agir dos alunos do ITA em relação à escola. Tais disposições seriam o resultado singular das influências socializadoras; da subjetividade e das situações vivenciadas por eles ao longo de suas trajetórias escolares. Enfim, reforça que os sentidos que esses sujeitos atribuem às suas experiências escolares não poderiam ser pensados independentemente das histórias escolares de sua família.

Finalmente, o último trabalho deste bloco é o de Resende (2005), que buscou compreender as especificidades de três escolas da rede pública estadual do interior de Minas Gerais que apresentaram um bom indicador de desempenho, a saber, o número de concluintes do Ensino Médio que se candidataram ao vestibular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Ao analisar as escolas de três cidades do interior de Minas Gerais, a autora utilizou a noção de “escola eficaz” (Murillo, 2003), que busca identificar e analisar as variáveis que a produzem, com ênfase nos fatores escolares da sala de aula e também naqueles do meio sócio-cultural em que a escola se insere. A análise centra-se na instituição escolar e constata-se que as três escolas estudadas apresentam características frágeis e fragmentadas do que seria uma “escola eficaz”, com os resultados positivos atingindo apenas parte dos alunos. Destaca-se, porém, a centralidade do inter-relacionamento pessoal no cotidiano escolar como a base de todo o trabalho pedagógico, o que afeta direta e indiretamente o desempenho dos alunos.

Identities, subjectivities juvenis e a escola

Este subtema¹⁵ reúne quatorze produções, sendo seis teses e oito dissertações¹⁶ que apresentam em comum a análise de dimensões da subjetividade juvenil, como a identidade pessoal e cultural, visões de mundo e valores predominantes, bem como expectativas/projetos para o futuro, sempre relacionados de alguma forma com a vivência escolar.

Esta temática guarda fronteira muito tênue com a abordagem psicológica. Tanto é que boa parte das questões de pesquisa reunidas nesses trabalhos é semelhante

¹⁵ Os trabalhos deste subtema representam 7,4% do total das dissertações e teses do tema *Juventude e Escola*.

¹⁶ Neste subtema encontramos dois trabalhos a que tivemos acesso apenas por meio de seus resumos. São eles: Alfredo (2005) e Henn (2006).

àquelas encontradas no tema: *Aspectos psicossociais de adolescentes e jovens* no Estado da Arte anterior, embora com abordagens diferenciadas. Assim, o tema identidade, por exemplo, foi tratado no primeiro balanço por quatro dissertações, em sua maioria baseadas em Erikson (1971, 1976), enquanto no estudo atual a ênfase é dada à identidade cultural. Naquele momento a questão das expectativas de futuro foi tratada no viés da orientação vocacional, uma abordagem inexistente no estudo atual, fundamentada principalmente na discussão sobre projetos de futuro. No estudo atual, para fins de classificação, todos os trabalhos que tinham a psicologia como matriz teórica, independentemente da temática abordada, foram alocados no tema *Estudos Psicológicos/Psicanalíticos sobre Juventude*. Desta forma, restou aqui um número menor de pesquisas que se utilizaram de uma abordagem predominantemente sociológica.

Para facilitar a análise, buscamos dividir os trabalhos em dois grandes agrupamentos. O primeiro reúne 9 deles que abordam dimensões da subjetividade juvenil, como a identidade pessoal e cultural, bem como visões de mundo e valores na ótica dos alunos, os quais estão sempre relacionados com a escola.

As dissertações de Mendonça (2005), Alfredo (2005) e a tese de Brito (2002) analisam especificamente a questão da visão de mundo dos adolescentes pesquisados, bem como os valores predominantes no contexto social em que se inserem. Mendonça (2005) lança mão da teoria das representações sociais de Moscovici, comparando a visão de mundo de jovens de escola pública e de particular, articulando-as com uma reflexão sobre o ensino de geografia. A autora constata a influência do contexto social na construção das visões de mundo dos adolescentes, mas também leva em conta os aspectos psicológicos e educacionais que também interferem neste processo. Neste sentido, os alunos das escolas particulares apresentam uma visão de mundo mais abrangente e complexa do que aqueles das escolas públicas, que, por sua vez, apresentam uma visão mais clara dos problemas sociais do país.

Já a tese de Brito (2002) analisa os processos de socialização e construção do conhecimento a partir da inserção efetiva da adolescência na sociedade urbana, na família, nas relações contextuais e de pares etários, refletindo sobre as perspectivas dos sujeitos em relação ao mundo do trabalho, consumo e mídia. Enfatiza-se que os modos de pensar e as interações cognitivas, sociais e afetivas dos adolescentes se modificaram profundamente no último século e que apresentam novas visibilidades e conflitos os quais fazem surgir formas e significados, também novos, para as relações entre os diversos grupos etários da sociedade. A pesquisa ressalta que os conflitos dos adolescentes se definem através da convergência entre seus processos intelectuais, afetivos, morais e seus processos de inserção na sociedade (contextual e abrangente). Evidencia que tais conflitos condicionam e definem as formas de socialização e construção do conhecimento, tornando-se as chaves da compreensão dos processos da educação, da crítica e da análise das possibilidades do trabalho escolar para a formação dos adolescentes contemporâneos.

Em uma outra direção, Alfredo (2005) tem como finalidade compreender como adolescentes, filhos de empresários, constroem e consolidam suas posições sociais dentro dos ambientes escolar e não-escolar. Baseando-se na Sociologia de Pierre Bourdieu, o autor discute como vem sendo construído o capital cultural, social e simbólico dos adolescentes pesquisados, evidenciando o papel importante da escola que frequentam como uma estratégia de distinção e posição social que proporciona saberes escolares, bem como uma rede de sociabilidade predisposta a funcionar no presente e no futuro como capital cultural e social.

As teses de Silva (2001), de Nogueira (2006) e de Backes (2005) tratam especificamente a questão da identidade, mas com enfoques diversos. Silva e Backes analisam a questão da identidade cultural, procurando discutir as inter-relações de educação, multiculturalismo e interculturalidade, no caso do primeiro, ou compreender as identidades/diferenças culturais de estudantes de ensino médio, no caso do segundo. Em sua tese, Silva revela um perfil sócio-cultural consistente dos alunos, mostrando as expressões culturais existentes no território da escola e os processos de cruzamento na constituição das identidades e práticas pedagógicas. O estudo revela a diversidade cultural presente na instituição escolar, reflexo da própria diversidade na sociedade brasileira, principalmente nos estados do Sul, o que se deve à imigração. Contudo, essa diversidade, segundo o autor, não é potencializada no espaço escolar, o que contribui, em muitos desses casos, para o fracasso escolar dos jovens do meio popular. O autor também denuncia, através da voz dos alunos, que a escola pesquisada é um território de vivência de situações de discriminação étnica, porém com uma forte tendência de estas serem invisibilizadas.

Já Backes (2005), ao discutir as negociações das identidades com as diferenças culturais entre os alunos, constatou a existência de articulações entre as representações que os sujeitos enunciam de suas identidades e as formas utilizadas para representarem as diferenças, inclusive seu caráter de negociação. Os sujeitos, segundo o autor, ainda que muitas vezes queiram estabelecer fronteiras que os “separem” dos demais, acabam em negociações nesses tempos e espaços escolares, descentrando suas identidades, mostrando sua ambivalência, instabilidade e hibridez, fazendo das fronteiras lugares de encontro, lugares de negociação.

Vale destacar a tese de Nogueira (2006), que desenvolve uma análise sobre as identidades juvenis e as identidades discentes frente aos processos de escolarização tendo como foco as interações em sala de aula de alunos do Terceiro Ciclo. O autor faz uma discussão consistente das categorias socialização, sociabilidade e identidade baseado em referências como Simmel (1978, 1983, 1986), Goffman (1966, 1970, 1975) e Melucci (1996, 1999, 2001), dentre outros nomes da Sociologia, mas também lança mão em particular da Sociologia da Educação para estabelecer associações com o cotidiano escolar, fundamentando-se principalmente em Dubet (1987, 1996, 1999, 2002, 2003). Ao mesmo tempo, faz uma boa caracterização dos jovens pesquisados, analisando a condição juvenil no enfoque da Sociologia da juventude. Com esse olhar o autor constrói um

quadro analítico em que as perspectivas geracionais, de gênero e classe social emergem como vetores explicativos da relação dos jovens entre si e com a escola. Em sua análise, Nogueira nos mostra as redes que se criam e que expressam os pertencimentos juvenis dos alunos em situações de interação. Essas pertenças, inseridas em regime de cooperação ou competição entre indivíduos, conformam a sua identidade discente em uma imbricação de variáveis que favorecem ou não a manutenção do *Frame* (enquadre) necessário à continuidades das aulas. Para o autor, são essas modulações que provocam a ruptura dos laços de solidariedades entre os alunos e deles para com os professores, fazendo aparecer o conflito aberto entre ambos. O dilema da forma escolar, portanto, é manter-se como coativa das subjetividades através das atribuições de papéis ao discente ou abrir-se a outras dinâmicas em que ser jovem é *zoar* em uma perspectiva de quebra no clima proposto pela docência. Enquanto os professores apontam para o conformismo nas condutas juvenis em torno da *persona* do discente, os alunos apontam a divergência em relação a essa *persona* e a emersão de outros sentidos de pertença identitária não previstas pela discência. Entre ser discente e jovem, existe uma condição de não-ajustamento de posições, sendo que uma não pode existir sem a outra em contextos escolares e, concomitantemente, uma não se esgota na outra. Nogueira conclui emitindo um alerta, ao afirmar que jovens de 14 anos no final do ensino fundamental e analfabetos não são apenas um objeto sociológico, mas uma questão social preocupante e que exige uma intervenção reflexiva para se responder aos sintomas de um declínio por que passa a escola.

Finalmente, ainda neste mesmo agrupamento, temos três dissertações que também tratam da questão da identidade, embora articuladas com outras preocupações de pesquisa. A pesquisa de Henn (2006) propõe investigar como o conhecimento, o poder e a cultura são vividos na EJA, discutindo as possíveis interferências na constituição do sujeito e na sua subjetividade. Finalmente, Angelins (1999) analisou o desencontro de interesses entre professores e jovens alunos do ensino médio. Constatou a distancia existente entre esses docentes e discentes, bem como a falta de espaços de escuta dos jovens, mas reforça que estes atribuem à escola um importante papel no conhecimento dos seus direitos, assim como a responsabilidade, juntamente com suas famílias, de moldar comportamentos que os levem a conquistas de seus interesses particulares e sociais.

Um outro agrupamento reúne duas teses e três dissertações que apresentam em comum a análise das expectativas/projetos de futuro de jovens alunos, com orientações teóricas diversas. Em outras palavras, dissertação de Peroca (2003) e a tese de Nascimento (2002) almejam compreender as representações sociais dos jovens em relação aos seus projetos de vida/futuro.

A tese de Gracioli (2006) e as dissertações de Souza (2001) e Corenza (2006) também discutem as expectativas e/ou projetos de futuro de jovens concluintes do ensino fundamental ou médio a partir de referenciais da Sociologia da Educação. O trabalho de Souza (2001) chama a atenção pelo rigor metodológico, articulando uma pesquisa quantitativa com uma etapa qualitativa. A autora, depois

de desenvolver uma descrição densa do universo empírico investigado, discute as estratégias de escolarização relacionadas às classes sociais, bem como as características dos jovens em sua relação com o futuro. Evidencia que os projetos de futuro deles trazem marcas sociais, porque formulados segundo sua origem social, mas também por envolverem questões de gênero e as próprias trajetórias pessoais, o que aponta para a reprodução das desigualdades.

Já a tese de Gracioli (2006), da Sociologia, se propõe a discutir a dimensão dos projetos de futuro dos jovens no contexto sócio-econômico dos jovens e das reformas do ensino médio. Segundo a autora, os jovens pesquisados se preocupam com o futuro, possuem projetos e expectativas. Os filhos das classes trabalhadoras, principalmente, depositam no futuro a esperança de uma vida melhor, mais digna e menos sofrida. No entanto, elaborar projetos de futuro ou estabelecer estratégias para se tornar adulto não significa, para o jovem, construir um mapa de orientação com percursos pré-estabelecidos. A autora aponta assim os caminhos sinuosos e inesperados deste processo, no qual incidem variáveis que independem da vontade pessoal, como as políticas públicas, principalmente as educacionais, que interferem nos cenários de transição, determinando os possíveis caminhos a serem tomados. Entretanto, a elaboração desses projetos é mediada pelo medo e pela insegurança, o que tende a uma formulação modesta, sem ousadia, “como se não fosse permitido sonhar e correr atrás do sonho”, quase sempre relacionada ao estudo, ao trabalho e à família. Ao mesmo tempo, a autora evidencia a precariedade do ensino médio oferecido, que não fornece maiores elementos para a concretização dos projetos elaborados.

Culturas juvenis e escola

Este subtema reúne onze produções, sendo dez dissertações e uma tese¹⁷ que têm como eixo comum a análise de expressões da cultura juvenil, seja a música, seja o corpo ou mesmo a construção de identidades culturais, em sua relação com a escola. Apenas dois desses trabalhos são oriundos da área da Antropologia, sendo o restante da Educação. Apesar de ser o subtema que reúne o menor número de trabalhos (5,9%), significa um avanço significativo em relação ao Estado da Arte anterior, que não apresentou nenhuma investigação que tematizasse a relação entre cultura juvenil e escola.¹⁸

No contexto deste subtema foi possível agrupar os trabalhos em dois eixos que traduzem certa semelhança nas questões abordadas, a saber: *A linguagem musical juvenil e sua relação com a escola* e *Identidades Culturais e Escola*.

¹⁷ Neste subtema encontramos 3 trabalhos a que tivemos acesso apenas por meio de seus resumos. São eles: Silva (2000), Arcos (2004) e Horst (2004).

¹⁸ O tema *grupos juvenis* é examinado em outro texto desta coletânea, fazendo uma interface com este subtema.

O primeiro eixo agrupa quatro dissertações e uma tese que analisam de alguma forma a linguagem musical juvenil. Os trabalhos de Silva (2004), Santana (2005) e Adão (2006) têm como objeto de análise o movimento *hip-hop* na tentativa de compreender os significados desta expressão cultural para os jovens e as possíveis repercussões na vida e nas trajetórias escolares dos jovens alunos. Santana e Adão avançam ao se proporem refletir também sobre a construção da identidade étnica pelos jovens através da música, evidenciando a importância desta dimensão no cotidiano deles. Já a dissertação de Gilio (1999) vai em outra direção e almeja compreender, a partir da análise de 10 músicas selecionadas por meio de uma enquête, o que os jovens expressam através da linguagem musical.

Com densidades teórico-analíticas muito diferenciadas, as pesquisas tendem a constatar a centralidade da linguagem musical para os jovens pesquisados. No caso do *hip-hop*, evidenciam, dentre outras conclusões, a força desta expressão cultural na construção de identidades positivas, principalmente em se tratando do jovem negro, que “ocupa espaços na sociedade por meio da arte”, além de possibilitar uma reelaboração positiva do próprio corpo. Acentua-se também a dimensão da sociabilidade possibilitada pelo estilo, tão importante nessa fase da vida. Neste sentido, concordam com o potencial educativo do *hip-hop*. No caso de Silva, há ainda uma discussão específica sobre as culturas juvenis e o currículo. A autora propõe a introdução dessas expressões no currículo escolar como uma forma de valorizar a cultura dos jovens alunos. Suas preocupações revelam uma tendência muito presente entre educadores: o simples fato da incorporação das expressões da cultura juvenil no currículo garantiria um diálogo mais próximo com os jovens alunos. Haveria uma certa “pedagogização” ou “escolarização” da cultura juvenil.

Ainda relacionada à temática musical, a tese de Lima (2005) busca investigar as possíveis relações entre a cultura escolar e a cultura do samba, presente no espaço sócio-geográfico dos jovens alunos. A motivação do autor é discutir se a proposta do tema transversal do PCN relacionado à pluralidade cultural está presente ou não na cultura escolar. Chama a atenção aqui, tal como vimos anteriormente, que o objeto de pesquisa não surge de uma problematização da realidade, e sim de uma proposta curricular. Nas conclusões, o autor constata que existe pouca interação entre a cultura da escola com a *cultura do samba*, o que também ocorre na relação com os estudantes cuja relação com o samba mostrou-se bastante frágil. Evidencia uma cultura escolar baseada na homogeneidade, não levando em conta a diversidade cultural existente no meio social em que se insere, muito menos na produção cultural popular. Por outro lado, afirma a existência das culturas juvenis que, independentemente da cultura escolar, estão mais presentes e ocupam mais espaço entre os jovens do que a *cultura do samba*. Reconhece assim as complexas redes de comunicação e contatos no mundo atual, com o poder de influência da mídia e a existência de inúmeras *culturas juvenis*, nas quais a territorialidade, em termos culturais, perde seu sentido.

Um segundo eixo agrupa seis dissertações que discutem de alguma forma a questão da identidade cultural dos jovens alunos e a relação que estabelecem

com a escola. A dissertação de Silva (2000) pretende compreender quem são os jovens que frequentam uma escola da Baixada Fluminense. Já o trabalho de Soligo (2005), da Antropologia, busca entender como os alunos constituem identidades culturais em sua relação com a mídia e as culturas juvenis. Nesta direção, Arcos (2004) pretende conhecer as preferências artísticas dos estudantes problematizando a forma como a escola lida com estas. O trabalho de Horst (2004) almeja investigar os processos comunicativos dentro do ambiente escolar, focando as diferentes culturas de professores e alunos e enfatizando as manifestações das culturas juvenis. A dissertação de Garcez (2000), também oriunda da Antropologia, investiga um grupo de jovens pichadores, discutindo a apropriação que fazem do espaço escolar. Finalmente, o trabalho de Rosa (2004) desenvolve uma análise sobre os corpos juvenis, analisando os significados das marcas e indumentárias que utilizam.

As pesquisas apontam a existência de uma diversidade de expressões culturais juvenis, ressaltando a distância entre a escola e a realidade dos jovens alunos. Alguns deles inovam, ao ressaltar este distanciamento como uma causa possível da crise de eficácia da escola e trazer novas luzes para compreensão deste fenômeno. O trabalho de Silva (2000), por exemplo, depois de fazer uma boa descrição do comportamento e das expressões culturais dos jovens dentro e fora da escola, conclui que esta ainda não compreende a nova realidade dos alunos e suas práticas, sendo esta a causa dos conflitos que envolvem a conduta dos jovens. Para o autor, não há um descompromisso juvenil com relação ao processo de escolarização. Os jovens tão-somente “não se reconhecem naquilo que a escola ensina, não produzindo, deste modo, um sentido mais autêntico para a escolarização”. Conclui apontando a necessidade de a escola refletir sobre as expectativas dos jovens, sua cultura, a relação que estabelecem com a cidade de tal forma a oferecer um currículo condizente com esta realidade. Nesta mesma direção, o trabalho de Soligo (2005) constata que os adolescentes buscam distanciar-se do universo cultural oferecido pela escola e conectar-se às culturas juvenis pela mediação das mídias, particularmente o rádio, a televisão e CDs, na busca de identidades culturais distintas daquelas oferecidas pela escola e pela família, o que é um modo de resistência às novas formas de poder presentes na sociedade contemporânea.

Ainda no âmbito das identidades, Rosa (2004) faz uma análise sobre os corpos juvenis, tendo como foco as marcas como *piercing*, tatuagens, pinturas variadas no cabelo e acessórios e vestimentas utilizados pelos jovens, bem como a relação que estabelecem com a escola. Constata a existência de grupos de alunos que têm nestas marcas a sua construção identitária, tornando-se um espaço de aproximação e convivência. Por outro lado, evidencia as atitudes discriminatórias da escola com relação aos modos e estilos destes grupos e argumenta que esta arte feita no corpo “é um possível movimento de resistência ao controle e vigilâncias escolares, que busca em última instância uma homogeneização e domesticação dos corpos”.

Os trabalhos reunidos neste subtema, apesar das densidades teórico-metodológicas muito diversificadas, expressam um avanço significativo ao reconhecer que os alunos trazem para o interior da escola as múltiplas expressões de uma cultura juvenil que diz respeito a modos de ser jovem e que são suportes de identidades próprias e, principalmente, de demandas e necessidades específicas.

Um número expressivo desses trabalhos constata a existência de uma distância da escola em relação à realidade dos jovens alunos, evidenciada no desconhecimento das suas expressões culturais ou mesmo na sua negação, através de diferentes formas de discriminação ou mesmo da proibição de sua expressão.

Podemos constatar duas tendências na abordagem das culturas juvenis. Uma delas enfatiza a cultura escolar, com ênfase nos currículos, alguns dos quais inspirados pelo debate gerado pelos PCNs com sua proposta de “pluralidade cultural”. A abordagem teórica baseia-se nos estudos culturais, com o predomínio de alguns autores, como Stuart Hall (1997, 2003), e na vertente do multiculturalismo que apareceu no cenário educacional brasileiro no final dos anos 90. Autores como Vera Candau (2002) e Tomas Tadeu (1999) são comuns. A expressão cultural juvenil aparece para evidenciar a existência de um distanciamento dos conteúdos escolares da realidade dos jovens. Em alguns deles a cultura juvenil é vista na perspectiva do seu potencial de motivação do jovem para com a escola, ressaltando-se uma aproximação mais pedagógica ao passo que se mostra fraca a análise sociológica sobre juventude.

Uma outra abordagem, mais inovadora, centra a análise na manifestação cultural juvenil, vista como expressão de uma determinada identidade. Neste caso, a ênfase está na descrição e na análise de como esta aparece no cotidiano escolar e das tensões que gera diante de uma instituição escolar rígida. Nestes casos, há uma tendência em focar-se a análise no jovem, com reflexões baseadas na Sociologia da Juventude.

Algumas considerações de ordem geral: avanços e limites nas análises da relação Juventude e Escola

A leitura do conjunto destas pesquisas reunidas no tema Juventude e Escola levanta algumas questões que merecem uma problematização e um aprofundamento. Uma primeira questão é se perguntar como o jovem veio sendo tematizado nestas pesquisas que têm a escola como universo empírico e foco de análise, bem como se houve diferenças significativas em relação ao primeiro Estado da Arte.

Inicialmente podemos afirmar que, em relação ao primeiro Estado da Arte, houve uma ampliação significativa tanto nas temáticas quanto nas abordagens realizadas. Na análise realizada naquele momento (Dayrell, 2002) evidenciamos que as investigações tinham seu foco centrado na instituição escolar, desde que

analisada do ponto de vista dos alunos, apreendido através das mais diferentes expressões como os seus discursos, suas concepções, seus comportamentos e atitudes. A produção discente estava fortemente influenciada pela centralidade da escola, o que provoca uma forte adesão ao estudo do jovem a partir da sua condição de aluno, fazendo com que os estudos sobre Juventude, sobretudo os de cunho sociológico, se deslocassem para uma análise da escola. Na investigação dos subtemas, evidenciou-se uma forte preocupação pedagógica, predominando assuntos ligados ao fazer da escola, como os currículos, o ensino e a aprendizagem, as relações entre professores e alunos e os sistemas de avaliação. Também estavam presentes temas relacionados a uma avaliação dos resultados da escola, tais como o fracasso, o sucesso e a evasão escolar.

Apesar destas características ainda estarem presentes em parte dos trabalhos do atual levantamento, podemos afirmar que houve avanços consideráveis na compreensão do jovem que chega às escolas, principalmente às públicas, através de uma ampliação das temáticas abordadas, mas também pelo tratamento teórico dado às mesmas. O velho convive com o novo e isto fica evidente na própria classificação dos subtemas e seus agrupamentos. Se os compararmos com a classificação realizada no Estado da Arte anterior, dos sete subtemas classificados neste estudo, três permaneceram com problemáticas semelhantes, mas também com avanços significativos.

É o caso, por exemplo, do subtema Sucesso e Fracasso Escolar, que apresentou uma mudança significativa na abordagem entre os dois períodos. No primeiro momento a ênfase dos trabalhos era na reprovação e na evasão, constituindo-se o problema da exclusão escolar. Nos trabalhos atuais, a questão da exclusão ainda continua, mas a ênfase é dada à noção de trajetórias escolares, seja de sucesso ou de fracasso, com a presença marcante das famílias neste processo. Nesta perspectiva, a investigação tende a priorizar o “processo” que produz as experiências de fracasso ou sucesso, articulando-as com as relações que os jovens mantêm com a escola, ampliando o debate em torno das desigualdades escolares. Outra novidade é a análise do sucesso escolar que está centrado basicamente no acesso dos jovens das camadas populares ao ensino superior, discussão não colocada naquele momento.

Situação semelhante com o subtema da Violência e Indisciplina na Escola que, se houve continuidade em parte das análises, viu ampliar o escopo de várias delas para além da escola, buscando articular a violência praticada na escola com aquela observada fora dela, seja na família ou na comunidade, ou mesmo ampliar o debate incluindo novas questões como as relações de gênero. Neste caso podemos observar também uma complexificação das análises realizadas, explicitando as múltiplas variáveis que interferem na produção do fenômeno.

Uma outra novidade considerável são os estudos que se centram nas culturas juvenis e no debate em torno das identidades. Estes trabalhos, com densidades teóricas diversificadas, expressam um avanço significativo ao reconhecer a diversidade dos jovens que chegam à escola, expressas em múltiplas identidades,

considerando aspectos importantes derivados das relações de gênero e étnico-raciais, por exemplo.

O arcabouço teórico que dá sustentação às análises realizadas é extremamente diverso e com densidades muito diferenciadas. Podemos constatar que boa parte das pesquisas peca pela superficialidade em suas análises, citando-se autores muito mais para confirmar as constatações do pesquisador do que para ampliar a problematização da realidade investigada. Esta realidade pode ser expressão das condições de trabalho dos pós-graduandos, principalmente dos mestrandos, marcadas pelo acesso limitado às bolsas de fomento, o que obriga que muitos conciliem o estudo e a pesquisa com o trabalho de sobrevivência, afetando certamente a qualidade das investigações. Ao mesmo tempo, é necessário ressaltar a questão da diminuição do tempo, de quatro para dois anos, para o desenvolvimento das pesquisas, tempo este insuficiente para uma investigação de qualidade.

Outro limite claro dos estudos refere-se à falta de diálogo dos trabalhos entre si. São raros os autores, principalmente das dissertações, que constroem problemáticas a partir de um diálogo horizontal com outros pesquisadores que escrevem sobre o tema, o que dificulta a acumulação também horizontal do processo de conhecimento.

Uma inflexão importante no conjunto dos estudos sobre o tema reside na adoção das categorias e modos de explicação da Sociologia da Educação francesa. Nesse sentido, François Dubet e Bernard Charlot são autores presentes em muitos estudos.

Apesar de não serem a maioria, em muitas das análises sobre a escola, e especificamente naqueles que procuram compreender os efeitos e consequências do processo de massificação tanto no ponto de vista da instituição escolar quanto do ponto de vista dos jovens alunos, é possível perceber avanços significativos, para além das abordagens clássicas que enfatizam a dimensão da reprodução social ou mesmo a precariedade e vicissitudes que afetam estes processos. Há uma tendência a valorizar os locais e as escolas nas suas especificidades, bem como os atores e as práticas enquanto produtores de realidade e impulsionadores de mudanças. Apareceram também discussões substantivas que enfatizam a interação entre as identidades juvenis e a escola, buscando explorar os mecanismos escolares como a composição de turmas e dos horários, a demarcação dos grupos de sociabilidade ou mesmo a segregação dos espaços escolares.

Neste contexto, o jovem tematizado pelas pesquisas é, em sua maioria, urbano, oriundo das camadas populares e estudante de escola pública. Apesar da ampliação relativa do número de trabalhos que pesquisam jovens de classe média e estudantes de escola particular, ainda existe uma lacuna no conhecimento deste setor da população juvenil. O tratamento analítico dados aos sujeitos jovens é variado. Tal como no Estado da Arte anterior, em boa parte das pesquisas, o jovem aparece, na sua condição de aluno, quase sempre restrito ao interior dos muros escolares, nos dizendo pouco sobre os sujeitos reais que frequentam a escola cotidianamente e as múltiplas dimensões da sua experiência escolar. É

importante frisar, contudo, que trabalhar com a categoria “aluno” para compreender os jovens na sua relação com a escola não é um problema em si; a questão incide sobre como e com qual densidade esta categoria é construída, de forma a desvelar os sujeitos, com uma compreensão mais global de suas experiências escolares, interesses e formas de sociabilidade.

Contudo, podemos constatar um avanço significativo de pesquisas que trabalham com a juventude como categoria analítica, para além de uma delimitação da faixa etária. Evidenciam uma preocupação em tratar o objeto da investigação a partir de recortes teóricos disponíveis na literatura nacional e internacional. Nesses trabalhos há uma preocupação em considerar as especificidades da condição juvenil como dimensões presentes na análise dos dados empíricos. Mas podemos dizer que em uma parte desses estudos a distinção entre fase de vida – juventude – e os sujeitos que a vivenciam, os jovens, significou um progressivo enriquecimento da análise, sobretudo na área da Educação, que, de modo disseminado, utiliza a ideia da juventude no plural – juventudes. Embora importante, nos parece ainda insatisfatória essa designação, uma vez que ela não recobra, analiticamente, de que diversidade se trata e o seu peso na configuração das práticas, representações e valores dos jovens ou sobre eles. Não basta afirmar que há questões de gênero, etnia e de pertencimentos de classes sociais compondo essa diversidade. É preciso estabelecer padrões analíticos mais rigorosos sobre o seu peso respectivo ao lado de uma crescente homogeneidade nos modos de vida e de aspirações entre os jovens, decorrentes dos processos de globalização, da disseminação e circulação da informação e dos mecanismos advindos da cultura de massas e do mercado. O desafio está posto.

Finalmente, uma questão a ser tratada diz respeito à metodologia. No Estado da Arte de 2001 constatamos um movimento metodológico que passou de um caráter quantitativo descritivo, dominante na década de 80, para uma hegemonia do caráter qualitativo das pesquisas. Nos trabalhos do presente estudo, podemos constatar que esta última tendência continua hegemônica. Na grande maioria dos trabalhos a metodologia utilizada foi de caráter qualitativo, centrada no estudo de uma escola ou de um programa, tendo como instrumentos a observação participante, a aplicação de questionários e entrevistas a alunos, professores e, em alguns casos, também aos pais. É importante assinalar a tendência em denominar a metodologia utilizada como *estudo de caso de caráter etnográfico*, mas geralmente sem uma discussão mais fundamentada da mesma. Alguns trabalhos utilizaram-se do grupo focal e ainda outros lançaram mão da análise de discurso como instrumento de pesquisa. Podemos nos perguntar se tais instrumentos seriam tão universais ou se não estaria faltando uma maior criatividade na construção de novos instrumentos metodológicos que pudessem apreender melhor a realidade juvenil.

Chama a atenção a falta de cuidados metodológicos em muitos desses trabalhos. Por exemplo, investigações que se propõem a estudar práticas escolares cotidianas e que só se utilizam da aplicação de questionários, sem uma mínima observação do cotidiano escolar. Foi comum, também, professores pesquisarem

sua própria escola ou até mesmo seus próprios alunos, sem explicitar os cuidados necessários para o devido distanciamento. Fica evidente a falta de um maior rigor metodológico em boa parte das pesquisas, expresso na falta de uma reflexão mais densa sobre o percurso da investigação e os instrumentos escolhidos. Um outro problema comum, encontrado em muitos dos trabalhos, diz respeito à falta de uma maior articulação entre a elaboração teórica apresentada e o universo empírico pesquisado, que aparecem muitas vezes como duas reflexões paralelas em que a teoria não cumpre o seu papel primordial de ampliar a compreensão da realidade estudada.

No entanto, é importante ressaltar que várias pesquisas apresentaram uma metodologia bem fundamentada e com rigor em sua implementação. Ressaltamos vários trabalhos que desenvolveram suas investigações utilizando-se de análises quantitativas, através de aplicação de questionários a uma determinada amostra, articuladas com instrumentos qualitativos, assim avançando, e muito, em densidade. Se isto se confirmar como uma tendência, pode vir a contribuir para um salto qualitativo nas pesquisas educacionais.

Bibliografia citada

- ABRAMOVAY, Miriam et all. **Escolas de Paz**. Brasília: UNESCO / Banco Mundial / Governo do Rio de Janeiro, 2003.
- ABRAMOVAY, Miriam et all. **Violência nas Escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UN-DIME, 2002.
- ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M. **A Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas**. Dialética do Esclarecimento - fragmentos filosóficos. Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio: Zahar, 1985.
- ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- AQUINO, Julio Groppa. **Confrontos na Sala de Aula: uma leitura institucional da relação professor-aluno**. São Paulo: Summus, 1996.
- AQUINO, Julio Groppa (org.) **Diferenças e Preconceito na Escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998.
- ARROYO C., Miguel G. **Imagens Quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. **A Reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean Claude. **Los Estudiantes y la Cultura**. Trad. Maria Teresa López Pardina. 2ª ed. Barcelona: Editorial Labor, 1982
- BOURDIEU, Pierre. **A Juventude é Apenas uma Palavra**. In: BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

- BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do Mundo**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 7ª. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- BOURDIEU, Pierre; NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. **Escritos de Educação**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BRANDÃO, Zaia et al. **Evasão e Repetência no Brasil**. In PAIVA, Vanilda (Org.). *Perspectivas e Dilemas da Educação Popular*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- CASTEL, R. **As Armadilhas da Exclusão**. In: Vários. *Desigualdade e a questão social*. São Paulo: Educ., 1997.
- CASTEL, R. **As Transformações da Questão Social**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- CHARLOT, Bernard. **A Mistificação Pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- CHARLOT, Bernard. **Da Relação com o Saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- DAYRELL, Juarez Tarcísio. **A Música Entra em Cena: o funk e o hip hop na socialização da juventude em Belo Horizonte**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- DEBARBIEUX, E.; et al. **Desafios e Alternativas: violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2003.
- DEBARBIEUX, E. et alii. **Pour en Finir Avec le Handicap Socio-Violent**. In B. CHARLOT, J. C. EMIN (coord.) *Violences à l'école. État des savoirs*. Paris: Armand Colin, 1997.
- DUBET, François. **A Formação dos Indivíduos: a desinstitucionalização. Contemporaneidade e Educação**, nº. 3, março de 1998.
- DUBET, François. **A Socialização e a Formação Escolar**. Lua Nova. São Paulo, nº 40-41, 1997a.
- DUBET, François e MARTUCELLI, D. **En la escuela: sociologia de la experiencia escolar**. Buenos Aires, Losada. 1997b
- DUBET, François. **As desigualdades multiplicadas. Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), n.17, mai.– ago., 2001.
- DURANT, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.
- DURANT, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. Lisboa: Presença, 1989.
- DURANT, Gilbert. **Campos do Imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- ENGUITA, Mariano F. **A Face Oculta da Escola: educação e trabalho no capitalismo**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- ERIKSON, E. H. **Infância e Sociedade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1987.
- FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Verus Editora, 2005.

- FORQUIN, J.C. **Sociologia da Educação. Dez anos de pesquisa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 21ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** 6ª Edição. São Paulo, Paz e Terra. 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª. Ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GADET, F. e HACK, T. (orgs). **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pecheux.** Ed. Campinas, São Paulo, Unicamp. 1997.
- GIROUX, Henry A. **Os Professores como Intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 1997.
- GIROUX, Henry A. **Teoria Crítica e Resistência em Educação: para além das teorias de reprodução.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- GRAMSCI, A. **Concepção Dialética da História.** 10ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- HABERMAS, Jurgen. **Teoria de la Accion comunicativa: complementos y estudios previos.** 2ª ed. Madrid: Catedra, 1994.
- JODELET, Denise (Dir.). **A Abordagem Estrutural das Representações Sociais.** In: MOREIRA, Antonia S. Pereira e OLIVEIRA, Denise C. de. (Orgs.). Estudos Interdisciplinares de Representações Sociais. Goiânia: AB, 1998. (tradução. de Pedro H. F. Campos).
- JODELET, Denise (Dir.) **Les Représentations Sociales.** 5ª ed., Paris: P.U.F, 1997.
- JODELET, Denise. **Représentation Sociale: phénomènes, concept et théorie.** In MOSCOVICI, Serge. Psychologie sociale, Paris: PUF, 1988.
- LAHIRE, Bernard. **Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais.** Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos Meios Populares: as razões do improvável.** São Paulo: Editora Ática, 1997.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública. A pedagogia crítico-social dos conteúdos.** 20ª Edição, São Paulo: Cortez Editora, 2002.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Modernidade: presente e futuro da escola.** In GHIRALDELLI Jr. Paulo (Org.). Infância, Escola e Modernidade. São Paulo: Cortez; UFPr., Cortez, 1997.
- LEVISKY, D. L. **Adolescência: reflexões psicanalíticas Casa do Psicólogo,** São Paulo: 1988
- MARCUSE, H. **A Ideologia da Sociedade Industrial: o homem unidimensional.** Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- MICHAUD, Yves. **A Violência.** In: O Problema das Definições. São Paulo: Ática, 1989.
- MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise.** Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MOSCOVICI, Serge. **Prefácio.** In: GUARESCHI, Pedrinho A. & JOVCHELOVITICH, Sandra (orgs.). Textos em Representações Sociais. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo Crítico.** São Paulo: Cortez, 1997.

- MCLAREN, Peter. et al. **Poder, Desejo e Memórias de Libertação**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- NOGUEIRA, M. A., ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Org.). **Família e Escola. Trajetórias de escolarização em camadas populares e médias**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- NOVOA, Antonio. **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 2003.
- OLWEUS, D. **Conductas de Acoso o Amenaza Entre Escolares**. Madrid, Morata, 1998.
- ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas. São Paulo Pontes. 1999.
- PAIS, José Machado. **Definindo uma Problemática e um Método de Investigação**. In: Culturas Juvenis. Portugal: Imprensa Nacional, maio. 1993.
- PAIS, José Machado. **Ganchos, Tascos e Biscates. Jovens, Trabalho e Futuro**. 2ª edição, Âmbar, 2003.
- PATTO, M.H.S. **A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: T. A. Queiroz, reimpressão. 1996.
- PECHEUX, Michel. **A Análise de Discurso: três etapas**. In: GADET, F. e HACK, T. (orgs). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pecheux. Ed. Campinas, São Paulo, Unicamp. 1997.
- PÉREZ GÓMEZ, Angel I. **A Cultura Escolar na Sociedade Neoliberal**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- PERRENOUD, Philippe. **Ofício de Aluno e Sentido do Trabalho Escolar**. Tradução de Júlia Ferreira. Porto Codex: Porto, 1995.
- PERRENOUD, Philippe; ALESSANDRINI, Cristina Dias; RAMOS, Patrícia Chittoni. **10 Novas Competências para Ensinar: convite à viagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000 a
- PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia Diferenciada: das intenções a ação**. Porto Alegre: Artmed, 2000 b.
- PETITAT, André. **Produção da Escola / Produção da Sociedade: análise sócio-histórico de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente**. Tradução de Eunice Gruman. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- PORTES, Écio Antonio; NOGUEIRA, Maria Alice. **Trajetórias Escolares e Vida Acadêmica do Estudante pobre da UFMG: um estudo a partir de cinco casos**. Tese (doutorado em educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. 2001.
- REGUILLO, Rossana. **Emergência de lãs Culturas Juveniles: estratégias del desencanto**. Bogotá: Editorial Norma. 2000.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para Libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- SOUZA, Regina Magalhães. **Escola e Juventude: o aprender a aprender**. São Paulo: EDUC/Paulus. 2003.
- SPOSITO, M. P. A Instituição Escolar e a Violência. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 104, 1998.
- SPOSITO, M. P. A Sociabilidade Juvenil e a Rua: novos conflitos e a ação coletiva na cidade. Tempo Social: **Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 5, nº 1-2, 1994.

- SPOSITO, M. P. Estudos sobre Juventude em Educação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, nº 5/6, 1997.
- SPOSITO, M. P. Um Breve Balanço da Pesquisa Sobre Violência Escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, nº. 27, 2001.
- TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- TARDIF, Maurice. Saberes Profissionais dos Professores e Conhecimentos Universitários – elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, ANPED, São Paulo, nº 13, jan./abr. 2000.
- VIANNA, Claudia e RIDENTI, Sandra. **Relações de Gênero e Escola: das diferenças ao preconceito**. In: Aquino Júlio. Diferenças e Preconceitos na Escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998.
- WEBER, M. Os Três Aspectos da Autoridade Legítima. In: Etzioni, Amitai (ogr.) **Organizações Complexas**. São Paulo, Atlas 1973.
- ZAGO, Nadir. **Processos de Escolarização nos Meios Populares - As contradições da obrigatoriedade escolar**. In: NOGUEIRA, M. A., ROMANELLI, G. e ZAGO, N. (Org.) Família e escola. Trajetórias de escolarização em camadas populares e médias. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- ZAGO, Nadir. Relação Escola-Família: elementos de reflexão sobre um objeto de estudo em construção. **Revista de Ciências Sociais**, Florianópolis, v. 12, n. 16, out. 1994.
- ZAGO, Nadir. **Transformações Urbanas e Dinâmicas Escolares: uma relação de interdependência num bairro da periferia urbana**. Revista de Educação, Sociedade & Culturas, Portugal, n. 7, p. 29-54, 1997.
- ZALUAR, Alba. A Ilusão dos Jovens e o Crime Organizado. In: **Comunicação e Política**, v.1, nº. 2, março 1995.
- ZALUAR, Alba (org). **Violência e Educação**. São Paulo, Cortez editora, 1992.

Referências bibliográficas

Teses e dissertações citadas

EDUCAÇÃO

Teses

- ANDRADE, Eliane Ribeiro. **A educação de jovens e adultos e os jovens do último turno: Produzindo outsiders**. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2004.
- BACKES, José Licínio. **A Negociação das Identidades/Diferenças Culturais no Espaço Escolar**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, 2005.

- BRITO, Luiz Carlos Cerquinho de. **Formação, Socialização e Construção do Conhecimento do Adolescente. 2002.** Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2002.
- CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. **Violência e Indisciplina nas Práticas Escolares de Adolescentes. 2000.** Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000
- FERNANDES, Dorgival Gonçalves. **Ir-remediável campo de sonhos de futuro: representações sociais da escola entre jovens estudantes de escolas públicas no sertão nordestino. 2003.** Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2003.
- GARCIA, Edelir Salomão. **Trajetória escolar de ex-alunos de classes especiais para deficientes mentais. 2006.** Dissertação (Doutorado em Educação)- Unesp – Araraquara, São Paulo, 2006.
- GIOVINAZZO JR, Carlos Antônio. **A Educação escolar segundo os adolescentes: Um estudo sobre a relação entre a escola e seus alunos. 2003.** Tese (Doutorado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.
- GOEDERT, Rosicler Terezinha. **A Cultura Jovem e suas Relações com a Educação Física Escolar. 2005.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2005.
- LACERDA, Wania Maria Guimarães. **Famílias e filhos na construção de trajetórias escolares pouco prováveis: o caso dos iteanos. 2006.** Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006.
- LIMA, Augusto César Gonçalves e. **A escola é o Silêncio da Baticada? Estudo sobre a Relação de uma Escola Pública no Bairro de Oswaldo Cruz com a Cultura do Samba. 2005.** Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- MARTÍNEZ, María Elena. **De volta à escola: Escolarização e formas de sociabilidade de jovens das camadas populares. 2006.** Tese (Doutorado em Educação)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Juventude e escola: desvendando teias dos significados entre encontros e desencontros. 2001.** Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2001.
- MEINERZ, Carla Beatriz. **Adolescentes no pátio, outra maneira de viver a escola: um estudo sobre a sociabilidade a partir da inserção escolar na periferia urbana. 2005.** Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2005.
- NASCIMENTO, Ivany Pinto. **As Representações Sociais do Projeto de Vida dos Adolescentes: Um Estudo Psicossocial. 2002.** Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.
- NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiroz. **Identidade Juvenil e Identidade Discente: Processos de Escolarização no Terceiro Ciclo da Escola Plural. 2006.** Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2006.
- OYARZABAL, Graziela Macuglia. **Os sentidos discursivos enunciados por professores, pais e alunos sobre a escola por ciclos: um estudo de caso em Porto**

- Alegre/RS. 2006.** Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2006.
- PEREGRINO, Mônica Dias. Desigualdade numa escola em mudança: Trajetórias e embates na escolarização pública de jovens pobres. 2006. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006.
- REZENDE, Cláudia Cabral. **Formação Ética do Jovem Educando – Um Processo de (Re)Construção de Valores. 2006.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, São Paulo, 2006.
- SILVA, Gilberto Ferreira da. Do **Multiculturalismo à Educação Intercultural: Estudo dos Processos Identitários de Jovens da Escola Pública na Região Metropolitana de Porto Alegre. 2001.** Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2001.
- SILVA, Jailson de Souza e. **Por que uns e não outros? Caminhada de estudantes da maré para a universidade.1999.** Tese (Doutorado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- SILVA, Rosemeire Reis da. **Encontros e desencontros: a relação dos jovens/novos alunos do ensino médio em moratória com os saberes escolares. 2006.** Tese (Doutorado em Educação)- Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.
- XAVIER, Maria Luisa Merino de Freitas. Os incluídos na escola: o disciplinamento nos processos emancipatórios. 2003. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2003.

Dissertações

- ADÃO, Sandra Regina. **Movimento Hip Hop: A Visibilidade do Adolescente Negro no Espaço Escolar. 2006.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2006.
- ALFREDO, Mauricio. **A Socialização dos Herdeiros: As Trajetórias Social e Escolar de Jovens Pretendentes a Dirigentes. 2005.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, São Paulo, 2005.
- ALMEIDA, Patrícia Teixeira de. **Representações sociais do analfabetismo na perspectiva de jovens e adultos não-alfabetizados. 2004.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Distrito Federal, 2004.
- ALMEIDA, Vailde Bragança Silveira de. **Entre a afirmação e a crítica: um estudo sobre educação a partir do discurso dos alunos do ensino médio da baixada santista. 2004.** Dissertação (Mestrado em Educação) –Universidade Católica de Santos, São Paulo, 2004.
- ALVES, Maria do Rosário do Nascimento Ribeiro. **A Escrita na Primeira Série do Ensino Médio: Uma Análise sobre a Alfabetização. 2005.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Brasília, Distrito Federal, 2005.
- ANGELIS, Joana Maria de. **Jovens, Cidadãos - Estudantes da Escola de Nível Médio. 1999.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- ANTUNES, Marisa Aparecida Domingues. **“Descobrir e Trabalhar o Valor dos Jovens na Escola”. 2000.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade

- do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- ARAÚJO, Carmen Sheila. **Fracasso escolar em escola pública de bananeiras: consequência da relação professor – aluno. 2002.** Dissertação (Mestrado em Educação) -Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2002.
- ARAÚJO, Claúdio Correia de. **Educação como Ação Cultural para a Auto-Determinação: Um Estudo de Caso entre Estudantes da Periferia de Maceioense. 2005.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, 2005.
- ARAÚJO, Maria Carla de Ávila. **Vivências Escolares de Jovens de um Bairro da Periferia de Belo Horizonte: Um Estudo Exploratório das Marcas da Violência na Constituição de suas Identidades. 2000.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2000.
- ARAÚJO, Marilse Terezinha de. **Era uma vez uma escola. 2001.** Dissertação (Mestrado em Educação) –Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2001.
- ARCOS, Rosângela Quetetto de Andrade. **Sobre Preferências Artísticas e a Escola: Um Estudo das Opções Culturais dos Jovens Alunos da Rede Pública. 2004.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.
- BARBOSA, Maria Emília Alfano. **Condição juvenil e experiência discente: um estudo em uma escola de ensino médio. 1999.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- BATISTA, Liliâne Petris. **Os jovens de periferia e a escola pública: um estudo de caso. 2002.** Dissertação (Mestrado em Educação) -Universidade De São Paulo, São Paulo, 2002.
- BELUCCI, Maria Augusta. **A compreensão da situação de defasagem entre idade e série escolar a partir da visão do aluno. 2002.** Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade São Francisco, São Paulo, 2002.
- BIRCK, Wilce De Fátima Calazans. **As práticas excludentes do cotidiano das escolas públicas de Cuiabá. 2002.** Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal De Mato Grosso, Mato Grosso, 2002
- BOMFIM, Maria Inês do Rego Monteiro. **Jovens e ensino médio no rio de janeiro: a eleição dos eleitos? 2003.** Dissertação (Mestrado em Educação) –Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003.
- BORTOLÁS, Silvia. **A Indisciplina no Interior da Escola: Uma Aproximação com o Outro. 2002.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2002.
- BRAZ, Maria Luzerina. **Educação e Formação de Jovens na Gestão Militar do Colégio Estadual “Tiradentes” (Cuiabá-MT). 2004.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, 2004.
- CABRAL, Nadine Friedrich. **Vivências de Alunos Jovens em Escolas de Ensino Médio. 2005.** Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2005.
- CAMARGO, Carmen Aparecida Cardoso Maia. **O bom professor do ensino médio na representação do alunado. 2000.** Dissertação (Mestrado em Educação) –Universidade de Franca, São Paulo, 2000.

- CAMPOS, Carmelita Leitão. **O sucesso e o fracasso escolar no ensino médio da rede pública do Distrito Federal. 2002.** Dissertação (Mestrado em Educação) -Universidade Católica de Brasília, Distrito Federal, 2002.
- CASCAES, Joceny Possas. **A boa escola sob o olhar do aluno: um estudo de representações sociais. 2003.** Dissertação (Mestrado em Educação) –Universidade Regional de Blumenau, Santa Catarina, 2003.
- CASTRO, Plínio Eduardo Monteiro de. **Espaço, Tempo e Turno. A Utilização de Recursos Escassos pela Escola Pública de DF e pelo Aluno do Ensino Médio. 2000.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Distrito Federal, 2000.
- CASTRO, Rubia Mara Pimenta de Carvalho e. **Os sentidos da escola engendrados no cotidiano escolar e nas vivências familiares de alunos do ensino fundamental. 2002.** Dissertação (Mestrado em Educação) –Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais, 2002.
- CAVALCANTI, Rafaela Sátiro de Souza. **Transpondo o Muro: Interferências da Violência Extramuros no Cotidiano Escolar. 2006.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2006.
- CHAGAS, Marcos Antonio Macedo das. **Educação de Jovens e Adultos: A Experiência do PEJ no Município de Rio de Janeiro. 2003.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003.
- CLÁUDIO, Claudemiro Esperança. **Brigas entre Alunos na Escola: A Adolescência, o Mal - Estar e o Outro. 2005.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- COELHO, Magaly Aparecida Sampaio. **Qual a finalidade do ensino médio? 2002.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste Paulista, São Paulo, 2004.
- COMERLATTO, Luciani Paz. A escola como espaço privilegiado para o assujeitamento social: grito de alerta a partir de Foucault. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 1999.
- CORDEIRO, Maria José de Jesus Alves. **Violência na Escola e Medidas Socioeducativas. 1999.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.
- CORENZA, Janaína de Azevedo. Expectativas: **O Que Os Jovens Desejam Para O Futuro Próximo? 2006.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- COSTA, Anésia Maria da. **“Pra que Usar de Tanta Educação para Destilar Terceiras Intenções?”: jovens, canções e escola em questão. 1999.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 1999.
- COSTA, Deane Monteiro Vieira. Escola e juventude: Encontros e desencontros. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2005.
- COSTA, Deise Helena Rosa da. **A Prática Docente e a Disseminação de Valores Éticos no Ensino Médio e Profissional. 2004.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2004.

- COSTA, Paulo Roberto da. **Multiplicando os Pontos de Vista sobre a Violência nas Escolas: Estudo Comparativo do Clima Escolar em duas Escolas Públicas de Belo Horizonte. 2005.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2005.
- COUTO, Karine Gusmão do. **Violência e Escola: O que Pensam Professores, Alunos e Policiais sobre a Intervenção Policial na Instituição Escolar. 2003.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2003.
- CREMASCO, Marilda Jose. Processos de escolarização precária de jovens em um bairro de classe média na cidade de São Paulo. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- CUNHA, Maria do Socorro. A política, as relações de poder na escola e a formação para a cidadania. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Paraná, 2006.
- DANTE, Elaine Silva. **Gostar de Ler: Um Estudo sobre Alunos de Ensino Médio e sua Relação com a Leitura. 2006.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo, 2006.
- DELGADO, Martha Karina Ferreira. **Educação de jovens e adultos: conhecendo as expectativas de alunos de um centro estadual de educação supletiva. 2000.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2000.
- ESCALANTE, Roberta Kolling. As representações de alunos sobre professores de espanhol como língua estrangeira. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2006.
- ESPÍRITO SANTO, Shirlei Rezende Sales do. **Oposição, Diversão e Violência na Escola: Os Significados Produzidos para Determinadas Práticas Culturais. 2002.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2002.
- ESTRADA, Adrian Alvarez. Culturanálise de uma etno-escola (Escola Armênia ou Externato José Bonifácio – SP – 1996/1998): um estudo de antropologia das organizações educativas. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- FAGUNDES, Maurício César. **Reprodução e Emancipação - Categorias de Análise Histórico-Antológico de um Projeto Político-Pedagógico Dialogando com a Realidade Concreta de seus Sujeitos. 2003.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, 2003.
- FERNANDES, Eliana da Fonseca. Pedagogia amordaçada: uma ruptura na rede da vida? 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, 2005.
- FERNANDES, Kátia Tomaz. **O Conceito de Violência Escolar na Perspectiva dos Discentes. 2006.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Brasília, Distrito Federal, 2006.
- FERREIRA, Augusto César Rosito. **Texto e contexto da relação aluno, escola e saber. 2006.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

- FILHO, Francisco Bento da Silva. **Escola do Medo: O Discurso dos Atores Educacionais acerca da Violência na Escola. 2003.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa, 2003.
- FRANÇA, Fernanda Martins de. **Violência Intra-Familiar e Envolvimento em Bullying no Ensino Fundamental. 2006.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2006.
- FRANCO, Luiz Fernando. Educação e Multiculturalismo - migrantes nordestinos em uma escola estadual- um estudo de caso a partir de escola publica. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- FREIRE, Letícia de Freitas Cardoso. **Cá Entre Nós! Deixa que eu seja eu: Um estudo de caso sobre usos que alunos do Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros/ MG fazem do uniforme escolar. 2004.** Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais, 2004.
- FUGITA, Liliane Neppel. Das entranhas ao estranhamento das relações de poder no cotidiano escolar - questionando a obviedade dos prêmios e castigos. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2000.
- FURLAN, Maria Ignez Carlin. **Avaliação da aprendizagem escolar: convergências e divergências entre os atores do processo de uma escola pública de ensino médio. 2006.** Dissertação (Mestrado em Educação) –Universidade do Oeste Paulista. São Paulo, 2006.
- GARCIA, Cláudia. As possibilidades do contrato pedagógico em sala de aula: um estudo em uma escola da periferia de Porto Alegre. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2005.
- GARCIA, Elisete Enir Bernardi. **Um estudo sobre juventude e espaço-tempo escolar. 2005.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, 2005.
- GARCIA, Inez Helena Muniz. **Jovens e adultos em processo de alfabetização: voz e vida, revelações e expectativas. 2004.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2004.
- GIORDANI, Loreni. **O sentido e o significado do ensino médio noturno na construção das atividades dos seus alunos. 2006.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso do Sul, 2006.
- GIRELLI, Danielle Piontkovsky. O direito ao grito: os múltiplos *espaçotempos* do cotidiano de uma escola pública do interior e as marcas dos alunos migrantes nos/ dos currículos realizados. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2006.
- GRECO, Fátima Aparecida da Silveira. **Geografia(s), saberes, Práticas e Vivências Culturais de Jovens Adolescentes. 2000.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2000.
- HENN, Iara Aquino. **Sujeitos de Conhecimento, Cultura e Poder: Educação de Pessoas Jovens e Adultas. 2006.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Rio grande do Sul 2006.

- HENRIQUES, Flávia. **Do Orientar ao Estudar: A Relação Prática com o Saber. 2005.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Santos, São Paulo, 2005.
- KIRSTEN, Norma Horst. **Entre a Igualdade e a Diferença: Dicotomias na Escola. 2004.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- KOSSATZ, Mauriceia Gonçalves. **Ética no Olhar de Professores e Alunos: Um Estudo em Escola do Ensino Médio. 2006.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tuiuti do Paraná, Paraná, 2006.
- LATERMAN, Ilana. **Violências, Incivildades em Disciplinas no Meio Escolar: Um Estudo em dois Estabelecimentos da Rede Pública. 1999.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 1999.
- LIMA, Airan Almeida de. **Participação e superação do fracasso escolar: o caso do projeto de educação de jovens e adultos do Paranoá – DF. 1999.** Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade De Brasília, Distrito Federal, 1999.
- LINS, Carla Patrícia de Serpa Brandão Acioli. **A escola e a escolarização: a representação social de pais e alunos. 2000.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2000.
- LÍRIO, Flávio Corsini. **As violências Praticadas e Sofridas por Jovens na Escola. 2004.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2004.
- LOPES, Claudivan Sanches. **A Violência no Espaço Escolar e a Relação Professor-Aluno. 2001.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá, Paraíba, 2001.
- LOPES, Elaine Ferreira da Silva. **Relações pedagógicas a autoridade do professor, a liberdade do aluno e o contrato mediador: possibilidades e limites. 2005.** Dissertação (Mestrado em Educação)- UNISINOS, Rio Grande do Sul, 2005.
- LOPES, Márcia. **Gênero, Violência e Educação: Um estudo nas Escolas Públicas do Estado de São Paulo. 2004.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2004.
- LOPES, Paula da Silva Vidal Cid. **Imaginário Social e Resgate da Memória Cultural e Afetiva na Comunidade de Rio das Pedras (Uma Proposta para a Educação de Jovens e Adultos). 2004.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- LOPES, Rosely Dal Castel. **Significados da escola para adolescentes multirepetentes das classes populares. 2003.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2003.
- MACHADO, Flora Prata. **Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou? 2004.** Dissertação (Mestrado em Educação) –Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- MACHADO, Jane do Carmo. **A relação dialógica entre professor-aluno fundamentada em uma prática pedagógica comprometida. 2004.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Petrópolis, Rio de Janeiro, 2004.

- MACHADO, Nilton Marcos Lício. **A escola ideal: como os adolescentes percebem e idealizam o meio escolar.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2005.
- MAIA, Benjamin Perez. Educação, saúde e ética: o agir comunicativo entre professor e aluno. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2005.
- MANCIN, Celso Aparecido. **Expectativas, satisfações e desempenho acadêmico nas relações educacionais do CEFET Uberaba – um estudo de caso.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- MARDONES, Simone Damm Zogaib. **Quando eu Mando, você não Obedece: um Estudo sobre Regras de Conduta, Autoridade Docente e Disciplina.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Fundação Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2004.
- MASSULO, Fábio Amazonas. **Análise Sociológica do Projeto Institucional e Pedagógico do Colégio Militar de Manaus.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amazonas, Amazonas, 2002.
- MATOS, Adalgisa Helena Gomes de. **Tornando-se Sujeitos Sócio-Culturais com a Arte: Uma Experiência de Jovens Estudantes e Professores da Escola Municipal da Vila Pinho.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2003.
- MATTOS, Eliane de. **Sobre a Importância do Teatro na Educação para Jovens do Ensino Médio.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Petrópolis, Rio de Janeiro, 2002.
- MEDEIROS, Corinha Maria Barreto. **Agressões em uma Escola de Ensino fundamental: Visão dos Alunos, Professores e Funcionários.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2006.
- MEDEIROS, Daniel Hortêncio de. **Jovens Incluídos, Consciência Histórica e Vazio Pedagógico: Um Estudo de Caso.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2002.
- MENDES, Maria Celeste de Jesus. **Práticas Significativas de Professoras Bem-sucedidas – A Voz do Aluno do Ensino Médio.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Santos, São Paulo, 2006.
- MENDONÇA, Fernando de Oliveira. **O Adolescente no Mundo e o Mundo do Adolescente: Visões de Mundo de Adolescente de uma área Periférica e de uma Área de Elite de Belo Horizonte.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2005.
- MINGA, Maria de Jesus Amaral. Intermigração de alunos de escolas particulares: a pertença ao grupo. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação)-UNINOVE, São Paulo, 2002.
- MOREIRA, Maria Consolata. **Formação de Professores: Um Repensar das Práticas Pedagógicas na IA.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Amazonas, 2004.
- MOTA, Francisco de Assis Alencar. **O que Pensam os que Aprendem? Apontamentos para uma Discussão, em Avaliação, a partir de um Estudo de Caso.**

- 2004.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2004.
- MOTTA, Artur Guilherme Carvalho da. **Protagonismo Juvenil e Ensino Médio. 2002.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2002.
- MOTTA, Maria do Carmo Sousa. Prática docente e cultura juvenil: na sinfonia do ensino médio confessional. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2002.
- MOURÃO, Lúcia de Mello. **A reflexividade dos jovens do ensino médio sobre o contraste tecnológico entre a escola pública e a sociedade. 2006.** Dissertação (Mestrado em Educação) –Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- NASCIMENTO, Carmen Teresinha Brunel do. **Jovens no ensino supletivo: reconstituindo trajetórias. 2001.** Dissertação (Mestrado em Educação) –Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2001.
- NASCIMENTO, Maria Eulália Pereira. **Da exploração à inutilidade: Relação entre os Valores da Globalização Capitalista que Organizam o Mundo do Trabalho neste Final de Século e a Violência nas Relações Escolares. 2000.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2000.
- NETO, Miguel Farah. **Escola, Juventude e Política Social: Estudando os Processos de Participação dos Jovens e da Comunidade no Programa Escolas de Paz no Estado do Rio de Janeiro. 2002.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- NOGUEIRA, Ione da Silva Cunha. **Violência nas Escolas: Cidadania, Parâmetros Curriculares e Ética. 2000.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Araraquara, São Paulo, 2000.
- NUNES, Juarez Magno. **(In) Disciplina escolar: A Visão dos Alunos. 2000.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2000.
- OLIVEIRA, Flávia Lousada Gravina de. **O Mundo que se Exploda, Eu Tô Aqui e Dane-se o Resto. 2006.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juíz de Fora, Minas Gerais, 2006.
- OLIVEIRA, José Eduardo Costa de. **O Papel da Educação Física na Minimização da Indisciplina Escolar. 2004.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário Moura Lacerda, São Paulo, 2004.
- OLIVEIRA, Luiz Carlos Carvalho de. **As representações sociais da qualidade na educação para alunos do 1º ano do ensino médio. 2006.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Universidade Federal do Piauí, Piauí, 2006.
- OLIVEIRA, Regina Maringoni de. **O sentido da escola em diferentes realidades sócio-econômicas e culturais. 1999.** Dissertação (Mestrado em Educação) –Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1999.
- PECORA, Ana Rafaela. **Perspectivas de Futuro: Um Olhar Para As Representações Sociais de Jovens Estudantes de Escolas Públicas de Cuiabá. Mato Grosso. 2003.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, 2003.

- PEREIRA, Adriana da Silva Alves. **Sucesso escolar nos meios populares: mobilização pessoal e estratégias familiares. 2005.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais, 2005.
- PORCARO, Gilca Maria Hubner Napier. **Escola Municipal de Música Manoel Vargas: Os Significados da Educação Musical para os Alunos. 2006.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Petrópolis, Rio de Janeiro, 2006.
- QUEIROZ, José Edmar de. **Ocorrência e Causas da Violência na Escola segundo a Percepção de uma Comunidade Escolar. 1999.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Distrito Federal, 1999.
- REBEL, Sandra Maria Cavalcanti. **A relação com o saber de alunos de um curso normal de nível médio. 2004.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2004.
- REBÉS, Edison Goulart. **A Violência na Escola: Dados de Uruguaiana. 2001.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2001.
- RESENDE, Maria Augusta Monteiro de. **Por que escolas com características semelhantes apresentam resultados tão diferentes. 2005.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal De Minas Gerais, Minas Gerais, 2005.
- RIBEIRO, Raimunda Maria da Cunha. **Significações da Violência Escolar na Perspectiva dos Alunos. 2004.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Brasília, Distrito Federal, 2004.
- RIBEIRO, Ruth. **Droga, Juventude e Desvio: Um Estudo Exploratório dos Significados Atribuídos ao Uso e ao Tráfico de Drogas, por Jovens de Escola pública de Belo Horizonte. 2002.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2002.
- RODRIGUES, João Carlos. **A Violência Escolar na Perspectiva dos “Agentes” e “Clientela” de uma Escola Estadual de Cidade de São Carlos – SP. 2005.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário Moura Lacerda, São Paulo, 2005.
- RODRIGUES, Luiz Antonio. **A Violência em Sala de Aula, na Percepção de Alunos de Oitava Série do Ensino Fundamental de uma Escola de Confissão religiosa. 2003.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.
- ROMERO, Patrícia Rosana Salvador. **Educação e Pós-modernidade: Vozes de Indisciplina Escolar em uma Escola da Rede Pública de Sorocaba/SP. 2005.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, São Paulo, 2005.
- ROSA, Graciema de Fátima da. **Corpos Jovens como Superfície de Inscrição de Textos Culturais: Recados para a Educação Escolar. 2004.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2004.
- ROSSATO, Maristela. **A voz dos alunos produzindo (re)significações acerca do fracasso escolar. 2001.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2001.
- ROSSITTO, Roberto Grelet. **Características da relação professor - aluno, em curso noturno da área da saúde, que facilitam e dificultam a aprendizagem. 2002.** Dissertação

- tação (Mestrado em Educação)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.
- SALEM, Maura Lucia Azevedo. A importância da percepção do aluno adolescente na prática docente. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade do Oeste Paulista, São Paulo, 2006.
- SALOMON, Maria Luisa de Oliveira. **Alguns mecanismos de produção de percursos escolares acidentados nos meios sociais favorecidos e seus possíveis significados.** 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) -Pontifícia Universidade Católica De Minas Gerais, Minas Gerais, 2001.
- SALVA, Sueli. **Vai ter Dança Hoje? Itinerários Juvenis no Espaço Escolar.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2003.
- SANTANA, Jair. **Rap e Escolaridade: Um Estudo de Caso com Afrodescendentes na Condição de Liberdade Assistida em Sorocaba/SP.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, São Paulo, 2005.
- SANTOS, Josivaldo Constantino dos. Participação ativa e efetiva do aluno no processo de ensino-aprendizagem como condição fundamental para a construção do conhecimento. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2002.
- SANTOS, Ligia Beatriz da Costa e Silva R. **Reprovação escolar no campus Amílcar Ferreira - sobral: em busca das suas causas.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2005.
- SAUL, Léa Lima. **As Faces da Violência: Um Estudo das Representações Sociais de Adolescentes de Escolas Públicas de Cuiabá - 2003.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, 2004.
- SCHLICKMANN, José Wilson. **Das Relações entre Dimensão Espiritual, Valores, Currículo, e Práticas Educativas na Percepção de Estudantes.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, 2002.
- SELLA, Maria de Lourdes. **Indisciplina no Ensino Médio: O Ponto de Vista de Professores e Alunos de uma Escola Particular de Cuiabá - Mato Grosso.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, 2002.
- SILVA, Analise de Jesus da. **Relações entre Formadores, Professores e Adolescentes: De Objetos no Labirinto a Objetos de Educação.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2002.
- SILVA, Antônio Carlos da. **Estação Saracurana: A Estação dos Jovens.** 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- SILVA, Cláudio Aparecido da. Reflexões sobre motivação numa escola do ensino fundamental de Apucarana-PR: um estudo de caso. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste Paulista, São Paulo, 2005.
- SILVA, Eliel Ferreira da. **Escolha de cursos superiores por alunos de uma cooperativa de ensino na região do médio Araguaia (Barra do Garças, MT).**

- 2006.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, 2006.
- SILVA, Elizabeth Marciano da. **A escola e a Cultura do Jovem da Periferia: Um estudo sobre a relação do movimento Hip Hop e Currículo.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Prebisteriana Mackenzie, São Paulo, 2004.
- SILVA, Francisco Cláudio de Sousa. **A evasão escolar de jovens do ensino médio em uma escola pública de Itaituba, Pará.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual De Campinas, São Paulo, 2005.
- SILVA, Hesley Machado. **Jovens do ensino médio noturno: demandas em relação à escola.** 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 2000.
- SILVA, Marisa Albertina Crivelaro da. **Relações Sócio – afetivas professor/aluno e implicações no processo da aprendizagem e na formação dos educandos.** 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2000.
- SILVA, Roberto Carlos da. **O Projeto SOMEM como Alternativa de Política Pública em Educação para a Expansão do Ensino Médio em Sergipe: Um Estudo de Caso.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2004.
- SILVA, Zilda Borges da. **Negociações de destino: a escola pública como espaço de constituição de jovens e professores.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2003.
- SOLTAU, André Marcos Vieira. **Jovens Nômades Em Fronteiras Fixas.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2004.
- SOUTO, Roseli Marianna dos Santos. **Inclusão/exclusão: estratégias que facilitam o sucesso escolar.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2002.
- SOUZA, Ângela Regina Curzio de. **Projetos e Tensões de Concluintes do Ensino Fundamental da Rede Pública de Nova Friburgo.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2003.
- SOUZA, Neyliane Rocha da Silva. **“Promovido pelo conselho de classe” ou “retido no ciclo II” - Qual é a diferença?** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- STEPHAN, Andrea Dorothee. **Vivências da Paz na Escola.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2005.
- STOELBEN, Isabel Cristina Velasques. **Juvenildade, Saber e Violência: Uma Leitura da Realidade Escolar.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2003.
- TIGRE, Maria das Graças do Espírito Santo. **Formação de Professores, Violência na Escola, Pós-modernidade, Representações Sociais, Crise na Escola.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraíba, 2002.

- TOLEDO, Elizete Oliveira de Andrade. **A escolarização de jovens e adultos trabalhadores no município de Carangola/MG. 2005.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2005
- TOLEDO, Welcio Silvério de. **A imagem de escola na perspectiva do aluno adolescente: adaptação ou transformação social? 2003.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2003.
- TREVAS, Juliana Torres Y Plá. **“O indivíduo e a função educativa da escola - uma análise de tendências subjetivas em alunos do ensino médio”.** 2003. Dissertação- (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2003.
- VALONES, Neide Maria Alves. O poder disciplinar na relação pedagógica no cotidiano escolar. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2003.
- VASCONCELLOS, Patrícia Meira de. **O Diálogo entre os Jovens e o Currículo do Ensino Médio: A Presença dos Projetos na Escola. 2004.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.
- VIEIRA, Álvaro José Camargo. **Pedagogia da Morte. 2002.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2002.
- VINHAIS, Ione Maria Rich. **Produção Textual de Alunos do Ensino Médio: Filiação Discursiva, Constituição de Sentido e Sujeitos. 2006.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2006.
- VIRGILIO, Marilene da Silva Pacheco. **A Relação com a Escola e o Saber Escolar: Um Estudo com Alunos em Situação de Distorção Idade/Série. 2003.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2003.
- WÜRCH, Cláudia. **Relações de poder entre professor e aluno - As marcas na subjetividade. 2005.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Federal do Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2005.

CIÊNCIAS SOCIAIS

Teses

- GRACIOLI, Maria Madalena. **A Concepção Subvertida de Futuro dos Jovens: A Trajetória Pelo Ensino Médio. 2006.** Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, São Paulo, 2006.
- MARTINS, Regina Helena Oliveira. **Representações e Práticas sobre a Violência entre Jovens Estudantes do Ensino Médio. 2003.** Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Araraquara, São Paulo, 2003.
- SILVA, Maria de Lourdes Sa Earp de Mello de. **A cultura da repetência em escolas cariocas. 2006.** Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Dissertações

- BRUM, Dalva Maria Ribas. **Expressões Juvenis na Cultura Escolar: Um olhar para a escola pública. 2004.** Dissertação (Mestrado em Sociologia)-Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2004.
- CASTRO, Cleyde Oliveira de. **A representação da escola na voz do professor e alunos: estudo de uma realidade. 2004.** Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Pontifícia **Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.**
- CASTRO, Daisy Mary Padula de. **Violência Dominada? Estudo de uma Escola de Ensino Médio em Rio Branco - Acre. 2002.** Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.
- CORTI, Ana Paula de Oliveira. **Violência e Indisciplina no Cotidiano da Escola Pública: Jovens Espectadores, Vitimizados e Agentes de Agressões. 2002.** Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2002.
- GARCEZ, Rita de Cássia Costa. **Para uma Pedagogia da Pichação. 2000.** Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2000.
- GARCIA, Simone Ruduit. **A Violência Interpessoal no Espaço Escolar: Estudo de caso em Alvorada/RS. 2005.** Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2005.
- SILVA, Dezir Garcia da. **Violência e Estigma: Bullying na Escola. 2006.** Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, 2006.
- SOLIGO, Maria Guazzeli. **Identidades Plurais e o Cotidiano da Escola. 2005.** Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- SOUZA, Regina Magalhães de. **“Escola e juventude: o aprender a aprender”. 2002.** Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- TORQUATO, Maria Socorro Gonçalves. **O lugar que o ensino médio noturno da escola Fanny Manzonni Santos (Osasco) ocupa na vida de seus educandos. 2002.** Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.

SERVIÇO SOCIAL

Dissertações

- MARTINS, Tatiane Conceição Ferreira Galvão. **Violência na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Augusto Montenegro. 2006.** Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Pará, Pará, 2006.
- TOLOTTI, Nelci Terezinha. **Trabalho Educativo Juvenil: Desafios e Perspectivas. 1999.** Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 1999.

Adolescentes em processos de exclusão social

Marilia Pontes Sposito¹

Livia De Tommasi²

Gilberto Geribola Moreno³

Analisa-se, neste texto, a produção discente sobre o tema *Adolescentes em Processo de Exclusão Social*, que compreende um conjunto de trabalhos focados nos adolescentes, e em menor escala nos jovens, em geral considerados como em situação de risco e de vulnerabilidade. A designação “processos de exclusão social” reitera, no balanço atual, um modo de designação polissêmico, diante da heterogeneidade de situações observadas, algumas já presentes no estudo anterior (Sposito, 2002). Continua apresentando com frequência imprecisões na qualificação da condição social dos sujeitos, que ora são pobres, ora carentes, ou excluídos, ou trabalhadores, etc. (Corti, 2002: 158).⁴ Por outro lado, os modos de sua designação caminharam na direção da adoção de categorias previstas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente⁵ – ECA –, promulgado em 1990, como adolescentes em conflito com a lei e, em menor grau, aparecem expressões como infratores, delinquentes, marginais e menores. Essas formas de tratamento dos

¹ Professora Titular na área de Sociologia da Educação, Faculdade de Educação, USP.

² Doutora em Sociologia, professora FEBF/UERJ.

³ Mestrando em Educação, Faculdade de Educação, USP.

⁴ Já em 2002 constatava-se que a “palavra exclusão, carregada de significados diversos na literatura, representa sobretudo, na maioria dos estudos, a precariedade vivida pelos jovens que, de alguma forma, não têm direitos respeitados e enfrentam dificuldades maiores que outros para se integrar à sociedade em suas diversas áreas” (Corti, 2002: 158). De modo geral, a noção dominante de exclusão deriva dos estudos da Sociologia Francesa, sobretudo de Robert Castel (1998), na área de Serviço Social. Alguns trabalhos chegam a problematizar o uso indiscriminado do conceito, apoiando-se nas análises de José de Souza Martins, que estabeleceu uma crítica à noção. Para esse autor, na sociedade propriamente capitalista ninguém é propriamente excluído. Os pobres e marginalizados seriam vítimas da inclusão perversa, pois é uma inclusão determinada pela reprodução ampliada do capital e praticada por meio de formas degradantes de inserção na economia e na sociedade (Martins, 1997).

⁵ Doravante, a referência será sempre ECA.

sujeitos alvo da pesquisa também são reveladoras do foco das análises que em grande parte incidiram sobre a faixa etária considerada adolescente, população atingida pelas disposições estabelecidas pelo estatuto. São poucos os estudos que se voltaram para segmentos jovens que alcançaram a maioridade legal.

O tema *Adolescentes em processo de exclusão social* aparece, em todas as áreas investigadas, dentre os primeiros na frequência de trabalhos. Como era esperado, ele é o primeiro no conjunto da produção na área de Serviço Social, diante de sua forte preocupação com a questão social. Nas Ciências Sociais aparece em primeiro lugar, mas o interesse praticamente é equivalente à pesquisa sobre os grupos juvenis, sendo mais intensamente estudado pelos sociólogos, uma vez que a produção discente em Antropologia dedicou-se sobretudo aos coletivos de jovens. Na área de Educação, apesar de continuar a ocupar o terceiro lugar em termos de interesse, observa-se um decréscimo em termos percentuais, atingindo 8,6% dos trabalhos, enquanto que no Estado da Arte anterior (1980/1998), ocupando a mesma posição, compreendia 16,5 % da produção.

Verifica-se, em todas as áreas, um maior interesse pelo estudo dos adolescentes em conflito com a lei, sobretudo a problemática das Medidas Socioeducativas previstas pelo ECA. Os Programas (públicos e não-públicos) atraíram o interesse da área de Educação (21 trabalhos) e das Ciências Sociais (17). Na área de Serviço Social, o estudo dos adolescentes em situação de abrigamento foi o segundo assunto mais investigado, porém o mesmo não ocorre em Educação e nas Ciências Sociais, que apresentam uma produção bastante rarefeita em torno do tema.

Tabela 1. Frequência dos subtemas por área (mestrados/doutorados)

<i>Subtemas</i>	<i>Serviço Social</i>	<i>Sociologia</i>	<i>Antropologia</i>	<i>Ciência Política</i>	<i>Educação</i>	<i>Total</i>
Adolescentes em conflito com a lei	34	16	4	1	35	90
Programas e ações para adolescentes pobres	6	10	5	2	21	44
Adolescentes de/na rua	3	1	2	0	18	24
Adolescentes abrigados	11	1	0	0	08	20
Total	54	28	11	3	82	178
Mestrados	45	23	9	3	72	152
Doutorados	9	5	2	0	10	26

Seguindo as tendências mais gerais dos estudos de juventude, observa-se, também, a ausência de agrupamentos significativos de trabalhos orientados por um mesmo pesquisador (Tabela 2). Mas se há pulverização, é importante a identificação de alguns orientadores que concentraram sua atividade nessa temática, ou agregaram no conjunto de estudos que orientaram sobre juventude o tema em

questão. Na área de Serviço Social destaca-se o conjunto de trabalhos orientados por duas professoras da PUC/SP, Myriam Veras Baptista e Dilséa Bonetti, e as orientações de Maria Ângela Rodrigues Alves de Andrade da UNESP/Franca e de Denise Câmara de Carvalho (UFPB). Na área da Educação verifica-se que alguns dos orientadores já apareciam vinculados ao tema no primeiro Estado da Arte, apresentando, atualmente, orientações sobre outros assuntos no campo dos estudos de juventude: Luiz Cavalieri Bazílio (UERJ) e Carmem Maria Craidy (UFRGS).

Tabela 2 – Frequência de Orientadores com duas ou mais orientações no tema e em Juventude por área

<i>Orientador/a</i>	<i>Adolescentes Processo Exclusão Social</i>	<i>Outras orientações Juventude</i>	<i>Área</i>	<i>Total</i>
Myriam Veras Baptista	9	4	Serviço Social	13
Maria Ângela de Andrade	3	3	Serviço Social	6
Dilsea Bonetti	3	2	Serviço Social	5
Denise Câmara de Carvalho	3	5	Serviço Social	8
Kester Carrara	3	0	Educação	3
Maria Lígia de O. Barbosa	2	5	Educação	7
Glória Diógenes	2	3	Sociologia	5
Irlys Barreira	2	3	Sociologia	5
Luiz Bazílio	2	3	Educação	5
Carmem Craidy	2	2	Educação	4

Para efeitos de análise da produção discente, o texto inicia pelo exame das dissertações e teses que incidiram sobre três subtemas mais frequentes – Adolescentes em conflito com a lei, Programas e ações voltadas para adolescentes pobres e Adolescentes em situação de rua. De início, é enfatizado o olhar construído pelas áreas de Serviço Social e Ciências Sociais, uma vez que o tema em questão ocupou com primazia os interesses da produção discente dessas áreas, que não estavam incorporadas no balanço anterior. A seguir, serão considerados os trabalhos defendidos na área de Educação, em relação a esses mesmos três subtemas. Os estudos sobre Adolescentes em medidas de abrigamento encerram o texto, tendo sido examinados no conjunto das áreas. Não só por serem os menos numerosos, mas pela relativa homogeneidade das situações investigadas, optou-se pela reunião dos trabalhos, evitando-se, assim, repetições desnecessárias. Nas considerações finais uma visão geral das características da produção sobre o tema é apresentada.

A produção em Ciências Sociais e Serviço Social

No interior desse conjunto, assim como na área de Educação, a produção discente foi mais intensa em torno das investigações sobre os adolescentes em conflito com a lei, como já observado. Em segundo lugar, na área das Ciências Sociais apareceram os estudos de programas destinados aos adolescentes e, em Serviço Social, aos adolescentes abrigados. O tema dos adolescentes que vivem a situação de rua atraiu com menor intensidade a produção em ambas as áreas.

Os estudos sobre os Adolescentes em conflito com a lei

Não é difícil avançar algumas hipóteses sobre a centralidade dessa questão em Serviço Social, Ciências Sociais, atingindo também a Educação: por um lado, as medidas socioeducativas ou corretivas dirigidas aos adolescentes em conflito com a lei continuam sendo um grande problema no país: é praticamente unânime, nos trabalhos analisados, a denúncia sobre sua ineficácia, assim como a constatação de que, nesse campo, os avanços legais firmados no ECA ainda não foram efetivados. Por outro lado, os adolescentes em conflito com a lei são considerados, pela mídia e pelo senso comum, um dos maiores problemas sociais: são vistos como grave ameaça à ordem pública, parte importante da representação do medo tão difusa na sociedade brasileira. Diante desse quadro, alguns trabalhos colocam entre seus objetivos questionar os argumentos que justificam a enorme preocupação com a questão, propondo que, ao contrário do que afirma o senso comum dominante, o número de adolescentes autores de atos infracionais graves é bem baixo.

De fato, todas as estatísticas mostram que a grande maioria das infrações cometidas pelos adolescentes são roubo e furto, ou seja, crimes contra o patrimônio e não contra a vida. O trabalho de Dinah Bacellar (2006), da área de Sociologia, sobre a criminalização dos adolescentes no município de Marília se propõe a desvelar alguns mitos: os dados analisados mostram que, na maioria dos casos, os adolescentes em conflito com a lei possuem família, moradia, frequentam a escola, muitos trabalham no setor informal (ou seja, não são “meninos de rua”, mas possuem vínculos sociais). Ela, como muitos outros, denuncia o estigma sofrido pelos jovens pobres e negros. O estudo de Garcia (2000), também na área de Sociologia, tentou investigar o envolvimento dos adolescentes de camadas médias em atos infracionais, no município de Bauru, na perspectiva de fazer a crítica do elo estabelecido entre delinquência e pobreza. A partir de entrevistas realizadas com profissionais que atuam na área da justiça, conclui que, no caso das camadas médias, a família assume a responsabilidade e encaminha os adolescentes infratores para o tratamento, não permitindo que os casos se tornem públicos.⁶

⁶ A autora não conseguiu ter acesso aos dados que permitissem um estudo de natureza quantitativa. Maristela Colombo (2001) também analisa essa problemática.

Os trabalhos desse subtema foram reunidos em três grupos: os que se referem aos adolescentes privados de liberdade, os que dizem respeito às medidas socioeducativas em meio aberto e os que se debruçam sobre temáticas inovadoras, como as representações sociais, as rebeliões e formas de resistência.

- Os adolescentes privados de liberdade, a violência e o sistema de atendimento

Nesse conjunto, voltado para os adolescentes privados de liberdade, há dois grandes eixos que articulam as problemáticas. O primeiro, que reúne o maior número de trabalhos (18),⁷ diz respeito ao tema da violência, enquanto o segundo trata do sistema de atendimento, embora possam ser considerados bastante articulados entre si.

De forma geral, no primeiro eixo, podemos dizer que o objetivo da maioria deles foi entender *como e porque são produzidos os adolescentes infratores, ou seja, uma discussão que privilegia o tema da violência*. O repertório de causas é bastante conhecido: as condições de “vulnerabilidade” em que se encontram as famílias pobres; os apelos ao consumo, típico da modernidade; o consumo de drogas e o ingresso no tráfico.

Cabe salientar que vulnerabilidade⁸ é um termo utilizado com muitos sentidos: privação material e simbólica, fome, precariedade das condições de trabalho e renda, violência familiar, abuso sexual, etc. Grande parte desses trabalhos expressa como objetivos encontrar explicações, identificar causas da violência (muitas vezes correndo o risco da simplificação excessiva), de forma a poder definir as medidas que possam contê-la ou, pelo menos, controlá-la.

Há um diagnóstico comum, traçado a partir da reflexão sobre as políticas neoliberais⁹ como geradoras de novas situações de vulnerabilidade e, ao mesmo tempo, da multiplicação dos apelos ao consumo; nessa situação, os jovens (geralmente considerados imediatistas e hedonistas por definição) procuram satisfazer suas necessidades de consumo da forma que está ao seu alcance, ou seja, pelo roubo, pelo tráfico e pelo envolvimento em atos infracionais de forma geral.

⁷ Tratam da questão os seguintes estudos na área de Serviço Social: Coelho (2005), Oliveira (2002), Amaro (2002), Calixto (1999), Dias (2000), Tejadas (2005), Suerda Silva (2003), Ferreira (2003), Guará (2000), Roseli Silva (2003). Em Antropologia foi localizado o trabalho de Tavares (2004) e, em Sociologia, os estudos de Frota (2006), Colombo (2001), Freitas (2003), Ribeiro (2003), Gatti (2005), Bacellar (2006) e Machado (1999).

⁸ Vulnerabilidade é um termo que está atualmente muito em voga na literatura, geralmente utilizado como se fosse autoexplicativo. Parece ter substituído, de alguma forma, as análises em termos de classe, aquelas forjadas a partir do dualismo “inclusão/exclusão” e as que nomeiam condições e situações de vida como sendo de “risco”.

⁹ As análises de Marilda Iamamoto (1998) constituem referência frequentes no estudo sobre políticas neoliberais na área de Serviço Social.

Indagar sobre a violência, suas manifestações, suas causas, suas consequências é, assim, um objetivo recorrente. Não está, portanto, o sujeito “jovem infrator” no centro das análises, e sim o fenômeno da violência, figuração atual da questão social. Nessa análise, há uma bateria de autores recorrentes: Alba Zaluar (1994a e 1994b), Sérgio Adorno (1993 e 1997), Luiz Eduardo Soares (1996), Teresa Caldeira (1994 e 2000). Robert Castel (1998), como já foi observado, é o autor de referência para nomear a “questão social”, enquanto Foucault (1988) e Goffman (1974) orientam a indagação sobre as instituições de internação e a conformação das subjetividades dos internos. Esses autores são citados de modo articulado, pois os “corpos dóceis” e a “sociedade disciplinar” seriam complementados pela ideia de estigma.

Cecilia Minayo é uma referência quase que obrigatória para o tema *Juventude e Violência* (especificamente o livro *Fala galera*, 1999). Sua presença é particularmente importante na área de Serviço Social para a apresentação da metodologia de pesquisa (Minayo, 2003). No que diz respeito à política de atendimento ao adolescente infrator, alguns autores são recorrentes: Edson Passetti (1987 e 1995), Mario Volpi (1997), Irma Rizzini (1993) e Jacob Waiselfisz (1998 e 2002). Löic Wacquant (2001) no campo internacional tem sido autor bastante utilizado, especialmente pelo debate que tem empreendido sobre o que denominou “prisões da miséria”, que trata do encarceramento dos pobres como forma de contenção social. Sobre a chamada doutrina da situação irregular e a ruptura representada pelo ECA, os autores de referência são Emilio Garcia Mendez & Antonio Carlos Gomes da Costa (1994).¹⁰ Cabe notar que na área de Serviço Social são bastante significativas as referências aos autores da tradição marxista, como Henri Lefebvre (1991 e 1999), Agnes Heller (1989) e Antonio Gramsci (1981).

A questão urbana e a figuração da pobreza são evocadas, geralmente, como causas da violência, sendo frequentes as referências aos trabalhos de Vera Telles (2001).¹¹ Para quem opta pelo mundo do crime, em substituição ao mundo do trabalho (mesmo precário), a única atenuante é a situação de necessidade. As análises de Soraya Oliveira indicam que essa aparente liberdade de opção tem seu limite no contexto de necessidade (Oliveira, 2002). Em alguns estudos as conclusões reiteram que não é possível tornar os adolescentes culpados, na medida em que a questão é de natureza política, sendo os infratores aqueles que carregam em si a marca da exclusão social (Calixto, 1999; Tejedas, 2005). A questão da visibilidade ou da notoriedade que pode vir do crime é outro argumento recorrente na tentativa de entender as motivações do envolvimento dos adolescentes em conflito com a lei (Frota, 2006).

¹⁰ Os dois fizeram parte do grupo de redação do ECA, o primeiro jurista e o segundo diretor da FEBEM.

¹¹ O livro *Pobreza e Cidadania* (Telles, 2001), ao apontar a dicotomia entre o trabalhador e o ladrão, aparece como referência fundamental para a delimitação das fronteiras da cidadania.

Há unanimidade nos trabalhos sobre o não-cumprimento da legislação quanto a esses adolescentes. Assim, o ECA permaneceu, pelo menos para esse segmento, letra morta e os trabalhos assumem, nesse sentido, um tom claro de denúncia.¹²

No conjunto da produção sobre essa questão alguns estudos se destacam pela abordagem do tema, bastante inovadora, que visa focalizar as relações entre os internos. A tese de Isa Guará (2000), na área de Serviço Social (PUC-SP), investiga os padrões morais dos adolescentes infratores, com base na teoria de Kohlberg sobre os estágios de desenvolvimento da moral. Adota como metodologia de pesquisa, inspirada nesse autor, a apresentação de dilemas morais aos entrevistados. Conclui que o universo moral dos adolescentes infratores é permeado por emoções e valores contraditórios, construído por dois tipos de códigos: um que reconhece as exigências da moral do trabalho e outro que adota os códigos da cultura da criminalidade. A punição, por sua vez, também produz sentimentos contraditórios de recusa e aceitação. Assim como em outros trabalhos, a indagação sobre o código de conduta vigente entre os adolescentes presos e envolvidos no crime – o chamado “procedê”, ou seja, procedimento – é decididamente inovadora e rigorosa.

Outro trabalho que se debruça com bastante rigor sobre o chamado “código de honra” vigente entre os adolescentes de uma unidade de internação é o de Rilda de Freitas (2003), da área de Sociologia. A autora desloca o seu objeto: ao invés de tentar explicar as origens da violência ou as motivações dos jovens, escolhe indagar a ordenação baseada numa rede de sociabilidade que funciona como núcleo capaz de mobilizar experiências, acontecimentos e instituir poder/liderança entre os jovens. O espaço é também habitado por subjetividades, nas quais gestos de companheirismo ou parceria são comuns, cotidianamente, no interior de uma dinâmica que envolve relações de fidelidade, trapaça, mando-submissão, cumplicidade, solidariedade, a partir da construção de leis próprias e de um sistema de castigos, fabricados e cumpridos de forma rígida (Freitas, 2003).

O trabalho de Bruna Papaiz Gatti (2005), também da área de Sociologia, caminha na mesma direção, indagando as formas de socialização entre os internos. Assim como outros trabalhos, ela analisa o fracasso das instituições de internação como contradição e paradoxo constante entre o caráter coercitivo e o caráter educacional.

Na sua quase totalidade, a produção discente nessa temática não discute especificamente a condição juvenil. Com exceção da dissertação de mestrado em Antropologia de Adeilson Tavares, que faz referência à categoria juventude como condição social e fase da vida, a partir da leitura de autores como Machado Pais (1993 e 2001) e Luis Antonio Groppo (2000). Alguns trabalhos analisam em profundidade a categoria “adolescência”, tendo como referência autores da área da Psicologia, especificamente Winnicott (1995 e 2003).

¹² Muitos dos autores declaram serem (ou terem sido) militantes da luta em defesa dos direitos da criança e do adolescente que culminou com a aprovação do ECA em 1990.

Um estudo original é o de Maristela Colombo, em Sociologia, ao reunir procedimentos quantitativos e qualitativos. A autora realizou um levantamento dos processos registrados na Vara de Infância e Juventude na cidade de Marília, durante um mês, e chega a conclusões importantes sobre o perfil dos adolescentes em conflito com a lei: a transgressão não é privilégio das classes sociais desfavorecidas, pois atos infracionais são cometidos também por jovens de classes “mais abastadas”. Apesar disso, os adolescentes infratores que respondem por delitos na justiça pertencem todos à classe socioeconômica menos favorecida. Após essa análise de tipo quantitativo, a autora busca entender as motivações subjetivas e conclui que a transgressão da lei pode significar uma busca de limites, um pedido de contenção. Mas, para ela, não são somente os jovens a transgredir; a mesma FEBEM¹³ é apontada como uma instituição “transgressora da lei”, enquanto seu funcionamento (e sua própria existência) transgride os preceitos do ECA (Colombo, 2001).

Por fim, cabe salientar que há uma concentração dos trabalhos em São Paulo, sendo os centros de internamento da FEBEM o lugar mais indagado nas pesquisas. O conjunto das pesquisas e reflexões acumuladas sobre essa instituição traça um quadro bastante importante que mereceria a atenção dos gestores públicos. A inadequação e a necessidade de sua extinção a favor de outros sistemas de atendimento aos adolescentes infratores são evidentes. Na quase totalidade dos trabalhos, desenvolvidos especificamente na área de Serviço Social, as conclusões contêm várias sugestões sobre as mudanças que deveriam ocorrer nesse sistema. Esse aspecto será examinado no próximo item.

No segundo eixo da problemática dos jovens infratores privados de liberdade estão reunidos 14 trabalhos,¹⁴ particularmente relevantes no conjunto da produção acadêmica sobre o tema. A maioria deles visa fazer uma avaliação da política de atendimento aos adolescentes autores de atos infracionais. O foco, nesse caso, não são tanto os adolescentes, e sim as medidas, os programas, o sistema de atendimento em si. Esses trabalhos contrapõem à realidade das medidas de atendimento, caracterizadas como precárias e punitivas, um modelo constituído a partir dos preceitos contidos no ECA. O dispositivo jurídico é representado como princípio ético-político, com ênfase clara na defesa incondicional da conquista obtida com a sua promulgação. No entanto, tratá-lo como um divisor de águas – um antes e um depois do Estatuto – pode, em alguns casos, obscurecer e impossibilitar a indagação das permanências e continuidades entre a situação do atendimento a adolescentes infratores na época do Código de Menores e a realidade atual.

¹³ Atualmente a denominação foi alterada para Fundação Casa no Estado de São Paulo. A expressão FEBEM nas dissertações e teses designa as Fundações Estaduais que se ocupam dos adolescentes privados de liberdade. No texto será apresentada a sigla FEBEM.

¹⁴ São eles: Garcia (2000), Oliveira (2004), Silva (2002), na área da Sociologia; Oliveira e Silva (2005), Ataíde (2002), Nunes (2006), Sá (2006), Vezzulla (2004), Moreira (2005), Amaral (2005), Volpi (2000), Losacco (2004), Fucks (2004), na área de Serviço Social; e o único trabalho da área de Ciência Política é o de Moura (2005).

Fucks (2004) analisa a contradição entre direito legal e direito real, enquanto o objetivo de Moreira (2005) é o estudo da política de encarceramento como enfrentamento da pobreza, ambos da área de Serviço Social. O trabalho de Maria Liduína de Oliveira e Silva (2005), da mesma na área, é o único que realiza uma crítica contundente ao ECA, pautado, segundo ela, no plano da modernização conservadora, ou seja, da continuidade com relação ao Código de Menores e do avanço no desenho de um direito penal juvenil, da responsabilização penal dos adolescentes, em consonância com os processos da modernização neoliberal.

Um trabalho de destaque é a tese de Rosa Maria Fátima de Castro e Oliveira (2004), da área de Sociologia, que procura investigar o porquê não se efetivaram, na sociedade brasileira, as políticas públicas inauguradas com a Constituição e, em particular, com o ECA. Trabalho exclusivamente bibliográfico, utiliza amplamente fontes secundárias. A autora foi responsável por programas e Presidente da extinta Secretaria do Menor em São Paulo, que realizou um trabalho importante, ainda antes da promulgação do Estatuto, de grande referência na área. As conclusões às quais ela chega não fogem das explicações difundidas entre os militantes da época: o movimento pela democratização do país dos anos 80 não conseguiu alcançar um de seus maiores objetivos: estimular o desenvolvimento. Portanto, o caminho traçado pela Constituição, ou seja, a garantia e efetividade de direitos não vingou em função da crise econômica. Outros motivos apontados para a falta de ruptura efetiva com as práticas anteriores ao ECA são: forte presença da discriminação contra os pobres na sociedade brasileira, interesses corporativos e burocratização das estruturas.

Mario Volpi, um dos protagonistas da luta em defesa dos direitos da criança e do adolescente, na condição de coordenador do Movimento Nacional Meninos e Meninas de Rua, que culminou na aprovação do ECA, realiza, em seu mestrado em Serviço Social, uma pesquisa quantitativa aplicando um questionário para uma amostra aleatória nacional de 228 egressos de instituição de privação de liberdade. Seu estudo contribui para desvendar alguns mitos em torno da questão: *o excessivo dimensionamento* do problema, uma vez que somente 3% dos crimes cometidos se caracterizam como crimes contra a pessoa; a *não responsabilização* do adolescente – ou seja, não é verdade que eles cometem mais crimes porque são impunes (como declaram os críticos do Estatuto). O trabalho tem um enfoque jurídico claro e visa realizar uma defesa do ECA contra seus detratores. Contudo, mesmo apontando que nas declarações dos egressos há uma demanda clara por limites, o autor sugere que é preciso fazer uma ampla revisão dos processos sócio-educativos executados, caracterizados por sua improvisação, arbitrariedade e a efetiva negação de direitos.

Desvendar os mesmos mitos apontados por Volpi (excessivo dimensionamento do problema, periculosidade e impunidade) sobre os adolescentes infratores, bastante difusos na sociedade brasileira, é também o objetivo do trabalho de Sá (2006), na área de Serviço Social. Nunes (2006) e Amaral (2005), ambos também da área de Serviço Social, analisam o fracasso dos serviços de aten-

dimento ao adolescente infrator, tendo como lugar de investigação o Centro Integrado de Atendimento ao adolescente acusado de ato infracional – CIAD – de Natal.¹⁵

O trabalho de Juan Carlos Vezzulla (2004), em Serviço Social, analisa em profundidade uma proposta de trabalho bastante em voga no momento, a mediação de conflitos, utilizada, nesse caso, com adolescentes autores de atos infracionais em um projeto realizado, por ele mesmo, numa Vara da Infância e Juventude de Joinville (SC). O autor tem uma vasta experiência de trabalho com essa metodologia e propõe uma defesa do uso da mediação de conflitos a partir de uma atenta análise sobre o fracasso das medidas socioeducativas implementadas atualmente e de uma análise da adolescência como fase de transição para a vida adulta (Winnicott, 1995). Utiliza também uma vasta bibliografia especializada sobre a chamada “mediação transformativa”. A mediação é apresentada como uma metodologia que permite alcançar as mudanças desejadas no comportamento dos adolescentes, atendendo “suas necessidades de construir-se como sujeito e tomar consciência de sua situação, para deixar de ser objeto da dependência e produzir o efeito desejado na conquista de seus direitos, transformando o ato infracional em experiência vital que contribua à sua emancipação” (Vezzulla, 2004: 7). O trabalho faz amplamente uso de noções muito difusas na área dos militantes pelos direitos de crianças e adolescentes (de objeto a sujeito de direitos, emancipação, entre outros). A escassa investigação sobre o tema da mediação de conflitos indica a necessidade de desenvolvimento de novas pesquisas sobre o tema.

Finalmente, três destaques importantes devem ser dados: à dissertação de Lia Cruz Moura (2005) em Ciência Política, à tese de doutorado, em Sociologia, de Samuel Costa da Silva (2002) e ao mestrado de Maria Lúcia de Oliveira Almeida, também em Sociologia (2006). Samuel Silva se debruça de forma rigorosa sobre o Centro de Atendimento Juvenil Especializado (CAJE) de Brasília, no trabalho intitulado: “A arquitetura da violência: o centro de atendimento juvenil especializado enquanto forma singular de campo de concentração de adolescentes”. Faz uma análise aprofundada do CAJE como sistema prisional, incidindo sobre o tema da violência do Estado: o Estado reproduz a lógica da violência do mundo do crime, impondo uma *des-subjetivização* regressiva. Há uma indagação detalhada das práticas de tortura no interior do Centro (entre os presos e dos agentes sobre os presos). De forma inovadora, o trabalho se debruça também sobre o mundo das mulheres jovens internadas, apontando diferenças de gênero na vivência e nos efeitos da violência. Faz uso de uma ampla bibliografia sobre campos de concentração, violência, adolescência e drogas, além dos clássicos Foucault (1979, 1988) e Goffman (1974, 1988).

Moura (2005) indaga, de modo inovador e bem fundamentado, sobre os desdobramentos decorrentes do aumento da penalização de jovens infratores entre 1995 e 2004 na FEBEM-SP, período que corresponde, segundo a autora, à ati-

¹⁵ Esses estudos também realizam uma forte defesa da não redução da idade penal.

vação do Estado Penal, que incorpora a chamada doutrina da “tolerância zero”; traça também um histórico do confinamento de jovens, iniciado em 1902 com a autorização para a criação do Instituto Disciplinar em São Paulo, até os governos Covas e Alekmin. Mostra que as práticas de privação de liberdade de jovens não diferem das práticas existentes em prisões de adultos. Para ela, as propostas de reforma da FEBEM, hoje Fundação Casa, contribuem para a manutenção do sistema, levando a acreditar que as modificações podem solucionar os problemas decorrentes da institucionalização de jovens. Conclui com uma defesa corajosa do abolicionismo, ou seja, da proposta de supressão das prisões em favor do diálogo para a resolução específica de conflitos.

O único trabalho que indaga especificamente o universo das jovens internas de sexo feminino é o de Almeida (2006). A autora realizou pesquisa qualitativa com jovens presidiárias de instituição carcerária de Salvador. Apoiou-se em Foucault (1988), para explorar os mecanismos de funcionamento da prisão, e em Goffman (1974, 1988), para o exame das relações interpessoais que se estabelecem nesse meio e do modo de exercício do poder institucional. Delimitou com clareza o modo como os referenciais iluminam a análise do campo, baseado em questionários e entrevistas com 35 jovens (18 a 25 anos), além de observações das rotinas diárias no presídio. Na condição de funcionária do presídio (psicóloga), estabeleceu um diálogo inicial em torno dessa condição, o que facilitou o acesso aos sujeitos, mas criou alguns obstáculos que decorriam da difícil separação para as presidiárias das figuras pesquisadora e psicóloga. Os cuidados com a objetividade são apontados e, ao mesmo tempo, o reconhecimento das peculiaridades da situação de fala, o que a levou, por exemplo, a não gravar as entrevistas, de acordo com o desejo das jovens. Suas conclusões incidem sobre o fato de ter investigado uma geração de jovens presidiárias que avaliam o processo carcerário ativamente, considerando criticamente seus limites para os processos de ressocialização.

- Adolescentes em Medidas de Liberdade Assistida (LA)

Seis trabalhos, todos da área do Serviço Social, tratam das medidas de liberdade assistida¹⁶ (LA). Os estudos visam, principalmente, avaliar a execução e o impacto dessas ações, a partir de entrevistas com adolescentes atendidos e, às vezes, com suas famílias. As análises são unânimes em mostrar a sua inadequação, considerando-as centradas, principalmente, no exercício do controle da conduta do adolescente (Barbosa, 2003) e menos no investimento efetivo na criação de uma rede de serviços de proteção social, como está prescrito pelo ECA. Assim, não acontece a mudança perseguida, de uma trajetória de exclusão para uma de inclusão social (Silva, 2005). Para esse autor, a medida acaba por contribuir para a reprodução do processo de exclusão social, ocasionando uma divisão simbólica

¹⁶ Cf. Junho (2006); Nivea Silva (2002); Duque (2006); Lima (2003); Barbosa (2003) e Carla Silva (2005).

entre os que podem ser adolescentes e os que não podem por não terem acesso aos seus direitos (Silva, 2005).

Nívea Carla da Silva (2002) realiza uma análise rigorosa do funcionamento de uma Vara da Infância e da Juventude e descreve a violência perpetrada na aplicação das medidas de LA pelo judiciário. Apesar do fato de que, pela sua tipologia, a maioria das infrações cometidas por adolescentes não deveria implicar em privação de liberdade, a grande maioria deles é internada. Os pais são geralmente culpabilizados pelos atos cometidos por seus filhos e tornam-se muito fragilizados. Conclui a autora que o Estado é o principal violador dos direitos de crianças e adolescentes. Para ela, a demanda maior dos adolescentes é por trabalho e, em segundo lugar, por inclusão na escola. A inserção produtiva, que viabilize autonomia e dignidade, é também sugerida em outros trabalhos. A falta de recursos materiais e humanos, a falta de articulação entre as políticas sociais e a falta de formação dos profissionais envolvidos são, geralmente, as causas apontadas pelo fracasso das medidas socioeducativas.

- Representações sociais, rebeliões e resistência

Nesse tópico, estão reunidos três estudos cuja temática é particularmente inovadora e bastante instigante. A antropóloga Paula Miraglia (2001), da USP, indaga as representações sociais acerca dos jovens infratores através da realização de três etnografias sobre: as narrativas jornalísticas na época das rebeliões de 1999; os julgamentos realizados pela Vara especial da infância e juventude; a FEBEM Tatuapé, onde realizou uma oficina de vídeo junto com a pesquisadora Rose Satiko Hikiji (trabalho analisado a seguir). Por meio de um trabalho rigoroso de observação participante, Paula Miraglia conclui que a “única função da FEBEM é abrigar esses ‘seres tremendos’, que foram expulsos do corpo social” (Lévi-Strauss, 1996). Segundo a autora, podemos diagnosticar na sociedade um desejo de vingança, via punição, tendo como desculpa a proteção do corpo social. Já que é unânime, em termos de opinião pública, a constatação da falência desse sistema de “reeducação”, ela oportunamente se pergunta: “para que serve então?”

A ideia de confinamento leva a pensar a internação como um processo de esquecimento dos seus sujeitos. Ao internar um jovem que cometeu um ato infracional a sociedade crê estar punindo-o (a crença na recuperação, no caso da FEBEM, seria ingênua ou irônica) e ao mesmo tempo imagina-se mais “segura”. Poder esquecer esses jovens é, de certa forma, poder esquecer o medo. (Miraglia, 2001: 142)

Considerando o fato de que a insistência com que a mídia relata casos de violência também é responsável pela grande difusão do sentimento de insegurança e medo na sociedade brasileira, seria interessante abrir mais indagações e realizar novas pesquisas sobre o binômio esquecer-alimentar o medo.

Em sua tese de doutorado em Sociologia, Mione Sales (2004) também estudou as revoltas na FEBEM, além do caso do ônibus 174 sequestrado por Sandro, sobrevivente do massacre da Candelária, numa análise guiada pelo conceito de visibilidade como condição humana, política e social. A autora conclui que, “em tempos de cidadania virtual, os adolescentes oriundos em sua maioria das classes trabalhadoras são projetados na mídia como metáforas da violência”. Para Sales a pouca efetividade da aplicação dos dispositivos previstos no ECA deriva da subsunção da problemática dos adolescentes à questão social, deixando, assim, à sombra questões que são específicas e relativas a esse grupo social e seus direitos.

Finalmente, Valmir Cavalcante (2006), sociólogo da UFPE, analisa com profundidade as táticas de resistência (silêncios, uso de gírias, enfrentamento, dissimulação) dos adolescentes privados de liberdade, fazendo uso de uma interessante bibliografia, que inclui a teoria do cotidiano de Michel de Certeau (2002) e o conceito de poder-saber de Michel Foucault (2003).

Programas e ações para adolescentes pobres

Nesse subtema, a produção discente foi reunida em três grupos: os que analisam algum programa de Organizações Não-Governamentais; aqueles que se debruçam especificamente sobre as experiências da educação através da arte; e os que analisam programas governamentais de transferência de renda.

No geral, esses trabalhos não se debruçam em torno de algumas questões importantes na atual conjuntura que afetam intensamente as orientações de programas destinados a jovens “em situação de vulnerabilidade”: a relação público-privado na implementação de políticas públicas; a centralidade assumida pela filantropia no enfrentamento da “questão social”; os impasses políticos e financeiros das ONGs no Brasil, suas relações com o Estado, com as agências de financiamento e com os movimentos sociais; a promoção de uma participação juvenil “tutelada”; os programas sociais como formas de gestão da pobreza; a crise do paradigma da cidadania e dos direitos, que orientou o discurso do processo de democratização (Sposito, 2007; Dagnino, Olvera & Panfichi, 2006; Oliveira & Rizek, 2007).

- Projetos e programas desenvolvidos por ONGs e associações da sociedade civil

A variedade dos 10 programas analisados nesse subtema (todos os estudos são dissertações de mestrado) é bastante grande: Centro de Defesa (CEDECA Sapopemba) em São Paulo, (Anjos, 2003 – Sociologia), Comitê de Democratização da Informática (CDI) em São Paulo (Hsien, 2004 – Serviço Social), Fundação Orsa em Suzano-SP (Werlang, 2003 – Serviço Social), Movimento Nacional Meninos e Meninas de Rua (MNMMR) (Marques, 1999 – Sociologia), academia de boxe na favela da Maré, no Rio de Janeiro (Faria, 2005 – Antropologia), Centro Juvenil

ligado ao Colégio Salesiano no Rio de Janeiro (Ramos, 2004 – Antropologia), Organização de Auxílio Fraternal em Salvador (OAF) (Trindade, 2001 – Sociologia), Projeto Axé e Fundação Cidade Mãe em Salvador (Santos, 2002 Sociologia), programas realizados no bairro Alto das Pombas, em Salvador (Souza, 2005 – Sociologia), Lamento Negro e Gazela Negra do bairro de Peixinhos, no Recife (Cunegundes, 2004 – Sociologia).

Na maioria dos trabalhos analisados observa-se uma dificuldade grande, por parte dos autores, em se distanciar do objeto de pesquisa, mesmo quando não participam dos programas investigados. Alguns estudos assemelham-se a relatórios de avaliação dos programas e outros oferecem uma defesa declarada das intenções presentes nas ações.

Uma exceção é o estudo, na área de Sociologia, de Santos (2002), que mostra que muitos programas são espaços de lazer e sociabilidade, contrapostos ao espaço da rua, mas não oferecem alternativas efetivas de inclusão social, principalmente porque não possibilitam a inserção no mercado de trabalho. As famílias não participam do projeto educativo dos programas e as instituições não estão estruturadas como espaço participativo. Desse modo, aponta os limites dos trabalhos realizados pelas associações ou entidades que analisa, relativizando sua centralidade na vida dos jovens.

Ana Lúcia dos Anjos (2003), também da área de Sociologia, se propõe a refletir sobre a conjuntura adversa de investimentos em políticas públicas, tomando como campo de investigação um programa desenvolvido pelo CEDECA – Centro de Defesa da Criança e do Adolescente – em um bairro da Zona Leste da cidade de São Paulo. Trilhando os caminhos percorridos nos estudos sobre movimentos sociais, e sobre as lutas pelo ECA em particular, tem como referência a crise da capacidade regulatória do Estado e o desmanche das políticas sociais e da própria afirmação de direitos pelas políticas neoliberais.

Na mesma linha, a dissertação de mestrado em Sociologia de Carolina Moreira Marques (1999) indaga “as possibilidades e limites de uma cidadania infanto-juvenil”, a partir da atuação do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua em São Paulo, procurando responder às perguntas: “qual a importância da militância na vida de crianças e adolescentes do MNMMR? Em que sentido essa militância colabora na constituição de sua cidadania?”. Abordando o tema a partir do referencial teórico clássico sobre cidadania e movimentos sociais, a autora aponta os impasses da militância infanto-juvenil e da relação geracional no interior do movimento, assim como problematiza a disjunção entre projeto individual e projeto coletivo.

- Programas em torno da relação arte e educação

Oito trabalhos analisam projetos de educação por meio da arte, privilegiando ações governamentais. Nesse lote, estão estudos sobre a FEBEM de São Paulo (Foloni 2000 – Serviço Social; Vianna 2002 – Sociologia; e Hikiji, 2003 – An-

tropologia), oficina de fotografia no município de Franca (Souza 2002 na área de Serviço Social), o Museu de Arte Contemporânea de Niterói (Reinheimer, 2006 – Antropologia). Projetos não-governamentais foram investigados em Fortaleza: EDISCA (Freitas, 2000, 2006) e Projeto Enxame (Freitas, 2003), sendo os três da área de Sociologia.

Isaurora Freitas realizou mestrado (Freitas, 2000) e doutorado (Freitas, 2006) na área de Sociologia sobre o mesmo objeto de estudo: o trabalho de uma organização não-governamental, que propõe cursos de dança clássica para crianças e adolescentes pobres. Sua análise é pautada pelo conceito de *habitus*, de Pierre Bourdieu (2000), investigando as mudanças de comportamento e a incorporação de um novo *habitus* pelos adolescentes que frequentam a ONG. No trabalho de doutorado ela amplia a visão, investigando a trajetória de sete jovens egressos da instituição, tendo como apoio o conceito de transição para a vida adulta elaborado por Machado Pais (2001 e 1993). A centralidade do trabalho na vida dos jovens se concretiza numa idiossincrasia entre a proposta da entidade, em que a arte não é pensada como profissionalização e sim como “instrumento de construção da cidadania”, e a recepção da proposta pelos alunos, para os quais a dança é vislumbrada como possibilidade concreta de inserção profissional. São também apontadas as dificuldades dos jovens de se desvincularem da entidade e preservar sua autonomia, num paralelismo do que acontece na vida familiar. O trabalho da ONG é apontado pelos ex-alunos como a “casa ideal” ou a “família ideal”, pois a permanência nesse espaço, para os responsáveis, “parece ser condição de possibilidade para crescer como ‘adulto normal’, evitando o destino social provável, visto que este espaço, pensado sobretudo em oposição ao espaço da rua, pressupõe maior controle das relações sociais” (Freitas, 200: 168).

Tanto a dissertação de Ana Daniela Souza (2002), em Serviço Social, como a de Joelma Freitas (2003), em Sociologia, se debruçam sobre oficinas de fotografias. Enquanto a análise de Joelma discute a relação dos jovens com o espaço urbano (para a autora a imagem é a forma encontrada pelo jovem de consumir a cidade), a partir de uma vasta bibliografia (sociologia da juventude, em especial em torno das culturas juvenis, sociologia urbana e antropologia da imagem), Souza quis demonstrar como a atividade artística pode atuar sobre as carências e necessidades, indagando a arte como instrumento de sociabilidade e “educação para a cidadania”.

A antropóloga Patrícia Reinheimer (2006) analisa, de forma bastante rigorosa, os impasses de um projeto social implementado pelo Museu de Arte Contemporânea de Niterói (o projeto Arte Ação Ambiental): as dificuldades da gestão do projeto no interior de um museu, a distância entre as intenções e a efetiva realização, sobretudo com respeito à pretensão de organizar centros de produção comunitários autossustentáveis. Examina, também, as difíceis relações entre os atores em jogo: os financiadores, os jovens e a diretoria do Museu. Analisa, ainda, o processo de construção de uma “identidade comunitária” nas comunidades de baixa renda, fazendo uso dos conceitos de estigma, de Goffman (1988), e de estabelecidos e *outsiders*, de Norbert Elias (Elias e Scotson, 2000).

As chamadas “culturas juvenis”, e especificamente o *hip-hop*, são o tema do estudo de Rosane Vianna (2002), em sua dissertação de mestrado. A autora realiza um estudo sobre “jovens privados de liberdade, que através da arte falam de seu universo”, em São Paulo e na cidade de Medellín, na Colômbia. Por meio da arte eles afirmam um estilo, uma estética, e produzem subjetividade (Guattari, 1986). Superando as interpretações binárias, a autora conclui que esses jovens mostram que ordem e desordem estão juntas.

Rose Satiko Hikiji (2003), antropóloga com formação em música, realiza uma investigação particularmente instigante sobre o tema dos adolescentes em processo de exclusão. Sem fazer concessões a explicações reducionistas e já dadas, Rose indaga sobre as diversas facetas do fazer musical, com seus aspectos pedagógicos e performáticos, e procura descrever as relações desta prática social com a construção das noções de corporalidade, temporalidade e alteridade, realizando etnografia num projeto de ensino musical para crianças e adolescentes de comunidade de baixa renda, em São Paulo (Projeto Guri, mantido pela Secretaria Estadual de Cultura), alguns dos quais são internos da FEBEM. A formulação das perguntas de pesquisa é bastante interessante: “qual é a especificidade do aprendizado musical? Por que e como a música seduz e envolve seus praticantes? Que experiências o fazer musical possibilita aos sujeitos definidos (pelo OUTRO) pela carência, pela falta, pela negação? Como e por que a música veio a ocupar um lugar de destaque dentre os projetos sociais voltados à ‘questão do menor’?”. Além de propor questões originais e mais complexas sobre esse tipo de programa, aborda de forma muito pertinente a relação entre música e juventude, uma vez que a paixão pela música é comum a muitos jovens.

Traço importante a ser destacado na tese de Hikiji é sua abordagem metodológica. A autora escolhe suas estratégias em função de uma percepção e uma reflexão aprofundadas sobre a situação de pesquisa. Realiza oficinas semanais de discussão, caracterizadas por sua extensão no tempo, e propõe o vídeo como estratégia de investigação da experiência da internação. A adoção das técnicas é criteriosamente examinada, tendo em vista as inevitáveis dificuldades que são colocadas em situações de privação de liberdade.¹⁷

As categorias analíticas fundamentais em sua análise são a *performance* e o *tempo*. Há, no trabalho, críticas contundentes ao modo como geralmente esses

¹⁷ “A oficina, para nós, era também uma tentativa de romper com as dificuldades impostas pelo estranhamento que caracterizava nossa relação com o grupo: éramos mulheres em um universo masculino; fazíamos parte de um grupo que é potencialmente “vítima” da violência que os condena à internação; não tínhamos um “papel” institucional que “justificasse” para os internos nossa presença no Quadrilátero. Percebemos na oficina – atividade semanal que garantiria o vínculo com um mesmo grupo por alguns meses – uma forma de ganhar um lugar no cotidiano dos jovens” (Hikiji, 2003: 24). Do mesmo modo, a estratégia para a utilização do vídeo é justificada: “O vídeo era rapidamente associado à possibilidade de narrar a experiência da internação. Falar para a câmera era substancialmente diferente de conversar com uma pesquisadora (Hikiji, 2003: 24).

projetos de “formação pela arte” são utilizados e à noção de cultura que os alimenta. Discutem-se os conceitos de “risco” e “autoestima”, tão difusos no discurso comum sobre o tema, e questiona o esquecimento ao qual são condenados os adolescentes em conflito com a lei. Há, sobretudo, uma ampla discussão do vínculo entre música e política, à luz de autores como José Miguel Wisnik (1987, 1999) e Daniel Barenboim (2003). Segundo a autora:

na apropriação metafórica do termo musical para o plano social, outras características revelaram-se sugestivas: dissonância, polifonia e polirritmia descrevem com mais propriedade a dinâmica vivida por jovens e crianças habitantes das franjas da metrópole em seu contato com a música. (Hikiji 2003: 223)

- Programas de transferência de renda

Nesse subgrupo estão reunidos três trabalhos sobre o programa Agente Jovem¹⁸ (Costa, 2004 – Serviço Social; Gallinati 2003 – Antropologia e Carvalho 2004 – Sociologia). Discutem os autores o discurso desses programas, dentre eles as noções de cidadania, inclusão social e o denominado “protagonismo juvenil”.¹⁹ Todos eles dedicam um lugar central à discussão sobre a noção de juventude, à luz de ampla bibliografia sobre o tema, dialogando com autores brasileiros (Sposito, 2003; Abramo, 1994 e 1997; Vianna, 1997). Os apoios teóricos do exterior mais utilizados são Eisenstadt (1969 e 1976), Mario Margulis (2000 e 2001) e, principalmente, o pesquisador português José Machado Pais (2001 e 1993).

Desse conjunto, destacamos o trabalho da antropóloga Carla Gallinati (2003), que realizou um estudo etnográfico na entidade executora do programa, e especificamente durante o momento da “formatura”, para indagar os encontros e desencontros entre os sujeitos participantes de uma política pública (adolescentes e técnicos). O programa Agente Jovem, ao ser desenvolvido por uma instituição pública estadual, almeja provocar uma transformação dos jovens no plano pessoal (despertar de uma consciência interior capaz de libertar os sujeitos) e coletiva (percepção de si enquanto grupo oprimido, que passa a se organizar e tomar consciência). Os jovens, de modo diverso, têm uma visão pragmática, buscam fugir do estigma e da exclusão social e procuram conquistar um status social através do dinheiro (bolsa) e a formação que o programa oferece. Demandam oficinas

¹⁸ Programa do governo federal voltado para jovens de 15 a 17 anos em situação de risco e vulnerabilidade social pertencentes a famílias com renda *per capita* de até meio salário mínimo. A iniciativa teve origem no governo Fernando Henrique Cardoso e somente em 2008 foi integrada às ações federais do Programa ProJovem.

¹⁹ Há trabalhos que elegeram o tema do protagonismo como central em suas análises e foram analisados no conjunto de estudos sobre as relações entre jovens e política (cf. o artigo Jovens e política, neste livro).

de informática e não de marcenaria. Não discutem sobre cidadania, mas estão interessados em aprender a elaborar um *currículum*, comunicar-se em público e se apresentarem nas entrevistas de trabalho.

Crianças e adolescentes de/na rua

Nesse subtema estão reunidos seis trabalhos. Grande parte deles (cinco), não vai além das discussões e representações sobre a temática dos meninos de rua, muito comuns nos estudos realizados em décadas anteriores. A meta pode ser realizar um mapeamento dos meninos de rua no município de Campina Grande (Costa Silva, 1999 – Serviço Social) ou investigar a passagem do mundo da rua para o mundo da organização social (Maciel, 2000 – Antropologia), ou ainda, analisar os valores morais, expectativas e sonhos dos meninos de rua (Nicoletti, 2006 – Serviço Social). Alguns privilegiaram a reflexão sobre a própria experiência de educador de rua (Raucci, 2002 – Sociologia) e a análise do tema a partir de elementos que caracterizam a questão social no Brasil (Ouriques, 2005 – Serviço Social).

Merece destaque a dissertação do antropólogo Cristiano Gregis (2002), da UFRGS. Sem fazer concessões ao moralismo ou à condenação, nem ao romantismo que caracteriza muitos trabalhos com essa temática, o autor (que trabalha num projeto de redução de danos) aborda, de forma atenta e sensível, o cotidiano de “meninos de rua” na rodoviária de Porto Alegre, buscando interpretar os danos decorrentes do consumo inadequado de drogas e da epidemia de HIV/AIDS entre eles. Conceitos centrais da análise antropológica orientam a indagação (ritual, códigos, entre outros). A análise é fruto de observação participante realizada com regularidade semanal, de trinta e cinco sujeitos encontrados na rua entre outubro de 2000 e julho de 2001. O diário de campo é complementado com fotografias, que integram o texto da dissertação. O resultado da indagação pode ser expresso com as palavras finais do autor:

Deixando de lado o maniqueísmo que vem mediando a discussão pública desses temas, essa imagem do “menino de rua” que se inscreve nos corpos dos sujeitos é verossímil e reflete as lacunas das políticas públicas voltadas a essa população. No cotidiano dos sujeitos estudados, observamos o desenvolvimento de técnicas corporais correspondentes à imagem construída historicamente sobre o “menino de rua”. A construção simbólica do corpo ‘da rua’ se dá numa ação táctica que leva em conta o lugar do outro, as pessoas que circulam na cidade. Assim a sujidade, as roupas rasgadas, o uso de loló em locais públicos, as feridas decorrentes do consumo inadequado de cocaína injetável, são símbolos naturais desse território desarticulado e precário. Esses símbolos estão presentes no imaginário das pessoas com quem os meninos se relacionam. (Gregis, 2002: 71)

Os estudos da área da Educação

O conjunto de trabalhos na área da Educação compreende 10 doutorados e 72 dissertações de mestrado.²⁰ Como já foi apontado, verifica-se no balanço atual certa retração do campo de estudos e do interesse pela temática, além do número reduzido de doutorados produzidos no período, sinalizador da pouca consolidação do interesse, em termos de pesquisa. No balanço anterior as teses de doutorado atingiam quase 11% da produção discente no tema, enquanto no levantamento atual essa modalidade atingiu frequência pouco maior (cerca de 12%). Por essas razões, apenas o acompanhamento de uma série histórica nos próximos anos poderá indicar, com maior clareza, se há mesmo uma tendência de arrefecimento dos interesses neste tema na área da Educação.

Os estudos voltados para os adolescentes em conflito com a lei abrangem 40% da produção, seguidos pelas pesquisas que focaram os programas e ações destinados às crianças e aos adolescentes. Já os adolescentes que vivem a condição de rua foram menos estudados, assim como os adolescentes em medida de abrigo.

Os adolescentes em conflito com a lei

Neste subtema está reunida a produção discente sobre os adolescentes que cometeram alguma infração e estavam em cumprimento de medida sócio educativa, de acordo com os dispositivos fixados pelo ECA. Os trabalhos estão agrupados tomando-se por critério três problemáticas: um grupo de estudos tem como foco as trajetórias e representações, percepções e imagens dos adolescentes sobre os delitos e, também, sobre as medidas socioeducativas; um segundo agrupamento volta-se para a experiência dos adolescentes nos programas e em projetos específicos (medidas socioeducativas) destinados a eles; já um terceiro grupo tratou dos adolescentes em conflito com a lei na sua relação com a escola.

- Imagens, percepções e representações sobre os delitos e as medidas socioeducativas

Alguns autores investigaram como os adolescentes privados de liberdade percebem os delitos e as medidas socioeducativas. São eles: Silva (2000a), Oliveira (2004b), Souza (2004), Macedo (1999).²¹ Todos abordam a problemática utilizan-

²⁰ Os trabalhos foram lidos na íntegra, com exceção dos seguintes autores, integrados no texto somente a partir dos resumos: Macedo (1999); Gusmão (2003); Oliveira (2004); Souza (2004); Côes (2004); Peçanha (2006); Meneses (2006); Saraiva (2006); Ramos (2006).

²¹ Esses trabalhos têm como campo empírico as seguintes instituições: Departamento Geral de Ações Socioeducativas – DEGASE - RJ (Silva, 2000); Oliveira, 2004), Centro de

do a metodologia qualitativa e são explicitamente críticos à medida de internação como recursos de (re) socialização dos adolescentes, com um forte conteúdo de denúncia das práticas institucionais.

Os trabalhos procuram saber se o cumprimento da medida contribuiu para a re-socialização dos adolescentes infratores. Buscam compreender se a submissão dos adolescentes às ações previstas no dispositivo legal possibilita a eles novas imagens ou representações sobre as dinâmicas sociais e se estabelece diferentes significados para o delito cometido. Problematizando a condição de internos dos adolescentes, os trabalhos procuram investigar os possíveis resultados obtidos pelas medidas na reelaboração e construção de suas subjetividades. No entanto, concluem que a medida de internação é prejudicial aos adolescentes nos aspectos referentes ao abandono das práticas infracionais e de sua reinserção social. A dinâmica da internação reforça a exclusão social (Silva, 2004), alimentada pela descrença e despreparo dos agentes na recuperação dos adolescentes (Souza, 2004b), contribuindo, assim, para a reprodução das práticas delituosas.²²

Nesta problemática, mas tratando de adolescentes em cumprimento de medida sócio-educativa em meio aberto, encontram-se as pesquisas de Abarca (2006), Meneses (2006), Caurel (2003), Gonçalves (2002) e Silveira (2005). O foco dessas pesquisas se volta sobre adolescentes submetidos a esse dispositivo, tendo como universo empírico a cidade de Botucatu/SP (Caurel, 2003), entidades da Prefeitura de Florianópolis/SC (Abarca, 2006). Já Gonçalves (2002) e Silveira (2005) investigaram adolescentes submetidos ao Programa de Prestação de Serviços à Comunidade, desenvolvido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, instituição onde são defendidas as dissertações.²³

As pesquisas de Cruz (2001), Silva (2000b), Bezerra (2006), Rodrigues (2005), Ramos (2006) enfatizam a especificidade da identidade do adolescente como uma construção que se dá a despeito do conjunto de imagens ou de representações sociais que outros atores constroem sobre eles. Nesse sentido, se diferenciam dos trabalhos do conjunto anterior, por enfatizarem uma condição mais ativa desses adolescentes em conflito com a lei na construção de suas identidades.

Nesse primeiro conjunto de trabalhos podem ser destacados resultados contrastantes, observados em dois estudos. O primeiro é o mestrado de Cunha (2006) que, a partir de literatura específica sobre juventude, desenvolveu sua pesquisa com jovens entre 22 e 24 anos, egressos de medida socioeducativa de privação de liberdade, na cidade de Cáceres/MT. Cunha teve como objetivo analisar se essa intervenção possibilitou aos adolescentes, autores de ato infracional, saírem do mundo do crime, e quais foram suas possibilidades de reinserção social. A

Ressocialização e Atendimento Integral do Menor – CRIAM – RJ (Souza, 2004). Centro de Atendimento Juvenil Especializado CAJE-DF (Macedo, 1999).

²² Teoricamente, apoiam-se em Goffman (1974, 1988) e Foucault (1988).

²³ Silveira (2005) investiga adolescentes do sexo feminino, aspecto que diferencia seu trabalho.

autora conclui que as práticas educativas previstas no ECA são limitadas, mas, mesmo assim, influenciam positivamente na reinserção desses adolescentes na sociedade. A autora chega a identificar aspectos positivos nessas medidas, ao estudar a vida de dois jovens, contrastando com a maioria dos trabalhos que integram esta temática.

O segundo é a dissertação de Nery (2006), que também investiga as representações sociais dos adolescentes egressos de medida socioeducativa de privação de liberdade, de uma unidade de internação da FEBEM de Araraquara/SP. Por meio de entrevistas semi-estruturadas busca “dar voz aos adolescentes” e como conclusão reitera que a FEBEM oferece um conjunto de riscos adicionais aos adolescentes, pois sobrepõe o caráter coercitivo-punitivo ao educativo na execução das medidas de internação e possibilita o convívio de adolescentes que praticaram delitos de gravidades distintas, viabilizando o aprendizado de diferentes tipos de infrações. Desse modo, reitera a ineficiência da instituição sob o ponto de vista da ressocialização dos adolescentes.

- Os adolescentes em conflito com a lei nos programas e projetos

Nesta problemática estão reunidos os trabalhos que abordam os adolescentes em conflito com a lei, internos na FEBEM, em entidades similares ou alvo de medidas sócio-educativas de iniciativa de entidades da sociedade civil. Em geral, buscam investigar como os adolescentes percebem ou experimentam os programas a eles destinados. Alguns trabalhos avaliam, principalmente, atividades corporais e/ou artístico-culturais voltadas para esses adolescentes (Paes, 1999; Mello, 1999; Biasin, 2006; Oliveira, 2006; Silva, 2006; Bandeira, 2006; Zoppei, 2004). Do mesmo modo que na área de Serviço Social e na Sociologia, em geral estas pesquisas enfatizam os aspectos positivos que tais atividades têm sobre o processo de re-socialização dos adolescentes e são desenvolvidas por pesquisadores que viveram muito próximos dessas ações, muitas vezes sendo responsáveis por elas.

- O adolescente em conflito com a lei e sua relação com a escola

Neste terceiro grupo estão os trabalhos que abordam a relação dos adolescentes em conflito com a lei com a educação formal, discutida na chave do direito à educação e da proteção integral, preconizados pelo ECA. Tais preocupações exprimem um dos traços da pesquisa na área de Educação que não estão presentes nos estudos desenvolvidos nas Ciências Sociais e no Serviço Social.

Investigando o jovem infrator sob a ótica da garantia do direito à educação, tendo como referencial analítico a doutrina da proteção integral, encontram-se as pesquisas de Brancalhão (2003), Miranda (2005), Oliveira (2005), Arone (2006), Peçanha (2006), Saraiva (2006), Muniz (2005), Pereira (2005), Torezam (2005), Bandeira (2006) e Martins (2006). O campo empírico dessas pesquisas

é constituído por entidades localizadas nas seguintes cidades brasileiras: Santos, São Paulo, Marília e Americana no estado de São Paulo, Vitória/ES, Manaus/AM, Petrópolis/RJ e Passo Fundo/RS. São trabalhos que se apoiam em uma metodologia qualitativa de pesquisa, tendo como técnicas a observação, entrevistas semi-estruturadas e análise de documentos. Os estudos são unânimes em apontar a debilidade do Estado na garantia efetiva do direito à educação de crianças e adolescentes, sobretudo para a parcela que está sob a proteção do ECA. Indicam, também, o desinteresse dos adolescentes pela escola e seus conteúdos, evidenciado pelas trajetórias escolares marcadas por múltiplas repetências e evasão. No interior dessa problemática, Bandeira (2006) procurou compreender as relações entre os adolescentes, participantes de um projeto educativo²⁴ implementado pelo Estado e pela sociedade civil, nas Unidades de Internação Provisória (UIPs) da FEBEM/SP. A autora conclui que a violência e as práticas infracionais dos adolescentes internados são retro-alimentadas pelas ações dos agentes da FEBEM, que historicamente castigam e discriminam os internos de ambos os sexos. Quanto ao projeto, a autora afirma que a proposta curricular, desenvolvida nas UIPs, não foi suficiente para a garantia do direito à educação, previsto no ECA. Considera que qualquer mudança nas condições dos adolescentes em conflito com a lei só se dará através da implantação de políticas públicas articuladas e consistentes.

Não integrantes das problemáticas acima descritas, dois estudos desenvolvidos por Mauricio Saliba (2002, 2006) encerram este subtema. Em seu mestrado são investigados os atos infracionais na vara da criança e adolescentes da comarca de Santa Cruz do Rio Pardo/SP. Mais do que a verificação do cumprimento das orientações do Estatuto, o autor observa que o poder judiciário brasileiro estabelece uma estratégia de normatização e vigilância sobre os adolescentes infratores, camuflada de prática educativa. Em seu doutorado Saliba investiga, na mesma cidade, as parcerias estabelecidas pela FEBEM com organizações não-governamentais para a implantação de projetos de reeducação de adolescentes em conflito com a lei. Seu estudo conclui que o processo educacional, possibilitado pelas parcerias, dilui e oculta estratégias de vigilância, controle e normatização.

Ações e programas voltados para adolescentes pobres

Este subtema reúne um total de 20 trabalhos (16 mestrados e 4 doutorados), sendo que grande parte de seus autores tem alguma relação com os programas e/ou ações analisadas. Apesar de marcarem uma presença importante no conjunto dos estudos sobre os adolescentes em processo de exclusão social, na área de educação, parte deles, como já foi observado, possui algumas fragilidades. São pouco

²⁴ Projeto *Educação e Cidadania*, desenvolvido pelo Centro de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária – CENPEC e voltado para a elaboração de uma proposta curricular que garantisse o direito à educação, previsto no ECA, para adolescentes submetidos a medidas sócio-educativas.

aprofundadas as questões de ordem metodológica sobre a condução da pesquisa, assim como as possíveis tensões resultantes dessa relação de proximidade com o objeto de estudo como, por exemplo, as implicações éticas daí derivadas.

Dois conjuntos podem ser observados no âmbito desse subtema. Um deles reúne a produção que investiga os programas e ações concebidos pelo Estado, prevendo a transferência de renda. O outro grupo engloba as pesquisas com foco sobre os programas que são concebidos pela sociedade civil, sobretudo os desenvolvidos por organizações não governamentais – ONGs – ou instituições que se autodenominam do terceiro setor.

- Programas públicos e transferência de renda

Três pesquisas, neste conjunto de trabalhos, abordaram ações federais, estaduais ou municipais voltadas para adolescentes ou jovens considerados em situação de vulnerabilidade. No geral, estes estudos problematizam a capacidade dos programas e/ou ações em promoverem a cidadania dos participantes num quadro de precarização social. Neste conjunto, o viés crítico às ações é mais evidente.

Dois destes estudos avaliaram o Programa Serviço Civil Voluntário,²⁵ do governo federal, para jovens maiores de 18 anos. O mestrado de Parrela (2005) aborda a atual configuração da sociedade civil e as possibilidades de relacionamento desta com o aparato do Estado. Esta pesquisa teve como objeto empírico a implantação do Programa Serviço Civil Voluntário na cidade de Montes Claros/MG, entendendo-o como resposta do governo brasileiro ao quadro de precarização das relações sociais. A autora conclui que a participação dos jovens no programa representou uma experiência significativa para eles, embora não seja garantida a inserção profissional aos participantes. Analisando o mesmo programa federal, em sua tese de doutoramento, Geraldo Leão (2004) investiga com profundidade duas experiências desenvolvidas na região metropolitana de Belo Horizonte/MG. Segundo o autor, as iniciativas de ONGs e órgãos públicos voltadas aos jovens se caracterizam como estratégias de gestão da pobreza juvenil. Diante das dificuldades estruturais das economias capitalistas contemporâneas em gerar empregos e promover a mobilidade social, elas se transformam em meras políticas de ocupação do tempo e de combate à ociosidade juvenil. Leão identificou que as experiências analisadas foram desenvolvidas em um quadro de grande precariedade social, tendo o programa um caráter compensatório, não alcançando os objetivos inicialmente pretendidos, ou seja, a inclusão dos jovens atendidos.

Dias (2005) em sua dissertação de mestrado analisa o programa Agente Jovem, tendo como objetivo conhecer o perfil dos adolescentes atendidos pelo programa

²⁵ Programa do governo federal voltado para jovens em situação de risco social, criado na gestão de Fernando Henrique Cardoso. Teve como objetivo integrá-los na sociedade mediante ações voltadas para a escolarização, qualificação profissional e formação para a cidadania. O Programa no governo Lula foi incorporado nas propostas relativas ao emprego de jovens.

na cidade de Goiânia e suas estratégias para vivenciarem a condição juvenil. A pesquisa foi realizada no bairro Goiânia Viva, um dos pólos de implantação do Programa Agente Jovem na cidade. O bairro reúne as características de precariedade das condições de vida e os adolescentes, pela ótica do programa, estão em situação de risco social, muito próximos da marginalidade. A autora conclui que o programa é marcado pela debilidade e inconsistência, possui uma duração pequena e está vinculado à ideia de inclusão social, não dimensionando as características peculiares dos jovens atendidos. O paradigma da vulnerabilidade juvenil, noção norteadora do programa, segunda a autora, deveria ser desconstruído, dando lugar a um olhar mais objetivo sobre as condições de vida do jovem atendido.

Fernandes (2005), Marques (2003) e Perez (2000) discutem aspectos da formação dos jovens atendidos, desenvolvida por programas institucionais de educação não-formal, considerados auxiliares à formação escolar, dos municípios de Paulínia, Piracicaba e Santo André, respectivamente. Afirmam a importância dos programas para os jovens, embora apontem as debilidades e incongruências conceituais que os marcam, como, por exemplo, uma abordagem excessivamente pragmática da formação dos jovens, centrada na execução de trabalhos manuais e construção de artefatos, que tem por finalidade ocupar o tempo dos adolescentes em detrimento de uma formação reflexiva capaz de problematizar sua condição social.

- Programas e ações concebidos pela sociedade civil

Neste grupo são analisados os trabalhos (12 mestrados e 2 doutorados) que se debruçaram sobre as ações de entidades do terceiro setor voltadas para o atendimento de jovens em situação de exclusão social. Um conjunto destas pesquisas trata das práticas artísticas e das várias linguagens (dança, teatro, fotografia) desenvolvidas por ONGs devotadas à educação de jovens em situação de exclusão social (Costa, 2005; Sobrinho, 2003; Soares, 2003; Figueiredo, 2005). Em geral, os estudos reiteram a importância das atividades artísticas e culturais para os jovens, no sentido de lhes garantir a cidadania. Outro conjunto de trabalhos (Borges, 2002; Cunha, 2000; Moreno, 1999; Chaise, 2003; Almeida, 2006; Gusmão, 2003; Silva Sousa, 2006; Tadeu, 2004) discute os aspectos pedagógicos das propostas de ação ou das práticas educativas das entidades responsáveis por sua execução junto aos jovens. Essas pesquisas apontam a importância das práticas educativas por elas desenvolvidas, pois fortalecem aquilo que consideram como valores da cidadania.

Dois estudos, realizados na cidade de Goiânia, evidenciam a complexidade das experiências desses programas, assim como os diferentes olhares desenvolvidos pelos pesquisadores em sua incursão pelo campo. Ávila (2002) investiga as representações sobre o trabalho de um grupo de adolescentes e jovens ex-integrantes do Projeto Adolescentes do Centro de Estudos e Promoção Social (CEPROS). O texto revela dimensões positivas no desenvolvimento do projeto, afirmando a centralidade do trabalho na construção das representações do jovem oriundo das

camadas populares. Borges (2002) chega a conclusões diferentes em seu estudo, que visou compreender o princípio educativo que norteia as atividades desenvolvidas pelas ONGs com crianças e adolescentes pobres. A autora localizou 52 ONGs voltadas ao atendimento de crianças e adolescentes em Goiânia e selecionou 12 delas para entrevistar seus membros e adolescentes participantes. Analisa as atividades de reforço/complementação, as de caráter manual ou artesanal e as ações de formação profissional. Em sua conclusão, aponta a inexistência de uma proposta pedagógica que subsidie as concepções das atividades executadas pelas entidades, sendo todas de caráter essencialmente ocupacional, servindo de treinamento de habilidades motoras e de ocupação do tempo dos jovens. A autora demonstra a fragilidade das ações das ONGs que, segundo sua expressão, estão ancoradas em uma perspectiva liberal de ação educativa.

Silva (1999) e Kriesang (2003) trataram da interface entre os jovens e as novas tecnologias.²⁶ Ambos investigam a importância da informática na vida dos jovens que participam de projetos educativos desenvolvidos por ONGs. Enfatizam em suas conclusões a importância crescente dos espaços não-formais de educação e a relevância das práticas educativas dialógicas, principalmente em função da crescente influência das Tecnologias da Informação e Comunicação sobre os processos educativos.

Adolescentes em situação de rua

Neste sub tema foram agrupados 19 trabalhos, sendo 2 de doutorado e 17 de mestrado. São estudos que pesquisam os adolescentes, e também crianças, em situação de rua, em suas interações e nas relações com os agentes públicos e privados de assistência, tendo como principal campo empírico a própria rua. Nas referências teóricas encontra-se o conjunto de trabalhos desenvolvidos por Irene Rizzini (1993), quando se discute as crianças em situação de rua, e Goffman (1988), para se debater o estigma por que passam os que vivem na rua.

São dissertações e teses que recorrem às metodologias qualitativas e podem ser reunidas em três problemáticas: a relação com a escola; subjetividade e representações; avaliação de programas voltados a crianças e adolescentes de/na rua.

- A relação com a escola

Reiterando um traço da produção em Educação, que se volta para o exame da escola, parte dos trabalhos examina os significados e as relações que essas crianças e adolescentes mantêm com a instituição escolar. Nesse grupo encontram-se os estudos de Costa (1999), Oliveira (2004), Schwonke (2001), Silva (2005), López (1999) e Lozano (1999). Sem construir uma aproximação sociológica

²⁶ O texto Juventude, mídias e TIC, desta coletânea, analisa essas relações.

sobre a categoria adolescente, e referenciados nos dispositivos do ECA, os estudos evidenciam que há uma grande dificuldade no estabelecimento de vínculos entre essa população e as práticas escolares. Alguns trabalhos assumem uma feição prescritiva e propõem transformações nos modos de abordar os estudantes oriundos da rua.

- Subjetividade e representações

Discutindo a problemática da subjetividade e das representações das crianças e adolescentes em situação de rua, estão os trabalhos de Nunes (1999), Adad (2003), Leal (2000), Amim (1999), Quintana (2001), Góes (2004), Machado (1999), Paiva (2006) e Viebrantz (2004). Essa problemática reúne o maior número de trabalhos no interior deste subtema. Em geral, têm como objetivo investigar as percepções e representações de crianças e adolescentes, tendo como preceito a valorização da fala e das manifestações dos meninos e meninas, observados em seus cotidianos, um tipo de abordagem marcante da produção em anos anteriores.

Os estudos de Viebrantz (2002) e Lemos (2002) podem ser destacados pelo cuidado metodológico que possuem, recorrendo à observação criteriosa do universo de pesquisa. O mestrado de Viebrantz (2002) investiga os modos de vida e as práticas de subordinação e resistência das crianças e adolescentes que usam a Praça Marechal Floriano, em Porto Alegre, privilegiando o grupo de engraxates que ali trabalhavam e que não tinham passagem por instituições socioeducativas. Lemos (2002) investiga a trajetória de crianças e adolescentes pelas ruas centrais de Porto Alegre, caracterizando a cultura de rua a partir das falas dos sujeitos da pesquisa. A autora realizou uma pesquisa longitudinal, acompanhando os/as meninos/as de 1994 a 2001, registrando suas dinâmicas de vida em diário de campo. Embora tenha desenvolvido trabalhos com os/as meninos/as, a pesquisadora soube construir seu objeto e estabelecer o distanciamento necessário para uma observação rigorosa do campo. Viebrantz e Lemos apontam para a rede de relações e de significações que a situação de rua provoca na vida dos/as meninos/as, reconstruídas na interação com a droga, a morte e as atividades de trabalho precário.

- Programas voltados para crianças e adolescentes de/na rua

Dois trabalhos avaliam propostas pedagógicas desenvolvidas para crianças e adolescentes em situação de rua (Ramos, 2004; Santos, 2004), sendo uma delas de iniciativa do poder público, em Porto Alegre, e outra de uma entidade da sociedade civil, em Brasília. Estas pesquisas demonstram que tais propostas pedagógicas têm como elementos norteadores de sua prática as noções de inclusão social e cidadania, mas necessitam aperfeiçoamentos. Sua efetividade depende, também, da implementação de redes de atendimento para alcançar efetivamente a meta de proteção às crianças e aos adolescentes.

Algumas características recorrentes podem ser apontadas do conjunto de trabalhos, da área de Educação, sobre o tema dos adolescentes em processo de exclusão social. De modo geral, as conclusões derivadas do Estado da Arte anterior, na área de Educação, ainda se aplicam para o presente conjunto de estudos (Corti, 2002), sendo nítido o forte envolvimento político dos pesquisadores com os programas ou ações investigadas.

Em quase todos os subtemas, em especial nas análises dos adolescentes em conflito com a lei e das crianças e adolescentes da/na rua, os aportes teóricos predominantes são ancorados em Goffmann (1974, 1988, 1989) e Foucault (1979, 1988, 1999). As representações sociais dos adolescentes são estudadas a partir de Moscovici (1978) e Berger e Luckmann (1991). A inspiração marxista esteve mais fortemente presente nos estudos dos programas e ações para adolescentes pobres, particularmente para o enquadramento dessas iniciativas no advento das políticas neoliberais.

Por outro lado, a adoção de autores com orientações teórico-metodológicas diversas reitera, também, o pluralismo já observado anteriormente. Esse pluralismo requer, no entanto, a capacidade do autor em articular universos contrastantes ou, no mínimo, bastante diversos. Na verdade, observa-se uma apropriação conceitual típica dos autores, ou seja, como afirmam Catani e outros na análise das formas de apropriação do pensamento de Pierre Bourdieu no Brasil, uma utilização não sistemática de citações e conceitos do autor, sem implicar na adoção do seu modo de trabalho (Catani, 2001).

É inegável a importância das referências normativas consagradas no Estatuto da Criança e do Adolescente, para a composição das orientações conceituais desenvolvidas em grande parte dos trabalhos. Ocorre que o instrumento jurídico não substitui a necessidade de se construir referenciais teóricos, nem sempre presentes e suficientemente explorados no decorrer das análises empíricas. São poucos os que esboçam um esforço para considerar, sociologicamente, a noção de juventude ou de adolescência. Estas permanecem, muitas vezes, como situações naturalizadas, definidas apenas pelos seus marcos legais. Alguns estudos abordam indistintamente crianças e adolescentes, tratando-os como um bloco homogêneo, sem constituir, de modo analítico, as características particulares de cada grupo de idade enquanto condição sócio-cultural.

Foram raros os trabalhos que se preocuparam em investigar aqueles que ultrapassaram os limites da maioria legal, esboçando um quadro conceitual em torno da categoria juventude (Cunha, 2006; Gonçalves, 2002; Dias, 2005; Ramos, 2004 e Leão, 2004).

Adolescentes em regime de abrigo

Tendo em vista a identificação de um bloco mais homogêneo de estudos realizados sobre abrigos, nas três áreas que integram o atual Estado da Arte, como já foi observado, a análise desse subtema será realizada a partir do conjunto da produção.

As investigações sobre os adolescentes submetidos a medidas de abrigo compõem, também, um quadro de trabalhos que são fortemente inspirados nas disposições jurídico-legais do ECA.²⁷ É evidente que o debate público-político em torno do desenho das ações voltadas para a implantação desse novo dispositivo legal, a partir dos anos 1990, trouxe para a academia desafios e problemáticas novas para a investigação. A porosidade entre o campo político e acadêmico é constituída de modo diverso entre as áreas investigadas, sendo, obviamente, a área de Serviço Social a mais afetada por essas questões. Dentre os vinte trabalhos que foram localizados,²⁸ sobre os adolescentes que vivem ou estão na esfera de atuação de abrigos, onze foram produzidos nos Programas de Pós-Graduação em Serviço Social, oito na área de Educação e apenas um em Sociologia.²⁹

Um primeiro aspecto que chama a atenção nesta produção é a diversidade de situações investigadas, em várias cidades brasileiras. Foram identificados cinco trabalhos sobre abrigos no estado de São Paulo (três na capital e dois no interior, Batatais e Ribeirão Preto) e dois no Rio de Janeiro (na capital e em Duque de Caxias). Na região sul, há estudos sobre abrigos nas cidades de Porto Alegre e Viamão/RS, Florianópolis, Curitiba e Londrina/PR. Na região norte foi localizado um estudo sobre abrigo em Belém e, na região Nordeste, sobre abrigos de João Pessoa, Petrolina e Salvador. A maioria das unidades pesquisadas situa-se na esfera estatal ou é mantida por entidades filantrópicas que recebem apoio público.

Não obstante a heterogeneidade espacial, os estudos apresentam questões comuns que mobilizaram os investigadores. Um ponto de partida, bastante frequente,

²⁷ A expressão “abrigo” designa uma medida de “proteção especial” prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente e definida como “provisória e excepcional” (ECA, art. 101, parágrafo único).

²⁸ Dos 20 trabalhos identificados, não tivemos acesso à versão integral de apenas dois (Pereira, 2003 e Juliano, 2005), incorporados na análise a partir de seus resumos. Desse conjunto, foram identificados dois doutorados em Serviço Social (Pereira, 2006; Valenciano, 2006).

²⁹ Uma observação preliminar deve ser realizada. O universo da produção acadêmica sobre abrigos certamente é mais numerosos e atraiu o interesse de vários estudantes da Pós-Graduação, sobretudo na área de Serviço Social. Para a confecção deste Estado da Arte só foram selecionadas as teses e dissertações que se dedicaram especialmente ao conhecimento dos adolescentes que estavam sob o alcance dessas medidas. Por essas razões, estudos que trataram de crianças, das políticas, das relações dessas instituições com as famílias, dos funcionários e profissionais lá atuantes não foram incorporados.

decorre da inserção profissional do autor em atividades articuladas ao universo dessas medidas, ou de seu contato por meio de trabalho voluntário, demonstrando um grau relevante de compromisso ético-político com a temática.

Um conjunto de trabalhos buscou compreender a vida no interior desses abrigos, caracterizados, *grosso modo*, como instituições totais, na acepção de Goffman (1974), ou na esteira das instituições disciplinares, analisadas por Michel Foucault (1979; 1988). De Goffman (1974) também decorre grande parte dos apoios teóricos para serem trabalhadas as noções de estigma, que afetariam a vida dos adolescentes abrigados. No entanto, o uso, muitas vezes pontual, desses autores, limita-se aos aspectos mais gerais da base teórica, que integra os capítulos iniciais dos trabalhos. Aqueles que buscam a construção de um diálogo com as referências iniciais percebem que a empiria revelou outras facetas, de certo modo colocando em questão a ideia do abrigo como instituição total. Adolescentes e crianças abrigados frequentavam escolas do bairro, alguns interagem com as redes de proteção e com organismos que realizavam atividades de natureza diversa (esportes, artes, entre outros). Esse tipo de descoberta, no exercício da investigação, de algum modo pode enriquecer o tratamento teórico ao exercitar o diálogo entre o material empírico e os referenciais adotados, evitando que a teoria se transformasse em um quadro intocável que encontra apenas confirmações no âmbito da pesquisa. No entanto, sob o ponto de vista das categorias analíticas, a noção de estigma se apresentou como mais fértil para a análise da condição dos adolescentes abrigados. De algum modo, os universos empíricos selecionados trouxeram evidências das tentativas e impasses, ao longo de quase duas décadas, em tornar viáveis os dispositivos do ECA: o caráter provisório da medida, a diminuição do número de adolescentes abrigados por unidade, a manutenção dos vínculos com as famílias, a preservação do grupo de irmãos no mesmo abrigo, o desenvolvimento de ações com redes externas de serviços e de apoio, dentre elas as unidades escolares.

Em graus diferentes de cumprimento dos dispositivos do Estatuto, os abrigos investigados revelaram as dificuldades de implantação dessas ações e os estudos, invariavelmente, terminam pela denúncia da ausência de políticas adequadas e pela distância entre os dispositivos legais e a realidade. Mesmo assim, o universo descrito é sensivelmente mais próximo das disposições do Estatuto do que aquele traçado pelos estudos que contemplaram os adolescentes privados de liberdade.

Fortemente inspirados em autores consagrados no campo da história da infância e do abandono no Brasil, dentre eles Irene Rizzini (1991, 1993, 1995, 1997) e Maria Luiza Marcílio (1998), e o estudo da psicanalista Sonia Altoé (1991), que investigou o cotidiano nos internatos, a maioria dos trabalhos recorre a grandes marcos históricos para situar sua abordagem. É perceptível, no entanto, a ausência de informações e análises da história local, de modo a reconstituir o próprio objeto de pesquisa a partir das peculiaridades que configuram as cidades brasileiras e as iniciativas filantrópicas e públicas em torno de crianças e adolescentes, alvo dessas medidas. Destacam-se, nessa direção, os mestrados de Barreto (1998), que situa a evolução desse tipo de atendimento na cidade de

João Pessoa, e Cruz (2004), que recompõe a trajetória de atendimento na cidade de Duque de Caxias.

Algumas problemáticas importantes podem ser localizadas nesses trabalhos, oferecendo elementos para um eventual desenvolvimento de estudos sobre adolescentes e jovens, abrigados, no Brasil.

Um primeiro conjunto situa-se no eixo das práticas e da experiência cotidiana no interior dos abrigos, onde temas derivados da especificidade da faixa etária, apesar de pouco trabalhados analiticamente, aparecem (Barreto, 1998; Torres, 2006; Andrade, 2006; Campos, 2006; Oliveira, 2005; Cardoso, 2003; Menezes, 2002; Juliano, 2005; Pereira, 2003; Marcelino, 2005 e Kurylo, 2003). De um lado, questões como a sexualidade, os conflitos e os limites da autonomia para saídas do abrigo apresentam-se como recorrentes no cotidiano dessas instituições e são identificadas nos estudos, mas sem o necessário aprofundamento. Derivam das leituras dessas investigações novas questões que o quadro atual somente anuncia. Há abrigos femininos e outros masculinos, mas há estudos que trataram também de abrigos mistos, constituindo realidades diversas que mereceriam maior aprofundamento. Por outro lado, verifica-se certa especialização no atendimento, quer pela faixa etária, quer pela multiplicidade de fatores que levam ao abrigo (adolescentes com experiência de rua, com dependência química, vítimas de violência familiar ou sem condições de vida familiar devido à pobreza da família). Outro tipo de situação diz respeito à separação entre irmãos, quando o abrigo se especializa no atendimento a faixas etárias específicas. Mas tanto a separação entre os sexos como a sua convivência não se tornam problemas de investigação, trata-se apenas dados que de certa forma são naturalizados. Para além do acalorado debate político, que muitas vezes limita-se à defesa da estrita aplicação dos dispositivos do Estatuto, o quadro de pesquisas revela uma enorme complexidade no desenho da experiência de vida desses adolescentes,³⁰ que ainda não foi de fato tratada sob o ponto de vista da análise.

O mestrado em Sociologia desenvolvido por Daniel Cardoso (2003) constitui uma contribuição bastante significativa devido a algumas peculiaridades de seu estudo. Definindo com clareza seus objetivos – estudar as práticas de um abrigo e seus efeitos sobre a vida das adolescentes – tornou-se voluntário (professor de aulas de reforço), lá permanecendo durante um longo período para realizar observações e contatos com as meninas. Sua dissertação busca enveredar na análise das relações entre as jovens não só no abrigo, como também no bairro onde está situada a entidade. Tenta compreender os modelos que caracterizariam as relações entre adultos e adolescentes, sobretudo a direção do abrigo, buscando construir uma tipologia que ora reforça a dimensão afetiva, ora reforça o caráter burocrático-profissional.

³⁰ O doutorado de Valenciano (2001), ao tratar dos egressos, examina a diversidade de situações de jovens marcados pelo estigma em razão de limitações físicas ou de orientação sexual, sobretudo aqueles que percorrem trajetórias homossexuais.

Um segundo tipo de problemática, também inovadora, incide sobre o estudo dos momentos que antecedem ou sucedem a maioridade legal e a saída do abrigo (Valenciano, 2001; Cunha, 1999; Nascimento, 2005; Oliveira, 2000). Nesse campo, a produção discente aponta as dificuldades de inserção profissional, de construção de mecanismos para um mínimo de autonomia e a total ausência de iniciativas públicas que assegurem essa transição. Algumas instituições ainda buscam suavizar essa passagem, mas os efeitos são limitados. O estudo de Eliane Oliveira (2000) destaca-se nesse conjunto, pois realiza um esforço de compreensão teórica sobre os fundamentos culturais e simbólicos das condições de maioridade e menoridade. Assim, vai além da discussão legal, mostrando a complexidade inerente aos demarcadores cronológicos, que delimitam formas de vida e direitos diferentes, e constituem construções sociais objeto de conflitos e negociações.

Uma última problemática tratada, presente principalmente na produção discente em Educação, diz respeito à relação dos adolescentes abrigados com a escola (Cruz, 2004; Silva, 1999; Behisnelian, 2001). Os estudos, muitas vezes a partir de opiniões e depoimentos dos adolescentes, reiteram a importância do acesso à educação escolar durante o período de permanência no abrigo, mas indicam as dificuldades que se estruturam nessa relação. Em geral, marcados por descontinuidades e distorções antigas, os adolescentes que estão em abrigos constituem os efeitos mais visíveis das dificuldades de acesso e permanência na escola dos segmentos mais empobrecidos da população. Destaca-se, nesse conjunto, o rigoroso estudo desenvolvido por Dalva Pinheiro da Cruz (2004). Sua pesquisa traz elementos importantes, a partir de uma série histórica levantada em um abrigo na cidade de Duque de Caxias, buscando identificar o tempo de permanência naquela entidade e frequência à escola. Seu trabalho ilumina aspectos pouco considerados na maioria dos estudos, pois o caráter provisório da medida, prescrita pelo ECA, apresenta sua “face perversa”, uma vez que as alternâncias para os adolescentes investigados ocorre em relação ao abrigo e à rua. Não há volta para a família e assim a provisoriedade da condição implica ainda mais em relações intermitentes e descontínuas com a escola.

Sob o ponto de vista dos estudos sobre juventude, os trabalhos selecionados ainda não configuram, de modo geral, marcos analíticos que os aproximaria desse campo. São fortemente influenciados por problemas legítimos, derivados da condição de crianças e adolescentes pobres no Brasil. Constituem um conjunto importante de denúncia e de diagnóstico dos poucos avanços e dos inúmeros problemas que integram a implantação das medidas de abrigamento. Esboçam uma primeira aproximação para a especificidade dos sujeitos abrigados, em seu momento no ciclo de vida, embora muitos se limitem a considerar a adolescência apenas como uma categoria jurídica, definida pelo ECA. Os autores mais utilizados dizem respeito ao estudo da infância pobre e abandonada do país e ao campo das políticas sociais. Ainda são incipientes as referências ao campo de estudos sobre juventude.

Não há dúvidas quanto à importância dessa produção para situar a condição dos adolescentes nos abrigos de muitas cidades e as tentativas de adequá-los aos dispositivos legais vigentes. Não se configurou, nos trabalhos selecionados,

nenhuma situação grave de violência e de flagrante violação de direitos, como se observa nos adolescentes em conflito com a lei privados de liberdade. Os estudos contribuem, também, para desenhar um conjunto de questões que poderão ser mais bem investigadas sobre a vida desses sujeitos, suas trajetórias e a experiência de abrigamento. Para o sucesso dessa empreitada um rigor metodológico maior, ao lado de um diálogo mais forte entre teoria e empiria, se faz necessário.

4. *Uma visão geral da produção*

Ressalta-se, no conjunto dos trabalhos sobre adolescentes em processo de exclusão social, a força simbólica e política do ECA, que, além de um instrumento jurídico, compôs um quadro de referência normativo para a análise das realidades investigadas, que estarão, inevitavelmente, mais ou menos próximas da realização das prescrições do Estatuto. Sob esse ponto de vista, o balanço realizado evidencia que as medidas sócio-educativas, previstas nos dispositivos legais, ainda não estão articuladas a políticas claras de atendimento na esfera dos direitos sociais, e padecem de limitações históricas que não foram superadas, mesmo com o advento de um novo marco legal.

O balanço sobre os programas e ações para os adolescentes pobres, não obstante a diversidade das situações apresentadas, evidencia algumas das características mais recorrentes dessas iniciativas: carregadas de uma retórica de promoção da inclusão e da cidadania, com escassos resultados efetivos. Os aspectos eventualmente tidos como positivos situam-se nas relações interpessoais, no desenvolvimento da autoestima. As possibilidades de aprofundamento das investigações futuras dependem da capacidade da formulação de novas perguntas capazes de superar os tradicionais relatos de experiência ou ensaios de avaliação dos efeitos dos programas ou projetos sobre os jovens a partir de sondagens de opinião ou observações e análises pontuais de documentos a partir de esquemas teóricos enrijecidos. Como afirma Estela Grassi, em análise sobre a produção acadêmica em Serviço Social que se voltou para o estudo de planos e programas:

Esta limitação se aponta em algumas avaliações sobre o impacto de programas sociais, quando a opinião dos usuários é tomada em si mesma como prova dos resultados do programa. Em outros casos a “investigação” é uma avaliação crítica antecipada e é evidente a disposição do investigador em demonstrar o quanto funciona mal um programa, em confirmar as conseqüências negativas de sua implementação. (Grassi, 2008: 2)³¹

³¹ “*esta limitación se advierte en algunas evaluaciones sobre impacto de programas sociales, para los que la opinión de los usuarios es tomada en sí misma como prueba de los resultados del programa. En otros casos, la “investigación” es una evaluación crítica anticipada y es*

Os estudos sobre adolescentes em condição de rua parecem não constituir um conjunto inovador frente à produção das décadas anteriores, com algumas exceções, bem conduzidas.

Embora algumas observações já tenham sido realizadas durante a apresentação dos trabalhos, é preciso reiterar algumas questões importantes de natureza metodológica. Muitos dos estudos elaborados são produzidos por profissionais que atuam na área e, dessa forma, geralmente são relatos de experiências vividas na atuação profissional, o que gera algumas tensões. Sem dúvida, a sensibilidade adquirida na experiência profissional permite uma grande proximidade com o tema, mas, ao mesmo tempo, essa situação tende a criar dificuldades de natureza metodológica que precisam ser consideradas. Geralmente, as escolhas metodológicas adotadas não são explicitadas e não há qualquer problematização do lugar ocupado pelo pesquisador no desenvolvimento do trabalho de campo. Por outro lado, os trabalhos assumem, quase todos, um forte teor militante: a denúncia e algumas recomendações para melhoria das políticas públicas são parte importante dessa produção discente.

Alguns estudos, principalmente na área de Antropologia, se destacam pelo modo como explicitam suas escolhas metodológicas, descrevem os procedimentos e os fundamentam em vasta bibliografia pertinente. Parece ser mais evidente que a criação de disposições para a pesquisa é parte integrante e central da formação dos antropólogos, sendo a Pós-Graduação um momento de maior maturidade, decorrente de um longo processo que se iniciou nos cursos de graduação. Parcela significativa da produção que realiza aproximações de caráter qualitativo utiliza-se de “entrevistas abertas” e de técnicas de “observação”, sem adentrar na explicação sobre o porquê dessas escolhas metodológicas, relacionando-as com o objeto de pesquisa e com a literatura.

Em se tratando de pesquisas realizadas em instituições fechadas, com sujeitos privados de liberdade, por exemplo, a escolha da abordagem e a forma de relação que se estabelece com os entrevistados têm uma influência significativa sobre os resultados do material obtido para a análise.

Apenas alguns trabalhos, como os de Rose Hikiji (2003) e Paula Miraglia (2001), expressam essa preocupação de forma clara: realizar entrevistas individuais no interior de uma FEBEM com os internos significa muitas vezes colocá-los exatamente na mesma situação de “interrogatório”, já bem conhecida por esses adolescentes.

Essas questões se refletem nas análises realizadas, que geralmente figuram os sujeitos entrevistados a partir de imagens-padrão: entrada no mundo do crime motivada pelas carências materiais, os problemas familiares, a violência sofrida, a falta de oportunidades, a expulsão do convívio social, entre outros.

evidente la disposición del investigador a “demostrar” cuan mal funciona un programa, a confirmar las consecuencias negativas de su implementación”.

Por outro lado, é bem marcante que a grande maioria dos entrevistadores seja de mulheres, em todas as áreas.³² Caberia fazer uma análise detalhada (uma etnografia da situação de pesquisa em instituições fechadas ou entidades que atendem adolescentes, que lá estão de forma compulsória) sobre a entrada e o comportamento dessas pesquisadoras em campo, as relações que estabelecem com os sujeitos investigados, os instrumentos utilizados na pesquisa, além do próprio meio onde a pesquisa é realizada. Além das diferenças de gênero, seria importante considerar, inclusive, as diferenças de cor e classe social entre os pesquisadores (mestrandos e doutorandos) e os sujeitos investigados. A distância entre entrevistador e entrevistado, portanto, é objetivamente muito grande e deveria, pelo menos, ser objeto de reflexão, como parte integrante da análise.

Queremos, em particular, ressaltar a diferença entre uma atitude indagadora, voltada para a compreensão dos fenômenos estudados (na qual os termos utilizados com mais frequência são: descrever, observar, perguntar, refletir) e os trabalhos que visam principalmente encontrar explicações, ou seja, fazer uma análise de tipo causal-efeito, através da classificação, do enquadramento ou da “interpretação” das falas.

Muitos trabalhos declaram, explicitamente, ter a finalidade de “avaliar” os resultados das práticas investigadas (em se tratando tanto de medidas sócio-educativas como de projetos de ONGs), o que acaba criando uma confusão entre a investigação e as intenções avaliativas, em particular no que diz respeito ao teor normativo e valorativo, geralmente presente nos trabalhos de avaliação. A avaliação como forma de produção de conhecimento requer orientações teórico-metodológicas claras, nem sempre consideradas nessa produção. Estabelecendo, em grande parte, recortes que traçam “fotografias do presente”, e sem recursos teórico-metodológicos capazes de auxiliar na dimensão avaliativa que os objetos suscitam, os estudos carregam fragilidades. Mesmo assim, um quadro geral dos limites dessas ações, e dos programas destinados aos jovens e adolescentes, pode ser observado, considerando-se o conjunto da produção das três áreas.

Muitas pesquisas são tensionadas pelos anseios dos pesquisadores em encontrar respostas e propor alternativas, pois muitos se encontram envolvidos politicamente com o atendimento de crianças e adolescentes em situação de risco, trabalhando ou militando sobre o tema.

Trilhas interessantes, para futuras pesquisas, podem ser encontradas nos trabalhos que versam sobre a sociabilidade e as relações estabelecidas entre os adolescentes, sobretudo aqueles privados de liberdade no sistema prisional. São esses os trabalhos que nos parecem ser mais inovadores e mais sensíveis à problemática juvenil. Mesmo porque, na literatura brasileira sobre juventude, os jovens presos e os adolescentes em conflito com a lei ainda são pouco investigados.

Um adensamento teórico e metodológico na formação dos alunos da Pós-Graduação, a ser iniciado ainda nos cursos de Graduação, poderá impulsionar

³² Do total de trabalhos realizados (184), apenas 33 foram desenvolvidos por pesquisadores do sexo masculino.

a pesquisa sobre o tema, quer pela possibilidade de se construírem problemas de investigação que não derivem exclusivamente da aplicabilidade ou não de um marco jurídico legal, quer pela importância do rigor na metodologia a ser adotada, estabelecendo-se o seu potencial e limites frente ao objeto de estudo. Mas, sobretudo, queremos ressaltar a importância de se inovar nas propostas metodológicas de pesquisa: se olharmos com as lentes de sempre, será difícil perceber os ruídos e as dissonâncias que são, muitas vezes, reveladoras de realidades em constante transformação. Reativar a possibilidade de ser surpreendido, desarmar o olhar e desenvolver a arte de observar mundos possíveis (Sclavi, 2003) nos parecem, na atualidade, tarefas impostergáveis para o pesquisador das Ciências Humanas.

Referências bibliográficas

- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*, São Paulo: ed. Scritta, 1994.
- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil, in: *Juventude e Contemporaneidade – Revista Brasileira de Educação*, n. 5 e 6, ANPED, 1997.
- ADORNO, Sérgio. A experiência precoce da punição. In MARTINS, José de Souza (org.). *Massacre dos inocentes – A criança sem infância no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- ADORNO, Sérgio. La Criminalidad Violenta urbana en Brasil: Tendencias y Características. In: ADORNO, Sérgio. *Reunión sobre el desafío de la violencia criminal urbana*. Rio de Janeiro: BID/UNESCO, 1997.
- ALTOÉ, Sonia. *Menores em tempo de maioridade: do internato prisão à vida social*. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Rita, 1991
- BARENBOIM, Daniel & SAID, Edward. *Paralelos e paradoxos. Reflexões sobre música e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BERGER, Peter. I. & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de Sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1991
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A política dos outros. O cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Edusp/Editora 34, 2000.
- CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CATANI, A, CATANI D, PEREIRA, G. Pierre Bourdieu: as leituras de sua obra no campo educacional brasileiro in TURA, Maria de Lourdes (org.), *Sociologia para educadores*. RJ: Quartet, 2001.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CORTI, Ana Paulo de Oliveira. Adolescentes em processo de exclusão social. In Sposito, Marília P (coord.). *Juventude e escolarização (1980/1998)*, Série Estado do conhecimento, número 7, Brasília, MEC/INEP, Comped, 2002

- DAGNINO, Evelina, OLVERA, Alberto J. e PANFICHI Aldo (orgs.). *A disputa pela construção democrática na América Latina*. São Paulo: Paz e Terra, Campinas: Unicamp, 2006.
- EISENSTDT, S.N. *Modernização, Protesto e Mudança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969
- EISENSTDT, S.N. *De geração em geração*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2000 [1965].
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir. História da violência nas prisões*. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade. Curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos. Estratégia, poder-saber (volume IV)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- GOFFMAN, Erving. *O Estigma*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1989
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1981.
- GROPPO, Luis Antonio. *Juventude*. Rio de Janeiro: Difel, 2000.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- IAMAMOTO, Marilda. *O serviço social na contemporaneidade*. São Paulo: Cortez, 1998.
- LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Editora Moraes, 1991.
- LEFEBVRE, H. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. *História social da criança abandonada*. Petrópolis: Hucitec, 1998.
- MARGULIS, Mario e URRESTI, Marcelo. *La juventud es más que una palabra*. In: Margulis, Mario [et al]. *La juventud es más que una palabra*. Buenos Aires: Biblios, v 2, 2000.
- MARGULIS, M. *Juventud: una aproximación conceptual*. In: Solum Burak (comp). *Adolescencia y Juventud en América Latina*. Cartago: Libro Universitario Regional, 2001.
- MARTINS, José de Souza. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997.
- MENDEZ, Emílio García. *Infância e cidadania na América Latina*. São Paulo: HUCITEC, 1998.
- MENDEZ, Emílio García. *Do avesso ao direito*. São Paulo - Governo do Estado de São Paulo/UNICEF: Malheiros Editores, 1994.
- MENDES, Emilio Garcia & COSTA, Antonio Carlos. *Das necessidades aos direitos*. São Paulo: Malheiros. Série Direitos da Criança, vol. 4, 1994.

- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Fala, galera: juventude, violência e cidadania na cidade de Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- OLIVEIRA, Francisco e RIZEK, Cibele. *A era da indeterminação*. São Paulo: Boitempo, 2007
- PAIS, José Machado. *Ganchos, Tachos e Biscates: Jovens, Trabalho e Futuro*. Porto: Ambar, 2001
- PAIS, José Machado. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1993.
- PASSETTI, E. *Violentados crianças, adolescente e justiça*. São Paulo: Editora Imaginário, 1995.
- PASSETTI, E. *O que é menor*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- RIZZINI, I. *Assistência à infância no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Universitária Santa Ursula, 1993.
- RIZZINI, I. *O século perdido: raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil*. Rio de Janeiro: Petrobrás-BR, Ministério da Cultura, USU Ed. Universitária, Amais, 1997.
- RIZZINI, I. *Deserdados da sociedade: os meninos de rua da América Latina*. Rio de Janeiro: Usu Ed. Universitária, 1995.
- RIZZINI, I. Menores institucionalizados e meninos de rua: os grandes temas de pesquisa na década de 80. In FAUSTO, Ayrton; CERINI, Ruben (orgs.). *O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80*. São Paulo: Cortez, 1991.
- SCLAVI, Marianella. *Arte di ascoltare e mondi possibili: come si esce dalle cornici di cui siamo parte*. Milano: Bruno Mondadori, 2003.
- SOARES, Luiz Eduardo. *Violência e política no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumará/ISER, 1996.
- SPOSITO, M. P. (coord.). *Espaços públicos e tempos juvenis*. São Paulo: Global, 2007.
- SPOSITO, M. P. Trajetórias na constituição de políticas públicas de juventude no Brasil. In: Maria V. Freitas e Fernanda C. Papa (orgs) *Políticas Públicas: Juventude em Pauta*. São Paulo: Cortez, Ação Educativa, Fundação Friedrich Ebert, 2003.
- SPOSITO, M. P. (coord.). *Juventude e escolarização (1980/1998)*, Série Estado do conhecimento, número 7, Brasília, MEC/INEP, Comped, 2002
- TELLES, Vera. *Pobreza e Cidadania*. São Paulo: Ed. 34, 2001.
- VIANNA, Hermano (org.). *Galerias cariocas*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.
- VOLPI, M. (org.). *O adolescente e o ato infracional*. São Paulo: Editora Cortez, 1997.
- WACQUANT, L. *As prisões da miséria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- WASELFSZ, J. *Mapa da violência: os jovens do Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.
- WASELFSZ, J. *Mapa da Violência III - Os Jovens do Brasil*. Brasília: Unesco, 2002.
- WINNICOTT, Donald W. *La Familia y el Desarrollo Del Individuo*. 4ª ed. Buenos Aires: Lumen – Hormé, 1995.
- WINNICOTT, Donald W. *Deprivación y Delincuencia*. Buenos Aires: Paidós, 2003.

- WISNIK, José Miguel. Algumas questões de música e política no Brasil. In BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira. Temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987.
- WISNIK, José Miguel. *O som e o sentido. Uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ZALUAR, Alba. *Cidadãos não vão ao Paraíso*. Campinas: Edunicamp, 1994.
- ZALUAR, Alba. *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994b.

Teses e Dissertações

EDUCAÇÃO

Teses

- ADAD, Shara J. H. C. **Jovens e educadores de rua: itinerários poéticos que se cruzam pelas ruas de Teresina**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.
- AVILA, Alais R. **O OLHO DA RUA. As representações de trabalho de adolescentes: uma fábrica de calçados**. 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- BEZERRA, Silvana. **A construção da identidade da juventude na adversidade: representações sociais de adolescentes em conflito com a lei**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade federal fluminense, Rio de Janeiro, 2006.
- CRUZ, Soraia G. F. de P. **A produção da subjetividade em grupo de crianças em situação de risco pessoal e social e adolescentes em conflito com a lei**. 2001. Tese (Doutorado em Educação) UNESP – Marília, Marília, 2001.
- FERNANDES, Renata S. **As marcas do vivido sentido: memórias de jovens ex-frequentadores de um projeto de educação não formal**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005
- LEÃO, Geraldo P. M. **Pedagogia da cidadania tutelada: lapidar corpos e mentes**. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- MORENO, Rosângela da S. **A socialização de crianças e jovens em situação de risco**. 1999. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- PEREIRA, Irandi. **O adolescente em conflito com a lei e o direito à educação**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- RAMOS, Nara V. **O significado da escola aberta para jovens egressos: continuum de experiências, um ensinar a ser**. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- SALIBA, Maurício G. **A educação como disfarce e vigilância: análise das estratégias de aplicação de medidas sócio-educativas a jovens infratores**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) UNESP – Marília, Marília, 2006.

Dissertações

- ABARCA, Cláudio A. A. **Jovens autores de ato infracional e o programa de medidas sócio-educativas.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- ALMEIDA, Naitê S. de **Educação pela comunicação na ONG Associação Imagem Comunitária: estudo a partir das percepções de jovens sobre sua prática de comunicação.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2006.
- AMIM, Valéria. **A territorialização da escola e da família no imaginário dos meninos em situação de riscos: uma leitura possível.** 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade federal da Bahia, Salvador, 1999.
- ARONE, Mariângela. **Sentidos e significados da escola para adolescentes em semiliberdade.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- BANDEIRA, C. **Políticas de atendimento aos adolescentes privados de liberdade.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- BEHISNELIAN, Simone. **A escola na perspectiva de um grupo de adolescentes institucionalizados.** 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.
- BEHISNELIAN, Simone. **A escola na perspectiva de um grupo de adolescentes institucionalizados.** 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.
- BIASIN, Vera L. **Um processo de inclusão digital no contexto da (re)inserção social de adolescentes privados de liberdade.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2006.
- BORGES, Zélia M. **Um olhar sobre o atendimento sobre crianças e adolescentes: o princípio educativo das atividades realizadas pelas organizações não governamentais da cidade de Goiânia.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2002.
- BRANCALHÃO, Walkíria R. D. **A educação para o adolescente em conflito com a lei: mecanismo de inserção ou exclusão social.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - UNESP – Marília, Marília, 2003.
- CAUREL, Ana L. **Representação social da escola para o adolescente infrator.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – UNESP – Marília, Marília, 2003.
- CHAISE, Rosa M. **Programa Coca Cola de valorização do jovem: um estudo de caso.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- COLELLA, Tânia L. A. **(In)disciplinar-se positivamente: uma realidade petrolífera no ser-estar menino em risco de infração.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2004.
- COSTA, Alexandre S. da **O teatro-educação no CRIA: saberes e ações de jovens artistas para o exercício da cidadania.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

- COSTA, Fábio J. R. da **Da escola da necessidade à necessidade da escola: a política de atendimento a meninos e meninas de rua na cidade do Recife.** 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.
- CRUZ, Dalva S. P. da. **Entre o abrigo e a escola: o processo de escolarização dos adolescentes do Centro Social Renascer em Duque de Caxias.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- CUNHA, Elaine dos S. da **Educação social: um proposta alternativa para a construção da cidadania das camadas populares.** 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2000.
- CUNHA, Elisa M. J. Da **“Eu sei que não vou chegar aos 17 anos”: um estudo das medidas sócio-educativas em Cáceres-MT, uma cidade de fronteira.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) –Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2006.
- FIGUEIREDO, Valeska M. G. **A experiência da arte com adolescentes do Projeto Aplysia: Grupo, Corpo e Dança.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- GÓES, Flávia de P. S. **A história de vida do menino de rua.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- GONÇALVES, Liana L. **A vez e a voz de adolescentes em prestação de serviço à comunidade na UFRGS: ato infracional e educação.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002
- GUSMÃO, Ana L. D. **Projeto Beira de Linha: ação social e educativa na afirmação dos direitos e cidadania da criança e do adolescente.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2003.
- JULIANO, Maria C. C. **A influência da ecologia dos ambientes de atendimento no desenvolvimento de crianças e adolescentes abrigado.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2005.
- KRIESANG, Vanderlei. **Informática educativa: construção e resgate de espaços sociais por e para jovens.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, 2003.
- LEAL, Antônio D. **Trajetória e resistência: análise da construção da identidade em jovens em condição de rua.** 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- LEMONS, Miriam P. **Ritos de entrada e ritos de saída da cultura da rua: trajetórias de jovens moradores de rua de Porto Alegre.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- LÓPES, Rodolfo G. H. **Escola pública e “crianças com história de rua”: estudo de uma experiência em Santo André.** 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.
- LOPES, Osvaldo T. **Casa das Mangueiras: espaço de aprendizagem no cotidiano de adolescentes com vivência de rua.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2004.

- LOZANO, Rocio del C. C. **Meninos marginalizados em Manaus**. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 1999.
- MACEDO, Marisa M. **O adolescente infrator a difícil conquista da liberdade**. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Distrito Federal, 1999.
- MACHADO, Maria C. de P. **Os meninos da terra do nunca**. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- MARQUES, Carla G. **A semiformação institucionalizada em um projeto de semiprofissionalização**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2003.
- MARTINS, Fábio C. O direito à educação e o processo educacional de adolescentes em conflito com a lei: entre o legal e o pedagógico. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2006.
- MELLO, André da S. **Capoeira para adolescentes internos na FEBEM: um estudo de sobre a consciência**. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.
- MENESES, Keyla da S. **Violência pela e para a adolescência: pelo olhar de adolescentes em cumprimento de medida sócio-educativa**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.
- MIRANDA, Tania T. **Medida sócio-educativa de liberdade assistida: do ideal educativo à sua realidade repressiva e punitiva**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade federal do Espírito Santo, Vitória, 2005.
- MUNIZ, Marcia S. F. **A educação do adolescente infrator no município de Petrópolis em 2005**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2006.
- NASCIMENTO, Neusa M. G. M. **Adolescência com prazo de validade: um estudo do impacto da prática educativa em instituições de abrigo em Salvador**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.
- NERY, Maria A. **A representação social do adolescente egresso do regime de internação sobre o processo de (re)inserção na sociedade**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – UNESP – Araraquara, Araraquara, 2006.
- NUNES, E. **Um estudo de caso: as representações das crianças e dos adolescentes pobres de rua atendidos pela linha emergencial da Associação Beneficente São Martinho da Rua, da Família, da Escola e do Trabalho**. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- OLIVEIRA, Elaine A. C. de **A maioria construída na arte de viver na rua: experiência de jovens que percorrem o caminho das ruas, da institucionalização e da desinstitucionalização**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.
- OLIVEIRA, Everardo F. de **Jovem em conflito com a lei no município de Santos: uma linha de prevenção através da educação**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Santos, Santos, 2005.

- OLIVEIRA^a, Luciana C. de **Estratégias de sobrevivência de jovens estudantes vinculados ao programa agente jovem**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.
- OLIVEIRA, Sônia C. de **Entre idas e vindas: estudo da ludicidade de um grupo de adolescentes em cumprimento de medida sócio-educativa de internação**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2006.
- OLIVEIRA^a, Antônio J. de . **Valores e subjetividade do jovem em conflito com a lei: seus mundos e seus caminhos**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- OLIVEIRA^b, Marilene de A. **A escola na visão do adolescente em situação de rua**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2004.
- PAES, Paulo C. D. **Arte-educação para adolescentes em privação de liberdade: análise de uma experiência**. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) - Fundação Universidade federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 1999.
- PAIVA, Acyara S. De **(Sobre)vivências: um estudo fenomenológico-existencial acerca dos modos de ser sendo crianças e adolescentes em situação de rua**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.
- PARRELA, Ellen de C. S. **Possibilidades e limites da relação Estado-sociedade civil na proposição de políticas públicas: o caso SVC**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.
- PEÇANHA, Cecilda A. **O adolescente em situação pessoal e social de risco: um estudo de caso numa escola estadual do primeiro segmento de ensino fundamental na zona centro-oeste da cidade de Manaus**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade federal do Amazonas, Manaus, 2006.
- PEREZ, Maria A. R. **Análise das iniciativas de atendimento para crianças e adolescentes em situação de risco social no município de Santo André (1991-1998)**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- QUINTANA, Suzana G. **Identidade e arte-educação: imagens e vivências de meninos em situação de risco**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- RAMOS, Roseli de O. **Adolescentes e delinquência: um olhar oximorônico sobre a aplicação da medida sócio-educativa de privação de liberdade em São Luís**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2006.
- RODRIGUES, MARY F. G. **Cartas dos adolescentes internos da FEBEM: o que revelam e o que ocultam**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2005.
- SALIBA, Maurício G. **Processo judicial de normalização: cidadania ou controle coercitivo de comportamento?** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - UNESP-Marília, Marília, 2002.

- SANTOS, Georgina G. dos. **Alguns personagens em busca de um autor: etnométodos na ação pedagógica junto a crianças e adolescentes vulneráveis ao risco**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.
- SANTOS, Sara T. dos **Escola dos Meninos e Meninas do Parque: em busca de uma pedagogia alternativa**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2004.
- SARAIVA, Liliane G. **Medidas sócio-educativas e a escola – uma experiência de inclusão**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - UNIJUÍ, Ijuí, 2006.
- SCHWONKE, Ângela A. **A rua vai à escola? Papel da escola para adolescentes em situação de rua da cidade de Pelotas/RS**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2001.
- SILVA, Ana P. F. da **A construção ideológica da escola como antídoto ao estigma “situação de risco” atribuído a crianças e jovens: elementos para uma crítica**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- SILVA, Fábio S. da **Futebol libertário: um jeito novo de jogar na medida**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- SILVA, Jamile B. Da . **O significado social da escola, do trabalho e da tecnologia para adolescentes em situação de cidadania: um estudo de caso sobre a Fundação Cidade Mãe**. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.
- SILVA^a, Solange C. **A rua da escola: estudo de significados construídos por adolescentes abrigados**. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.
- SILVA^a, Vânia F. e **“Perdeu, passa tudo!”: a vida de adolescentes sob medida sócio-educativa de internação – reinserção social ou reforço da exclusão**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- SILVA^b, Heronilza N. C. e **“O beco dos sem heróis”: delinquência juvenil, identidade e representações sociais na periferia de Natal**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2000.
- SILVEIRA, Silvania D. **Matizes das significações do ato infracional da adolescência feminina em cumprimento de medida sócio-educativa no programa de PSC da UFRGS**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- SOARES, Sebastião J. **Barracões culturais da cidadania: espaço de reflexão e práticas**. 2004. - Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2004.
- SOBRINHO, Laudo R. **Arte-educação direito social e produção de sentidos**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2003.
- SOUSA, Débia S. da S. **As representações sociais das jovens do Grupo Maria Esperança sobre a educação na Associação das Antigas Alunas Dorotéias**.

2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.
- SOUZA, Nice M. de A. L. e **A casa dos meninos verdes: representações de adolescentes institucionalizados sobre o ato infracional**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2004.
- TOREZAN, Sônia A. B. **Ser jovem em meio à violência: identidade X singularidade no confronto com a lei**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- VIEBRANTZ, Rosalir. **Cultura e espaço: um estudo sobre crianças e adolescentes na Praça Marechal Floriano**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2002.
- ZOPPEI, Emerson. **O itinerário das passagens: a lição do (des)encontro entre educadores sociais e adolescentes no Fórum da Vara da Infância e da Juventude /Brás**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

CIÊNCIAS SOCIAIS

Teses

- FREITAS, Isaurora C. M. **Destinos improváveis: trajetórias de jovens egressos de uma experiência de arte-educação**. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.
- FROTA, Tereza L. L. **Entre o pavilhão e o inferno: trajetórias de meninos infratores no CEDUC**. 2006. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.
- HIKIJ, Rose S. G. **A música e o risco: uma etnografia da performance musical entre crianças e jovens de baixa renda em São Paulo**. 2004. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- OLIVEIRA, Rosa M. F. C. E. **A irregularidade de uma situação: a política da infância e da adolescência no Brasil**. 2004. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- RAMOS, Valena R. G. **Desemprego e malabarismos culturais**. 2004. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2004.
- SALES, Mione A. **(In)visibilidade perversa: adolescentes infratores como metáfora da violência**. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- SILVA, Samuel C. **A arquitetura da violência: o centro de atendimento juvenil especializado (CAJE) enquanto forma singular de campo de concentração de adolescentes**. 2002. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2002.

Dissertações

- AGUIAR, Viviane A. **CAJE: retratos de um cotidiano de conflitos**. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

- ALMEIDA, Maria L. O. **Vozes de dentro**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.
- ANJOS, Ana L. **Nasci para voar - análise de um projeto na área dos direitos de crianças e adolescentes em situação de risco social e pessoal em São Paulo (1997-2000)**. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.
- BACELLAR, Dinah M. **A criminalização de adolescentes no município de Marília (1991-2001)**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência Sociais) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2006.
- CARDOSO, Daniel. **A vida na República Nova Esperança - uma observação no interior de uma instituição de proteção de adolescentes em situação de risco**. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.
- CARVALHO, Giane C. A. **A “Corda Bamba”: violência juvenil e políticas públicas**. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
- CAVALCANTI, Valmir T. **Controle social e resistência: a fabricação do cotidiano de uma instituição disciplinar para adolescentes infratores**. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.
- COLOMBO, Maristela. **A construção do delinqüente juvenil: um estudo sobre o adolescente infrator na cidade de Marília**. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2001.
- CUNEGUNDES, Micheline C. N. **Juventude, cultura e identidade: os jovens da comunidade de Peixinhos**. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.
- DIAS, Jandira M. V. **Em busca da vida na escuridão: meninas privadas de liberdade numa instituição governamental**. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.
- FARIA, Cristina P. **Corpos no ringue: encontros de discursos e práticas, representações e imagens na experiência de participação em um “projeto social” entre jovens moradores da Maré (RJ)**. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- FREITAS, Isaurora C. M. **Da periferia ao palco - a (res) socialização de crianças e adolescentes na periferia de Fortaleza através da arte**. 2000. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.
- FREITAS, Joelma M. **Imagens da juventude no espaço urbano: corpos, símbolos e signos da cultura visual**. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.
- FREITAS^a, Rilda B. **Códigos de honra: o cotidiano dos jovens internos no São Miguel**. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.
- GABRIEL, Cristiane S. **Serviço civil voluntário: reflexões acerca de um programa para jovens carentes**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

- GALLINATI, Carla. **Formando “Agentes Jovens”:** um encontro entre diferentes perspectivas sobre cidadania, inclusão e participação social. 2003. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- GARCIA, Rita C. S. L. **O ECA em ação: políticas públicas de atenção aos adolescentes autores de atos infracionais.** 2000. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2000.
- GATTI, Bruna P. **As leis do cárcere: internos do centro de atendimento juvenil especializado – CAJE.** 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2005.
- GREGIS, Cristiano. **Fissura da rua: corpo e ritual do uso de droga injetável entre meninos de rua.** 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- IRMÃO, Núbia V. L. **Educação e violência: o papel da escola regular na re-inserção social de adolescentes autores de atos infracionais.** 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- MACHADO, Elisabeth M. **Identidade e violência na adolescência.** 1999. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- MACIEL, Carlos A. B. **Rito, poder e socialização nos programas de atendimento aos meninos e meninas de rua.** 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2000.
- MARQUES, Carolina M. **A cidadania como metáfora: o projeto de formação e organização de meninos e meninas do movimento nacional de meninos e meninas de rua.** 1999. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- MEDEIROS, Márcia S. **A implementação dos programas federais PETI e Agente Jovem, em Porto Alegre, no contexto das políticas de transferência de renda dos governos Fernando Henrique Cardoso.** 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- MIRAGLIA, Paula R. **Rituais da violência: a FEBEM como espaço do medo em São Paulo.** 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- MOURA, Lia C. **Estado penal e jovens encarcerados: uma história de confinamento.** 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- RAUCCI, Mario M. **Meninos de rua em São Paulo: socialização e sobrevivência.** 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- REINHEIMER, Patrícia. **A forma é a regra do jogo: educação estética e construção de identidades entre um museu de arte e um grupo de classe popular.** 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

- RIBEIRO, Luziana R. **Lar do Garoto: último passo na trajetória da infração? (uma etnografia de um estabelecimento educacional)**. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2003.
- SANTOS, Lícia M. S. **Mudança de Habitus? A trajetória de ex-educandos de políticas sociais voltadas para a criança e o adolescente em camadas pobres da população**. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.
- SERALE, Francesco. **Adolescentes da cidade de Curitiba em conflito com a lei e o seu processo de reintegração**. 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.
- SOUZA, Patrícia P. F. **Entre o discurso das políticas sociais e as práticas de jovens em um bairro popular de Salvador: o caso do Alto das Pombas**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.
- TAVARES, Adeilson S. **Juventude, violência e disciplina: um estudo sobre a privação de liberdade entre jovens infratores na instituição Lar do Garoto/PB**. 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.
- TRINDADE, Ana A. M. **A filantropia moderna: autonomia e ação participativa. Um estudo da Organização de Auxílio Fraternal – OAF**. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.
- VIANNA, Rosane L. S. **Jovens à busca de identidades culturais: ser jovem em São Paulo e Medellín**. 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SERVIÇO SOCIAL

Teses

- AMARO, Sarita T. A. **A infração infanto-juvenil e seu inventário na história infantil de maltrato físico: um olhar complexo sobre a vitimização e as estratégias de resistência**. 2002. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- FERREIRA, Maria D. M. **Juventude, violência e políticas públicas: entre o direito e a injustiça institucionalizada**. 2003. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.
- GUARÁ, Isa M. F. R. **O crime não compensa, mas não admite falhas**. 2000. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.
- LOSACCO, Sílvia. **Métrons e medidas - caminhos para o enfrentamento das questões da infração do adolescente**. 2004. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.
- NASCIMENTO, Maria A. C. **Crianças e adolescentes: a temática da imbricação raça/etnia, gênero, classe social nos programas sociais em Belém**. 2000. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

- PEREIRA, Eliane V. **A voz da criança institucionalizada: representações sociais de família e abrigo.** 2006. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2006.
- SILVA, Maria L. O. E. **O controle sócio-penal das adolescentes com processos judiciais em São Paulo: entre a proteção e a punição.** 2005. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- VALENÇA, Maria M. C. C. **A utopia do encontro de dois mundos: um país de “mil-e-tantas misérias” e a doutrina de proteção integral.** 2001. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.
- VALÊNCIANO, Maria C. M. **Adolescentes desinstitucionalizados e suas reinserções sociais: estigma e preconceito.** 2001. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2001.

Dissertações

- AGUIAR, Viviane A. **CAJE: retratos de um cotidiano de conflitos.** 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- ALMEIDA, Maria L. O. **Vozes de dentro.** 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.
- ARRUDA, Isabel C. **O cotidiano de um abrigo para crianças e adolescentes: uma simplicidade complexa.** 2006. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- ATAÍDE, Marlene A. **Um cidadão brasileiro: o adolescente autor de ato infracional e a medida sócio-educativa de prestação de serviço à comunidade.** 2002. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.
- AZEVEDO, Paulo E. M. **Novas gramáticas políticas: a experiência do Hip-Hop no CRIAM de Campos dos Goytacazes.** 2006. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- BARBOSA, Marlúcia F. C. **A política social como efeito de poder: o desafio da (res) socialização de adolescentes em conflito com a lei.** 2003. Dissertação (Mestrado em Política Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2003.
- BARBOZA, Elaine C. A. **Entre as armadilhas da pobreza e da criminalização da pobreza - os difíceis caminhos do adolescente em liberdade assistida.** 2005. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- BARRETO, Clarissa A. **Instituição e disciplina: o disciplinamento na casa de passagem, em João Pessoa.** 1999. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999.
- BEZERRA, Iza C. L. **Mocinhos e bandidos: prática educativa na internação provisória do CIAD/Natal.** 2005. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

- CALIXTO, Mônica M. **O mundo da infração e da droga: um estudo sobre a trajetória de adolescentes pobres em Natal/RN.** 1999. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- COELHO, Cristina S. S. **Vivenciando medidas sócio-educativas em Londrina: um olhar a partir de jovens presos.** 2006. Dissertação (Mestrado em Serviço Social e Política Social) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.
- COIMBRA, Maria I. A. M. **A perspectiva do adolescente que cumpre medida sócio-educativa no município de Franca.** 2005. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2005.
- COSTA, Rizete S. **Juventude e políticas públicas: a visão dos jovens de Praia da Rosa e Sapucaia.** 2004. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- CUNHA, Anadyr C. **O dia seguinte: a vida além dos muros de adolescentes egressos do Programa Casas de Convivência - FEBEM/DT2.** 1999. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.
- DIAS, Rute B. **Trajetória percorrida pelo adolescente no cumprimento da medida sócio-educativa de internação.** 2000. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.
- DUQUE, Sidneia B. **Mediando uma cultura da não-violência: a municipalização da medida de liberdade assistida na integração social do adolescente em conflito com a lei.** 2006. Dissertação (Mestrado em Política Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.
- FOLONI, Silvia B. **O direito de ser dos excluídos de ter teatro: um agente transformador no trabalho com adolescentes que cumprem medida sócio-educativa de privação de liberdade, ou seja, em regime de intervenção.** 2000. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.
- FUCKS, Andréa M. S. L. **Entre o direito legal e o direito real: o desafio à efetivação da cidadania do adolescente autor de ato infracional (a experiência da medida sócio-educativa de semi-liberdade).** 2004. Dissertação (Mestrado em Política Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2004.
- HSIEN, Fu-Wen. **Inclusão digital e inclusão social: um estudo nas escolas de informática e cidadania na cidade de São Paulo.** 2004. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.
- JUNHO, Olesio. **Gráfica-Escola São Paulo: o ethos no trabalho, (re) criando valores éticos.** 2006. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- KURYLO, Christiane C. C. **Instituição e Gênero e a Formação para o Século XXI.** 2003. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- LIMA, Sandra C. P. **O bem e o mal da lei: a liberdade assistida sob a perspectiva do adolescente.** 2003. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

- MARCELINO, Edsonia J. **Adolescentes em Londrina: histórias de rua e histórias de vida.** 2006. Dissertação (Mestrado em Serviço Social e Política Social) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.
- MENEZES, Marília F. F. **Abrigos de proteção ou de exclusão? Um estudo sobre os critérios de elegibilidade de crianças e adolescentes nos abrigos de proteção de Porto Alegre.** 2002. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2002.
- MOREIRA, Celeste A. B. D. **Ao encontro dos meninos: a configuração da política social de atendimento a adolescentes em conflito com a lei no Estado do Rio de Janeiro a partir do processo de reforma do Estado (1994-2002).** 2005. Dissertação (Mestrado em Política Social) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2005.
- NICOLETTI, Aparecida E. **Valores e direitos humanos: meninos e meninas em situação de rua na região central de São Paulo.** 2006. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- NUNES, Cléa N. R. C. **Adolescente em conflito com a lei: uma questão de punição ou proteção?** 2006. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.
- OLIVEIRA, Luciana F. **Reflexões sobre a política de abrigo e as práticas de acolhimento institucional para adolescentes no município do Rio de Janeiro.** 2005. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- OLIVEIRA, Soraya C. S. **Liberdade versus necessidade: desconstruindo o universo do adolescente infrator.** 2002. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- OURIQUES, Ciberen Q. **Do menino ao jovem-adulto de rua portador de HIV/AIDS: um estudo acerca de sua condição e modo de vida.** 2005. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- PEREIRA, Eliane V. **A política social de atendimento à criança e ao adolescente: o abrigo como espaço de proteção.** 2003. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2003.
- PEREIRA, Ilzamar S. **Famílias privadas de liberdade: a saga da violência vivenciada por adolescentes que trilharam os áridos caminhos da criminalidade.** 2004. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.
- RIZOTTI, Maria L. A. **Jovens, vulnerabilidade e violência: outra história é possível?** 2004. Dissertação (Mestrado em Serviço Social e Política Social) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2004.
- SÁ, Maria S. A. C. **Adolescente autor de ato infracional: questão da redução da idade penal do adolescente.** 2005. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.
- SILVA, Carla F. **Os caminhos e (des) caminhos da inserção social: a análise da experiência dos adolescentes em medida sócio-educativa de liberdade**

- assistida no Distrito Federal.** 2005. Dissertação (Mestrado em Política Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2005.
- SILVA, Maria J. C. **A rua - espaço de sobrevivência da criança e do adolescente em Campina Grande.** 1999. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999.
- SILVA, Nivia C. R. **Medida sócio-educativa de liberdade assistida no pólo de familiares da 2a. Vara da Infância e Juventude/RJ: adolescentes, familiares e profissionais.** 2002. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- SILVA, Rosecléa B. **Adolescentes autores de ato infracional em transição para a liberdade: um estudo na casa de semi-liberdade de Florianópolis/SC.** 2005. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2005.
- SILVA, Roseli A. **Adolescentes da FEBEM: droga, crime e prisão - a droga e a inclusão do adolescente no ato infracional.** 2003. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.
- SILVA, Suêrda B. **A privação de liberdade e o processo de inclusão social do adolescente.** 2003. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.
- SOUZA, Ana D. C. **Arte e cidadania: o fazer da arte no cotidiano das classes populares de Ribeirão Preto/SP.** 2002. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2002.
- TEJADAS, Sílvia S. **Juventude e ato infracional: as múltiplas determinações da reincidência.** 2005. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- TORRES, Rosiane M. S. **Instucionalização de adolescentes: uma leitura a partir de Ervin Goffman.** 2006. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.
- VEZZULLA, Juan C. **A mediação de conflitos com adolescentes autores de ato infracional.** 2004. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
- VILLELA, Dilson C. **FEBEM - educação física, desigualdade social e cidadania.** 2002. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.
- VOLPI, Mario. **A experiência de privação de liberdade na percepção dos adolescentes em conflito com a lei.** 2000. Dissertação (Mestrado em Política Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2000.
- WELANG, Elaine M. **Sonhos e perspectivas na voz de adolescentes do projeto formação da Fundação Orsa Suzano/SP.** 2003. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

Jovens Universitários: acesso, formação, experiências e inserção profissional

Paulo Carrano¹

Introdução

No livro *A juventude na sociedade Moderna*, a socióloga Marialice Foracchi (1972) problematizou o que chamou de a “rebelião da juventude”, algo que seria uma resposta possível à crise da sociedade moderna – caracterizada pela não realização das promessas de ascensão social e desenvolvimento –, e o movimento estudantil, um fenômeno paradigmático dessa rebelião. Para Foracchi, então, sobre a etapa de vida da juventude incidiria mais radical e drasticamente essa crise do sistema percebida mais sensivelmente pelos estratos médios e superiores da população para os quais estava assegurada a possibilidade da formação universitária. Ainda que a autora não reconhecesse o jovem como o único “depositário” da situação de crise, ela enxergava, paradoxalmente, este sujeito menos “despreparado” para recebê-la como sendo o único em condições de superar as contradições da crise nos moldes que tal situação permitiria. A universidade e a crise com a qual a instituição se defrontava num momento especial e autoritário da vida brasileira foi um tema constante de análise e, em verdade, seu ponto de inflexão e local privilegiado de observação da crise institucional da sociedade moderna. Sem dúvida, são inúmeras as diferenças entre a universidade da análise de Foracchi, as questões geracionais de sua época e o contexto atual da relação entre jovens e universidade.

Não é objetivo deste texto de balanço sobre teses e dissertações sobre jovens universitários estabelecer comparações com décadas anteriores, contudo, pareceu-nos oportuno relembrar a questão trazida por Marialice Foracchi para evidenciar que, dentre as muitas distinções históricas, uma delas diz respeito ao fato de que

¹ Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense; Bolsista de Pós-Doutorado Senior do CNPq e Jovem Cientista do Nosso Estado/Faperj. Este artigo contou com a colaboração da bolsista de Iniciação Científica do CNPq Daniele Santos Anjos e da Assistente de Pesquisa Daniele Monteiro/Faperj.

a universidade brasileira não é mais somente o lugar das classes médias e das elites intelectuais. Há maior diversificação de públicos e a expansão do ensino superior público e privado, com o ingresso de novos sujeitos de classe, raça e gênero, provocou fenômenos sociais de um novo tipo que precisam ser considerados para entender o que significa ser estudante universitário hoje.

Reginaldo Prandi (1982), por sua vez, no livro *Os favoritos degradados*, chamava a atenção para a interpenetração entre o desenvolvimento industrial capitalista e a universidade brasileira, que se via rearticulada em função dos interesses do capital. Segundo ele, “a universidade passa, em uma só década, do estágio da formação das elites nacionais, como concepção, para o de formação de força de trabalho para o capital internacional” (1982: 47). Ainda refletindo sobre o lugar desta nova universidade, Prandi assinalava a incapacidade desta “nova universidade” que se expande de forma degradada e subordinada aos interesses do capital em assegurar estabilidade de emprego para os estudantes recém-formados. Antecipando questões que serão tratadas ao longo deste texto, é preciso dizer, desde já, que os estudos sobre jovens universitários ainda não lograram avançar para constituir um campo de análise que trate da nova composição dos públicos universitários, sua diversidade, da permanência das históricas condições de desigualdade que se associam a desigualdades oriundas dos contextos contemporâneos dessa ainda degradada expansão da instituição universitária brasileira, ainda que existam novas configurações econômicas, sociais e culturais demarcando contemporaneamente as inter-relações entre a universidade e a sociedade.

A distribuição desigual de recursos na sociedade se expressa também na desigual inserção de estudantes nos cursos universitários. Apesar do ingresso de novos sujeitos de classe e raça,² a “escolha” dos cursos no momento do concurso vestibular ainda se faz segundo os posicionamentos de classe de cada um e, apesar da maior abertura da universidade aos jovens de setores populares, se percebe a manutenção de nichos de elitização para os estudantes oriundos das classes sociais mais capitalizadas (econômica, social e culturalmente). Setton (1999) demonstrou em seu estudo sobre a estratificação da presença de alunos nos cursos de humanidades da USP que a rigor essa não é uma instituição reservada para as elites, ainda que estas tenham determinados cursos “seletos” reservados para si, assim como os estudantes de menores capitais se aninham em cursos intermediários ou populares, conforme suas origens de classe e os capitais culturais herdados.

Zago (2006) chamou a atenção para a multiplicidade de sentidos e variáveis que se encobrem sobre a categoria estudante universitário que, de um modo ge-

² Os trabalhos relacionados com o acesso de jovens negros ao ensino superior e que encerram a discussão da problemática tanto dos cursos pré-vestibulares para negros quanto das políticas de ação afirmativa para o ingresso na universidade foram agrupados no tema dedicado aos jovens negros analisados em outro artigo ainda em elaboração à época do fechamento desta coletânea.

ral, é utilizada como categoria institucional não problematizada. Uma das tarefas das investigações que queiram aprofundar o conhecimento sobre o estudante universitário estaria nessa busca de inventariar a multiplicidade de variáveis que configuram a condição de ser estudante. A trajetória dos estudos relacionados com as desigualdades de escolarização entre as classes sociais e a problemática dos estudantes universitários de origem popular são temas ainda pouco estudados no Brasil e que cobram a atenção para as diferentes estratégias utilizadas não apenas pelas famílias, mas também pelos jovens populares em suas iniciativas de acesso à universidade e, principalmente, pelos seus “pulos” para se manterem na instituição e concluírem os cursos que “escolheram” – ou que suas condições de classe e capitais permitiram que escolhessem.

Apesar da existência de estudos sobre o tema, ainda sabemos muito pouco sobre as trajetórias escolares e biográficas dos estudantes universitários, o fenômeno da mobilidade social e sobre como se dão as condições de experimentação da vida universitária após o ingresso; este último aspecto tanto vale para os jovens oriundos das classes populares como para aqueles originários das elites econômicas. Há uma tônica persistente em relação ao estado da arte anterior, que tratou apenas dos estudos sobre jovens estudantes universitários na área da Educação, a qual privilegia a análise da vida estudantil a partir do ponto de vista institucional e da condição unilateral de estudante ou aluno, em desconsideração de outras variáveis existenciais e biográficas dos jovens alunos.

Sobre isso, concluímos:

Há ainda um silêncio do campo dos estudos culturais sobre os jovens universitários, provocado, talvez, pela eloquência (...) da orientação institucionalizante das pesquisas. Se os estudos, até então, enxergaram o estudante, predominantemente, como o informante privilegiado para o conhecimento da instituição, torna-se necessário ampliar os esforços de pesquisa no sentido de se buscar perceber como sente, pensa e age o jovem estudante em sua condição de sujeito cultural e político que participa, estrutura e sofre as determinações da vida universitária, trazendo para ela as disposições e orientações absorvidas em outros momentos de seu percurso pessoal e social. (Carrano, 2002: 150)

Um campo promissor para novos estudos encontra-se na busca por saber como as instituições universitárias lidam com os diferentes capitais culturais de seus jovens estudantes. Que influências sobre as trajetórias universitárias estariam exercendo as distintas e desiguais condições de permanência na instituição? Da mesma forma, são escassos os estudos comparativos entre as distintas instituições públicas e privadas. Estariam os jovens das elites econômicas menos preocupados com a aquisição de capital cultural e mais atentos às oportunidades de inserção em cada vez mais escassos e competitivos mercados profissionais? O prestígio dos cursos universitários no mercado profissional seria moeda mais valiosa para os estudantes do que a qualidade do ensino oferecido? E, para os estudantes de origem popular que buscariam na universidade a distinção de novos capitais

culturais e simbólicos que não conformaram em suas famílias de origem, qual o impacto da baixa qualidade do ensino oferecido em algumas instituições? Essas são perguntas que formulamos a título de exemplo relativamente a temas que consideramos ainda pouco tratados no conjunto dos estudos submetidos à análise neste estado da arte.

As teses e dissertações sobre jovens universitários

No que pesem as lacunas apontadas acima, o conjunto de teses e dissertações que será analisado a seguir é composto por um leque bastante amplo e diversificado de trabalhos que em sua heterogeneidade de problemas de pesquisa, orientações teórico-metodológicas e níveis de aprofundamento permitem uma significativa apreensão da situação do estudante universitário no Brasil, a partir dos estudos realizados entre os anos de 1999 e 2006, nos Programas de Pós-Graduação nas áreas da Educação, Serviço Social e Ciências Sociais (Sociologia/Antropologia/Ciência Política).

O tema *Jovens universitários* aparece neste estado da arte com 149 trabalhos,³ o que corresponde a 10,42% da base total de dados formada por 1427 títulos. Deste total de 149 teses e dissertações com o tema jovens universitários, a área da Educação contribui com 126 (84,56%). Nas demais áreas, o tema aparece da seguinte forma: na Sociologia com 13 (8,72%), no Serviço Social com oito (5,36%) e na Antropologia com somente um (0,67%); a subárea de Ciência Política não contribuiu com o tema dos jovens universitários.⁴ A distribuição segundo o nível, mestrado ou doutorado, e compreendendo o período de 1999 a 2006 é expressa na tabela 1, na qual se observa que na área da Educação foram defendidas 99 dissertações e 28 teses, em Serviço Social foram seis dissertações e duas teses, em Sociologia oito dissertações e cinco teses e, na Antropologia, somente uma dissertação. Em números absolutos, obviamente, é de se esperar um menor número de teses defendidas em relação ao número superior de dissertações de mestrado, entretanto, a significativa incidência de trabalhos em nível de doutorado em determinada área pode estar demonstrando maior investimento de grupos de investigação e orientadores experimentados na temática dos jovens universitários. Este parece ser o caso da área da Sociologia, área em que mais de 50% dos textos tomados para análise são do nível de doutorado. Na área da Educação o

³ Destes, 15 trabalhos foram acessados somente pelos resumos, uma vez que não foram possíveis de ser recuperados quer seja na instituição de origem, quer em contato com seus autores. São eles: Gama (2001); Sasazawa (2005); Silva (2003); Gregório (2001); Gaioso (2005); Jacob (2000); Barone (2003); Pascual (2005); Botar (2003); Falcão (2000); Parker (2000); Silva (2005); Soares (2005); Papa (2005); e Pacheco (2000).

⁴ É importante registrar que, consultando o banco de teses, não se verifica a contribuição da Ciência Política no período da análise para o tema dos estudantes universitários em qualquer tipo de recorte, delimitação ou problemática de estudo.

número de teses atinge somente o percentual de 22%, ao passo que em Serviço Social o número é um pouco maior, com as teses atingindo 25% do total de oito trabalhos no período tomado para análise (tabela 1).

Tabela 1 – Distribuição das teses e dissertações do tema jovens universitários por área de conhecimento

<i>Área</i>	<i>Mestrado</i>	<i>Doutorado</i>	<i>Total</i>
Educação	98	28	126
Serviço Social	6	2	8
Sociologia	8	5	13
Antropologia	1	-	1
Ciências Sociais	1	-	1
		<i>Total geral:</i>	149

No estudo anterior, realizado somente para a área da Educação, verificou-se um ligeiro decréscimo (de 16,1%, entre 1980-1984, para 11,0%, entre 1995-1998) do interesse pela temática dos jovens universitários. Comparando o primeiro estudo com este, pode-se dizer que houve estabilização, mas com um viés de aumento de interesse, quando se considera a frequência de 13,1% de trabalhos frente ao número total de pesquisas defendidas no período entre 1999-2006 nos Programas de Pós-Graduação em Educação.

A distribuição dos trabalhos segundo seus orientadores revela a baixa recorrência de orientação para o tema Jovens Universitários, tendência também percebida no estado da arte anterior sobre a área da Educação, quando o número de orientadores foi de 46 para um total de 54 trabalhos. Nesta nova análise, cuja base é de 149 trabalhos, somente duas professoras (Clarilza Prado e Elizabeth Nogueira Gomes de Mercuri⁵) orientaram 03 trabalhos e somente uma (Zaia Brandão) orientou 05 trabalhos. A expressiva maioria dos orientadores orientou somente um único trabalho sobre o tema, algo que revela a persistência da dispersão de pesquisas para esta temática e a quase ausência de grupos consolidados de investigação em torno do tema em questão.

⁵ Um quarto trabalho orientado por Elizabeth Mercuri, analisado no artigo sobre *jovens, sexualidade e gênero – DST's e AIDS* desta coletânea, também tratou do tema *jovens universitários*. Trata-se da dissertação de mestrado de Nardi (2005) "Os estudantes universitários e a AIDS: o que aponta a produção nacional de 1980 a 2003".

Tabela 2: Distribuição de trabalhos por subtemas e segundo as áreas de conhecimento

Subtemas		Áreas					Total
		Educação	Serviço Social	Ciências Sociais			
				Sociologia	Antropologia	Ciência Política	
1.	Acesso e condições de permanência no ensino superior	20	5	2	0	0	27
2.	Análise de trajetórias e longevidade escolar nos meios populares	8	0	4	0	0	12
3.	Escolha, formação e inserção profissional	58	2	3	0	0	63
4.	Opiniões, interesses e experiências de estudantes universitários	40	1	5	1	0	47
Total		125	8	14	1	0	149

As 149 teses e dissertações acerca do tema Jovens Universitários encontram-se distribuídas em quatro subtemas (tabela 2): 1. Acesso e condições de permanência no ensino superior (27 trabalhos) 2. Análise de trajetórias e longevidade escolar nos meios populares (12 trabalhos); 3. Escolha, formação e inserção profissional (63 trabalhos) 4. Opiniões, interesses e experiências de estudantes universitários (47 trabalhos).

Na observação da frequência de participação das áreas pelos subtemas é possível perceber ênfases temáticas na trajetória de trabalhos defendidos nas áreas de conhecimento. Os trabalhos na área de Serviço Social concentram-se em subtema que faz coincidir interesses de pesquisa com a missão institucional dos serviços de assistência acadêmica das universidades. Esta orientação, que decorre da construção de problemas de investigação a partir da prática profissional, não pode ser apontada como um problema em si, mas, sem dúvida, se apresenta como um elemento que cobra a atenção do pesquisador sobre o modo como ele construirá ou transformará questões da prática profissional em objeto de pesquisa. Em alguns trabalhos foi possível perceber a dificuldade dos autores em estabelecerem o distanciamento entre os desafios institucionais de formulação de políticas de apoio aos estudantes e a definição de seus próprios problemas de investigação científica. A consciência da necessidade dessa vigilância epistemológica para as armadilhas da proximidade com o campo de investigação na elaboração dos problemas de pesquisa nem sempre se evidenciou nos trabalhos analisados nas três áreas de conhecimento investigadas neste estado da arte.

A área de Educação divide suas atenções mais notadamente em estudos relacionados com o subtema de número três, que abriga os trabalhos sobre os

cursos, a formação e a inserção profissional, assim como no grande guarda-chuva de pesquisas abrigadas no subtema de número quatro, relacionado com a sondagem das opiniões, os interesses e a vivência de estudantes. Ainda que numerosos, os trabalhos nesses subtemas não encontram unidade significativa a ponto de constituírem um campo orgânico com acúmulo de problematização. A análise de trajetórias e da longevidade escolar nos meios populares revela que ainda é baixo o interesse da área para com a investigação de trajetórias e fatores intervenientes naquilo que já foi denominado como as “razões do improvável” (Lahire, 1997) sucesso escolar de jovens oriundos das classes empobrecidas. No estado do conhecimento anterior registrou-se a ocorrência de três trabalhos sob esta orientação teórico-metodológica e, neste novo levantamento, a Educação aparece com 08 trabalhos, em crescimento pouco significativo. Destes, três são doutorados, sendo que duas das teses (Carvalho, 2004 e Gomes, 2005) foram orientadas pela pesquisadora Zaia Brandão na PUC-RJ. É ainda menos frequente o estudo de processos de escolarização de jovens de classes médias e elites. Os estudos relacionados com o subtema das análises de trajetórias e longevidade escolar assumem predominantemente o caráter de investigação sociológica e estiveram mais significativa e proporcionalmente representados na área da Sociologia com quatro trabalhos de um total de 13 defesas.

Na comparação com o estado do conhecimento anterior, tem-se o esperado desaparecimento do interesse pelos “efeitos da expansão” naquilo que diz respeito à reforma universitária. Houve a persistência, agora sob novas perspectivas, de preocupações políticas de um novo tipo e orientações teórico-metodológicas diferenciadas; do interesse pelas temáticas do ingresso no ensino superior, da evasão, das trajetórias de estudantes universitários e da problemática do ensino universitário noturno. Sobre esta última, entretanto, é possível afirmar que não houve aumento significativo em comparação com o estudo anterior. A questão do ingresso no ensino superior segue tendo o exame vestibular como eixo principal de análise, entretanto, o fenômeno dos cursinhos pré-vestibulares orientados para os estudantes pobres trouxe novos elementos para o debate.

Do total de 149 trabalhos deste tema Jovens Universitários, 70 (46,97%) dedicam-se ao estudo de carreiras específicas, algo que demonstra a expressiva preocupação dos autores, notadamente da área da Educação, em recortar o estudo dos estudantes universitários a partir de aspectos didáticos, curriculares e institucionais relacionados aos cursos universitários. Esta recorrência de estudos focalizando cursos de graduação deveria servir para a reflexão nessas áreas de conhecimento e por parte dos orientadores de programa de pós-graduação. É possível que estejamos diante de um quadro de saturação de problemáticas de investigação que, em grande medida, surgem com motivações instrumentais relacionadas com a avaliação de desempenho de carreiras e também, não raras vezes, expressam compromissos pessoais de profissionais que desejam “acertar contas” com aspectos relacionados com suas próprias trajetórias de formação, ou ainda refletir em trabalhos de mestrado e doutorado sobre experiências adquiridas

nas salas de aula ou em cargos administrativos dos próprios cursos examinados. É preciso ressaltar que na quase totalidade dos casos há a ausência de esforço de reflexividade sobre os problemas relacionados com a implicação do pesquisador que investiga sua própria prática profissional ou seu espaço institucional de atuação.

As carreiras mais estudadas foram a Enfermagem (Gama, 2001; Haag, 2004; Soares, 2002; Costella, 2003 e Tonhom, 2006), a Administração de Empresas (Reis, 2000; Fonseca, 2004; Bertol, 2006; Lamóglia, 2006; Amaral, 2006), a Psicologia (Barone, 2003; Sanches, 1999; Quintana, 2006; Ramminger, 2006; e Spitzcovsky, 2003), a Medicina (Mattos, 2001; Manhães, 2003; Fernandes, 2004; Bonates, 2003; Camargo, 2001). Os estudos sobre cursos de Pedagogia alcançaram a maior frequência, com 13 trabalhos (18,57%), neste grupamento de problemáticas referidas a cursos, a saber: Oliveira (2001); Baptista, (1999); Guedes (2002); Maffasoli (2001); Falcão (2000); Monteiro (1999); Rosa (2002); Guazzelli, (1999); Gomes (2005); Silva (2005); Medeiros (2005); Novaes (2006) e Seixas (2006).⁶

A seguir, passaremos à análise dos trabalhos segundo os subtemas acima referidos.

Acesso e condições de permanência no ensino superior

O acesso à educação escolar no Brasil foi ampliado nos últimos 15 anos, especialmente no período de ensino fundamental de nove anos obrigatórios. Entretanto, a maioria dos jovens brasileiros experimenta dificuldades para prosseguir seus estudos e, principalmente, para fazê-lo sem os atrasos provocados por repetências em séries cursadas e abandonos do ano letivo; 27% dos jovens de 18 a 24 anos não completam o ensino fundamental (de 9 anos) e outros 27%, apesar de terem completado o ensino fundamental, não ingressam no ensino médio ou, se ingressam, não o concluem. *Isso faz com que mais de 54% dos jovens brasileiros não possuam as qualificações formais para ingressarem no ensino superior.* Em números

⁶ Outros cursos estudados isoladamente foram: Artes Plásticas (Franco, 2006), Ciências Econômicas (Jacob, 2000), Design (Wilmer, 2002), Direito (Cabral, 2006), Licenciatura em Dança (Ferreira, 2001), Medicina Veterinária (Moraes, 2000), Contabilidade (Both, 2001), Ciência da Computação (Machado, 2005), Gastronomia (Menezes, 2005), Música (Prates, 2006), Nutrição (Pedroso, 2006), Comunicação Social (Bergamin, 2000 e Moraes, 2003), Engenharias (Tebechrani, 1999 e Silva, 2002), Serviço Social (Martins, 2003; Martins, 2006), Educação Física, (Filho, 2003 e Jesus, 2005), Letras (Ribeiro, 2005 e Santos, 2000), Tecnólogos (Lucena, 2005 e Souza, 2006), Ciências Sociais (Leite, 2004; Melo, 2005 e Fernandes, 2006); Matemática (Passos, 2004; Rehder, 2006 e Amidani, 2004), Odontologia (Souza, 2003; Santos, 2001; Feitosa, 2001 e Matos, 2006) e, finalmente, Química (Colloca, 2003; Furlan, 2004; Alencastro, 2003 e Botár, 2003).

absolutos são mais de 12 milhões de jovens que não concluem o Ensino Médio. Somente 13% dos jovens atingem o Ensino Superior (PNAD, 2007) e, em sua ampla maioria, o fazem em estabelecimentos particulares de qualidade inferior ao ensino universitário público, cujo acesso é feito por processo seletivo altamente competitivo e que privilegia os jovens das classes médias e superiores que obtiveram melhor formação escolar. Os dados sobre o acesso ao ensino superior são expressivos da histórica desigualdade racial brasileira, em que os brancos que acessam o ensino superior são 24%, enquanto que apenas 7% dos negros escolarizados estão neste nível de ensino (PNAD, 2006). A expansão das matrículas no ensino superior brasileiro se deu majoritariamente no setor de estabelecimentos privados, que detém 89% das matrículas, enquanto o setor público é responsável por 11% das matrículas dos estudantes do ensino superior.⁷ A concentração de vagas ocorre no ensino diurno, o que prejudica os alunos trabalhadores. Houve um pequeno aumento de vagas noturnas apontadas no último censo da Educação Superior realizado no ano de 2007 (5% nas públicas e 6% nas particulares), mas isso ainda é muito pouco para atender ao público demandante de horários que compatibilizem formação superior e necessidade de trabalho.

Os trabalhos deste subtítulo indagam sobre os diferentes sistemas de acesso ao ensino superior (pré-vestibulares e ENEM); ocupam-se da investigação sobre os programas de assistência estudantil ou da ausência deles; das condições de permanência para a conclusão do curso superior tais como a existência de crédito educativo e as condições de vida no campus. Registra-se o total de 26 trabalhos: 19 em Educação (duas teses e 17 dissertações), cinco dissertações em Serviço Social e duas dissertações em Sociologia.

Os cursinhos pré-vestibulares como campo de investigação

Os denominados cursinhos pré-vestibulares populares foram investigados em seis dissertações de mestrado.⁸ Nenhuma tese foi produzida sobre o tema. Freitas (2005) produziu sua dissertação no Programa de Sociologia da UFRN, enquanto Ruedas (2005), Silva (2003), Soares (2005), Bacchetto (2003) e Thum (2000) realizaram seus trabalhos de mestrado em programas de pós-graduação em Educação. O Serviço Social não se ocupou do tema. O período compreendido entre os anos de 1990 e 2000 marca o surgimento de diversas iniciativas em diferentes regiões do Brasil dos cursinhos pré-vestibulares populares, ou cursinhos alternativos, destinados à população de baixa renda, especialmente aos jovens, que não encontram

⁷ Dados do Censo da Educação Superior, acessado em 26/06/2009, disponível em: http://www.inep.gov.br/download/superior/censo/2007/Resumo_tecnico_2007.pdf

⁸ A dissertação de Johnson (2000) também investigou alunos de um curso pré-vestibular, porém, preocupou-se diretamente com a problemática da orientação vocacional. Neste sentido, esse trabalho será analisado neste artigo no subtítulo relacionado com a escolha de profissões.

condições de concorrer em condições de igualdade com candidatos de estratos sociais mais altos. Estes detêm capitais econômicos que lhes permitem financiar cursos pagos de preparação para os exames vestibulares e/ou estudar em escolas privadas ou públicas que tradicionalmente conferem “competitividade” aos seus egressos nos concursos vestibulares. De modo geral, esses cursinhos representam a canalização contemporânea das demandas populares crescentes de acesso a níveis superiores de escolarização que se evidenciam desde os anos de 1960 (Beisiegel, 1964 e Sposito, 1984). Os trabalhos que investigaram esses cursinhos têm como características comuns a recuperação histórica dos diferentes tipos de iniciativas. Baccheto (2003) vai além e discute com bibliografia de referência a expansão das matrículas na Educação Básica e a pressão que isso exerceu sobre o Ensino Superior público, que não se expandiu na mesma proporção. O autor elabora mapa sobre as iniciativas de cursinhos alternativos no Brasil a partir da década de 90, fazendo recair o foco naqueles criados na cidade de São Paulo. As dissertações de Freitas (2005), Silva (2003) Soares (2005) e Ruedas (2005) preocuparam-se com estudantes de cursinhos buscando construir perfis, perceber valores e expectativas e sondá-los sobre seus próprios desempenhos escolares. Thum (2000) investiga a história de cursinho pré-vestibular na Universidade Federal de Pelotas, considerando que essas instituições de caráter popular são herdeiras contemporâneas das lutas por educação popular das décadas de 50 e 60. Estes se apresentariam como uma “nova face dos movimentos populares”. Não há no trabalho, contudo, dados empíricos e fundamentação teórica que sustentem esta afirmação. Sílvia Ruedas (2005), por sua vez, realiza um estudo qualitativo de caráter etnográfico em um curso pré-vestibular da cidade de Jandira, buscando compreender sua organização, dinâmica e resultados alcançados naquilo que se refere à aprovação dos alunos em concursos pré-vestibulares. É recorrente entre os autores das dissertações a perspectiva crítica em relação ao processo histórico de “exclusão social” e desigualdade de acesso à educação escolar no Brasil, algo que confere a esses estudos um movimento pendular que oscila entre a denúncia das desigualdades e a exaltação das iniciativas de superação da “exclusão”.

Há nesses trabalhos a preocupação relacionada com a busca de compreensão acerca da estrutura de funcionamento dos cursinhos, da composição do corpo docente, quase sempre constituído por voluntários ou professores em regime precário de trabalho, do estabelecimento do perfil dos alunos e de suas expectativas. Os cursinhos de pré-vestibular populares são caracterizados como espaços de educação complementar que se apresentam duplamente determinados, por um lado pela educação escolar insuficiente ofertada aos jovens populares, majoritariamente, estudantes de escolas públicas, e, por outro lado, pela régua e pelo compasso dos concursos vestibulares, notadamente das instituições públicas, que pautam o conteúdo das aprendizagens. Esses trabalhos relacionados com a problemática dos cursinhos pré-vestibulares contribuem para lançar luz sobre a rede de educação que vem se disseminando pelas periferias da cidade e dando forma, ainda que precária e custosa para seus organizadores, a uma demanda por educação

não satisfeita pelas políticas públicas. Sobre a rubrica de cursinhos populares abrigam-se diferentes iniciativas – gratuitas, semi-gratuitas, de preços populares, conscientizadoras, anti-racistas, conteudistas, etc. – que ainda necessitam de esforço investigativo para que seus contornos sejam delineados e seus impactos sociais sobre a demanda de educação universitária sejam compreendidos.

Perfil dos aprovados em exames vestibulares

Quatro trabalhos na área da Educação tiveram como objeto de estudo o perfil de ingressantes na universidade (Freitas, 2003; Zandoná, 2005; Santos, 1999 e Medeiros, 2002); outro (Fernandes, 2006), na área de Sociologia, quis conhecer os ingressantes de um programa de ação afirmativa para professores da rede pública e saber os impactos dessa ação nos relacionamentos universitários. A tese de Zandoná (2005), defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR, busca correlacionar, a partir da descrição de dados socioeducacionais de candidatos ao vestibular da UFPR, a persistência histórica da desigualdade de classe no Brasil com a seletividade do ingresso na universidade pública. Antonio de Freitas (2003) inova ao realizar o estudo comparativo no qual não encontrou diferenças significativas entre o perfil dos alunos da Faculdade Social da Bahia, que é privada, e o perfil dos alunos da Universidade Federal da Bahia. A dissertação de Santos (1999) procurou conhecer o perfil de alunos inscritos e classificados nos concursos de Vestibulares da PUC-RS no período de 1988 a 1998 e constatou que, se no início do período havia um equilíbrio entre alunos oriundos das escolas pública e privada, ao final do período da análise as escolas particulares representavam o dobro das públicas. Medeiros (2002) investigou em seu mestrado o perfil socioeconômico dos ingressantes à graduação da Unicamp antes e após a utilização do ENEM, constando que o “ganho foi mais no sentido de criar uma ‘cultura’ que valoriza a importância da educação” do que, propriamente, proporcionar a democratização do acesso à graduação na UNICAMP. Para Zandoná (2005), os concursos vestibulares são instrumentos a serviço dessa seletividade de classe. A pesquisa se deu a partir da análise de dados do Questionário Socioeducacional respondido pelos estudantes no momento de seu ingresso na universidade, em torno das categorias: situação socioeconômica, inserção no mundo do trabalho e condição escolar. Foi realizada uma análise da correlação entre variáveis para verificar quais questões, entre dezesseis selecionadas, eram adequadas para examinar o perfil socioeconômico educacional. A autora constata que o desempenho no vestibular e a escolha do curso estão ligados à situação socioeconômica dos estudantes, sendo que a população mais pobre sequer se inscreve no vestibular. Relata-se que nos cursos mais concorridos e diurnos o nível de renda familiar e a situação escolar dos próprios estudantes e de seus pais são mais privilegiadas, ao contrário dos cursos menos concorridos e noturnos. A pesquisa também demonstra que na Universidade Federal do Paraná predomina um perfil socioeconômico educacional mediano e que ali também estão presentes

alunos de “classe desfavorecida”, o que demonstraria que na universidade pública também há resistência à hierarquização social do processo denominado por Norma Zandoná como “reprodução *sociometabólica* do capitalismo”. Fernandes (2006) constituiu um *corpus* empírico através de entrevistas com professores, alunos e funcionários, além da análise documental sobre registros de ingressos de alunos para saber como as relações sociais são afetadas no interior da UFPB, inicialmente, e da Universidade Federal de Campina Grande, posteriormente ao desmembramento da primeira, pelas políticas de inclusão praticadas desde o ano de 1997 com professores não licenciados da rede pública de ensino, e como a universidade vem agindo para integrar efetivamente os alunos beneficiados por essas políticas. O estudo apontou a existência de um campo de estigmatização que diferencia negativamente os alunos de Ciências Sociais que ingressam pelas políticas de inclusão daqueles outros ingressos pela via regular do concurso vestibular. A pesquisa lança luz sobre o debate crucial acerca das consequências das políticas de ação afirmativa, sejam por cotas raciais, sociais ou por segmentos de categorias profissionais. Se, por um lado, as políticas de acesso são mecanismos importantes para a correção das desigualdades, por outro lado, a ausência de políticas direcionadas para a avaliação, o acompanhamento e o suporte necessário ao público beneficiado por essas mesmas políticas tendem a criar novas desigualdades, não mais externas, mas no interior da própria instituição.

A análise de perfis se aproxima do jovem estudante como um sujeito estatístico e contribui para compreender o tipo socioeconômico de candidato que demanda os cursos das universidades e, também, para desmistificar o senso comum de que as universidades públicas seriam povoadas somente por alunos de estratos superiores da população. As análises de perfis que não se preocupam em correlacionar ingressos em determinados cursos com o conjunto dos cursos e seus respectivos horários de oferta (diurno, noturno ou integral), tal como feito por Zandoná (2005), tendem a produzir retratos excessivamente parciais dos estudantes. A descrição isolada de perfis faz perder de vista a distribuição desigual dos acessos à universidade segundo os cursos e que se explica, principalmente, pela classe de renda da família dos candidatos e o estatuto de escolarização dos pais, sendo estes os principais fatores definidores das vantagens ou desvantagens entre os candidatos. Os estudos de perfis encontram-se também dependentes dos questionários socioeducacionais organizados pelas comissões de vestibular e acesso à universidade, o que diminui a margem de autonomia para que os pesquisadores elaborem suas próprias perguntas de pesquisa mais de acordo com a modelagem de seus objetos e problemáticas de investigação. Neste sentido, ainda que seja importante a exploração dos dados das comissões de vestibulares, torna-se também relevante e necessário que os pesquisadores, notadamente os doutorandos, possam elaborar seus próprios instrumentos de investigação e adequá-los a seus problemas de pesquisa.

Programas de Assistência Estudantil

Em torno da problemática relacionada com as políticas e programas de assistência estudantil (moradia e/ou bolsa auxílio) foram defendidas cinco dissertações na área de Serviço Social (Lima, 2002; Araújo, 2003; Rocha, 2000; Paura, 2001 e Barreto, 2003), além da dissertação de Bertol (2006), no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-PR. As dissertações da área do Serviço Social encontram-se, todas, relacionadas com a análise da eficácia dos programas institucionais de apoio aos estudantes. No que pese a importância das políticas de assistência aos estudantes, especialmente, por saber-se que a falta de condições para a manutenção dos cursos daqueles mais pobres é uma das principais responsáveis pelos abandonos de curso, é preciso registrar que os trabalhos são demasiadamente “colados” aos Programas de Assistência das universidades. Partem dos relatórios e perfis dos setores de assistência e poucos avançam além daquilo que foi configurado nas avaliações institucionais. É recorrente nos textos a análise de conjuntura, a crítica ao modelo econômico neoliberal e a constatação de que os recursos para a assistência estudantil são insuficientes para atender a demanda e as necessidades dos estudantes universitários que não contam com o suporte familiar para a realização dos cursos. É nítido o esforço dos autores em avaliar as políticas de assistência das respectivas universidades investigadas e de procurar nelas influir. Há a crítica comum entre os autores das teses e dissertações analisadas que diz respeito ao caráter imediatista e à baixa capacidade operacional dos programas de moradia e bolsas desenvolvidos pelas instituições universitárias. O estudo de Rocha (2000) se destaca do conjunto por adotar um referencial teórico-metodológico (Jodelet, 1986 e Moscovici, 1990, 1978 e 1989) e por criar estratégias de construção de dados a partir das representações dos usuários da assistência estudantil. Neste sentido, o autor aplicou um questionário próprio para conhecer o perfil dos residentes da moradia universitária e trabalhou com a técnica de evocação livre. É possível afirmar que, de um modo geral, os estudos não contribuem significativamente para um conhecimento aprofundado dos alunos destinatários das políticas de assistência estudantil; não há, por exemplo, qualquer análise de trajetórias, esforço de reconstrução de biografias ou investigação sobre dados socioeconômicos ou educacionais que transcendam a descrição simples do já apurado pelos setores de assistência estudantil das universidades que foram objeto de estudo. Os perfis são construídos a partir das fichas de cadastro dos serviços de assistência ao estudante e não a partir de problemáticas de investigação autônomas. Ainda que, em alguns casos, os estudantes sejam inquiridos a relatar as suas necessidades, a expor as fragilidades dos programas de assistência e a sugerir mudanças e aprimoramentos, o conjunto de dissertações se detém mais na questão da assistência universitária do que na elaboração de um problema de investigação que amplie o conhecimento sobre os estudantes assistidos.

Os trabalhos acima referidos contribuem para se pensar sobre o lugar do pesquisador como construtor do espaço-tempo de autonomia relativa frente aos

serviços e instituições que são objeto de investigação. A identificação direta com determinado serviço que se pretende analisar tende à condução de determinados tipos de respostas de pesquisa e, sem dúvida, a postura reflexiva do pesquisador sobre os problemas advindos da implicação pode se constituir como um antídoto a possíveis induções que poderiam se configurar na construção do trabalho de campo e na própria conclusão do estudo. Nesta problemática relacionada com a assistência e a moradia estudantil, o investimento em descrições etnográficas de sociabilidades e interações em moradias estudantis, refeitórios e espaços de convivência estudantil poderia contribuir para ampliar a compreensão sobre a vida universitária de jovens alojados e clientelas de programas de apoio a estudantes.

Na área da Educação um único trabalho preocupou-se com a assistência para que o estudante universitário curse a universidade. Trata-se do mestrado de Bertol (2006), apresentado ao Programa de Pós-Graduação da PUC-PR, que procurou demonstrar que o Crédito Educativo (CREDUC) permite o acesso do estudante carente à universidade, tendo como base a pesquisa realizada na Universidade Católica de Pelotas – UCPEL. Participaram da pesquisa estudantes da UCPEL beneficiados pelo CREDUC. O autor conclui que o CREDUC foi positivo, pois ampliou a formação de recursos humanos qualificados para a sociedade, fez aumentar o número de profissionais na cidade de Pelotas, mas que ocorreram problemas, já que a Caixa Econômica Federal atrasava o pagamento à Universidade. O autor conclui sugerindo que o CREDUC não deveria ser permitido para cursos que possuem o mercado de trabalho saturado e, ainda, que deveria ser fornecido de acordo com a necessidade da cada região.

A evasão no ensino superior

A problemática da evasão no ensino superior foi tratada somente pela área da Educação em oito trabalhos em nível de mestrado e na tese de Polydoro (2000), que investigou o trancamento de matrícula considerando condições de saída e de retorno de estudantes em uma universidade comunitária. Barone (2003) e Mello (2005) utilizam como fontes de dados a *Pesquisa Mensal de Emprego (PME)* do IBGE. A dissertação de Barone é particularmente interessante pela maneira como explora a correlação entre chances de ingresso e evasão e fundamenta teoricamente o debate sobre a expansão do Ensino Superior e as desigualdades educacionais. Kolb (2003) faz uma análise do perfil dos candidatos da UFPR nos dois últimos vestibulares. Jacob, por sua vez, identifica os fatores motivacionais que mais contribuíram para a evasão em um curso de Ciências Econômicas e Machado (2005) investiga em alunos do primeiro ano do curso de Bacharelado em Ciência da Computação fatores motivacionais e de contexto que influenciam a decisão por parte deles de persistir nos estudos ou de desistir deles. Os trabalhos de Gaioso (2005), Ramminger (2006) e Amidani (2004) também se preocuparam em inventariar fatores responsáveis pela evasão discente, sendo que os dois últimos possuem a particularidade do estudo de cursos de educação à distância.

É interessante destacar a utilização do MSN⁹ e do e-mail para o levantamento de dados no trabalho de Amidani (2004).

No Brasil, em conjunto com as baixas taxas de ingresso no ensino superior – uma das mais baixas da América do Sul – encontram-se também altas taxas de evasão. O trabalho de Barone (2003), ancorado em dados censitários, evidencia que o problema da evasão atinge principalmente os estudantes da primeira série do ensino superior. Esta problemática é particularmente importante, especialmente, se considerarmos que todo o esforço depreendido pelos jovens para o ingresso ao seletivo vestibular das universidades brasileiras, sobretudo as públicas, perde-se nas dificuldades adicionais que os estudantes encontram no desenvolvimento dos cursos. Os trabalhos evidenciam que a herança da precária formação nos ensinos fundamental e médio que muitos jovens carregam também se faz sentir durante a graduação, o que seria um fator adicional para a deflagração do abandono do curso.

Análise de trajetórias e longevidade escolar nos meios populares

Os doze trabalhos (08 em Educação e 04 em Sociologia) a seguir procuraram compreender trajetórias escolares de universitários, principalmente de estudantes das classes populares. Somente um trabalho, a tese de Carvalho (2004), problematizou trajetórias escolares de estudantes de classes médias.

Na área de Sociologia encontram-se a tese de Fiamenge (2003) e as dissertações de Gregório (2001), Honorato (2005) e Pimenta (2001). Fiamenge (2003) coloca em xeque o conceito de “elite universitária” e, para tal, dedica-se à análise do perfil dos ingressos no vestibular em quatro distintos campi universitários da UNESP. O objetivo do trabalho foi discutir, a partir da análise do capital cultural, processos de elitização e democratização no acesso à universidade. Gregório (2001) ressalta que a inserção dos jovens na universidade não pode ser atribuída somente ao investimento escolar, mas também se dão pelas mediações existentes no plano familiar, das redes de parentescos e de sociabilidade que influenciam as trajetórias. Honorato (2005), investigando a trajetória de 10 alunos de dois cursos de pré-vestibular popular no Rio de Janeiro, procura demonstrar que seus percursos sociais foram pouco determinados pelo investimento, pelas práticas e pelas estratégias de classificação social presentes em suas configurações familiares. O trabalho é particularmente interessante pelo fato de a autora sugerir uma interpretação distinta para o paradigma dominante que denominou como *Sociologia da Educação das desigualdades no Brasil*, e por apontar que os filhos das classes populares não estariam integralmente dependentes das estratégias familiares de

⁹ O Microsoft Service Network (MSN) é um dos mais populares programas de mensagens instantâneas pela Internet.

escolarização, mas que seriam mais suscetíveis à conjuntura política, às práticas democráticas da sociedade civil, às políticas públicas, aos blocos de *status*, aos movimentos sociais e ao desenvolvimento econômico para que cheguem ao ensino superior e tornem os diplomas adquiridos mais rentáveis. Honorato declara que começou seu trabalho considerando mais seriamente o campo de reflexividade individual e as possibilidades de construção de projetos de vida, tal como define Giddens, e terminou-o mais “sociologista”, reconhecendo o peso das estruturas e condicionamentos socioeconômicos na possibilidade de os indivíduos construírem suas próprias trajetórias de sucesso escolar. O estudo de Pimenta (2001) não se concentrou tanto em trajetórias escolares, mas procurou perceber outras mediações sociais intervenientes no processo de transição para a vida adulta de jovens estudantes de diferentes cursos universitários. Foi aplicado um questionário estruturado a estudantes de três diferentes cursos – Direito (escolhido como carreira tradicional), Publicidade e Propaganda (escolhido como curso emergente) e Turismo (escolhido como carreira da moda). A pesquisa que se constituiu como estudo comparativo entre três diferentes tipos de instituições universitárias (pública, particular de elites e particular popular) utilizou uma metodologia inovadora a partir de dados quantitativos para estabelecer a tipologia sobre trajetórias de transição e características sociais e econômicas que estariam interferindo na passagem dos jovens estudantes para a condição de adulto. O modelo elaborado contemplou as etapas “tradicionais” de transição: a conclusão dos estudos, a entrada no mercado de trabalho, o casamento e o abandono do lar familiar. O trabalho de Melissa Pimenta é particularmente importante para os estudos de juventude, pela inovação metodológica que precisou a partir de dados empíricos consistentes a discussão conceitual sobre a transição para a vida adulta, assim como pela revisão bibliográfica que faz de autores de referências neste debate sobre a transição (por exemplo, Casal, 1996; Foracchi, 1972 e 1965; Mannheim, 1968; Pais, 1993 e 1995).

A área da Educação contribuiu com três teses e quatro dissertações neste subtema relacionado com as trajetórias. O conjunto de trabalhos é desigual teórica e metodologicamente. Alguns deles inscrevem-se na tradição sociológica dos estudos de trajetórias escolares e análise de capital cultural, *habitus* e estratégias de socialização escolar, outros, contudo, não atingem este estatuto científico e se limitam à descrição de perfis ou mesmo a inventariar antecedentes escolares e a tecer comentários sobre eles. A apropriação de autores como Bourdieu (1979 e 1998) e Charlot (1996), por exemplo, é também desigual. A tese de Carvalho (2004) – “Entre as promessas da escola e os desafios da reprodução social: famílias de camadas médias do Ensino Fundamental à Universidade” – se inscreve no campo clássico dos estudos sobre capital cultural e *habitus* de famílias médias e escolarização; a orientação acadêmica de Zaia Brandão afiança este vínculo com o clássico debate relacionado com a sociologia da educação e o debate sobre a transmissão intergeracional do patrimônio cultural nas camadas médias da população. A tese de Carvalho é o único trabalho neste estado da arte que analisou trajetórias escolares de estratos médios da população, e fundamenta-se

amplamente na teoria sobre os capitais familiares e a reprodução social de Pierre Bourdieu. A autora lança mão também dos aportes do sociólogo Bernard Charlot por considerar que este ampliaria o debate na sociologia da educação ao buscar compreender a articulação entre origem social e a singularidade das trajetórias escolares no processo de produção do conhecimento. A autora realizou um estudo de caso cujos dados coletou a partir do Exame Nacional de Cursos (perfil dos inscritos, questionários socioculturais e resultados acadêmicos no ENC-2000), de fichas de matrículas da PUC-RJ, do histórico escolar individual e do questionário socioeconômico preenchido pelos alunos no momento da matrícula. A pesquisa demonstrou a “influência do volume e da estrutura do capital cultural das famílias na construção das estratégias educativas familiares e do *habitus* dos jovens pesquisados (...) e a tendência ao desenvolvimento de uma relação pragmática e instrumental com a escola”. O *habitus escolar universitário* seria forjado ao longo do curso superior na interação entre as disposições engendradas tanto no “mundo natal” como nas relações experimentadas no processo de socialização universitária, notadamente àquelas relacionadas ao espaço sócio-profissional da graduação escolhida.

As teses de Portes (2001) e Gomes (2005) trataram de trajetórias escolares de *estudantes pobres*. Portes (2001), seguindo a tradição dos estudos sobre “casos improváveis” de sucesso escolar, investigou na literatura antecedentes históricos da presença de alunos pobres no ensino superior e analisou trajetórias e experiências universitárias de cinco estudantes que tiveram acesso às carreiras altamente seletivas (Ciência da Computação, Engenharia Elétrica, Medicina, Fisioterapia, Comunicação Social e Direito) da UFMG. Gomes (2005) teve como informantes vinte estudantes do Curso de Pedagogia de uma universidade privada no Rio de Janeiro e empreendeu um estudo sobre mobilidade ascendente, verificando que os jovens estudantes investigados não são herdeiros perfeitos, no sentido empregado por Bourdieu (1969), de seus pais. Assim, eles não teriam desperdiçado histórias e *habitus* familiares, mas teriam logrado construir suas próprias trajetórias escolares, o que lhes possibilitou chegar ao ensino superior.

De modo distinto das teses apresentadas anteriormente, que se filiam a campo de estudos consolidado sobre trajetórias escolares, outro conjunto de trabalhos investigou, sob perspectivas teórico-metodológicas e preocupações disciplinares díspares, os antecedentes escolares de estudantes universitários. A dissertação de Parente (2000) também se preocupou com a influência de variáveis formadoras de capital cultural sobre o desempenho no vestibular, utilizando para isso questionários respondidos por estudantes da UCB no ato da inscrição na universidade. Medeiros (2005), utilizando-se da metodologia da análise compreensiva do discurso, busca “compreender o momento de entrada na universidade” a partir da fala de doze estudantes recém-ingressos no Curso de Pedagogia da UFRN. Em verdade, não é possível falar aqui em um estudo de trajetórias, no sentido metodológico mais característico, mas, talvez, de uma simples busca de antecedentes escolares para o ingresso na universidade. Ainda que o estudo não

seja de natureza comparativa, a autora faz analogias entre os estudantes oriundos das escolas públicas e particulares e denuncia o caráter capitalista e excludente do estado brasileiro e da orientação neoliberal das políticas públicas. A dissertação de Prates (2006) investigou desigualdades de acesso ao curso superior de Música da UFMG. Foram analisadas diferenças e semelhanças nas trajetórias de formação musical de sujeitos provenientes de camadas médias e populares que ingressaram naquela instituição. Para traçar o perfil socioeconômico foram utilizados dados fornecidos pela própria instituição e levantadas informações a respeito da origem social através de questionários; a partir da análise dos questionários foram selecionados 12 sujeitos que participaram de entrevistas orais semi-estruturadas. Santos (2000) preocupa-se em investigar as possíveis relações entre a aprendizagem do inglês no ensino fundamental e médio e a construção da identidade em nível universitário e, para tal, entrevistou 89 alunos universitários de diferentes cursos da UNISINOS para sondar suas experiências anteriores de aprendizagem de inglês na escola.

Escolha e inserção profissional

Os trabalhos deste subtema se organizam em problemáticas que: a) indagam sobre motivações e influências para a escolha do curso universitário; b) procuram avaliar os impactos da formação no mercado profissional e compreender as relações entre o ensino superior e a sociedade, e c) buscam investigar fatores intervenientes na formação durante o curso, tais como a concomitância entre trabalho e estudo e a realização de estágios e atividades extra-curriculares.

A escolha de cursos

Esta problemática reúne trabalhos orientados para o inventário das motivações, predisposições e fatores intervenientes na escolha dos cursos e das profissões. Este conjunto compreende também o interesse de se buscar perceber o perfil dos que optaram pelos cursos e as representações que candidatos possuíam sobre cursos no momento da escolha no concurso de vestibular.

O doutorado de Filho (2000) e a dissertação de Johnson (2000) correlacionam a problemática da orientação vocacional e as escolhas das profissões sem se preocuparem com um curso determinado. Filho (2000), buscando sondar as motivações para a escolha da universidade e do curso, realiza um trabalho de natureza exploratória com a aplicação de questionários em uma “amostra acidental”¹⁰ envolvendo 1.239 estudantes dentre aqueles matriculados em cursos

¹⁰ Silvio Filho define seu estudo como sendo exploratório do “subtipo combinado”, que incluiu descrições qualitativas e quantitativas. Segundo o autor, o objetivo do estudo foi

da UFSC, da UFRGS e da UFPR e alunos de ambos os sexos de escolas de Ensino Médio e cursos pré-vestibulares. A pesquisa conclui que são distintas as motivações para a escolha dos cursos de Administração, Medicina e Direito. Johnson (2000) preocupa-se com a estagnação do movimento da orientação profissional, iniciado na década de 1980, e constrói uma pesquisa na qual procurou perceber os problemas mais comuns que ocorrem no momento da escolha das profissões, tendo sido os informantes orientadores vocacionais e 13 orientandos, alunos de um cursinho pré-vestibular. A pesquisa foi realizada numa oficina de orientação vocacional especialmente organizada para o estudo e a análise foi orientada pelo método de análise de conteúdo de Bardin (1991). A referência principal para o estudo de Johnson foi a teoria de desenvolvimento vocacional de Super (1980), que defende a ideia de que a escolha da profissão não é um evento estanque, e sim um processo longo e complexo. A definição da carreira corresponderia a uma etapa de maturidade vocacional, um ponto numa escala contínua entre as primeiras fantasias sobre papéis ocupacionais adultos e o declínio da atividade de trabalho. O estudo conclui pela importância do trabalho da orientação profissional, que seria necessária em função das dificuldades que os jovens estudantes teriam para superar o momento de desinformação e desorientação – e, por que não dizer, de imaturidade, segundo a noção de transição com a qual o autor trabalha – que estaria comprometendo a definição do curso/profissão e, conseqüentemente, sua futura realização pessoal. Esses dois trabalhos, encontrados na área da Educação e que se situam no âmbito teórico e metodológico da orientação vocacional, são pouco significativos numericamente caso os comparemos com os oito trabalhos presentes no anterior estado da arte.¹¹ Dados no INEP revelam que a evasão se faz notar mais fortemente nas instituições privadas de ensino superior do que nas universidades públicas. De cada quatro universitários brasileiros, três estudam em instituições privadas, entretanto, a taxa de conclusão é menor nessas (55,4%) do que nas instituições públicas (72,6% nas federais, 63,8 % nas estaduais e 62,4% nas municipais). É isso que demonstrou o censo da Educação Superior 2007 do INEP.¹² Além de fatores financeiros relacionados com os níveis socioeconômicos das famílias e dos próprios estudantes, a falta de conhecimento prévio sobre a carreira no momento da escolha do curso é apontada como fator responsável para que muitos estudantes abandonem o curso e, por este diagnóstico, torna-se recorrente a recomendação de que se ofereçam aos jovens estudantes, notadamente no Ensino Médio, serviços de orientação vocacional.

verificar quais os fatores determinantes na escolha do curso de graduação com maior demanda em primeira opção. A amostra foi definida como sendo “acidental” em função da disponibilidade das pessoas no momento da coleta de dados.

¹¹ Sobre a problemática “Orientação Vocacional” ver o artigo nesta coletânea que tratou do tema da relação entre jovens, escola e trabalho.

¹² O cálculo leva em conta o número de estudantes que haviam ingressado quatro anos antes e o total de concluintes, isto é, os alunos que chegaram ao fim do curso em 2007.

Os trabalhos de Rosa (2002) Monteiro (1999) e Guedes (2002) buscaram sondar estudantes de cursos de pedagogia sobre as razões para a escolha dos cursos, ideários relacionados com a profissão de pedagogo e professor, assim como projetos de vida profissional. Ainda que desenvolvidos em diferentes cursos e instituições e orientados por distintos recortes de investigação, coincidem ao reconhecerem as características comuns ao Curso de Pedagogia: é um curso que recebe majoritariamente mulheres, algo que estaria relacionado ao senso comum, que atribui ao trabalho educacional um caráter feminilizado e maternal; é recorrente ser um curso de segunda opção, motivada pela constatação de que seria uma porta de entrada ao ensino superior menos concorrida; é também um curso de baixo prestígio no interior das instituições universitárias. É importante notar que ter o Curso de Pedagogia como objeto de investigação é algo relativamente cômodo e nem por isso menos problemático naquilo que diz respeito ao envolvimento institucional dos cursos de Pós-Graduação em Educação com suas graduações em Pedagogia. De um modo geral, é possível afirmar que há saturação nesta problemática de investigação relacionada com as motivações para a escolha do Curso de Pedagogia, o que faz com que os trabalhos não se diferenciem significativamente entre si e reiterem conclusões de pesquisa. A dissertação de Lucci (2000) procura sondar as representações de estudantes de licenciatura noturna de uma faculdade particular noturna acerca do diploma universitário. De forma similar, a tese de Martins (2006), defendida no Curso de Serviço Social da UNESP de Franca, inventaria fatores que contribuíram para a escolha profissional do estudante de Serviço Social da Universidade de Uberaba. Destaca-se no estudo a preocupação em contextualizar a história do Curso de Serviço Social e sua relação com a cidade. A pesquisadora cria instrumentos metodológicos para a coleta de material representacional (músicas, poesias e desenhos) sobre as representações iniciais e de egressos sobre o Serviço Social. O estudo constata que ao entrarem no curso os alunos demonstravam associar o Serviço Social com a filantropia, a ajuda e a caridade. A análise de conteúdo seguiu a metodologia de Bardin, tal como os outros trabalhos citados que se ancoram na teoria das representações sociais.

Um grupo de trabalhos, todos da área da Educação, de doutorado (Matos, 2006 e Botár, 2003) e mestrado (Passos, 2004; Sanches, 1999; Cavallet, 2006; Santos, 2001; Manhães, 2003; Amaral, 2006; Alencastro, 2003) se encontra diretamente relacionado com as motivações e os fatores intervenientes na escolha de cursos específicos e, também, com a atuação profissional (notadamente os cursos de Matemática, Psicologia, Odontologia, Medicina, Tecnólogo e Química). Expressam as preocupações de profissionais que buscam a formação acadêmica na área da educação para discutir problemas de suas respectivas especialidades, médicas, psicológicas, etc. Não é possível dizer que esta problemática constituiu um campo especificamente acadêmico de investigação, mas que expressa, sim, preocupações com o destino de carreiras de áreas distintas do campo educacional que encontram abrigo, em Programas de Pós-Graduação, para esse debate

sobre as especificidades de seus respectivos cursos e campos de formação e atuação profissional. Neste aspecto, apresenta-se como necessária uma revisão no âmbito dos programas de pós-graduação em Educação sobre as problemáticas que não são nem indiretamente relacionadas com objetos de investigação de natureza educacional, mas que em grande medida podem estar se constituindo como “objetos fora de lugar” e que estariam mais bem situados em Programas de carreiras específicas.

Impactos da formação no mercado profissional e relações entre o ensino superior e a sociedade

Trabalhos no Serviço Social, na Sociologia e majoritariamente na Educação procuraram inventariar os impactos dos cursos e da formação no mercado de trabalho, no desenvolvimento regional, na inserção e na prática profissionais. Os egressos foram ouvidos com o intuito de se sondar a efetividade dos cursos e a absorção pelos mercados dos profissionais formados pela universidade. O estágio foi problematizado como espaço-tempo de preparação para a vida profissional e ponte entre a universidade e o mercado. E a iniciação científica e a extensão universitária também se inscrevem nesta problemática de aproximação de estudantes universitários com o futuro mundo profissional e as demandas da sociedade.

Na área de Sociologia, as dissertações de Leite (2004), Aragão (2005) e Fonseca (2004) têm em comum a preocupação com a formação proporcionada nos cursos de graduação. Ana Paula Leite problematiza a influência do curso na mobilidade social e na inserção profissional ao realizar uma pesquisa de caráter quantitativo – analisando banco de dados da UFRJ – e qualitativo, por meio de entrevistas com ex-alunos, e conclui que não há mobilidade social significativa entre os alunos dos cursos investigados, ainda que o curso de Ciências Sociais tenha se apresentado como fator positivo de mobilidade ocupacional, em comparação com outro curso de perfil também acadêmico. A dissertação de Aragão (2005) discute os significados do trabalho e do mercado profissional para universitários, seu campo de pesquisa foi amplo, com a realização de entrevistas com adultos, a fim de entender suas percepções sobre os jovens estudantes, e também com grupos focais envolvendo 81 estudantes mais entrevistas aprofundadas com 17 jovens universitários. Destaca-se a preocupação do autor em problematizar a condição de “ser jovem universitário” pela perspectiva da sociabilidade e da elaboração da subjetividade. Ainda na área de Sociologia encontra-se a dissertação de Fonseca (2004), que se preocupou em estudar o que denominou de “atitude academicamente crítica” em estudantes do curso de graduação em Administração de Empresas.

Na área da Educação, dois trabalhos de doutorado (Wilmer, 2002 e Thonom, 2006), e seis dissertações (Jesus, 2005; Teixeira, 2004; Magalhães, 2005; Souza, 2006; Pacheco, 2000; Blatt, 2006; Silva, 2004) trataram da formação superior para o mercado de trabalho e da relação entre emprego e desemprego. Desses oito trabalhos, cinco realizaram suas investigações em instituições privadas, três

pesquisaram cursos de universidades públicas e, em dois casos (Souza, 2006 e Pacheco, 2000), não foi possível perceber pelos resumos o lócus da investigação. Os métodos de investigação desses trabalhos se equilibraram entre aportes qualitativos (Jesus, 2005; Teixeira, 2004; Souza, 2006, Thonom, 2006) e quantitativos (Teixeira, 2004; Silva, 2004; Pacheco, 2000; Blatt, 2006), ao passo que Wilmer (2002) trabalhou nas duas perspectivas, aplicando questionários a um expressivo número de estudantes e realizando entrevistas individuais. Cinco autores foram ao encontro de sujeitos que pudessem informar sobre a realidade do mercado de trabalho. Teixeira entrevistou 147 egressos do Curso Tecnológico do CEFET/AL, Jesus procurou saber de professores de Educação Física sobre suas identidades profissionais, Thonom sondou a situação profissional de egressos do Curso de Enfermagem após três anos de formados, Silva estudou a trajetória de egressos de cinco cursos – Administração de Empresas, Direito, História, Pedagogia e Odontologia –, Magalhães constatou a alta incidência de ocupação na profissão de egressos de CEFET em uma cidade do interior de Minas Gerais, e Pacheco entrevistou alunos de cursos de Pedagogia e Matemática, diretores de escolas e empresas de Curitiba, buscando saber que tipo de profissionais se espera que a universidade forme.

No conjunto dos trabalhos há distinções frente ao modo de se enxergar a formação para o mercado de trabalho. Alguns são cautelosos quanto às possibilidades de que a boa formação seja suficiente para se garantir a inserção no mercado de trabalho, outros, contudo, apontam para a necessidade de que os currículos e os professores entrem em sintonia com as exigências e demandas do mercado. Se, por um lado, Teixeira duvida de que a formação profissional de qualidade seja um fator determinante e questiona o “mito da empregabilidade” para um mercado que estaria em retração, por outro lado, Magalhães, ao estudar egressos de CEFET, ressaltou as qualidades da instituição que, segundo ele, poderiam ser comprovadas pelo êxito de empregabilidade dos egressos.¹³ Souza, Thonom e Blatt orientam suas conclusões para aspectos relacionados com a organização dos cursos e o trabalho docente. A tese de Silva merece destaque pela correlação que estabeleceu entre renda familiar, escolaridade dos pais e chances de inserção profissional dos filhos, demonstrando que a forma como os jovens acessam seus empregos são também indicadores de seus pertencimentos sociais. O estudo constatou que, quanto maiores são a renda e o nível de escolaridade dos pais, maior é também o salário dos filhos. Por outro lado, aqueles que conseguem os melhores salários não o conseguem através dos vínculos familiares, mas pelas relações

¹³ O estudo de Magalhães é particularmente curioso para os interessados nos casos em que a implicação do pesquisador é exacerbada exatamente pelo fato de ele ter sido vice-diretor da instituição no passado e de estar dirigindo-a durante a realização da pesquisa. Esta situação não é em nenhum momento problematizada pelo autor, que aparentemente trata como vantagem aquilo que, em verdade, se constitui como complicador para a manutenção da objetividade e da imparcialidade que devem caracterizar o trabalho de pesquisa.

de amizades tecidas. Uma conclusão, ainda da tese de Silva, e que se apresenta como paradigmática, é que a insegurança e a falta de expectativas em relação ao trabalho são sentimentos compartilhados entre egressos, independentemente de sua condição econômica e da carreira seguida.

Fatores intervenientes na formação durante o curso

Pensar sobre a situação de estudantes que trabalham concomitantemente à realização do curso superior foi objeto de preocupação das dissertações de Guimarães (2006), Rehder (2006), Haag (2004), Oliveira (2003) e Botelho (2006). Oliveira e Botelho discutem a relação de estudantes trabalhadores com o saber, sendo que somente este último problematiza a noção de juventude ao buscar compreender a relação entre o saber e o trabalho realizado pelos estudantes do curso noturno. Haag (2004) indica o *stress* e o cansaço dos alunos trabalhadores de enfermagem como um elemento que dificulta a aprendizagem e o desempenho no curso. Oliveira (2003) apresenta a realidade do trabalhador aluno e discute a falta de motivação desse sujeito para aprender – o estudo é assumido como certa forma de avaliação institucional. Todos os trabalhos deste grupo, à exceção de Botelho (2006), que pesquisou estudantes de cursos de licenciatura da UFMT, tiveram como campo de investigação instituições particulares de ensino. O trabalho de Rehder (2006) merece destaque pelo seu reconhecimento de que trabalhar e investigar na mesma instituição não é um fator de menor importância, uma vez que a implicação pode gerar problemas adicionais de pesquisa e comprometer a própria objetividade da investigação. Os trabalhos lançaram mão, em sua maioria, de aportes qualitativos, notadamente entrevistas semi-estruturadas e grupos focais, duas das quais se diferenciaram pela utilização de técnica descritiva sobre dados quantitativos extraídos de perfis de estudantes matriculados (Guimarães, 2006), pelo uso de dados secundários do INEP – Censo da Educação Superior – e, também, pela descrição de perfil e análise de respostas a partir de um questionário estruturado com estudantes dos cursos noturnos de ciência contábil, pedagogia, letras e administração (Haag, 2004).

No estado da arte anterior, que cobriu apenas a área da Educação, a problemática do trabalhador estudante contribuiu para que se revelassem outras dimensões da vida dos estudantes para além daquelas associadas às relações vividas na instituição universitária. As investigações sobre dimensões de vida e trabalho de estudantes são, em geral, produtivas para as instituições pesquisadas, que através dos estudos tomam contato com realidades vividas as quais o ritmo das atividades acadêmicas não costuma permitir conhecer, o que pode se constituir em um elemento promotor de inovações e adequações institucionais e curriculares que favoreçam os estudantes.

Contudo, no que pese essas vantagens institucionais, nem sempre os estudos que correlacionam vida de trabalho e estudo contribuem com novos elementos de análise para a compreensão desse fenômeno, que incide mais fortemente sobre as

instituições particulares e os cursos noturnos. As conclusões deste conjunto de trabalhos não são inovadoras e reiteram muito do que já foi dito sobre o tema, em especial, as denúncias sobre as condições de exploração na sociedade de classes e as desigualdades de condições entre aqueles que podem cursar o ensino superior sem ter de trabalhar e os trabalhadores estudantes que conciliam os tempos de trabalho e estudo. O trabalho de Rehder (2006) se diferencia novamente ao apontar as deficiências anteriores em conteúdos matemáticos de estudantes trabalhadores, algo que lhes traria insegurança em relação aos saberes didáticos e profissionais ao mesmo tempo em que destaca que a conciliação de estudo e trabalho pode revelar imagens positivas e coerentes em relação à futura profissão e, com isso, influenciar o desenvolvimento profissional.

O impacto sobre a formação de atividades relacionadas ao estágio, à iniciação científica e à extensão universitária foi tema de estudo na área da Educação com as teses de Fagundes (2003) e Camargo (2001), com as dissertações de Bridi (2004), Costella (2003), Lucena (2005), Mello (2003), Nascimento (2004) e Soares (2002). Na área do Serviço Social, Martins (2003) também se ocupou do tema. O estágio aparece como ponte para a vida profissional e a realidade do mercado de trabalho, assim como a extensão se apresenta como um canal de aproximação da universidade com o entorno comunitário e a iniciação científica, como um caminho de seletividade interna para os poucos estudantes que conseguem penetrar no limitado sistema de distribuição de bolsas, disponível principalmente nas instituições públicas. Somente o trabalho de Soares (2002), que investigou um curso de enfermagem em Porto Alegre, foi desenvolvido em uma instituição privada, pois os demais listados acima tiveram instituições públicas como campo de estudo. As abordagens metodológicas deste conjunto de trabalhos se concentraram em estratégias qualitativas de investigação (análise de conteúdos sobre entrevistas semi-estruturadas e relatório final de alunos, observação e grupos focais e pesquisa de documentos sobre projetos de extensão). O único estudo quantitativo deste grupo foi o de Lucena, que trabalhou com uma amostra de 270 estudantes, dez professores e empregadores de estagiários, buscando perceber a “eficácia” do Curso Superior de Tecnologia em Gerência de Obras do CEFET/PB na inserção profissional. A categoria “desemprego” foi recorrente nos trabalhos, em especial, tanto para aqueles que mais se preocuparam em avaliar em que medida as iniciativas de aproximação da formação universitária com o mercado de trabalho, notadamente pela via do estágio, seriam produtivas para os futuros profissionais quanto para os trabalhos de viés crítico que reiteraram as denúncias sobre a retração do emprego no quadro do neoliberalismo e da crise estrutural do mundo do trabalho. Martins conclui que o estagiário representa “mão-de-obra barata” em processo de qualificação, a qual é cobiçada pelas instituições do mercado. A prioridade dada pelo jovem ao estágio seria decorrente de sua tentativa de fugir da ameaça do desemprego futuro mesmo que o estágio seja algo temporário e “sem garantia de direitos”. Soares (2002), Fagundes (2003) e Costella (2003), na Enfermagem, e Camargo (2001), no Curso de Medicina, reconhecem

a importância, para a formação, das atividades acadêmicas que possibilitam a aproximação de pacientes, estudantes e seus professores em atividades que exigem do futuro profissional não apenas conhecimentos técnicos como também disposições para o cuidado com o outro e, assinalou Silvério Costella, o aprender lidar com a “angústia da morte”. Para Bridi (2004) a iniciação científica se apresenta para os alunos como um diferencial de qualificação frente aos alunos que não participam do programa. Um resultante importante de seu trabalho para o planejamento das políticas de iniciação científica diz respeito à revelação, por parte dos estudantes, de que se ressentem por não haver maior presença de seus orientadores. Os professores, por sua vez, reconhecem que a iniciação científica é uma prática que tem criado processo seletivo que abre oportunidades somente aos alunos mais promissores da universidade.

Opiniões, interesses e experiências de estudantes universitários.

No estado da arte anterior, que se ateve a trabalhos da área da Educação como já dito, examinamos 22 teses e dissertações neste subtema e identificamos a recorrência de duas problemáticas, uma relacionada com opiniões de alunos sobre cursos, interesses e expectativas e outra sobre vivências de estudantes na instituição universitária. Ainda que neste novo esforço de análise tenhamos ampliado o campo de investigação para novas áreas do conhecimento, foi possível manter o eixo principal das duas problemáticas e ainda considerar que o crescimento da preocupação com os valores de estudantes universitários pode ser considerado como uma nova problemática face ao expressivo número de trabalhos, especialmente teses, que pudemos encontrar.

No conjunto atual, compreendendo as três áreas, três são as problemáticas: a) A opinião de alunos sobre seus cursos, professores e aprendizagens; b) Valores de estudantes universitários; e c) Ambientes de ensino e outros espaços educativos.

Cursos, professores e aprendizagens

Um conjunto de trabalhos preocupou-se com a relação entre professores e alunos, os conhecimentos e as aprendizagens. O professor é constantemente questionado acerca da adequação de sua prática na busca da superação dos problemas de aprendizagem e na própria compreensão dos sentidos e valores contemporâneos que os jovens estudantes trazem para as salas de aula. A falta de motivação para a aprendizagem e o desprazer com o conhecimento são considerados em alguns trabalhos como resultantes da inadequação dos professores aos novos tempos e sujeitos. A desmotivação no processo de ensino-aprendizagem, as dificuldades econômicas de alunos de baixos estratos sociais, a necessidade de trabalhar, o

baixo capital cultural e a má formação na Educação Básica são entraves apontados como desencadeadores do fenômeno da evasão no ensino superior.

Em linhas gerais, os trabalhos percorrem variados caminhos na busca da identificação dos fatores que possam incidir no desempenho discente, estando esses relacionados com a qualidade da comunicação docente em sua capacidade de transmitir conteúdos, mas também de se relacionar com os estudantes, no histórico escolar dos alunos, em especial nos conhecimentos que deixaram de ser adquiridos na Educação Básica e, ainda, na própria postura dos jovens universitários frente aos desafios da aquisição de conhecimentos no âmbito universitário.

A relação professor-aluno é problematizada na tese de Morais (2003) e nas dissertações de Bonates (2003), Parker (2000), Quintana (2006), Seixas (2006), Tebechrani (2004), Souza (2003) e Pascual (2005). A tese de Morais é especialmente interessante para os estudos de juventude. A autora utiliza resultados do processo de avaliação institucional da PUC-Campinas e os complementa com depoimentos de alunos, procurando compreender o jovem universitário no processo de relacionamento entre professores e alunos. A tese conclui que os professores não estariam preparados para receber o público jovem do contexto social e econômico contemporâneo, marcado pelo desemprego. Os professores precisariam rever o modelo de “rebeldia e criatividade” que têm da juventude para reconhecê-la no tempo presente. De um modo geral, o estudo chega à conclusão de que o professor estaria deixando de ser mediador de “passagens de vida” e de contribuir para a integração dos jovens estudantes na vida adulta. As dissertações de Bonates, Parker e Quintana concordam em criticar o caráter mecânico, repetitivo e fragmentário pelo qual o conhecimento é transmitido na universidade e concluem pela necessidade de mudanças na didática e na melhoria dos processos comunicativos entre professores e alunos. Seixas (2006) questiona a distância entre teoria e prática na formação de alunos de Curso de Pedagogia. Outros três trabalhos preocupam-se com fatores intervenientes na sala de aula que interferem no desempenho discente (Pascual, 2005), na consideração do que venha a ser um “bom professor” (Souza, 2003) ou mesmo na motivação para que os estudantes estejam ou não presentes na sala de aula (Tebechrani, 2004). Neste conjunto de trabalhos foram traçados diferentes percursos metodológicos: análise de perfis quantitativos e entrevistas (Bonatis, 2003; Morais, 2003 e Tebechrani, 2004); análise fenomenológica (Parker e Seixas), entrevistas livres (Quintana), observação não participante, entrevistas e análise de conteúdo segundo o método de Bardin (Pascual, 2005) e discussão em grupo e entrevistas ancoradas na teoria de representações sociais de Serguei Moscovici (Souza, 2003).

As dissertações de Ribeiro (2005) e Silva (2002) trataram de problemas de aprendizagens relacionados com habilidades específicas. Para Ribeiro as fontes dos problemas de leitura de alunos das classes populares que frequentam o Curso de Letras de uma faculdade privada na periferia de São Paulo podem ser encontradas no baixo capital e na precária formação da educação básica desses estudantes. E Silva (2002), investigando a situação dos alunos com reprovações

sucessivas em matemática no curso de Engenharia, identifica o surgimento de processos de baixa autoestima entre os estudantes e questiona a pouca atenção que lhes é dada por parte do curso.

Os trabalhos de Feitosa (2001) e Furlan (2004) percebem entraves no relacionamento do estudante com a instituição universitária que prejudicam o desempenho discente. Feitosa entrevistou alunos do Curso de Psicologia da UFSCAR e elenca fatores que dificultam e facilitam a integração dos estudantes à vida universitária. A existência de um ambiente universitário favorável à formação de uma “cultura estudantil” (Becker & Geer, 1997) é apontada por Furlan (2004) como elemento decisivo para o bom desempenho estudantil. Para isso, a autora entrevistou e observou estudantes de Licenciatura em Química da Unesp de Araraquara em espaços de interação externos à sala de aula (pátios, corredores, cantina, biblioteca, laboratórios e atividades acadêmicas extra-curriculares), identificando diversificadas práticas de veiculação de normas, valores, costumes e expectativas que contribuem para a formação profissional, mas que não são necessariamente reconhecidas como formativas pela instituição universitária.

O domínio da subjetividade e da afetividade também foi objeto de investigação nesta problemática ampla, relacionada com os fatores intervenientes nos processos de ensino-aprendizagem que atuam sobre a formação profissional no ensino superior. Fernandes (2004) investiga o processo de “lidar com a morte” no Curso de Medicina, considerando que o curso deveria se empenhar para que os estudantes desenvolvessem capacidades para lidar com a morte, elemento inevitável no ofício de ser médico. Em seu trabalho de campo entrevistou 15 estudantes entre o primeiro e décimo períodos e tratou os dados das entrevistas utilizando-se do método de análise de conteúdo conforme as concepções de Bardin (1991). Soares (2002), também se preocupando com aspectos subjetivos da formação, entrevistou seis estudantes dos últimos semestres do Curso de Enfermagem de uma faculdade particular em Porto Alegre e concluiu ressaltando a importância de se dar atenção, durante o curso, às emoções e aos sentimentos na vivência das alunas do estágio acadêmico de Enfermagem em seus relacionamentos com os pacientes.

Quatro trabalhos se preocuparam em correlacionar a formação recebida, a experiência de ser universitário e a vida profissional futura. As teses de Melo (2006) e Figueiredo (2006) foram defendidas na Área da Sociologia, enquanto Both (2001) e Pella (2005) apresentaram suas dissertações na Área da Educação. Melo investigou a “visão dos alunos” de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná, matriculados no ano de 2004, a respeito do que pensam e de que imagens criam sobre a prática do sociólogo. Foram aplicados questionários a setenta e oito alunos do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná. O autor conclui que a formação do sociólogo para o grupo em questão encontra-se centrada no trabalho docente e que há uma dissociação entre o trabalho acadêmico universitário e o “mundo lá fora”, que, para os futuros sociólogos, se apresenta “nebuloso”. A inter-relação de Educação Superior e mobilidade social foi a preocupação de Figueiredo (2006), que trabalhou com o Exame Nacional de Cursos

(1996-2003) e buscou analisar as experiências dos universitários relacionadas ao curso e os efeitos nas suas vidas profissionais e pessoais a partir da obtenção do diploma. A pesquisa, assumida como de caráter qualitativo, entrevistou 60 alunos egressos de três universidades particulares da região metropolitana de São Paulo cujos pais não eram portadores de diploma universitário, constatando o impacto positivo da obtenção do curso superior para esses egressos. Segundo o autor, os concluintes, além do reconhecimento da importância da graduação para suas atividades profissionais, se declararam fortalecidos em suas questões pessoais, familiares e sociais.

Em sua dissertação, Celso Both (2001) investigou o grau de satisfação de 65 acadêmicos do curso de graduação em Contabilidade e de 19 contadores formados no ano de 1996. O resultado da pesquisa, que se baseou em uma técnica de análise de conteúdo, aponta a necessidade de que a formação do contador leve em consideração mais aspectos sócio-afetivos em redefinição de práticas didáticas que privilegiariam mudanças didáticas nas aulas de modo a romper com a rigidez dos conteúdos que caracterizaria a formação em contabilidade. Jadir Pella, em sua dissertação defendida no Programa de Educação Agrícola da UFFRJ, investigou a implantação dos cursos superiores tecnológicos no CEFET-ES e as perspectivas dos alunos em relação aos mesmos. O estudo conclui reconhecendo os esforços de reorganização institucional e reorientação curricular empreendidos, além de verificar resultados positivos na educação profissional em nível superior e de alertar para os riscos de subordinação da formação tecnológica aos interesses do mercado tecnológico e de trabalho.

Seis dissertações estudam as práticas docentes na percepção dos alunos e suas consequências no desempenho acadêmico. Em quase todos houve a preocupação também de escuta dos professores sobre a dinâmica, os problemas, os impasses e as alternativas para o processo de ensino-aprendizagem no ensino superior. As dissertações de Júnior (2005), Cabral (2006) e Pedroso (2006) buscaram perceber o estilo didático utilizado pelos professores no trato com os alunos e o tipo de conhecimentos transmitidos e mais valorizados pelos mestres. Raimann (2003) investigou no mestrado a relação do corpo discente noturno com a práxis docente e a interferência desta na vida dos alunos, enquanto Gama (2001) tratou em sua dissertação dos significados atribuídos pelos acadêmicos de enfermagem à comunicação docente-discente em sala de aula e indagou sobre as características do professor tido como significativo para os estudantes. Por sua vez, Rodrigues (2004) reconhece nos objetivos, intencionalidades e práticas pedagógicas as condutas responsáveis pelos jubilaamentos e reprovações repetitivas em casos de alunos da Universidade Federal de Uberlândia que ali ingressaram a partir da década de 1990 e que foram jubilados até 2001.

Se, por um lado, as dissertações logo acima referidas se centram na avaliação da prática docente para tentar perceber seus impactos sobre o processo de formação universitária, por outro lado, seis dissertações e duas teses ampliam a preocupação para outras variáveis intervenientes no processo de ensino aprendi-

zagem. O lugar do corpo discente em um processo de avaliação institucional foi o objeto das dissertações de Panico (2004) e de Spitzcovsky (2003), sendo que esta última estudou alunos do ensino superior submetidos a processos de avaliação formal de aprendizagem, ao passo que Schleich (2006) pesquisou a integração e satisfação acadêmica de ingressantes e concluintes a partir das variáveis de curso, gênero, idade, situação acadêmica e de trabalho. A tese de Bicalho (2004) e as dissertações de Mafasoli (2001) e Apa (2005) encontram-se relacionadas com a associação entre o conhecimento e a qualidade das aprendizagens, enquanto a tese de Falcão (2000) e a dissertação de Reis (2000) preocupam-se com o papel desempenhado pelo prazer e o desprazer na relação na aprendizagem dos estudantes universitários.

Valores de estudantes universitários

A problemática dos valores de estudantes universitários agrupou um total de cinco teses de doutorado e 14 dissertações de mestrado, configurando um grupamento de trabalhos que se preocupam com a moralidade, as relações interpessoais, as influências do mercado e da sociedade de consumo sobre a subjetividade, a formação de grupos, a realização pessoal, profissional, a relação de valores com o desempenho no curso escolhido pelos estudantes e a construção do sentido de cidadania. Assim como no estado da arte anterior, esta problemática é composta de trabalhos que não logram atingir uma unidade teórica ou metodológica que possa implicar na afirmação de algum tipo de identidade de campo de investigação neste tema amplo, relacionado com os estudantes universitários. O conjunto descrito a seguir orientou-se, em sua significativa maioria, para o próprio estudante universitário, procurando escutar suas opiniões, saber de seus interesses e motivações e inventariar experiências que podem contribuir ou prejudicar a formação dos profissionais nos cursos de graduação.

A preocupação com dimensões relacionadas à elaboração da subjetividade e ao estilo de vida de jovens estudantes pode ser encontrada em cinco trabalhos. As dissertações de Freitas (2005) e Fontoura (2006) procuram enxergar o lugar que o dinheiro e o mercado ocupam no processo de formação da subjetividade dos estudantes universitários. Fontoura (2006) buscou compreender o poder da marca como uma construção de estilo de vida através do consumo nas sociedades contemporâneas e, para isso, utilizou uma metodologia criativa, centrada na análise de imagens relacionadas com determinada marca de calçados e roupas e acessórios esportivos; participaram da pesquisa 173 alunos dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Design da PUC-PR. Utilizando-se de uma estratégia metodológica também rara no conjunto de trabalhos analisados, Severiano (1999) realizou um estudo comparativo entre estudantes universitários do Brasil e da Espanha e procurou situar o lugar dos ideais veiculados pela publicidade televisiva, suas formas de produção e consumo na vida dos jovens universitários. A pesquisa foi realizada com profissionais de publicidade e grupos

de discussão com universitários dos dois países e encontrou a predominância de identificação com os ideais publicitários naqueles estudantes de “traços narcísicos” mais acentuados. A tese de Patrão (2004) ancora-se no conceito de imaginário social e procura estabelecer os nexos entre sujeito individual e coletivo na dinâmica de constituição dos grupos. A tese de Guazzelli (1999), defendida na área de Sociologia, indagou sobre possibilidades de constituição de “novas formas emancipadoras de subjetividade” como aquela que denominou como sendo a possibilidade de construção de uma “nova cidadania”. Para tanto, aplicou questionários e entrevistou individualmente e em grupo alunas do Curso de Pedagogia da Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL), instituição situada na periferia de São Paulo, onde a autora lecionava à época do estudo.

As atitudes de estudantes universitários que exercem influência sobre seus desempenhos acadêmicos foi a preocupação da dissertação de Silva (2002) e da tese de Unglaub (2003). Silva provocou uma situação de pesquisa que levou ingressantes na universidade a tomar decisões sobre a ciência, a tecnologia e a sociedade de indivíduos, ao passo que Eliel Unglaub procurou determinar em que medida fatores como sexo, estado civil, idade, trabalho, turno de estudo, renda familiar, estilo de vida e os hábitos dos alunos dentro e fora da universidade se relacionam com o que denominou como diligência estudantil.¹⁴

Cinco trabalhos (Sparti, 2003; Baptista, 1999; Guerra, 2002; Filho, 2003 e Silveira, 2006) tiveram a preocupação comum de sondar estudantes para inventariar suas percepções sobre distintos assuntos. A tese de Sparti (2003) buscou saber como a reflexão sobre o sentido do dirigir possibilita o desenvolvimento de consciência de jovens universitários e, para tanto, investigou suas concepções a respeito dos riscos no trânsito, bem como estes afirmam conduzir seus veículos a partir dessas mesmas concepções. Foram entrevistados dez universitários dos cursos de Medicina, Enfermagem e Ciências Biológicas da PUC-SP. Por sua vez, Guerra (2002), realizando um estudo qualitativo-descritivo e observações sobre os sujeitos investigados, tenta perceber em seu mestrado como se manifesta aquilo que considerou como relações de inseparabilidade nas dimensões de vida, educação e trabalho. Já a dissertação de Filho (2003) sondou a opinião de 48 alunos universitários do curso de Educação Física da Universidade Federal do Piauí acerca da qualidade de vida, abordando questões relacionadas com sexualismo, drogas, alcoolismo, sedentarismo, alimentação, trabalho, condições de saúde e lazer.

Um conjunto composto por uma tese e quatro dissertações, ainda que com problemáticas distintas, lançou mão de pressupostos teórico-metodológicos do campo de estudos das representações sociais para o desenvolvimento de pesquisas relacionadas com valores de estudantes. Novaes (2006), em um estudo de mes-

¹⁴ O autor considerou “diligência estudantil” como o conjunto de características – algumas delas com evidente carga moral – capazes de interferir no bom desempenho acadêmico e que se relacionam com os hábitos de estudo, a motivação, a concentração, a conformidade e responsabilidade, a disciplina e a administração do tempo.

trado de rara abrangência territorial, indaga 267 estudantes de cursos públicos e privados de Pedagogia do Pará, do Pernambuco, da Bahia, do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Goiás e do Rio Grande do Sul sobre suas representações a respeito do Brasil. A tese de Soares (2005) e a dissertação Franco (2006) investigaram representações de estudantes universitários sobre a escola, a primeira pesquisa tendo sido realizada em cursos de Pedagogia e Medicina de universidades públicas e particulares e a segunda, em uma universidade particular de município da Grande São Paulo. A dissertação de Fernandes (2002) investigou o conhecimento sobre AIDS e prevenção entre estudantes de enfermagem e comunicação social. Apoiar-se sobre revelações acerca do conhecimento científico sobre o tema, o uso do preservativo, a relação amorosa de confiança como prevenção da AIDS e a ambiguidade entre discurso e prática de estudantes. A dissertação de Coval (2006) foi, neste grupo de trabalhos orientados para o estudo das representações sociais, a que mais se preocupou em problematizar a questão da juventude, investigando as imagens que estudantes de licenciatura têm da adolescência e do adolescente. Utilizando a metodologia de análise de conteúdo, identificou que os futuros professores representam a adolescência como um momento de transição e formação para a vida adulta, assumindo diferentes tipos de posturas pedagógicas que se orientariam em última instância para a neutralização dos aspectos negativos dessa fase de transição representada.

A apropriação da cidadania como um valor para estudantes universitários esteve na preocupação de três trabalhos. A dissertação de Lamóglia (2006) analisa a concepção de cidadania presente de docentes e discentes do curso de Administração de Empresas de uma instituição de ensino superior localizada na região metropolitana de Curitiba. Nobles (2001), também neste campo de indagação sobre a consciência cidadã de universitários, sonda em seu mestrado opiniões sobre a relação entre Direito Ambiental, Educação Ambiental e Cidadania, buscando verificar o grau de sensibilização dos universitários a respeito das questões ambientais e analisar a contribuição da graduação para a formação de um educador ambiental.

Silva (2005), ao fazer uma análise do juízo moral de docentes e discentes universitários de instituições universitárias da Região Metropolitana de Salvador, inscreve-se solitariamente nesse grupo de estudos sobre valores de universitários. Sua dissertação se desenvolve na interface de um problema de investigação com uma trajetória de estudo sobre a moralidade estabelecida na área da Psicologia, notadamente. O estudo, caracterizado como exploratório, utilizou um método hipotético-dedutivo baseado nos fundamentos teóricos de Lawrence Kohlberg (1970), que estabelece uma tipologia para níveis de desenvolvimento de moralidade, e conclui, a partir da tipologia moral adotada, que há “carência de desenvolvimento moral” de discentes e, principalmente, de docentes universitários, que não estariam favorecendo o desenvolvimento ético-moral necessário à etapa de desenvolvimento dos jovens universitários.

Ambientes de ensino e outros espaços educativos

A última problemática identificada neste subtema diz respeito ao esforço de trabalhos das áreas da Educação, das Ciências Sociais (Sociologia e Antropologia) e do Serviço Social em inventariar situações e influências na vida de universitários, quer seja do ensino propriamente dito, quer seja do ambiente universitário mais amplo e de outros contextos e espaços educativos que possam exercer influência sobre o desempenho acadêmico ou formas de ser dos estudantes universitários. Neste sentido, o conjunto de trabalhos descritos a seguir se configura como um grupamento expressivo cuja leitura pode contribuir para lançar luz sobre aspectos antes negligenciados por estudos que radicam suas preocupações apenas em questões de natureza pedagógica, didática ou institucional, fazendo com que, muitas vezes, o estudante universitário seja apresentado como um simples informante das condições de aprendizagem ou produto direto de múltiplas determinações sociais e ou institucionais sobre as quais exerceria pouca influência.

Tratamos nesta problemática de 11 trabalhos, sendo seis teses de doutorado, três na área de Educação, um em Sociologia, um em Antropologia e outro na área do Serviço Social, e cinco dissertações de mestrado, todas defendidas na área de Educação. As questões de pesquisa se referem a espaços de convivência comunitária e relacionamentos na universidade (Athayde, 2005; Mattos, 2001; Mathias, 2004; Colloca, 2003), envolvimento e influências de outros espaços e tempos educativos e culturais (Bergamin, 2000; Oliveira, 2006; Fior, 2003 e Botelho, 2004) e ainda há referências à contemporânea questão das novas tecnologias de comunicação relacionadas aos computadores e à Internet na vida dos jovens e futuros profissionais de formação universitária (Ferreira, 2001; Pool, 2005 e Carvalho, 2005). Há equilíbrio na utilização de métodos qualitativos (seis trabalhos) e quantitativos (cinco trabalhos), assim como houve o predomínio de investigações em instituições públicas.

Alguns trabalhos merecem destaque. A tese de Athayde, defendida na área de Sociologia, apresenta um restaurante universitário – Associação Erva-Doce –, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, que é mantido por estudantes e que se organiza em torno de princípios político-filosóficos que transcendem o serviço de alimentação universitária, envolvendo mesmo um tipo de ação coletiva de estudantes universitários. O tema principal é a convivência comunitária. O estudo é do tipo descritivo, dando ênfase à observação participante e à coleta de dados (o que inclui um diário de campo e questionários abertos) e análise dos registros. O autor utilizou fotografias para estabelecer análises sobre a trajetória de envolvimento de estudantes no referido restaurante. O texto da tese deixa transparecer a implicação do pesquisador, que assume o ponto de vista da organização frente às razões administrativas da universidade em sua busca por regulamentar o serviço de alimentação prestado pelos estudantes. Ainda que o trabalho seja revelador da historicidade de um significativo processo de ação coletiva estudantil e da transformação criativa do espaço público universitário,

em muitos momentos, o texto da tese se torna laudatório, perdendo de vista a perspectiva analítica.

A dissertação de Mattos (2001), intitulada “Os diversos tons de branco: relações de amizade entre estudantes de medicina da UERJ”, é o único trabalho da área de Antropologia que associamos ao tema dos jovens universitários. O autor reconhece que a universidade marca o processo de transição para a vida adulta e o início da definição da vida profissional dos jovens das camadas médias brasileiras. Investiga como jovens do curso de medicina da UERJ vivenciam e escolhem suas amizades no contexto de um ambiente universitário que valoriza simultaneamente a iniciativa individual e a manutenção das tradições. Tem como referências principais o trabalho de Cucó (1995) e Paine (1969), que estudaram relações de amizade na Espanha e na Inglaterra, respectivamente, e o trabalho antropológico de Roberto Da Matta, sendo que com este último assinala sua discordância em relação à generalização cometida pelo antropólogo brasileiro de que a procura pela *relacionalidade* seria uma característica nacional. O trabalho de Mattos é particularmente interessante pela filiação que estabelece com o campo de estudos sobre a amizade entre jovens universitários e que se apresenta como um tema pouco explorado no Brasil. É notável também a articulação que consegue estabelecer entre seu trabalho de campo, o estudo de caso em um Curso de Medicina e categorias mais amplas, relacionadas com o gênero e as identidades sociais.

A dissertação de Colloca (2003) trata também de um tema pouco explorado e que diz respeito às relações de humilhação e sofrimento propostas nas atividades de integração de novos alunos – o trote universitário. A autora pesquisou entre calouros e veteranos do curso de Química da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar –, buscando observar e compreender os ritos de iniciação que caracterizam os trotes universitários. Partindo de perspectiva crítica e de fundamentação psicológica, conclui que o trote universitário atua como uma camuflagem que encobriria um processo sadomasoquista não consciente entre os participantes. A modalidade alternativa de trote, o trote solidário, com arrecadação de roupas e alimentos para doação, não teria a mesma adesão que o trote tradicional, que seria em última instância uma violência sutil, encoberta pelo sentido de brincadeira que se confere à prática. A dissertação conclui pela necessidade de reflexão de professores, alunos e instituição sobre a prática do trote.

As dissertações de Poll (2005) e Ferreira (2001), assim como a tese de Carvalho (2005), defendida na área do Serviço Social, têm o mérito de inventariar as novas subjetividades juvenis que se processam a partir da imersão dos jovens nos espaços de comunicação virtual, como a Internet, e a mediação de aparatos tecnológicos de comunicação e diversão como os celulares e os jogos eletrônicos. Poll (2005) buscou compreender a uso do *chat* por seis “adolescentes” (*sic*) universitários com idades entre 18 e 19 anos. O uso deste recurso de comunicação digital foi identificado como uma ferramenta de construção de suas relações e da busca de autonomia. A pesquisa apontou aplicações do uso do

chat enquanto recurso pedagógico e campo privilegiado para a troca de saberes entre os próprios estudantes e entre esses a instituição universitária. Ferreira (2001) utilizou autores que estudam transformações sociais desencadeadas pelas novas tecnologias de comunicação e que se apresentam ligados aos conceitos de corpo em movimento e de tempo e espaço. Afirmou ter procurado criar com sua pesquisa um espaço para futuros professores de dança refletirem sobre as influências das novas tecnologias de informação e comunicação no lidar com jovens contemporâneos. A tese de Carvalho (2005) investiga o uso do computador e da Internet por professores e alunos, a opinião destes a respeito do uso da Internet para a sociedade, e a influência da Internet na vida particular e acadêmica/profissional. A pesquisa descreve hábitos de alunos e professores na utilização de recursos de informática e Internet, tendo se utilizado, para a coleta de dados, um questionário com questões abertas e fechadas. Foram ouvidos 512 alunos e 94 professores das séries finais dos cursos de graduação em ciências humanas e sociais de duas instituições particulares e de uma estadual do Estado de São Paulo. O investimento de pesquisa nesse espaço-tempo dos meios de comunicação virtuais e jogos eletrônicos é uma agência necessária, especialmente porque na universidade essas mediações ainda são mal compreendidas e muitas vezes a tecnologia é demonizada e enxergada como forma de colonização dos sentidos da juventude, além de elemento concorrencial com as aprendizagens acadêmicas e o *ethos* de estudante que se quer conformar na universidade.

Por fim, a tese de Botelho (2004) é particularmente interessante pelo seu alargado escopo de investigação, que levou ao inventário de práticas culturais dos futuros professores em pelo menos 15 áreas do conhecimento na UFRJ. A autora percebeu que há variações nas práticas culturais de tempo livre dos estudantes de licenciatura da UFRJ a partir dos grandes centros universitários que organizam os cursos das diferentes áreas do conhecimento e que estas podem ser atribuídas também às chamadas variáveis de convivialidade, que vão além das variáveis ‘explicativas tradicionais’ (sócio-econômicas e demográficas). A ‘convivialidade’ é apresentada como um aspecto da socialização por pressupor a existência de instituições, mas esta não se confundiria com a convivência, pois guardaria relações com os conceitos de sociabilidade e agremiação. As práticas culturais de tempo livre dos jovens, futuros professores dos cursos de licenciatura, no espaço universitário são apontadas como construtoras de conhecimento. A autora utiliza uma metodologia criativa de inventariar estilos de vida a partir da etnografia de objetos de uso cotidiano contidos em bolsas e bolsos dos estudantes universitários. Foram utilizados também questionários para identificar as práticas culturais dos jovens, as quais foram divididas em quatro variáveis: *Protoculturas*: abarcam teatro, museus e centros de ciência, música elaborada e livros. *Culturas de volume*: abarcam jornais, revistas, Bienal do livro, música, rádio AM/FM, CDs, filmes e televisão. *Culturas sócio-digitais*: acesso a microcomputadores e à Internet, mecanismos de busca, troca de e-mails, acesso a notícias atualizadas, comunicação instantânea, *blogs* e MP3. *Culturas de lazer*: shopping, praia, ci-

nema, dança, show de música, esporte, RPG, centros culturais e rotinas de fim de semana. A tese problematiza a questão da juventude ao discutir a mídia e a produção cultural, além de investir no debate conceitual que distingue juventude e adolescência. A autora aponta que os estudos no Brasil voltados para culturas jovens estão mais centrados fora da escola, deixando a impressão de que as mudanças significativas ocorrem fora do espaço escolar.

Conclusões

Uma característica que parece emergir do conjunto de trabalhos agrupados em torno da questão dos jovens universitários é a de que não existe o que poderíamos chamar de especialização ou esforço concentrado de produção de pesquisas e conhecimento neste tema. No que pese a existência de trabalhos consistentes, alguns deles também resultado de estudos em nível de mestrado, o que se encontra de um modo geral são preocupações tópicas, muitas das quais com forte influência de pressupostos e preocupações institucionais.

Outra dimensão percebida é a de que a implicação do pesquisador, ou seja, a pesquisa sobre a própria prática profissional ou a realização de estudos no próprio ambiente de trabalho, não configurou um campo reflexivo que pudesse contribuir para a análise daquilo que é gerado no encontro entre sujeito e objeto de investigação. São muitos os estudos que apresentam problemas relacionados com implicações não problematizadas por parte dos pesquisadores e, em alguns casos, expressam a vocação da denúncia de uma situação de exclusão mais do que a perspectiva de responder a problemas de investigação. É recorrente a existência de trabalhos que se expressam muito mais como fruto da trajetória política e profissional dos autores do que da apropriação das regras, formas metodológicas e dos conteúdos científicos do campo ou área em que as pesquisas são realizadas. Neste sentido, torna-se necessário ter em conta o significado das implicações entre pesquisador e objeto investigado para o desenvolvimento da pesquisa e da análise dos dados, considerando que também o distanciamento precisa ser construído no processo de produção de conhecimento.

São poucos também os trabalhos que se perguntam sobre a atualidade da categoria “carreira” e sobre o curso universitário, sendo estes últimos, de um modo geral, tratados como fenômenos institucionais e acadêmicos perenizados aos quais nem mesmo a crise estrutural do mundo do trabalho e o desemprego em larga escala de egressos parecem ameaçar.

A ausência de campos e linhas de investigação consolidados na área parece favorecer o predomínio de uma lógica de balcão na eleição dos objetos de investigação nesta temática. A área de Educação, principalmente, acolhe discentes pesquisadores que com muita dificuldade, até porque muitos nem o tentam, conseguem se despir de suas prerrogativas de pensar e agir como sujeitos de um

corpo profissional – o administrador, o químico, o médico, o biólogo, o tecnólogo, etc. – que ingressam em programas de pós-graduação para “resolver” problemas ou enfrentar entraves ao desenvolvimento de cursos e profissões, estabelecendo com a área de estudo uma relação de varejo acadêmico que não contribui para o acúmulo de conhecimento.

Considerando que as teses e dissertações foram desenvolvidas tendo como base empírica os dados oriundos dos cadastros e formulários de candidatos aos vestibulares, seria importante que os grupos de pesquisa sediados nos programas de pós-graduação estabelecessem formas de interação e diálogo com as comissões de vestibular responsáveis pela elaboração de questionários e pelo tratamento dos dados recolhidos no momento do ingresso à universidade. Este movimento, além de economizar esforços de pesquisa, poderia influir de maneira significativa na própria configuração e no conteúdo dos questionários utilizados para a constituição do perfil de candidatos e alunos ingressantes nas instituições de ensino superior.

A partir do que foi exposto, consideramos que três eixos podem se apresentar como desafiadores para a construção de novos problemas de investigação e estabelecimento de quadros analíticos que tenham como tema os estudantes universitários. O primeiro deles diz respeito à situação daqueles pesquisadores inseridos profissionalmente no próprio campo de investigação e que devem se perguntar se estão construindo conhecimento rigoroso a partir dos problemas que propuseram enfrentar. Até que ponto questões interessantes e metodologias de pesquisa não estariam se fragilizando e comprometendo as análises em função do envolvimento próximo e não problematizado com o campo profissional? O segundo eixo de desafio pode ser associado à busca de superação do discurso militante que denuncia desigualdades sociais, contradições do capitalismo ou problemas institucionais e que lança os autores no academicamente frágil campo do teorismo ou do profetismo das análises. E um terceiro eixo desafiador se encontra no esforço que precisa ser feito para que se superem categorias do senso comum adotadas por trabalhos que seguem caminhos empiricistas desprovidos de quadros teóricos consistentes. Os conceitos, quando mal trabalhados, comprometem tanto a realização do campo de pesquisa quanto a análise do material produzido no processo de investigação.

Pensando no tema central deste estado da arte, que diz respeito ao jovem, é possível afirmar que a condição do ser jovem e estudante universitário foi apenas marginalmente tratada no conjunto dos trabalhos analisados. Ainda persiste na expressiva maioria deles a orientação que enxerga o jovem como aluno ou estudante, isso em desconsideração de outras dimensões do ciclo de vida da juventude e demais variáveis relacionadas com a socialização, a transição para a vida adulta ou mesmo o impacto que a passagem pela universidade pode acarretar para os processos de integração social de jovens que se relacionam, mas não se esgotam na questão da inserção em mercados profissionais. Outra área de investigação que poderíamos considerar ainda como lacuna pouco explorada

encontra-se relacionada com a própria diversificação de públicos jovens que hoje integram a universidade brasileira, não apenas nas instituições privadas, que, sem dúvida, receberam nos últimos anos grandes levas de jovens dos setores populares, mas também nas universidades públicas, que já não podem mais ser consideradas apenas como instituições para jovens da elite. Persistem as desigualdades internas originadas na seletividade dos processos de entrada, que selecionam públicos segundo suas origens de classe e os distribuem pelos cursos de maior ou menor prestígio social, e até por isso este jogo entre diversidade de públicos e desigualdades internas no acesso a cursos merece ser observado pelas futuras investigações. Desta forma, torna-se relevante investir em problemas de investigação relacionados com a temática dos jovens estudantes universitários, problematizando a situação de um sistema universitário que se abre para massas antes excluídas do ensino superior, sem garantir as condições de sua permanência, e concomitantemente parece combinar abertura para a diversidade de sujeitos em instituições que consolidam a estratificação social com a manutenção de nichos de elitização incrustados nos denominados cursos de elite.

Considerando os trabalhos que integram este estado da arte, é possível afirmar que ainda não houve tempo para que a produção acadêmica refletisse sobre a novidade do Prouni,¹⁵ pois a academia tem um ritmo próprio e os produtos estão subordinados ao ciclo de ingresso e conclusão de mestrados e doutorados. Encontra-se no Prouni uma nova fronteira de investigação, mas que deve ser explorada analiticamente e de forma menos apaixonada que aquela que a crítica política costuma praticar. Será especialmente interessante tentar perceber os impactos da inserção no ensino superior na vida de jovens populares oriundos de arranjos familiares que, em geral, não haviam conhecido um “filho universitário”. As primeiras análises sobre este fenômeno não parecem identificar nenhum sinal de menos valia nas representações de jovens e familiares por conta da realização de curso superior em instituições privadas de ensino superior. Isso seria resultante da baixa expectativa dos setores populares frente ao seu direito à educação de nível superior ou estariam ocorrendo efeitos secundários relacionados com o prestígio e a certificação que justificariam as representações positivas? Veias abertas à análise, sem dúvida.

É importante registrar, ao concluirmos, que, ainda que em número reduzido, há neste balanço trabalhos que contribuem de maneira significativa para a compreensão das condições institucionais da experiência do ser jovem e universitário. São problemáticas emergentes e que merecem um esforço continuado de inves-

¹⁵ O ProUni – Programa Universidade para Todos tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior. Criado pelo Governo Federal em 2004 e institucionalizado pela Lei nº 11.096, em 13 de janeiro de 2005, oferece, em contrapartida, isenção de alguns tributos àquelas instituições de ensino que aderem ao Programa. Sobre o programa ver o *site* oficial em <http://portal.mec.gov.br/prouni/>.

tigação. Destacam-se as problemáticas relacionadas com a longevidade escolar das classes populares, os estudos sobre os jovens estudantes dos pré-vestibulares populares, as pesquisas sobre a vida no campus universitário, a assistência e a moradia estudantil, especialmente quando procuram conhecer a experiência dos jovens estudantes assistidos, os trabalhos que se ocuparam dos dilemas da formação superior em suas interfaces com os mercados profissionais, os estudos sobre os egressos e as razões dos abandonos de cursos, ou ainda os processos de interação entre estudantes e professores que estudos já demonstraram serem chave da compreensão para o êxito ou as dificuldades para a conclusão dos cursos. A escassez de pesquisas sobre jovens estudantes universitários de classes médias e superiores também cobra novas investidas de pesquisa.

Alguns trabalhos estabeleceram eixos verticais, através da análise de trajetórias, por exemplo, ou horizontais, buscando perceber jogos de relações e situações experimentadas no espaço-tempo da vida universitária, e lançam luz sobre processos educativos, sociais e culturais associados a trajetórias de vida, configurações identitárias e projetos de futuro dos jovens universitários. A experiência da vida universitária não se encerra na sala de aula, ainda que seja este o território por excelência das aprendizagens universitárias, e no trato com as disciplinas; isso porque o “ser universitário” se relaciona com processo de formação humana e não apenas profissional que, em geral, ocorre em um decisivo momento do ciclo geracional que denominamos juventude.

Referências bibliográficas

- BECKER, H.S. e GEER, B. La culture étudiante dans les facultés de médecine. In: FORQUIN, J.C. *Les sociologues de l'éducation américains et britanniques*. Paris, Bruxelles: De Boeck e Larcier. P. 271-283, 1997.
- BEISIEGEL, C. R. *Ação Política e Expansão da Rede Escolar*. Pesquisa e Planejamento, São Paulo, v. 8, p. 99-197, 1964.
- BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean-Claude . Los estudiantes y la cultura. Barcelona, Labor, 1969.
- BOURDIEU, P. *La distinction - critique sociale du jugement*. Paris: Lês Éditions de Minuit, 1979.
- BOURDIEU, P. As contradições da herança. In: NOGUEIRA, M.A. & CATANI, A. (Org.) *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes: 229-237, 1998.
- BOURDIEU, P. Futuro de classe e causalidade do provável. In: NOGUEIRA, M.A. & CATANI, A. (Org.) *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes: 81-126, 1998.
- NOGUEIRA, M.A. & CATANI, A. O capital social - notas provisórias. In: NOGUEIRA, M.A. & CATANI, A. (Org.) *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes: 65-69, 1998.
- NOGUEIRA, M.A. & CATANI, A. Classificação, desclassificação, reclassificação. In:

- NOGUEIRA, M.A. & CATANI, A. (Org.) *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes:145-183, 1998.
- CARRANO, Paulo Cesar R. Jovens universitários. In: *Juventude e Escolarização (1980-1998)* / Coordenação: Marília Pontes Sposito. – Brasília: MEC/INEP/Comped, 2002.
- CASAL, Joaquim. *Modos emergentes de transición a la vida adulta*, In: Jovens em Mudança – atas do congresso internacional Growing up between centre and periphery, Lisboa, 2 a 4 de maio de 1996.
- CHARLOT, B. Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. In: *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, No.97: pp. 47-63, 1996.
- CUCÓ, Joseppa. *La amistad: perspectiva antropológica*. Barcelona: Icaria Editorial, 1995.
- JODELET, Denise. La representación social: fenómenos, concepto y teoría. In: Serge Moscovici (org.). *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1989.
- FORACCHI, Marialice M. *A Juventude na Sociedade Moderna*, Ed. Pioneira, São Paulo, 1972.
- FORACCHI, Marialice M. *O Estudante e a Transformação da Sociedade Brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.
- INEP. Censo da Educação Superior. Capturado na internet. <http://www.inep.gov.br/superior/censosuperior/>, 20 de julho de 2009.
- KOHLBERG, L. *Moral stages as a basis for moral education*. Em E. Sullivan & J. Rest (Eds.) *Moral Education*. University of Toronto, Canadá, 1970.
- MANNHEIM, Karl, “*O Problema da Juventude na Sociedade Moderna*”, tradução de Octavio Alves Velho In: *Sociologia da Juventude*, vol. 1 Britto, Sulamita de (org.), ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1968.
- MOSCOVICI, Serge. *A máquina de fazer deuses*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MOSCOVICI, Serge. Des représentations collectives aux représentations sociales. In: Denise Jodelet (org). *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1989.
- PAIS, José Machado. *Routes to Adulthood in a Changing Society* In: *Education Policy*, 1993, vol. 8 n. 1.
- PAIS, José Machado. *Emprego Juvenil e Mudança Social: velhas teses, novos modos de vida*, In: *Análise Social*, vol. Xxvi (114), 1995, 5o.), 945-987.
- SPOSITO, M. P. *O povo vai à escola*. 1. ed. São Paulo: Editora Loyola, 1984

Lista de Teses e Dissertações

- ALENCASTRO, Paulo Roberto de. **Representações dos discentes do curso de licenciatura plena em química da UFMT, sobre sua formação profissional**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, MT, 2003.

- AMARAL, Cláudia Tavares do. **Políticas para a formação de tecnólogo: um estudo realizado em um curso de gestão empresarial.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, MG, 2006.
- AMIDANI, Cassandra. **Evasão no ensino superior à distância: o curso superior de licenciatura em matemática a distância da Universidade Federal Fluminense / CEDERJ.** RJ. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade de Brasília, DF, 2004.
- ARAGÃO, Elizabeth Fiúza. **Tempo de trabalhar: os descaminhos de jovens universitários rumo ao mercado de trabalho.** 2005. Tese (Doutorado em Sociologia)- Universidade Federal do Ceará, CE, 2005.
- ARAÚJO, Josimeire de Omena. **O elo Assistência e educação: Análise Assistência/desempenho no programa residência universitária alagoana.** 2003. Dissertação (Mestrado em Serviço Social)- Universidade Federal de Pernambuco, PE, 2003.
- ATHAYDE, Fernando Miguel Palmerim Almerim de Azevedo. **A teia dos sonhos.** 2005. Tese. (Doutorado em Sociologia)- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ, 2005.
- BACCHETTO, João Galvão. **Cursinhos pré-vestibulares alternativos no município de São Paulo (resumo 91-2000): a luta pela igualdade no acesso ao ensino superior.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade de São Paulo, SP, 2003.
- BAPTISTA, Maria das Graças de Almeida. **Ideologia e educação: contradições e mudanças: um estudo sobre a concepção do mundo de docentes e discentes.** 1999. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa, PB, 1999.
- BARONE, Irene Canteiro. **A formação do psicólogo na cidade de São Paulo: a escolha e o abandono do curso.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade de São Marcos, SP, 2003.
- BARRETO, Walewska Faria Alcantara. **O programa de bolsas de manutenção acadêmica como estratégia da política de assistência ao estudante na UFPE.** 2003. Dissertação (Mestrado em Serviço Social)- Universidade Federal de Pernambuco, PE, 2003.
- BERGAMIN, Bruno Jorge. **O jovem universitário de comunicação social e sua cosmovisão.** 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS, 2000.
- BERTOL, Daniele Pagliarini. **O perfil do acesso o ensino superior no contexto das desigualdade sociais: o acaso dos cursos de administração da FADEP e da Faculdade Mater Dei de Pato Branco –PR.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PR, 2006.
- BICALHO, Maria Gabriela Parenti. **Ensino superior privado, relação com o saber e reconstrução edentitária.** 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, MG, 2004.
- BLATT, Ivo. **Universidade, desenvolvimento regional e exclusão social: o projeto pessoal e profissional dos acadêmicos de Pedagogia, Administração e Serviço Social da URI – Campus de Frederico Westphalen.** . 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS, 2006.

- BONATES, Paulo Jorge da Fonseca. **A relação professor-aluno na formação médica: reflexões sobre o ensinar, o aprender e o adoecer.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Espírito Santo, ES, 2003.
- BOTÁR, Eva Maria. **Um olhar sobre as relações entre o universo educativo da licenciatura e o mundo do trabalho – questões para a formação e profissionalização docente de professores e professoras de química.** 2003. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN, 2003.
- BOTELHO, Daniela Mendes Piloni. **Ensino superior, juventude e trabalho: estudantes de cursos de licenciatura e o interesse pelo saber.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Mato grosso, MT, 2006.
- BOTELHO, Maria da Glória Baker. **Retrato em branco e preto de hibridismo midiático: Práticas culturais dos estudantes de licenciatura da UFRJ, futuros professores.** 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ, 2004.
- BOTH, Celso. **Opiniões de estudantes de contabilidade e contadores sobre a sua formação profissional: auto-estima e auto-realização.** 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS, 2001.
- BRIDI, Jamile Cristina Ajub. **“A iniciação científica na formação do universitário”.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Estadual de Campinas, SP, 2004.
- CABRAL, Rosemary Cardoso. **O trabalho docente no curso de direito: a visão dos alunos.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, 2006.
- CAMARA, Elione Andrade Tebechrani. **Frequência em sala de aula: um estudo a partir da ótica de alunos e professores de um curso de graduação.** 1999. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, SP, 1999.
- CAMARGO, Rejane Martins. **A educação médica e as relações dinâmicas entre ensino e prática no cenário na comunidade: uma proposta de resgate humanístico.** 2001. Tese (Doutorado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS, 2001.
- CARVALHO FILHO, Manoel Monte. **Educação e qualidade de vida: perspectivas evidenciadas pelos alunos do curso de educação física da UFPI – um estudo de caso.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação)-Fundação Universidade Federal do Piauí, PI, 2003.
- CARVALHO, Cynthia Paes de. **Entre as promessas da escola e os desafios da reprodução social: Famílias de camadas médias do ensino fundamental à universidade.** 2004. Tese (Doutorado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ, 2004.
- CARVALHO, Daltro de Oliveira. **A internet na sociedade: um estudo com professores e alunos da comunidade acadêmica de nível superior na cidade de franca – SP.** 2005. Tese (Doutorado em Serviço Social)- UNESP – Franca, SP, 2005.
- CAVALLET, Susan Regina Raittz. **Construção da identidade e escolhas no acesso ao ensino superior: processos de mudança e trabalho psíquico.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Paraná, PR, 2006.

- COLLOCA, Vivianne Patrícia. **O trote universitário: o caso do curso de química da UFSCAR.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de São Carlos, SP, 2003.
- COSTELLA, Silvério. **O estudante do curso de enfermagem e o paciente terminal: uma relação desafiadora.** 2003. Dissertação (Mestrado em educação)- Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2003.
- COVAL, Mário Andrei Stein. **A representação social da adolescência e do adolescente e expectativas de prática pedagógica de futuros professores.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, SP, 2006.
- FAGUNDES, Norma Carapiá. **Em busca de uma universidade outra: a inclusão de “novos” espaços de aprendizagem na formação de profissionais de saúde.** 2003. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal da Bahia, BA, 2003.
- FALCÃO, Izolda Rebouças. **Onde mora o saber de cor?.** 2000. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal da Bahia, BA, 2000.
- FEITOSA, Marcos Gilson Gomes. **Integração de estudantes à vida universitárias: fatores que facilitam e que dificultam sua integração.** 2001. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal de São Carlos, SP, 2001.
- FERNANDES, Denize Zoraide Alexandria. **Inclusão e estigmatização na universidade pública: o caso do PEC-RP no curso de ciências sociais da UFCG.** 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal a Paraíba / João Pessoa, PB, 2006.
- FERNANDES, Francene Fabricia. **O lidar com a morte e a educação média.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2004.
- FERNANDES, Maria Aparecida de Amorim. **Representações sociais da AIDS entre estudantes de enfermagem e comunicação social da Universidade Federal do Mato Grosso.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Mato Grosso, MT, 2002.
- FERREIRA, Mirza. **Novos tempos, novos espaços, novos corpos.** 2001. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Estadual de Campinas, SP, 2001.
- FIAMENGE, Elis Cristina. **Mas afinal que elite é essa? Elitização/deselitização no vestibular VUNESP.** 2003. Tese (Doutorado em Sociologia)-UNESP – Araraquara, SP, 2003.
- FIGUEIREDO, Fabio Ferreira. **Educação superior e mobilidade social: limites, possibilidades e conquistas.** 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. SP, 2006.
- FILHO, Silvio Serafim da luz. **O que pode ser determinante na escolha do curso de graduação – um estudo exploratório em instituições federais do ensino superior.** 2000. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade de São Paulo, SP, 2000.
- FIOR, Camila Alves. **Contribuições das atividades não obrigatórias na formação do universitário.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Estadual de Campinas, SP, 2003.
- FONSECA, Marcos Conforti da. **Senso crítico em estudantes de administração de empresas com habilitação em marketing.** 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia)- UNESP – Marília, SP, 2004.

- FONTOURA, Miriam Silva da. **O poder da marca e uma construção de estilo de vida: um estudo de caso dos alunos da PUCPR**. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia)- Universidade Federal do Paraná, PR, 2006.
- FRANCO, Katia Cilene de Mello. **A imagem da escola pelos olhos dos futuros professores de arte**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2006.
- FREITAS, Antonio Alberto da Silva Monteiro de. **Uma análise do perfil dos alunos da faculdade social da Bahia (FSBA) no contexto do debate sobre ensino superior**. 2003. 271 p. Dissertação [Mestrado em Educação]- Universidade Federal da Bahia, BA, 2003.
- FREITAS, Levi Carvalho de. **Laço social entre dádiva e dívida simbólicas: experiências com o aprender e suas contribuições para a formação do vínculo social na atualidade**. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia)- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RS, 2005.
- FURLAN, Elaine Gomes Matheus. **A cultura estudantil na licenciatura em química: dando voz aos alunos**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP,2004.
- GAIOSO, Natalícia Pachêco de Lacerda. **A evasão discente na educação superior no Brasil: na perspectiva de alunos e dirigentes**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Católica de Brasília, DF, 2005.
- GAMA, Bernadete Marinho Bara de Martin. **O professor significativo - a comunicação docente/ discente em sala de aula**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Petrópolis, RJ, 2001.
- COMES, Adriana de Andrade. **Memórias e trajetórias dos estudantes de pedagogia da Universidade Estácio de Sá**. 2005. Tese (Doutorado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ, 2005.
- GREGÓRIO, Bárbara e Silva. **Mudança de habitus: considerações à análise do processo de redimensão escolar na trajetória social de estudantes dos meios populares**. 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia)- Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, RJ, 2001.
- GUZZELLI, Iara Regina Bocchese. **Construindo novas formas de subjetividade e de cidadania**. 1999. Tese (Doutorado em Sociologia)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 1999.
- GUERRA, Cláudia Anita. **Vida, educação, trabalho: uma perspectiva de indissociabilidade**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica do rio Grande do Sul, RS, 2002.
- GUIMARÃES, Maria Gertrudes Gonçalves de Souza. **Trabalhadores - estudantes: um olhar para o contexto da relação estudo, trabalho e ensino superior noturno**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade do Oeste Paulista, SP, 2006.
- GURGEL, Claudio Roberto Marques. **Gestão contemporânea e consciência neoliberal**. 2001. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal Fluminense, RJ, 2001.
- HAAG, Guadalupe Scarparo. **Alunos – trabalhadores em enfermagem: qualidade de vida e desempenho acadêmico**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Luterana do Brasil, RS, 2004.

- HONORATO, Gabriela de Souza. **Estratégias coletivas em torno da formação universitária: status, igualdade e mobilidade entre desfavorecidos**. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2005.
- IDEÁRIO, Adriane Ogêda Guedes. **Pedagógico do curso de pedagogia UFF/ Niterói**. 2002. 180 p. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal Fluminense. RJ.
- JACOB, Celso Alencar Ramos. **A evasão escolar e a construção do sujeito/ profissional em curso de ciências econômicas**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) –Universidade Católica de Petrópolis, RJ, 2000.
- JESUS, Cláudio Castro de. **Visões das práticas e do profissional de educação física escolar**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação). Unievrsidade Católica de Petrópolis, RJ, 2005.
- JOHNSON, Maria Cristina Folmer. **Projeto pessoal de vida & trabalho: a orientação profissional da perspectiva de orientadores e orientados**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Estadual de Campinas, SP, 2000.
- JUNIOR, João Neutzling. **Análise do programa de crédito educativo federal – o caso da UCPEL**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Pelotas, RS, 2004.
- JÚNIOR, Venâncio Francisco de Souza. **Professores claros e obscuros no contexto universitário**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Católica de Brasília, DF, 2005.
- KABBACH, Estefan. **A escolha profissional nos primeiros anos de ensino superior: embate de aspirações e frustrações**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Católica de Santos, SP, 2004.
- KOLB, Carlos Walter. **A democratização do ensino superior: diagnóstico e alternativas para uma maior inclusão social**.2003. Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PR, 2003.
- LAMÓGLIA, Fernando Botto. **Cidadania e políticas públicas: a concepção de cidadania de docentes e discentes no ensino superior**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PR, 2006.
- LEITE, Ana Paula Barbosa. **Herdeiros ou sobreviventes: mobilidade social no ensino superior no RJ**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2004.
- LIMA, Carla Patricia Novaes de. **Aspecto atuais de assistência estudantil no campus I da UFPB: Pro0grama de moradia estudantil**. 2002. Dissertação (Mestrado em serviço Social). Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa, PB, 2002.
- LOURENÇO, Lindavane Y Barreiro. **Educação para o trânsito é cidadania: uma proposta de intervenção no ensino para jovens universitários**. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Católica de Brasília, DF, 1999.
- LUCCI, Marcos Antonio. **A representação social sobre o diploma universitário: um estudo com alunos dos cursos de licenciatura de uma faculdade particular noturna da cidade de São Paulo**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2000.
- LUCENA, Maria de Fátima Duarte. **O curso superior de tecnologia em gerencia de obras de edificações do CEFET-PB e o mercado de trabalho**. 2005. Dis-

- sertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal da Paraíba / João Pessoa, PB, 2005.
- MACHADO, Osmar Aparecido. **Evasão de alunos de cursos superiores: fatores motivacionais de contexto.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Estadual de Londrina, PR, 2005.
- MAFFASOLI, Eduardo. **A unievrnsidade na visão do aluno de pedagogia: expectativas em relação a sua formação.** 2001. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade de São Francisco, SP, 2001.
- MAGALHÃES, Ivan Chaves de. **A formação técnico-profissional dos egressos dos centros federais de educação tecnológica e a demanda do mundo do trabalho.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação). Unievrnsidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ, 2005.
- MANHÃES, Maria Aparecida Rosa. **Estudantes de Medicina e as representações sociais do “Ser Médico”.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Petrópolis, RJ, 2000.
- MARTINS, Maria Darcy de Deus. **O Significado do estágio curricular no processo de formação profissional no curso de Serviço Social - A Realidade do Ceará.** 2003. Dissertação (Mestrado em Serviço Social)- Universidade Federal de Pernambuco, PE, 2003.
- MARTINS, Rosane Aparecida de Souza. **O processo de formação discente no curso de Serviço Social da UNIUBE: determinações, contradições e transformações rumo à construção da identidade profissional.** 2006. Tese (Doutorado em Serviço Social). UNESP – Franca, SP, 2006.
- MATHIAS, Maria Otília Montessanti. **Alunos Ingressantes no ensino superior: relações interpessoais na universidade.** 2004. Tese (Doutorado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2004.
- MATOS, Mariângela Silva de. **Análise do perfil profissional e da dimensão éticohumanística na formação de cirurgiões-dentistas em dois cursos de odontologia da Bahia.** 2006. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal da Bahia, BA, 2006.
- MATTOS, Luiz Fernando Rojo. **Os diversos tons de branco: relações de amizade entre estudantes de medicina da UERJ.** 2001. Dissertação (Mestrado em Antropologia)- Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, 2001.
- MEDEIROS, Hericka Karla Alencar de. **O dia mais feliz da minha vida: a entrada da universidade segundo os alunos recém-ingressos do curso de pedagogia na UFRN (2004).** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN, 2005.
- MEDEIROS, Nina Rosa Dantas. **O ENEN e a questão da democratização do acesso à graduação: o caso da UNICAMP.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade de Brasília, DF, 2002.
- MELLO, Jorge Cássio Reis da Silva. **Ingresso e evasão na expansão recente do ensino superior.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ, 2005.
- MELO, Eduardo Gomes de. **As representações sociais das práticas profissionais do sociólogo segundo alunos matriculados no curso de ciências sociais da**

- UFPR.** 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia)- Universidade Federal do Paraná, PR, 2005.
- MELO, Márcia Maria de Oliveira. **A construção do saber docente: entre a formação e o trabalho.** 2000. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade de São Paulo, SP, 2000.
- MENEZES, Maria Cristina Pinto de. **A formação de alunos (as) num curso superior de gastronomia: aprendizagem, cultura e cidadania.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)- Centro Universitário Nove de Julho, SP, 2005.
- MONTEIRO, Maria Carmen Amado Pinto. **A escolha e o sentido do curso de pedagogia para um grupo de alunos: um estudo exploratório.** 1999. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal Fluminense, RJ, 1999.
- MORAIS, Teresinha Cristina de. **Metodologia da avaliação institucional: um estudo sobre os jovens da PUC de Campinas dos cursos de comunicação social.** 2003. Tese (Doutorado em Educação)- UNESP – Araraquara, SP, 2003.
- NASCIMENTO, Márcia Valim Santos. **A dimensão social da formação universitária: um estudo sobre a relação entre universidade, ações comunitárias e ONGs.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, 2004.
- NOBLES, Antônio Valdeci. **Direito ambiental e educação ambiental: Uma Aproximação Necessária e Construtiva a cidadania na opinião dos universitários da UNIJUÍ / RS.** 2001. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, RS, 2001.
- NOVAES, Adelina de Oliveira. **Brasil: representações sociais de estudantes de pedagogia.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2006.
- OLIVEIRA, Cristina Aparecida Guardiano de. **O Trabalhador-estudante no ensino superior: estudo de uma realidade.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, 2003.
- OLIVEIRA, José Arí Carletti de. **Qualidade de vida e desempenho acadêmico de graduandos.** 2006. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Estadual de Campinas, SP, 2006.
- OLIVEIRA, Luciana Rodrigues. **Estudo de projeto de vida profissional de alunos universitários do curso de pedagogia.** 2001. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Estadual de Campinas, SP, 2001.
- ORAES, Alarico Vargas. **Auto-imagem e auto-estima de estudantes de medicina veterinária na PUCRS Camus II – Uruguaiana.** 2000. 163 p. Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS, 2000.
- PACHECO, Yara Nazareno Pinheiro L. Macedo. **A educação para a sociedade do conhecimento: novas realidades, novas exigências.** 2000. Dissertação (Mestrado em Educação)-Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PR, 2000.
- PANICO, Vanessa França Bonini. **A avaliação institucional em uma universidade particular: a dimensão corpo discente, na visão de seus professores e alunos.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, 2004.

- PAPA, Patricia Rodrigues Miziara. **Qualidade no ensino superior privado noturno: concepções discentes.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)- Centro Universitário Moura Lacerda, SP, 2005.
- PARENTE, Eduardo Afonso de Medeiros. **Relação entre o desempenho no vestibular e algumas variáveis de capital cultural – uma questão de política da educação superior.** 2000. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Católica de Brasília, DF, 2000.
- PARKER, Magda Xavier. **Processos de comunicação: ciências humanas e ciências exatas, com a palavra professores e alunos.** 2000. Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS, 2000.
- PASCUAL, Jesus Garcia. **Desempenho discente sob a óptica curricular na graduação da Universidade Federal do Ceará.** 2005. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal do Ceará, CE, 2005.
- PASSOS, Marinez Meneghello. **Ser professor de matemática e a reconstrução da subjetividade: estudo realizado com alunos de 1º ano do curso de matemática da Universidade Estadual de Londrina.** 2004. Dissertações (Mestrado em Educação)- Universidade Estadual de Londrina, PR, 2004.
- PATRAO, Marly Costa. **Imaginário, educação e sensibilidade.** 2004. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade de São Paulo, SP, 2004.
- PAURA, Simone Giglio. **Os programas de assistência aos universitários da PUC / Rio – um estudo da bolsa ação social.** 2001. Dissertação (Mestrado em Serviço Social)- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ, 2001.
- PEDROSO, Maisa Beltrame. **A sala de aula universitária como espaço de inovação: investigando o curso de nutrição da UNISINOS.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS, 2006.
- PELLA, Jadir José. **Cursos superiores d tecnologia no CEFET-ES: implantação e perspectivas.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ, 2005.
- PIMENTA, Melissa de Mattos. **Jovens em transição.** 2001. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade de São Paulo,SP, 2001.
- POLYDORO, Soely Aparecida Jorge. **O Trancamento de matrícula na trajetória acadêmica do universitário: condições de saída e de retorno à instituição.** 2000. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Estadual de Campinas, SP, 2000.
- POOL, Mário Augusto Pires. **O adolescente e sua relação com a virtualidade: a busca da autonomia pelo uso do chat.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontifícia Univrsidade Católica do Rio Grande do Sul, RS, 2005.
- PORTES, Ecio Antonio. **Trajetórias escolares e vida acadêmica do estudante pobre da UFMG - um estudo a partir de cinco casos.** 2001. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Federal de Minas Gerais, MG, 2001.
- PRATES, Francisca Schaich. **A melodia da formação: um estudo das trajetórias de formação musical de estudantes da escola de música da UFMG.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Minas Gerais, MG, 2006.
- QUINTANA, Mabel Maria Sala. **A aprendizagem na percepção de alunos e professores do ensino superior.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PR, 2006.

- RAIMANN, Ari. **O agir comunicativo em Habermas e o discurso docente nas vozes discentes do ensino superior**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, MG, 2003.
- RAMMINGER, Simone. **Do encontro ao desempenho: fatores relacionados à procura de cursos EAD em psicologia e à posterior evasão**. 2006. Dissertação. (Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS, 2006.
- REHDER, Juarez Garzon. **O ensino noturno como palco para a formação de licenciatura em matemática**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- UNESP - Rio Claro, SP, 2006.
- REIS, Homero Barbosa. **Saber e sabor - a educação na perspectiva do saber**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Brasília, DF, 2000.
- RIBEIRO, Maria Cristina. **A relevância de um projeto de leitura na visão dos alunos de um curso de letras: uma análise sociológica**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade São Francisco, SP, 2005.
- ROCHA, Sheilla Nadéria Rodrigues. **Assistência ao estudante universitário: representações sociais e práticas no espaço acadêmico**. 2000. Dissertação (Mestrado em Serviço Social)- Universidade Federal de Pernambuco. PE. 2000.
- RODRIGUES, Karen de Almeida. **Jubilamentos e reprovações repetitivas: expressões de saberes e práticas na vida e práticas na vida universitária (um estudo na Universidade Federal de Uberlândia)**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Uberlândia, MG, 2004.
- ROSA, Vitor Nunes. **Fazer o curso de pedagogia: significado e significantes**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade de Brasília, DF, 2002.
- RUEDAS, Silvia Maria Dias. **Cursinho popular de Jandira visando o acesso a educação superior**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade de São Paulo, SP, 2005.
- SANCHES, Marli Aparecida Calça. **Escolha, motivos e expectativas de acadêmicos de psicologia quanto à profissão: uma perspectiva psicoeducacional**. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Estadual de Londrina, PR, 1999.
- SANTOS, Dóris Nienow dos. **Marcas de uma trajetória curricular e a construção de identidades no ensino de inglês**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS, 2000.
- SANTOS, Eduardo Lamb dos. **Quem é o candidato do concurso vestibular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul? Perfil e tendências da última década**. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação)-Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS,1999.
- SANTOS, Marilê Alves dos. **Construção do projeto profissional dos estudantes de odontologia da PUCRS**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS, 2001.
- SANTOS, Marilê Alves dos. **Construção do projeto profissional dos estudantes de odontologia da PUCRS**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS, 2001.

- SASAZAWA, Fabiana Harumi. **Ensino superior e educação especial na Universidade Estadual de Maringá: algumas reflexões**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Estadual de Maringá, PR, 2005.
- SCHLEICH, Ana Lucia Righi. **Integração na educação superior e satisfação acadêmica de estudantes ingressantes e concluintes**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)-. Universidade Estadual de Campinas, SP, 2006.
- SEIXAS, Maria Luiza Coutinho. **A práxis nossa de cada dia: significados da experiência refletida e da reflexão experienciada**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal da Bahia, BA, 2006.
- SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira. **As subjetividades contemporâneas sob o signo do consumo - os ideais narcísicos na publicidade da TV: “produção” E “Consumo”**. 1999. Tese. (Doutorado em Educação)- Universidade Estadual de Campinas, SP, 1999.
- SILVA, Ana Paula Penna da. **Processos de escolarização das camadas populares das promessas de ampliação de oportunidades à realidade de exclusão: O que pensam os sujeitos envolvidos nesta contradição?**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, 2003.
- SILVA, Cassio Alberto Dias da. **Estudo das tomadas de decisões de alunos universitários em questões que envolvem a ciência, atecnologia e a sociedade**.2002. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Estadual de Campinas, SP, 2002.
- SILVA, Clerisson Torres. **Análise do juízo moral de docentes e discentes universitários da região metropolitana de salvador**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Federal da Bahia, BA, 2005.
- SILVA, Fabiana Sena da. **O mundo do trabalho, competência e ensino superior:a formação de jovens em pedagogia da Universidade Federal da Paraíba**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal da Paraíba/ João Pessoa, PB, 2005.
- SILVA, Mariléia Maria da. **Inserção profissional e condição social: trajetórias de jovens graduados no mercado de trabalho**. 2004. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal de Santa Catarina,SC, 2004.
- SILVA, Milson Pinto da. **Efeitos da reprovação consecutiva de alunos no curso de engenharia PUCRS:um estudo avaliativo**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS, 2002.
- SILVEIRA, Ronald Acioli da. **Autonomia e democracia: um estudo das percepções de alunos e professores em um curso de especialização em gestão da educação a distância online**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade de Brasília, DF, 2006.
- SOARES, Isabel Cristina Kern. **Emoções e sentimentos: vivências de alunas no estágio acadêmico de enfermagem**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS, 2002.
- SOARES, Maria Aangela Rosa. **Superando as desigualdades relatos de desejos, sonhos e lutas na busca da transformação da realidade: um estudo do projeto universidade para todos da UFES**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Espírito Santo, ES, 2005.

- SOARES, Sandra Lucia Ferreira Acosta. **Escola: as imagens que as representações sociais revelam**. 2005. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2005.
- SOUZA, Félix de Araújo. **O bom professor: O olhar do estudante de odontologia na perspectiva das representações sociais**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação)-Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, MG, 2003.
- SOUZA, Fernanda Nunes Lopes de. **Educação e cibercultura: novos tempos, novos espaços, novos saberes**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Estácio de Sá, RJ, 2006.
- SPARTI, Sonia Chébel Mercado. **Educação para o trânsito como desenvolvimento da consciência: um estudo com universitários (as)**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2003.
- SPITZCOVSKY, Silvana Rossi. **Stress na universidade: é a avaliação uma situação desencadeadora?**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Presbiteriana Mackenzie, SP, 2003.
- TEIXEIRA, Dayse Cristina Lins. **Cursos superiores de tecnologia do CEFET – AL: desafios e perspectivas**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal da Paraíba / João Pessoa, PB, 2004.
- THUM, Carmo. **Pré-vestibular público e gratuito: o acesso de trabalhadores à universidade pública**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Santa Catarina, SC, 2000.
- TONHOM, Sílvia Franco da Rocha. **Os egressos como atores do processo de avaliação curricular do curso de enfermagem da FAMEMA**. 2006. Tese [Doutorado em Educação]- Universidade Estadual de Campinas, SP, 2006.
- UNGLAUB, Eliel. **Diligência estudantil e desempenho acadêmico de universitários de tempo integral e tempo parcial**. 2003. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Estadual de Campinas, SP, 2003.
- WILMER, Celso Braga. **Trabalho e desemprego: uma tentativa de entendimento**. 2002. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ, 2002.
- ZANDONÁ, Norma da Luz Ferrarini. **O espaço do contrapoder: o acesso à universidade pública e o perfil socioeconômico educacional dos candidatos ao vestibular da UFPR**. 2005. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal do Paraná, PR, 2005.

Jovens, sexualidade e gênero

Marília Pinto de Carvalho ¹

Raquel Souza²

Elisabete Regina Baptista de Oliveira³

Foram localizadas 133 teses e dissertações que estudam jovens, sexualidade e/ou relações de gênero.⁴ Nesse conjunto de trabalhos, há uma maioria de estudos produzidos no âmbito de programas de pós-graduação em Educação, que correspondem a 57% (76 trabalhos), seguidos por aqueles realizados em programas das Ciências Sociais (29% – 39 trabalhos) e do Serviço Social (14% – 18 trabalhos). Há que se ressaltar que desse total apenas 11% são doutorados (15 teses).

Conforme se pode verificar pela Tabela 1, entre essas 15 teses, dez são provenientes da área de Ciências Sociais, onde 25% das pesquisas são doutorados – seis da Antropologia e quatro da Sociologia.⁵ Do conjunto de 76 trabalhos da área de Educação, apenas quatro são teses (4,2% das pesquisas da área) e somente um doutorado foi localizado nos estudos oriundos do Serviço Social (5,5%), o que indica graus bastante diferenciados de consolidação da temática em cada área, destacando que em todas elas a porcentagem de doutorados sobre “Jovens, sexualidade e gênero” é mais baixa que a proporção na área como um todo.

¹ Professora livre-docente, Faculdade de Educação, USP.

² Mestre em Educação e assessora de Ação Educativa – Assessoria, Pesquisa e Informação.

³ Mestre em Educação.

⁴ Das quais 14 foram estudadas aqui apenas por meio dos resumos, já que não tivemos acesso aos textos integrais.

⁵ Somente os programas de pós-graduação em Antropologia e Sociologia produziram pesquisas sobre as temáticas de sexualidade e gênero entre jovens. Não foi localizado qualquer trabalho proveniente das Ciências Políticas.

Tabela 1 – Trabalhos segundo a área de conhecimento e a divisão entre mestrado e doutorado

Área de conhecimento		Mestrado	Doutorado	TOTAL	%
<i>Educação</i>		72	4	76	57
<i>Ciências Sociais</i>	<i>Antropologia</i>	17	6	23	17
	<i>Sociologia</i>	12	4	16	12
	<i>Total da área</i>	29	10	39	29
<i>Serviço Social</i>		17	1	18	14
TOTAL		118	15	133	100
%		89	11		

Considerando somente a área de Educação, única abordada no levantamento anterior (Sposito, 2002), o crescimento foi de 18 dissertações e duas teses para 74 e cinco, respectivamente, o que representa em ambos os levantamentos cerca de 8% do total de trabalhos na área. Houve, portanto, um crescimento do número de trabalhos, em especial de dissertações, no período compreendido entre 1999-2006, mas esse movimento não correspondeu a um aumento da proporção de pesquisas sobre a temática “Jovens, sexualidade e gênero” dentro da área da Educação e não significa uma presença contundente que dê aos estudos de gênero e sexualidade um novo estatuto.

Mesmo incluindo as áreas de Ciências Sociais e Serviço Social, dos 1.458 estudos coletados no levantamento atual, apenas 9% foram agrupados neste tema. Porém, os trabalhos sobre “Jovens, sexualidade e gênero” estão em terceiro lugar em frequência tanto nas Ciências Sociais quanto no Serviço Social, o que indica o interesse pela temática nessas áreas.

Após a leitura das teses e dissertações foi possível avaliar melhor o grau de consolidação teórica em cada área e fazer seu agrupamento a partir de seis subtemas, a saber: Parentalidade; Sexualidades; DSTs/AIDS; Educação sexual; Masculinidades e feminilidades; e Educação formal. A partir dessa subdivisão interna verificamos a predominância de determinados assuntos em cada área de conhecimento como demonstra a Tabela 2:

Tabela 2 – Área de conhecimento segundo o subtema e a porcentagem sobre total de produção

Área/tema	Parentalidade		Sexualidades		DSTs/AIDS		Educação sexual		Masc. e fem.		Educação formal		Total	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%		
<i>Educação</i>	11	14	8	11	9	12	20	26	11	14	17	14	76	
<i>Ciências Sociais</i>	<i>Antropologia</i>	4	17	5	22	1	4	2	9	10	43	1	4	23
	<i>Sociologia</i>	4	25	0	-	0	-	1	6	8	50	3	19	16
	<i>Total da área</i>	8	21	5	13	1	3	3	8	18	46	4	10	39
<i>Serviço Social</i>	8	44	1	6	1	6	3	17	4	22	1	6	18	

Na área de Educação a temática de maior relevância não é muito diferente daquela apreendida no levantamento anterior: a educação sexual, correspondendo a 26% do total de trabalhos. Também possuem força nessa área os estudos relacionados ao fenômeno da parentalidade⁶ (14%), em geral pesquisas sobre a gravidez de moças jovens, bem como aquelas sobre doenças sexualmente transmissíveis, em especial a AIDS (12%). Boa parte desses trabalhos mantém o perfil indicado anteriormente de uma preocupação com as possíveis intervenções da escola junto a situações consideradas *a priori* como problemas. Embora minoritários, há, ainda na área de Educação, um número crescente de estudos que abordam essas questões a partir de novos olhares, procurando compreender o significado das sexualidades para os/as jovens e articulando-o às relações de gênero.

Além disso, são principalmente os trabalhos provenientes de programas de pós-graduação em Educação que introduzem questões novas no estudo da escola e da educação formal em geral, associando-as não apenas com as sexualidades, mas também com as relações de gênero, os processos de construção de masculinidades e feminilidades entre os jovens; abordando as articulações do gênero com o conhecimento escolar e, finalmente, começando a cobrir a lacuna apontada no levantamento anterior quanto à ausência de estudos sobre homossexualidade. Nesse sentido, na área de educação poderíamos afirmar que as articulações entre estudos de gênero e de juventude são promissoras, porém recentes, ainda muito concentradas em dissertações de mestrado e pouco consolidadas teoricamente.

Dentre as pesquisas da área de Ciências Sociais, 46% (18 trabalhos) abordam diferentes formas de exercício das masculinidades e feminilidades por jovens pertencentes a variados setores da sociedade. Estudos sobre a parentalidade (21%, equivalentes a oito teses e dissertações) e as sexualidades de moças e rapazes (13%, que significam cinco trabalhos) também marcam essa área de produção,

⁶ O termo parentalidade vem sendo utilizado para designar a condição de maternidade/paternidade. A expressão é um neologismo que visa suprir a falta da palavra em português, correspondendo ao termo inglês *parenthood*.

enquanto outros 10% (quatro estudos) tratam da educação formal. Percebe-se que as teses e dissertações provenientes do campo das Ciências Sociais estão em geral entre as mais inovadoras, as que mais frequentemente lançam mão de algum conceito de gênero, além de terem mais claros seus referenciais teórico-metodológicos, explicitando seu caráter de pesquisa e construção de conhecimento e afastando-se mais amiúde das propostas de intervenção e recomendações. Também nessa área localiza-se a única rede de pesquisadores com um trabalho constante e consistente na articulação entre juventude e sexualidade.⁷

Por fim, na área do Serviço Social destaca-se a concentração de estudos preocupados com o fenômeno da parentalidade (44%, isto é, oito trabalhos, concentrados na maternidade considerada precoce), seguidos por aqueles que abordam masculinidades e feminilidades (22%, equivalentes a quatro estudos) e educação sexual (17%, três). Com frequência, os trabalhos revelam a preocupação com a solução de questões consideradas como problemas sociais. Muitas vezes as autoras estão diretamente ligadas às instituições prestadoras de serviços estudadas e a urgência da busca por soluções parece tornar mais difícil o aprofundamento nas pesquisas.

Considerando as 133 teses e dissertações em seu conjunto, verifica-se que 88% do total de 99 orientadores têm apenas um trabalho orientado no tema; nove (8% do total) orientaram dois trabalhos; quatro orientaram três estudos (4%) e somente um professor (1%) orientou quatro pesquisas. Essa grande dispersão, ao lado da baixa porcentagem de doutorados já apontada (11% das pesquisas são teses), é indicador de uma temática não consolidada, em especial nas áreas de Educação e Serviço Social. Pode-se aventar, portanto, que não se trata propriamente de um campo de estudos em “juventude, sexualidade e gênero”, mas de um conjunto disperso de teses e dissertações reunidas aqui pelo recorte proposto para a análise.

De modo a aprofundar essa percepção inicial foi construído o Quadro 1, que apresenta a lista de orientadores com mais de um trabalho orientado na temática “Jovens, sexualidade e gênero”, bem como uma coluna comparativa com a produção total desses(as) professores(as) no conjunto dos estudos de Juventude, no período analisado. É possível observar que, entre os orientadores, um número muito pequeno contribuiu de maneira mais expressiva na produção de trabalhos para além daqueles agrupados nesta temática. As exceções são Maria Tereza Canezin Guimarães, Vera Maria Moreira Kude e Eugênia Coelho Paredes, todas vinculadas a programas de pós-graduação em Educação.

⁷ Trata-se da pesquisa conhecida pela sigla GRAVAD – Gravidez na Adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil, coordenada por Maria Luiza Heilborn (IMS/UERJ), Michel Bozon (INED, Paris), Estela Aquino (MUSA/UFBA), Daniela Riva Knauth (NUPACS/UFRRS) e Ondina Fachel Leal (NUPACS/UFRRS). O estudo foi realizado em três capitais brasileiras – Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador –, contando com as etapas qualitativa e quantitativa.

Quadro 1 – Orientadores(as) por número de trabalhos na temática específica e no conjunto dos estudos de juventude.

<i>Orientador(a)</i>	<i>Área de conhecimento</i>	<i>Jovens, sexualidade e gênero</i>	<i>Juventude</i>
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	Educação	4	5
Daniela Riva Knauth	Antropologia	3	4
Maria Tereza Canezin Guimarães	Educação	3	8
Mirian Goldenberg	Antropologia	3	3
Vera Maria Moreira Kude	Educação	3	6
Berta Weil Ferreira	Educação	2	4
Celso João Ferretti	Educação	2	4
Eugenia Coelho Paredes	Educação	2	5
Isaura Rocha Figueiredo Guimarães	Educação	2	2
José dos Reis Santos Filho	Sociologia	2	2
Maria Angelica Motta-Maués	Antropologia	2	2
Maria Helena Villas Boas Concione	Antropologia	2	2
Pérciles Saremba Vieira	Educação	2	2
Veronique Durand	Serviço Social	2	2

Um conjunto de hipóteses pode ser levantado como explicação para essa dispersão. É possível verificar, por exemplo, que alguns orientadores trabalham com temáticas que dizem respeito a processos e projetos de orientação sexual, de prevenção às DSTs e/ou uso de drogas; outros fazem parte de grupos de pesquisa sobre gênero e/ou sexualidade já bastante consolidados. Em ambos os casos, os sujeitos jovens são um objeto de estudo dentre outros relacionados a seu campo. A situação inversa também pode se verificar, uma vez que orientadoras que figuram com destaque na produção geral sobre juventude, como Maria Aparecida Morgado (Educação) e Myrian Veras Baptista (Serviço Social), são responsáveis por apenas uma orientação cada, quando considerado somente o conjunto de trabalhos que versam sobre gênero e sexualidade.

Por outro lado, Daniela Riva Knauth, que figura como a segunda professora com maior número de orientações na área de Antropologia (quatro), teve três delas alocadas como estudos sobre “Jovens, sexualidade e gênero”. Os trabalhos orientados por ela gravitam em torno a uma rede nacional de pesquisadores com questões comuns acerca da sexualidade juvenil, e cuja produção se articula à já mencionada pesquisa GRAVAD (Gravidez na Adolescência: um estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil), ou faz referência a ela. Essa referência comum e o diálogo permanente permitem mesmo a outros orientadores, com ingresso mais recente na pós-graduação, enfrentar de maneira coerente o desafio de articular categorias como gênero, sexualidade e juventude.

De qualquer maneira, a leitura do conjunto das dissertações e teses reafirma a dispersão, visto que essa articulação é uma exceção, e as marcas centrais são um diálogo frouxo entre as pesquisas e a ausência de referenciais teóricos comuns. Consequentemente, pouco se acumula em termos de conhecimento e os trabalhos mantêm muitas vezes um caráter reiterativo em suas conclusões, enquanto estudos inovadores em relação ao problema de pesquisa ou aos aportes teórico-metodológicos nem sempre repercutem nos demais, o que leva a que suas contribuições sejam pouco aproveitadas.

No subtema *Parentalidade juvenil*, reunimos os 27 trabalhos que estudaram a gravidez, a maternidade e a paternidade entre os jovens, além de suas consequências nas etapas de transição para a vida adulta. A própria novidade do nome – parentalidade – busca destacar a pequena, mas crescente presença dos pais entre os sujeitos desses estudos. Reunimos neste item todos os trabalhos que faziam referência à gravidez, em alguns casos considerada precoce, mesmo quando a relacionavam a escolarização, emprego, sexualidade ou a outros aspectos tratados nos demais subtemas, pois acreditamos que essa temática já se encontra melhor consolidada.

Estão agrupados no subtema *Sexualidades* 14 estudos que abordam os jovens em suas relações amorosas e afetivas, aspectos de sua sexualidade, iniciação sexual, práticas contraceptivas e preventivas, bem como sexualidade na escola, na família e outras instituições. As 11 pesquisas que tratam diretamente das representações sociais de jovens sobre as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), em especial a AIDS, mesmo quando o faziam no contexto do estudo mais amplo da sexualidade, foram reunidas no terceiro subtema. E, concluindo uma primeira parte sobre sexualidades, um quarto item trata das 26 teses e dissertações que enfocaram a “Educação sexual” e reprodutiva, sobretudo na escola, mas também no sistema de saúde.

Apesar dos aspectos inovadores já destacados, esses quatro primeiros subtemas, que reúnem um conjunto de 78 trabalhos, equivalentes a 59% das teses e dissertações analisadas neste capítulo, parecem-nos os herdeiros mais diretos da produção localizada no Estado da Arte anterior (Souza, 2002), com forte presença dos estudos provenientes do campo educacional (47%), além de um aporte teórico marcado pela Psicologia em parte dos trabalhos e da grande frequência de estudos voltados para intervenção e recomendações, como veremos a seguir.

No subtema *Masculinidades e feminilidades* estão agrupadas 33 teses e dissertações que descrevem ou analisam, numa perspectiva de gênero, o cotidiano, tensões identitárias, padrões de consumo e estética, entre outros aspectos das vidas de moças e rapazes com variadas inserções sociais. São pesquisas que abordam desde garotas de elite da Zona Sul do Rio de Janeiro até rapazes dos setores populares de Salvador; jovens de ambos os sexos em situação de prostituição, graffiteiras, etc. Trata-se tanto de estudos sobre grupos com identidades coletivas estabelecidas quanto de pesquisas que constroem recortes sócio-econômicos ou culturais para caracterizar vivências comuns. A área de Ciências Sociais é majoritária neste

subtema, com 55% dos trabalhos, o que reafirma a dimensão inovadora dessa área em sua abordagem da juventude frente às relações de gênero.

Os 22 estudos reunidos sob a rubrica “Educação Formal” abordam diferentes aspectos da escola, seja o ensino fundamental regular, a EJA, o ensino superior ou a formação profissional. Não se trata apenas de estudos sobre o currículo e a aprendizagem (temas, aliás, raros), mas principalmente de pesquisas que indagam sobre as relações dos(as) jovens com a escola ou entre si no espaço escolar a partir de um olhar de gênero e sobre o papel da escola na reprodução e transformação das relações entre os sexos. Aqui incluímos um conjunto expressivo de estudos sobre as discriminações vivenciadas no espaço escolar por estudantes homossexuais, e também algumas pesquisas sobre o racismo vivido por moças negras na instituição escolar. A área de educação é responsável por 77% dos estudos neste subtema (17 num total de 22).

A nosso ver, os trabalhos destes dois subtemas – “Masculinidades e feminilidades” e “Educação Formal”, totalizando 42% das teses e dissertações analisadas neste capítulo – introduzem com mais clareza nas pesquisas o conceito de gênero, em suas diferentes definições, entre elas o simples fato de estudarem jovens de sexo feminino. Este esforço teórico, com graus de sucesso variados, revela a tensão e as dificuldades na utilização simultânea de categorias de análise como juventude e gênero, o que se torna mais complexo quando o/a pesquisador/a busca ainda articulações com raça e/ou classe social.

Parte desses estudos refere-se a aspectos muito próximos à sexualidade e ao corpo – cuidados com a aparência física e a estética, relações afetivas, esportes, aulas de Educação Física, por exemplo. Sem negar a importância destes temas, é preciso destacar que a emergência de pesquisas que não privilegiam as temáticas da sexualidade e do corpo é um sinal de inovação na forma de apreensão do sujeito jovem, no qual essas dimensões têm sido histórica e socialmente hipervalorizadas. Por outro lado, estes estudos abrem espaço para perceber-se a importância do conceito de gênero na análise de outras dimensões das experiências juvenis, como a sociabilidade, a religiosidade, os projetos de futuro, as relações de poder entre pares, o desempenho escolar, etc. Este esforço provém tanto da área de Ciências Sociais quanto, principalmente em se tratando de estudos que envolvem a escolarização, da Educação.

Parentalidade

Teses e dissertações que versam sobre aspectos relacionados à experiência da maternidade e, em menor número, sobre a paternidade juvenil perfazem 20% dos trabalhos agrupados neste capítulo. Trata-se de um conjunto de 27 estudos,⁸ em

⁸ Nesse conjunto, os trabalhos de Rossato (2001), Souza (2001) e Santos (2001), todos eles da área de Educação, não tiveram seus textos localizados.

sua maioria mestrados (22), que somam 81% do subtema. A área de Educação é aquela que mais produziu trabalhos (11), seguida por Serviço Social (8) e Ciências Sociais (8).⁹ Um primeiro aspecto a se destacar diz respeito aos diferentes olhares empregados pelos autores para investigar a parentalidade juvenil, pois duas perspectivas são particularmente visíveis.

Por um lado, há 12 trabalhos – oito oriundos da área de Educação, três do Serviço Social e apenas um das Ciências Sociais – em que predomina, para mais ou para menos, a percepção da “gravidez na adolescência” como um problema social, com impactos demográficos, econômicos, sociais e médicos (Bastos, 2000; Guimarães, 2000; Menezes, 2000; Neves, 2001; Araújo, 2003; Damiani, 2003; Nogueira, 2003; Paucar, 2003; Bessa, 2005; Sakamoto, 2003; Provenzi, 2003; Quintana, 2004).

Alguns destes trabalhos problematizam o caráter estigmatizador que a “gravidez na adolescência” assumiu na sociedade brasileira, contudo, há uma dificuldade em deslocar-se desse paradigma, especialmente quando se trata de estudos que têm como intuito a produção de recomendações de políticas ou estratégias para o “enfrentamento” da gravidez de moças. É um conjunto de trabalhos que parecem herdeiros do modo como a temática emerge no debate nacional, quando a opinião pública reconhece na gravidez de moças uma proporção desmedida e problemática.¹⁰ Recorrentemente há neles um diálogo estreito com uma literatura oriunda da medicina, da saúde reprodutiva, bem como dados estatísticos que procuram dar visibilidade à diminuição de taxas de fecundidade entre a população acima dos 20 anos e ao aumento deste índice no grupo mais jovem.

Guimarães (2000), Damiani (2003), Paucar (2003), Quintana (2004) e Bessa (2005) preocupam-se em investigar a temática da gravidez no contexto escolar. São estudos fronteiriços que, se não fosse a preocupação explícita com a gravidez na adolescência, poderiam estar agrupados naqueles que compõem o subtema Educação Sexual. A partir de entrevistas com professores(as) e estudantes (majoritariamente de escolas públicas), acena-se para o desconforto da instituição escolar em tratar de temas ligados à sexualidade e o despreparo técnico em abordá-los. Tais deficiências são apresentadas como elementos que contribuem para a manutenção do silêncio escolar sobre o tema, para a ausência de programas de educação sexual e de estratégias para que a escola contribua na permanência de jovens grávidas ou mães na instituição. Apenas Bessa (2005), em seu mestrado, relata e analisa uma experiência educativa desenvolvida com jovens estudantes do ensino médio da cidade de Porto Alegre (RS), buscando construir recomendações e sugestões possíveis para o currículo de Biologia neste nível de ensino.

As causas e repercussões da gravidez na adolescência são objeto de investigação de cinco trabalhos de mestrado. Neles destaca-se, por um lado, a busca

⁹ Os doutorados concentram-se em maior número nesta última, que produziu três teses de um conjunto de cinco.

¹⁰ Ver Heilborn (2006); Carrano e Sposito (2003).

de situações – econômicas, sociais, regionais, familiares – e perfis que caracterizariam moças que engravidam num período considerado socialmente como inapropriado – ou, então, das consequências da gravidez nas trajetórias escolares, familiares e profissionais de moças pobres. Destacam-se trabalhos de caráter qualitativo, como são os casos de Neves (2001) e Provenzi (2003), da área de Educação, e Menezes (2000) e Araújo (2003), do Serviço Social, mas o curioso estudo de Nogueira (2003), em Ciências Sociais (Sociologia), articula elementos da literatura sobre a temática com dados da PNAD/1996, de modo a construir uma probabilidade logística da gravidez de moças jovens.

Com interesses semelhantes a este grupo, Sakamoto (2003), em um mestrado do Serviço Social, analisa o perfil e trajetória de 70 adolescentes mães “reincidentes” de Ribeirão Preto (SP), ou seja, jovens que, já tendo experimentado uma gravidez durante a adolescência, tornam a engravidar.

Um aspecto relevante desses estudos é o não consenso sobre a dimensão das condições econômicas das jovens investigadas como fatores que condicionam a assunção de uma gravidez na juventude. Na dissertação de Menezes (2000) a pobreza e os obstáculos para a satisfação de direitos sociais entre moças em Caruaru (PE) são agudizados com a gravidez, enquanto, em Provenzi (2003), é a maternidade que desencadeia a descontinuidade da trajetória educacional de jovens e, portanto, a possibilidade de trajetórias profissionais positivas de moças de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul.

Por último, a dissertação de Fonseca (2000), em Educação, analisa as práticas educativas e de cuidados de mães adolescentes de dois bairros populares da Região Metropolitana de Salvador (BA). Seu estudo dialoga com uma literatura que percebe este grupo como imaturo para educar outro indivíduo, mas entrevistas com jovens mães indicam uma avaliação positiva destas com relação aos cuidados que dedicam aos(às) filhos(as), uma preocupação com a escolaridade destes e o reconhecimento da família como grupo apoiador/incentivador de suas vidas como mães.

A fundamentação destas 12 teses e dissertações repousa em construções teóricas que trazem à tona concepções sobre a “adolescência”, quase sempre reconhecida como momento singular, de passagem da infância para a vida adulta, em que processos de maturação física e psicológica estão em curso. A gravidez, nesse sentido, representaria uma ruptura e uma desestruturação social e psicológica, uma vez que as etapas de construção da identidade das moças são rompidas antecipadamente. Os sujeitos investigados são prioritariamente constituídos por moças, com idade entre 14-19 anos, correspondendo à faixa etária estabelecida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) ou pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como adolescente. Em alguns casos, o grupo pesquisado é formado por sujeitos mais velhos, mas que experimentaram a maternidade naquela faixa etária.

A categoria “adolescência”, contudo, também é por vezes problematizada como uma construção social, visto que se verifica em alguns autores a sobreposição de

uma literatura oriunda da Psicologia e outra das Ciências Sociais. Nesses casos, as inquietações se dão com o fato de que, num contexto de profundas transformações sociais, com alterações significativamente expressivas para as agendas e trajetórias femininas, adolescentes engravidem de forma semelhante a suas avós (Fonseca, 2000).

Por outro lado, é possível agrupar um segundo conjunto de nove trabalhos que se estruturam numa perspectiva diferente dos anteriores: a desconstrução das categorias “gravidez na adolescência” e/ou “na juventude” enquanto problemas sociais e a sua reconstrução como objetos sócio-antropológicos. Promove-se, assim, uma relativização tanto do enfoque de “risco” desta gravidez quanto da demarcação de “juventude” pelo critério de idade. Neste conjunto é particularmente evidente a contribuição de trabalhos oriundos de programas de Ciências Sociais, em especial da Antropologia (Borges, 1999; Almeida, 2001; Almeida, 2002; Carpes, 2003; Silva, 2004; Dias, 2005). Três investigações são oriundas do Serviço Social (Barreto, 1999; Fanelli, 2003; Reis, 2004) e não há estudos da área de Educação. Localiza-se nesse subgrupo também a maioria dos doutorados sobre parentalidade (quatro).

De maneira geral, os autores ressaltam que não se trata de fazer uma apologia à gravidez que ocorre na adolescência, mas de colocar em evidência a polêmica existente em torno do tema e questionar os motivos pelos quais um dado fenômeno adquire uma nova visibilidade social quando, de fato, nunca deixou de existir. Assim, a produção teórica sobre juventude, adolescência e gravidez na adolescência é comumente problematizada, dando origem à possibilidade de suspensão, distanciamento teórico e busca de significações, experiências e práticas cotidianas dos(as) jovens que vivenciam a experiência da parentalidade.

O mestrado de Borges (1999) parte da hipótese de que as decorrências da gravidez no plano afetivo podem se constituir em fonte básica de reconhecimento social de moças, tornando-se ponto central de realização pessoal das jovens. A autora realiza entrevistas com mães de idade entre 15 e 19 anos, em um bairro de Florianópolis, em que se evidencia o reconhecimento da maternidade como uma experiência positiva, ordenadora da vida das moças.

No mesmo sentido, a tese de Almeida (2001) busca entender como a gravidez se inscreve como projeto de vida de moças de baixa renda de Botucatu (SP), analisando suas condições e circunstâncias. No grupo investigado verifica que a experiência linear escola-trabalho-casamento não condiz com as expectativas e possibilidades das moças, tampouco a maternidade tem uma importância reduzida para seus projetos de vida.

Outro elemento diferenciador desses estudos é que neste conjunto se situam pesquisas que adotam a categoria juventude propriamente dita, sem que ela seja tomada como sinônimo para adolescência e sem que a produção sobre juventude nas Ciências Sociais seja colocada como referência complementar à literatura oriunda da Psicologia. A juventude é entendida tanto como uma categoria que designa uma situação singular de um grupo de indivíduos, que a vivência de ma-

neira heterogênea e desigual, como decorrente de um processo social de relações entre os indivíduos numa sociedade que estabelece parâmetros e marcadores de ingresso na vida adulta.

É na problematização dos ciclos de vida e nas representações sobre a juventude, por exemplo, que podemos situar os trabalhos em Antropologia de Almeida (2002) e Gonçalves (2004). A primeira realiza em seu mestrado uma etnografia e articula relações de idade e gênero para entender determinadas concepções de maternidade, paternidade, infância e juventude em camadas populares. Já a segunda em seu doutorado, também em estudo etnográfico, localiza determinadas percepções sobre o que é “ser” e “estar” jovem entre segmentos populares e médios (estrato comumente negligenciado nos estudos sobre parentalidade). Estes dois trabalhos empreendem um exercício de diálogo entre jovens, jovens grávidas, jovens mães, familiares e vizinhos com vistas a mapear os sentidos atribuídos à juventude e, a partir daí, situar como se apresentam (ou não) interditos para a experiência da gravidez nesta fase da vida. Há uma hipótese comum nas investigações, mas melhor explicitada no doutorado de Gonçalves (2004) de que “a gravidez na adolescência e juventude é avaliada através das expectativas e das representações sociais sobre essa fase [da] vida e não diretamente pelo suposto ou esperado prejuízo que ela traz às jovens que engravidam” (2004: 13).

Ainda que com problematizações teóricas distintas, as conclusões de Barreto (1999) caminham para ponderações semelhantes. Sua dissertação em Serviço Social analisa as dificuldades de comunicação sobre sexualidade e gravidez na adolescência, que podem existir entre profissionais e usuários(as) adolescentes de serviços de saúde de Maceió (AL). A pesquisadora realiza um estudo sobre as representações sociais destes dois grupos a partir de uma pluralidade de instrumentos metodológicos – observação não-participante, entrevistas semi-estruturadas, grupo focal, associação livre –, demonstrando como para os primeiros a gravidez é explicitada como algo que, antes de tudo, é prejudicial a todos(as), mães e pais adolescentes, e à família, segundo representações de gênero, de fase da vida e da gravidez; enquanto os(as) jovens tendem mais frequentemente a associar a experiência à busca de laços afetivos.

Em um estudo comparativo de duas escolas no Rio de Janeiro, Fanelli (2003), em seu mestrado na área de Serviço Social, apresenta elementos que inviabilizam a execução de projetos educativos com perspectivas menos fatalistas da sexualidade e gravidez. Isso porque, assim como a sociedade de maneira mais ampla, também a escola lida com a sexualidade juvenil como um problema de saúde pública. Neste sentido, seu estudo se diferencia dos demais que versam sobre a escola, nos quais a ausência e os limites para um programa de educação sexual são pontos de chegada.

Justificam a denominação deste subtema – Parentalidade – alguns poucos trabalhos que incluem de maneira pioneira a discussão sobre a participação dos homens na reprodução e sexualidade juvenil. Fonseca (1997; 1998) já havia chamado a atenção para a insignificante bibliografia nacional sobre esta temática,

diagnosticando o silêncio como recusa social em reconhecer que alguns jovens tornam-se pais e de que este acontecimento pode trazer realidades e situações que carecem ser investigadas. Dos 27 trabalhos deste subtema, apenas três (Carpes, 2003; Reis, 2004 e Dias, 2005) apostaram em investigações que incluem a escuta destes sujeitos e de suas experiências. Carpes (2003), em seu mestrado, se propõe a analisar as representações de transição para a vida adulta de jovens pais e mães de segmentos populares e médios da Região Metropolitana de Porto Alegre (RS). O doutorado de Reis (2004) investiga a experiência da maternidade e paternidade de jovens de estratos populares de Terezina (PI), com vistas a compreender as estratégias cotidianas, as redes de solidariedade que acionam e os projetos que desenham para o futuro. E em seu doutorado, em Ciências Sociais, Dias (2005)¹¹ problematiza as experiências e repercussões nas relações familiares de moças e rapazes de diferentes camadas sociais de Salvador (BA).

Por fim, ainda que orientadas por problematizações mais ou menos semelhantes às descritas neste tópico, os mestrados de Rossi (1999), Santos (2003) e Muzzolon (2006) apresentam temáticas inovadoras para cercar a problemática da parentalidade juvenil, desvelando realidades e preocupações ainda pouco aprofundadas pela literatura. No âmbito de pesquisas em Serviço Social, Rossi (1999) preocupa-se em investigar os motivos pelos quais moças, vítimas de violência sexual doméstica de Campinas (SP), embora possam contar com amparo legal para a realização de um aborto, optam pelo prosseguimento da gestação. Santos (2003) apresenta a situação de dez moças grávidas que estavam ou já haviam estado em um abrigo na cidade de Cascavel (PR) e também entrevista os companheiros de cinco das jovens, demonstrando situações diferenciadas de exercício da paternidade. Já o mestrado de Muzzolon (2006), defendido em Sociologia, apresenta o relato de vida de quatro adolescentes que experimentaram uma situação particular: a morte de seus(suas) filhos(as), antes que estes completassem um ano de vida.

Podemos afirmar que o conjunto de textos reunidos neste subtema é, ao lado do item sobre Educação Sexual, o mais consolidado enquanto um campo de pesquisa, com certa tradição em especial nas áreas de Educação e Serviço Social, que há algumas décadas estudam “o problema da gravidez na adolescência”, como já apontava o levantamento anteriormente realizado (Souza, 2002). Transparece na construção do objeto dessas teses e dissertações exatamente a tensão produzida pelo fato de trabalharem com uma temática previamente delimitada

¹¹ O trabalho integra os esforços da equipe de pesquisa que se articulou em torno do projeto GRAVAD – Gravidez na Adolescência: Estudo Multicêntrico sobre Jovens, Sexualidade e Reprodução no Brasil, já mencionado.

como “problema social”, tanto na pesquisa das áreas de saúde quanto na mídia e no debate público. Somente quando dispõem de arsenal teórico sólido – no que diz respeito seja ao conceito de juventude, seja às relações de gênero ou mesmo à metodologia científica propriamente – os/as pesquisadores/as conseguem romper com as perguntas e respostas definidas *a priori* neste campo e reconstruir seu objeto como uma questão sociológica ou antropológica, abrindo a possibilidade de novas abordagens e temáticas menos contaminadas. Estes trabalhos são minoritários e estão concentrados nas Ciências Sociais, principalmente na Antropologia. Finalmente, cabe destacar que o título que atribuímos ao subtema permanece quase como um convite à incorporação dos jovens pais à pesquisa nas áreas em foco, uma vez que somente quatro estudos os incluíram em suas investigações.

Sexualidades

Trabalhos que versam sobre aspectos da sexualidade juvenil perfazem 11% das 133 teses e dissertações apresentadas neste capítulo, sendo oito delas provenientes da área de Educação, cinco das Ciências Sociais (Antropologia) e apenas uma do Serviço Social. Esse conjunto de 14 estudos, um doutorado e 13 mestrados, explora as maneiras como moças e rapazes vivenciam situações e constroem trajetórias que envolvem a experiência sexual. De maneira geral, os autores concebem a sexualidade como uma construção social, ou seja, como algo culturalmente forjado, que envolve contatos corporais, ligados ou não à atividade reprodutiva, que podem ter significados radicalmente distintos entre as culturas, ou mesmo entre grupos populacionais de uma determinada cultura (Heilborn e Brandão, 1999).

Ao debruçarem-se sobre as práticas, as significações e as trajetórias afetivo-sexuais de moças e rapazes, os autores estão particularmente interessados na apreensão de mudanças e permanências culturais que se evidenciam entre as novas gerações, assim como nos impactos nas trajetórias juvenis trazidos por essas experiências. São comuns nos estudos as premissas de que os relacionamentos afetivo-sexuais são etapas importantes na vida dos jovens, por se constituírem em um elemento fundamental para o processo de construção de sua autonomia, além de que influências do gênero e do pertencimento social se expressam nesse processo.

Por isso, ainda que partindo de referenciais bibliográficos distintos e com aprofundamento variado, é comum que os trabalhos considerem as relações de gênero e problematizem seu campo a partir de aspectos relacionados às assimetrias e aos *scripts* femininos e masculinos na configuração de experiências afetivo-sexuais. Além disso, partem do pressuposto de que as transformações sociais contemporâneas de diversas ordens imprimiram fortes mudanças na esfera dos costumes e da sexualidade no Brasil, mas que estas transformações possuem por fundamento o substrato relacional e hierarquizado da vida social, o que produz

características peculiares de espraiamento dessas mudanças (Heilborn, Cabral e Bozon, 2006).

É nesse sentido que os trabalhos de Rieth (2001), Silva (2001), Lago (2002), Zampieri (2002), Leal (2003)¹² e Calvete (2001) problematizam as relações afetivo-sexuais de moças e rapazes de diferentes estratos sociais em variados contextos urbanos. Nestes estudos se evidenciam novas modalidades de relacionamentos afetivos entre jovens, notadamente o “ficar”, caracterizado como uma “relação passageira, de momento, valorizada pela imediatez do contato corporal (...) pela descontinuidade da relação de parceria, não existindo qualquer compromisso entre os ficantes” (Rieth, 2001: 12). Entretanto, ainda que o “ficar” tenha um caráter eminentemente exploratório, essas autoras destacam, como apontam as conclusões de Calvete (2001) por exemplo, a existência de algum tipo de sentimento ou dispêndio de emoções nesses relacionamentos, ou seja, que não se trata de uma atividade que prescindia de cargas afetivas ou de desejos.

São pesquisas que também se debruçam sobre os novos sentidos atribuídos ao namoro, relacionamento que, em oposição ao “ficar”, é marcado por um compromisso de fidelidade entre o casal, publicidade de vínculos e perspectivas de continuidade. Entre adultos e jovens de camadas populares de Belém (PA), por exemplo, Lago (2002), em uma etnografia desenvolvida em seu mestrado na área de Ciências Sociais (Antropologia), demonstra que, enquanto para os adultos esse relacionamento se caracterizaria como preparação para o casamento, ou seja, o “namoro é para casar”, para moças e rapazes visaria à possibilidade de experimentação e exercício de escolha. Assim, para os jovens, o “namoro é para escolher com quem casar”. Além disso, a autora não deixa de chamar a atenção para padrões de comportamento de gênero que distanciam as experiências de moças e rapazes nesses novos relacionamentos, mostrando limites impostos às jovens pelos adultos, bem como valorações distintas acerca da relação sexual: elas destacando o vínculo amoroso como aspecto central de suas relações; eles enfocando a capacidade técnica-corporal para o desempenho do ato sexual.

Aspectos semelhantes são apreendidos no doutorado de Rieth (2001) e no mestrado de Leal (2003), ambos defendidos no âmbito de programas de Ciências Sociais (Antropologia). Contudo, além das práticas e sentidos sobre sexualidade partilhados por jovens, e das diferenças e desigualdades de gênero, essas autoras revelam como elementos de experiências regionais e classes sociais se constituem também em ricos marcadores para problematizar nuances. A primeira investiga jovens mulheres e homens de camadas médias de Pelotas (RS), mostrando como, no contexto de uma cidade de pequeno porte e com uma história particular, a coexistência de uma moralidade tradicional e de novas práticas afetivo-sexuais revela ambiguidades no processo de iniciação sexual e amorosa da juventude. Já

¹² O trabalho integra os esforços da equipe de pesquisa que se articulou em torno do projeto GRAVAD – Gravidez na Adolescência: Estudo Multicêntrico sobre Jovens, Sexualidade e Reprodução no Brasil, já mencionado.

Leal (2003) analisa as respostas de jovens oriundos de três capitais brasileiras (Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador) sobre o contexto e situação em que se deu a primeira experiência amorosa, investigando, também, o significado evocado pela expressão “experiência amorosa” (“ficar”, um namoro, um beijo, uma paixão, uma relação sexual?) entre jovens de diferentes sexos e segmentos sociais.

O mestrado de Zampieri (2002), em Educação, traça um perfil do comportamento sexual de estudantes universitários do Estado de São Paulo e, para isso, aplica um questionário fechado para uma mostra de 1.067 alunos, de seis centros universitários. A partir desse trabalho de campo, a autora demonstra a predominância de relacionamentos heterossexuais, em relações mais estáveis como o namoro, bem como diferenças que permeiam as práticas de moças e de rapazes.

As representações que jovens pobres fazem sobre corpos, sexualidade e desejo são objeto de três investigações de mestrado: Almeida (1999), na área de Serviço Social, Luz (2005), em Educação, e Honório (2006), em Ciências Sociais (Antropologia), sendo que do segundo trabalho só foi possível a obtenção do resumo. Nestes textos explora-se, a partir da fala dos sujeitos, a pertinência do vínculo entre diferenças anatômicas e determinadas representações sobre a sexualidade e o corpo. Em municípios da Paraíba, num bairro popular de Natal (RN) ou entre adolescentes em situação de rua de Fortaleza (CE), esses estudos apontam conclusões semelhantes no que diz respeito à naturalização e à essencialização do corpo feminino entre jovens, mas também no interior do grupo social do qual fazem parte. A menarca e a aparição de seios são elementos para marcar passagens entre a infância e a adolescência/juventude, e é a partir dessas transformações que as pesquisadoras percebem e descrevem o surgimento de regras sociais, que visam a controlar a sexualidade e adequar o comportamento das moças a esse novo corpo, ao mesmo tempo em que ele é erotizado.

O heterossexismo e a homofobia são aspectos problematizados pelas dissertações de Steibel (1999) e Loiola (2001), o primeiro desses trabalhos defendido na área das Ciências Sociais (Antropologia) e o segundo, na Educação. Aplicando um questionário para estudantes dos cursos de Direito e Comunicação, das cidades de Curitiba (PR) e Florianópolis (SC), Steibel constrói uma “escala de heterossexismo”, em que homens (mais do que mulheres) e adultos (mais do que jovens) aparecem como sujeitos com maior aversão à homossexualidade masculina. Tendo como hipótese que há diferentes tipos de heterossexismo, o autor conclui sobre a variação de percepções que vão da intolerância absoluta às brincadeiras e ao silêncio em abordar a temática.

Já Loiola realiza um estudo sobre a percepção de estudantes do ensino médio e de jovens pertencentes a variados grupos do município de Fortaleza (CE) – religiosos, culturais, partidários, estudantis – sobre atitudes homofóbicas. A variação de perfis permite ao autor ponderar sobre diferentes espaços e tempos de aprendizagem acerca da sexualidade, mostrando como para alguns jovens a participação em coletivos juvenis conduz a um processo de “desfamiliarização” com a homofobia, já que integrantes de grupos defensores da igualdade e do res-

peito à cidadania acabam por tomar contato com ideias que pregam a tolerância e o respeito à diversidade sexual. Junto a um grupo de jovens do movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis, Transexuais e Transgêneros), o autor também investiga os modos encontrados por esses sujeitos para defenderem-se de atitudes de preconceito, assim como forjar espaços e situações para conduzir suas vidas. Trata-se do único estudo no subtema das sexualidades a incorporar a experiência desses sujeitos, o que certamente o torna inovador, embora, em função dos múltiplos objetivos da pesquisa, essa temática não tenha sido explorada com maior profundidade.

Dois estudos da área da Educação destoam do conjunto de preocupações apresentadas pelos demais trabalhos deste subtema, trazendo ressonâncias do debate sobre Educação Sexual nas escolas. Isso porque, mais do que preocupados com as práticas afetivo-sexuais de moças e rapazes, essas pesquisas tentam mensurar como as experiências afetivas destes sujeitos reverberam na vida escolar. Creston (1999) quer saber como a sexualidade de uma adolescente de Juiz de Fora (MG) interfere no processo de aquisição do conhecimento desta; já Gonini (2006), se certas formas de violência escolar estão relacionadas aos conflitos decorrentes da instabilidade de relacionamentos como o “ficar”. Finalmente, o trabalho de Kellermann (2005), também em Educação, inova pelo material empírico que pretende estudar – os escritos e desenhos de portas de banheiros em uma escola de ensino fundamental e médio –, mas oferece ao leitor antes um ensaio teórico, sem uma efetiva análise do objeto.

O conjunto reunido nesse subtema tem em comum o reconhecimento de que as práticas juvenis no campo dos desejos e afetos têm se alterado significativamente nesse início do século XXI, muito embora explicitem diferenças marcantes nos modos de experimentar essas transformações quando consideradas feminilidades e masculinidades, assim como as diferenças de classe e região. Entretanto, os estudos sobre sexualidades juvenis se mostram ainda um campo fértil para novas investigações. Ainda que algumas nuances estejam bem documentadas, faltam pesquisas que considerem alguns marcadores que se apresentam como aspectos relevantes para tratar das diferenças entre jovens.

Um deles diz respeito à influência da religiosidade como elemento diferenciador dos modos como moças e rapazes significam as suas trajetórias afetivas e dão sentido a elas. Rohden (2005), ao analisar dados quantitativos da pesquisa GRAVAD, já mencionada, acena para o fato de que jovens filiados a igrejas pentecostais expressam valores, práticas e hábitos bastante distintos daqueles que se afirmam como sem religião ou como católicos. Esses dados quantitativos são indícios de uma sociabilidade diferenciada e de experiências afetivo-sexuais que ainda não foram bem documentadas por estudos de caráter qualitativo.

Além disso, é impossível negar a presença e a crescente visibilidade de modos plurais de os(as) jovens vivenciarem suas experiências afetivas para além de situações heterossexuais. Contudo, apenas uma dissertação abarca a experiência de um grupo de homossexuais e, nos demais, encontra-se, quando muito, a denúncia do preconceito na escola e da existência de uma homofobia disseminada entre jovens. Trajetórias e experiências de jovens *gays*, lésbicas, travestis e transexuais estão pouco documentadas e quase nada se sabe sobre as histórias e situações que permeiam a vida desta parcela da juventude brasileira.

Por fim, se as novidades no campo da sexualidade juvenil se firmam com a aparição, desde a década de noventa, de novas modalidades de relações afetivas como o “ficar” e o “namoro para escolher com quem casar”, resta saber se esta geração de brasileiros(as) tem encontrado maneiras singulares e diferentes de constituição de novos núcleos familiares, via relacionamentos conjugais. Do ponto de vista demográfico, o Brasil é um país cuja população se casa cedo, dado que tem se alterado paulatinamente, mas resta saber como se organizam as relações de gênero, sexualidades e afetividades nestes casais de jovens.

DSTs/AIDS

Os trabalhos deste subtema correspondem a 7% do conjunto dos analisados neste capítulo. São onze trabalhos, sendo nove deles oriundos de programas de pós-graduação em Educação. Embora tratem da sexualidade juvenil ou se atenham a programas/ações educativos, há nestas investigações uma predominância da análise sobre as maneiras de jovens tratarem de sua sexualidade a partir de representações e práticas de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis (DST) e à Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). Tal perspectiva mobiliza um conjunto de conhecimentos específicos sobre DST/AIDS, bem como perguntas e hipóteses que os diferenciam dos estudos sobre sexualidade e educação sexual.

O conjunto mais similar de trabalhos versa sobre a representação e/ou concepções de jovens sobre DST/AIDS e como destas visões derivam práticas de cuidado e prevenção. Trata-se de seis trabalhos, dentre os quais apenas uma tese em Antropologia (Jeolás, 1999), da qual infelizmente foi possível ter contato apenas com o resumo. As dissertações analisadas – todas da área de Educação – privilegiam a escuta de estudantes de escolas públicas de nível fundamental e médio, em especial oriundos de famílias de estratos populares de diferentes regiões urbanas brasileiras (Galvão, 1999; Godoy, 1999; Mello, 2000; Pagan, 2004). Exceção é o trabalho de Fernandes Júnior (2004), que, além de jovens com este perfil sócio-econômico, inclui universitários de camadas médias de Curitiba (PR). É possível observar que os autores se articulam em torno de alguns aportes teóricos comuns, com destaque para as teorias de representação social, embora sejam variados os níveis de incorporação dessas perspectivas teóricas para a construção da pesquisa e análise dos dados. Há predominância de estudos

qualitativos, que lançam mão de entrevistas semi-estruturadas (três) e observação participante (uma). Pagan (2004), além de entrevistas com 41 estudantes do ensino fundamental, aplica um questionário fechado em 30 escolas de Cuiabá, dando origem a uma base de dados de 281 questionários respondidos. Apenas Godoy (1999) utilizou exclusivamente um questionário semi-aberto, aplicado a 60 estudantes de ensino fundamental de São Paulo.¹³

O elemento mobilizador para a constituição das pesquisas reside no reconhecimento de que os “adolescentes” são vulneráveis à AIDS e estatisticamente correspondem a uma parcela que tem contribuído significativamente para o número de infectados pelo HIV. Estes são reconhecidos como sujeitos que se encontram num momento específico de suas vidas – de maturação física, psicológica e social –, em que a sexualidade aparece como uma nova possibilidade de vivência. Exceção é o trabalho de Pagan (2004), que tem como norte o currículo escolar, problematizando as possibilidades de implementação dos PCNs no que tange aos temas transversais.

Como os campos envolvem grupos mistos (moças e rapazes), as investigações identificam diferenças nos valores, códigos e significados da sexualidade, reprodução e prevenção para eles e elas. Fernandes Júnior (2004) atenta particularmente para essa questão e argumenta sobre a existência de uma variação de representações acerca da prevenção entre moças e rapazes, inscritas em determinações e características que nomeiam socialmente o que é ser masculino e feminino, e de como estes devem lidar com a sexualidade e a reprodução.

Dois mestrados – sendo um oriundo da área de Educação e outro de Serviço Social – versam sobre políticas públicas. Moraes (2003) estuda a experiência de um programa de prevenção em DST/AIDS desenvolvido no município de Santo André (SP), avaliando os fundamentos e condições de realização de uma iniciativa que aposta na capacidade de moças e rapazes em atuar como multiplicadores de informação sobre saúde sexual e reprodutiva. Por sua vez, Bastos (2004) faz um trabalho sobre o atendimento e a assistência prestados ao adolescente soropositivo em unidades de saúde do Rio de Janeiro (RJ). Os apontamentos de ambas as autoras assemelham-se em suas conclusões quanto aos limites de ações dirigidas para esta população: as experiências negligenciam um olhar específico para esse grupo social e suas demandas, ou, apesar do reconhecimento destas, o baixo orçamento e o despreparo técnico com os quais os projetos e programas se constituem acabam criando abismos entre diretrizes e ações.

A dissertação de Pimentel (2001), em Educação, estuda rapazes *gays* e pobres de Vitória (ES) e experiências que corroboram a vulnerabilidade destes à AIDS. E, em seu doutorado, Cabestré (2000) analisa a produção de campanhas e materiais publicitários sobre a prevenção das DST/AIDS na mídia, assim como

¹³ O estudo derivou de um trabalho mais amplo desenvolvido no âmbito do projeto Pesquisa de Representações dos Jovens sobre AIDS, Drogas e Violência, do Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Educação da PUC/SP.

a opinião de estudantes de escolas públicas e privadas de Bauru (SP) acerca destas peças publicitárias.

Nardi (2005), em seu mestrado em Educação, analisa 61 estudos acadêmicos que abordam simultaneamente a AIDS e o estudante universitário, produzidos entre 1980 e 2003, e traça um perfil dessas investigações, considerando sua origem, objetos, período de produção, preocupações e público investigado. Algumas de suas conclusões são interessantes para pensar sobre a temática das DST/AIDS e sua intersecção com os estudos de juventude. A base de dados da autora é prioritariamente oriunda de estudos provenientes da área de saúde, mostrando que essa questão encontra um campo mais fértil de produção de conhecimento em áreas como Medicina, Enfermagem e Saúde Pública. Além disso, assim como na pequena mostra documentada neste subtema, os estudos esforçam-se, por um lado, na descrição do que conhecem, sabem e pensam jovens (ou estudantes) sobre as DST/AIDS, de onde provêm esses saberes e, frente a estes, como agem; por outro lado, no registro de experiências educativas e suas consequências para a adoção de estratégias preventivas por parte do público ao qual estão dirigidas.

No conjunto de estudos agrupados neste subtema chama a atenção a pequena produção que versa sobre as experiências de moças e rapazes soropositivos e os dilemas que enfrentam nas diferentes esferas da vida social. O mestrado de Bastos (2004), já mencionado, se destaca ao olhar para a fragilidade de suportes que estes sujeitos encontram no âmbito do sistema de saúde, mas sabe-se ainda pouco de suas vivências familiares, afetivas, escolares e de trabalho.

Outra ausência observada se refere a estudos que problematizem o aparecimento de grupos e sujeitos que questionam a existência da AIDS, mobilizam-se por disseminar o não uso da camisinha e a defesa de comportamentos denominados de “sexo roleta russa” ou “pelo com pele”. Uma consulta rápida ao *site* de relacionamentos *Orkut* não deixa dúvidas quanto à existência de tais organizações e à adesão a esses discursos, que questionam a necessidade da prevenção e, no entanto, não foram localizados quaisquer estudos acadêmicos a esse respeito.

Educação Sexual

Como já apontamos acima, no estado do conhecimento anterior, as teses e dissertações com foco nas relações de gênero e sexualidade foram definidas como estudos dirigidos sobretudo para a busca de respostas à educação/orientação sexual. As pesquisas localizadas no período compreendido entre 1980-1998 estavam relacionadas, de alguma forma, à intervenção escolar, à orientação e educação

sexual como medidas de prevenção de “problemas” como a gravidez e as doenças sexualmente transmissíveis (Souza, 2002). Neste segundo levantamento, os estudos com foco na educação sexual corresponderam a 20% do total das produções na temática “Jovens, sexualidade e gênero”, somando 26 trabalhos, porcentagem que reitera a relevância do tema na produção acadêmica sobre juventude. Trata-se de um conjunto de questões ainda fortemente presente nas investigações produzidas na área de Educação – 20 trabalhos¹⁴ (apenas um doutorado), correspondendo a 80% da produção agrupada neste subtema – e mais residuais nas áreas incorporadas no atual levantamento – três estudos oriundos de programas de Serviço Social e outros três de programas da Antropologia (dois mestrados) e Sociologia (um doutorado).

Um diferencial das produções mais recentes diz respeito à conjuntura singular para o debate sobre educação sexual surgida com a divulgação pelo Governo Federal, em 1997, dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Pensados como instrumento de apoio às discussões pedagógicas dos profissionais de educação, os PCNs introduziram a temática “orientação sexual” como conteúdo a ser tratado de maneira transversal em todos os ciclos de escolarização, reafirmando, assim, a perspectiva de que a escola seja uma importante instituição para veicular informações sobre sexualidade.

A formulação deste documento tem forte impacto na produção acadêmica do período 1998-2006, pois, salvo exceções, são os PCNs o ponto de partida ou de chegada da maioria das investigações. Dessa forma, questiona-se se as escolas se apropriaram das perspectivas e propostas ou, por outro lado, recomenda-se a construção de condições para que os PCNs sejam efetivamente implementados. São raros os estudos que não estão voltados para a instituição escolar e os sujeitos que a compõem. E, em alguns casos, apesar de deslocarem-se para outros espaços, como equipamentos públicos de saúde, apresentam as iniciativas de educação sexual no contexto escolar como estratégias para lidar com as deficiências de informação dos jovens percebidas pelos pesquisadores.

Oito mestrados da área de Educação alocados neste subtema versam sobre representações, opiniões e experiências de jovens sobre sexualidade e temas correlatos: prevenção às DSTs/AIDS, contracepção, namoro, “ficar”, educação sexual, fontes de conhecimento, etc. São trabalhos que visam a compreender os sistemas de significações que permeiam as experiências de moças e rapazes e, com base nesta apreensão, sugerir intervenções para a ação da escola ou de projetos educativos. Outros também pretendem entender, com base na fala de jovens, a participação da instituição escolar na construção de sentidos e significados sobre a sexualidade (Frison, 2000; Gimenez, 2001; Fossa, 2003; Cardoso, 2003; Aguiar, 2003; Oliveira, 2004; Adolph, 2004; Vidal, 2005). Para isso, os pesquisadores comumente utilizam entrevistas, observações participantes, questionários e grupos focais com estudantes do ensino fundamental e médio, prioritariamente de escolas

¹⁴ Os textos integrais dos mestrados de Morello (1999), Moreira (2005), Oliveira (2005a) e Oliveira (2006a) não foram localizados.

públicas. Exceção é o trabalho de Aguiar (2003), cujo grupo investigado forma-se por jovens que transitam por um serviço de saúde de Rio Branco (AC).

Os trabalhos de Frison (2000), Gimenez (2001), Cardoso (2003), Aguiar (2003) e Vidal (2005) partilham de percepções comuns sobre as experiências afetivo-sexuais dos grupos investigados, destacando a falta de informação sobre sexualidade destes sujeitos, refletidas nas estatísticas que comprovam a ausência de prevenção à gravidez e às DSTs. Assemelham-se também pelo conjunto de resultados obtidos: a participação, maior ou menor, dos pais na educação sexual de seus filhos,¹⁵ a negligência e/ou inadequação de iniciativas da escola em abordar questões concernentes à sexualidade e, de maneira menos recorrente, a importância do grupo de amigos. Trata-se de estudos que reiteram conclusões de modo a apontar a necessidade de projetos e programas voltados para a educação de moças e rapazes e produzem recomendações para que estes sejam desenvolvidos.

Embora apresentem um esforço semelhante na proposição de sugestões, os trabalhos de Fossa (2003), Adolph (2004) e Oliveira (2004) são contrastantes com as demais dissertações. Seja em Piracicaba (SP), na Baixada Fluminense (RJ) ou em Cuiabá (MT), constata-se a avaliação de jovens de que a sexualidade é algo “normal” e de que lidam com essa experiência “naturalmente”; os/as entrevistados/as também são críticos com relação às atividades escolares; e afirmam possuir dúvidas, mas descrevem outras fontes privilegiadas para obter informações e conhecimento. Em suas conclusões, Adolph (2004) avalia que a escola não é a principal instituição para a definição da identidade sexual e tampouco a principal disseminadora de conhecimentos sobre sexualidade, pois compete com a família e os meios de comunicação. Por sua vez, Fossa (2003) argumenta que, diferentemente das visões mais recorrentes sobre a adolescência, o grupo investigado por ela caracteriza esse período como momento de “assumir responsabilidades” e não de imaturidade, sendo a sexualidade uma dimensão importante de suas vidas. Já no estudo de Oliveira (2004), de natureza quantitativa, essas dimensões são problematizadas tangencialmente a partir de diferenças verificadas entre as respostas de moças e rapazes.

Os resultados destas três investigações desestabilizam percepções mais frequentes no debate social sobre quem são e como vivem os jovens, assim como o caráter eminentemente arriscado de suas condutas sexuais. Além disso, ainda que a instituição escolar apareça como um espaço profícuo para a problematização de aspectos referentes à sexualidade, desde que dinamize suas ações, é possível verificar nesses três trabalhos o registro de limites destas iniciativas.

¹⁵ É importante registrar que há diferentes maneiras de esses autores abordarem a família na educação de seus filhos. No estudo de Frison (2000) ela emerge como uma instituição socializadora fundamental, visto que se “constitui na primeira referência responsável pelas noções sobre normas e padrões sexuais” (2000: 73), enquanto que, nos demais estudos, aparece como mais uma agência a ofertar conhecimentos insuficientes para que moças e rapazes tenham condutas sexuais seguras.

Estudos que, além de entrevistar estudantes, recorrem à fala de profissionais de educação centram-se na indicação destas limitações da instituição escolar, seja porque suas ações se fundamentam em discursos correntes sobre a sexualidade de jovens, como no mestrado de Silva (1999), seja por causa das dificuldades em lidar com a temática e construir propostas de educação sexual, como nas dissertações de Garcia (2003) e Soldatelli (2006), em Educação, e de Islã (2005), em Serviço Social. Estes últimos trabalhos verificam o despreparo dos profissionais para realizar projetos de educação sexual, a ausência de parâmetros estruturados para essas ações e a falta de suportes técnicos e materiais que favoreçam o trabalho docente.

Centrando o olhar de maneira mais específica em programas e projetos governamentais e não-governamentais, ou avaliando as leis, regimentos e orientações que regem a ação de profissionais de educação, é possível agrupar um conjunto de oito pesquisas, sendo dois doutorados, um em Educação e outro em Ciências Sociais – Sociologia, e seis mestrados defendidos nas áreas de Educação (dois), Serviço Social (dois) e Ciências Sociais – Antropologia (um).

A discussão sobre a distância entre a formulação e a implementação de políticas públicas permeia os trabalhos de Silva (2002), em Educação, e Rosistolato (2003), em Ciências Sociais (Antropologia). Com foco no cumprimento (ou não) do que prescrevem os PCNs para a educação sexual, Silva (2002) investiga quatro escolas públicas de Niterói (RJ). Suas conclusões apontam para o pouco conhecimento sobre os PCNs, a ausência de interesse dos profissionais em realizar atividades de orientação sexual, a baixa incidência dos parâmetros como norteadores das práticas educativas e o predomínio da temática da sexualidade nas aulas de Ciências.

Já Rosistolato (2003) tinha como objetivo inicial reconhecer as classificações presentes nos PCNs sobre adolescência, sexualidade e gênero e verificar se estas conseguiam impor-se e/ou se confrontar com “categorias nativas” dos sujeitos de uma escola pública do Rio de Janeiro. Contudo, embora o trabalho tenha sido realizado seis anos após a publicação dos parâmetros, a instituição escolar sequer havia recebido uma edição destes documentos e a professora responsável pelo projeto de orientação sexual desenvolvido na escola desconhecia seu conteúdo. Assim, o autor analisa o conjunto de classificações de gênero, adolescência e sexualidade presentes nos PCNs, no “projeto AIDS e escola” – programa das Secretarias Estaduais de Educação e Saúde do Rio de Janeiro, em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz – e no “projeto AIDS”, maneira como era denominada a iniciativa estadual no interior da escola investigada, situada na capital carioca.

Altmann (2005), em seu doutorado em Educação, realiza uma etnografia das ações de educação sexual de uma escola municipal de ensino fundamental do Rio de Janeiro (RJ). Além das aulas sobre reprodução humana, presentes no currículo de Ciências da 7ª série, acompanhou atividades sobre sexualidade desenvolvidas no Núcleo de Adolescentes Multiplicadores (NAM) – projeto da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, cujo objetivo era formar os participantes como “multiplicadores” que teriam a responsabilidade de disseminar informações dentro

da escola e na comunidade. A autora demonstra como, apesar de realizadas por uma mesma profissional, atividades do currículo de Ciências e atividades desenvolvidas pelo projeto observado funcionavam a partir de lógicas distintas, pois, “enquanto nas aulas de Ciência um corpo biológico aparecia como fundamento de distinção entre homens e mulheres, no NAM o enfoque era outro” (2005: 110): questões sociológicas e culturais ganhavam destaque, eram problematizadas as relações de gênero e a sexualidade era inscrita neste domínio. Essa dicotomia é discutida ao longo de todo o trabalho, ponderando-se o alcance de cada um dos discursos, assim como de iniciativas de educação sexual pensadas fora do período regular da escola e que trazem como expectativa a ação multiplicadora dos estudantes. Além disso, em ambas as iniciativas, a autora percebe uma divisão rígida entre masculinidade e feminilidade, o que se constitui, segundo a análise, em um elemento problemático para quem não se encaixava nessa divisão, notadamente para rapazes reconhecidos como possuidores de uma “tendência homossexual”.

Essa dimensão é mais enfaticamente situada no doutorado de Novena (2004), defendido na área de Ciências Sociais (Sociologia), cujo objetivo é analisar os dispositivos e as representações sociais da sexualidade presentes na organização escolar e suas referências para a produção de subjetividades. A partir da análise da legislação, de documentos sobre programas, dos PCNs e dos currículos de duas escolas (uma pública e outra privada), bem como de entrevistas com gestores(as), professores(as) e estudantes, a autora argumenta, dentre outros aspectos, que a desconsideração das diferentes manifestações da sexualidade, em especial, da homossexualidade, assim como sua estigmatização por parte da organização escolar e de seus profissionais, resultam em formas veladas ou explícitas de discriminação e violência.

Dois trabalhos da área de Serviço Social têm como objeto propostas educativas fora do âmbito escolar. O mestrado de Souza (2002) analisa os valores e percepções de adolescentes do sexo feminino usuárias do PROAMA – Programa de Atenção Multidisciplinar ao Adolescente, em João Pessoa (PB). No mesmo sentido, Pereira (2005), em um mestrado também em Serviço Social, discute o processo de educação sexual oferecido pelo Programa de Atenção Integral ao Adolescente (PRAIA), em Brasília (DF). As semelhanças destes estudos, contudo, encerram-se pela proximidade temática e pela área em que foram defendidas as dissertações. Isso porque se verifica a existência de perspectivas distintas para compreender a sexualidade de moças e rapazes – em Souza (2002), como um problema e, em Pereira (2005), como uma experiência marcada por contradições, mas pertinente para este grupo. Assim também percebem de forma diferenciada os sentidos daquilo que deve ser feito por um programa de educação sexual – o controle e regulação da sexualidade ou o auxílio para que jovens tenham uma vida sexual autônoma e responsável.

As percepções sobre sexualidade entre jovens que atuam como “educadores sociais”, em um projeto de uma ONG de João Pessoa (PB), são objeto de pesquisa no mestrado de Silva (2005a), em Educação. É um trabalho interessante por dois

motivos: a) trata de uma experiência não escolar de educação, que envolve também sujeitos com idades mais avançadas do que os estudos agrupados neste levantamento (17-30 anos); b) aponta os limites de uma estratégia de educação sexual cada vez mais disseminada como modelo de política pública – a proposição de que jovens atuem como multiplicadores em suas comunidades.¹⁶ A partir da aplicação de um questionário aberto e da realização de grupos focais com esses multiplicadores, a pesquisa aponta que, embora tratem de sexo e sexualidade com outros jovens, os/as educadores/as sociais lidavam com conflitos e dificuldades para viver suas próprias experiências pessoais; e que, apesar de participarem de atividades de formação semanais, ainda não haviam assimilado conceitos que a pesquisadora considera importantes. Além disso, indica como a disponibilidade majoritária de moças para participar das atividades educativas e comunitárias demonstra o quanto essas práticas são tidas como “essencialmente” de domínio do feminino.

Finalmente, os mestrados de Quintela (2002), da área de Ciências Sociais – Antropologia, de Bourscheid (2004) e de Carreiro (2006), da área de Educação, relatam experiências realizadas pelos próprios autores junto a jovens de escolas públicas e de uma organização comunitária.

É possível verificar nuances de perspectivas sobre sentidos para a educação sexual nas pesquisas agrupadas neste subtema, algumas indicando a centralidade da escola no enfrentamento dos “perigos” da sexualidade de moças e rapazes; enquanto que outras apontam a possibilidade de que a escola contribua para a autonomia dos jovens nessa esfera da vida, para desvelar preconceitos e discriminações e para desconstruir visões hegemônicas sobre sexualidade e relações de gênero. Estes posicionamentos se articulam com visões dos autores, nem sempre explicitadas, sobre os sujeitos jovens e sua sexualidade.

Contudo, apesar das diferenças, parece-nos que essas questões, tal como formuladas pelos trabalhos agrupados neste subtema, encontram-se saturadas. Apenas novos aportes teóricos e abordagens mais críticas, em especial diante do texto dos PCNs, poderiam contribuir na reconstrução dos problemas de pesquisa, indo além da avaliação dos limites da ação institucional no terreno da sexualidade, que na verdade se fundamenta numa afirmação prévia do poder da escola nesse campo. Seja na escuta de jovens ou de profissionais da educação, seja no acompanhamento do cotidiano escolar, os achados dessas pesquisas quase sempre se repetem: a ineficiência de programas e iniciativas, o predomínio de certas perspectivas normativas sobre a sexualidade, o despreparo dos(as) professores(as), a distância entre os PCNs e a realidade escolar.

¹⁶ Como já apontamos, Altmann (2005) e Moraes (2003) também consideram fragilidades nessa proposição.

Masculinidades e Feminilidades

Este se constitui no subtema com maior número de trabalhos, reunindo 25% de todas as teses e dissertações estudadas neste capítulo. A área predominante é a de Ciências Sociais, com 57% dos estudos (19 em 33), seguida pela Educação, com 33% (11 estudos) e o Serviço Social (três dissertações, que representam 10% do total). É um subtema com proporção alta de doutorados em relação aos demais aqui reunidos – 12%, o que corresponde a quatro teses, três delas provenientes das Ciências Sociais e uma da Educação.

De toda forma, trata-se de um conjunto muito heterogêneo e disperso, que não se conforma em torno a questões ou problemáticas comuns e apresenta graus de consistência teórico-metodológica muito variados. Referindo-se aos estudos sobre infância e a ausência de sua articulação com o campo do gênero no Brasil, Rosemberg (1997) chegou a qualificar os estudos feministas de “adultocêntricos” e acreditamos que se pode afirmar o mesmo no que se refere à juventude, como postula Weller (2005: 112), destacando o quanto a juventude “tem sido objeto de pouca atenção por parte dos estudos feministas no Brasil e em outros países”. Datam dos últimos anos os primeiros esforços em articular esses dois campos¹⁷ e os resultados desse empenho ainda estão parcamente refletidos no Banco de Teses da Capes. Dessa forma, a dispersão de temáticas e referenciais teóricos dos trabalhos aqui reunidos se refletiu na dificuldade em agrupar e analisar em conjunto essas pesquisas.

Abordam apenas jovens de sexo feminino 57% dos trabalhos reunidos neste subtema (19 em 33). Essa predominância sem dúvida se articula à própria constituição do campo de estudos de gênero, historicamente associado ao esforço em dar visibilidade às mulheres. Porém, já há algumas décadas os estudos feministas têm avançado desta proposição inicial para uma conceituação mais complexa do conceito de gênero – e sem dúvida não consensual –, como categoria relacional e afeita não apenas às mulheres nem mesmo às temáticas da sexualidade, corpo, reprodução e família, mas também aos homens e ao conjunto da vida social. Parte das pesquisas aqui apresentadas, ainda que tomem como sujeito apenas mulheres, desenvolvem suas análises utilizando um conceito de gênero, uma vez que esta dimensão relacional não precisa necessariamente estar expressa empiricamente. Outras teses e dissertações, contudo, fazendo ou não referência à literatura feminista, não constroem análises com base neste conceito, sendo aqui incluídas por abordarem jovens do sexo feminino.

Seis dissertações de mestrado, todas elas produzidas após 2004, enfocam os valores estético-corporais, os modelos de beleza e estratégias para cuidar do corpo, sendo duas delas sobre jovens anoréxicas (Damico, 2004; Queiroz, 2004; Lira,

¹⁷ Ver, por exemplo, a seção especial sobre o tema Juventude e Gênero publicada na revista *Estudos Feministas* em 2005.

2006; Montenegro, 2005; Ruggi, 2005; Silva, 2005 b¹⁸). Três são provenientes da área de Educação, duas da Sociologia e uma da Antropologia.

Os instrumentos de pesquisa privilegiados são as entrevistas e/ou grupos focais, mas destaca-se um estudo feito com sucesso a partir da análise de 43 *blogs* e quatro *sites* de posição declaradamente pró-anorexia (Lira, 2006). A autora, antropóloga, reflete sobre as especificidades e os limites da metodologia adotada e mostra-se atenta à importância do anonimato para a própria constituição dessas comunidades, uma vez que a postura a favor da anorexia é reprimida socialmente, o que justificou a utilização do instrumento de pesquisa. Além disso, preocupou-se com a questão do respeito ético aos sujeitos estudados, o que a levou a ater-se apenas aos espaços destes *blogs* e *sites* abertos ao público em geral. Suas reflexões revelam um esforço de ampliação dos sentidos contemporâneos da pesquisa etnográfica e, centrando-se nas narrativas, a autora esclarece que pouco pode afirmar sobre o perfil dos sujeitos que as produziram.

Os demais estudos sobre estética e beleza (Damico, 2004; Ruggi, 2005; Montenegro, 2005; e Queiroz, 2004) ouvem – em entrevistas, questionários abertos e/ou grupos focais – moças de diferentes camadas sociais, como alunas de um curso noturno em uma escola pública de Belo Horizonte ou jovens universitárias de estratos médios de Goiânia. A importância da aparência para as jovens e a distância entre os modelos ideais de beleza e a autoimagem são questões presentes em todos os estudos. A dissertação de Montenegro (2005), proveniente da área de Educação, além de enfatizar este aspecto, procura investigar o uso da intervenção sobre o corpo feminino como forma de distinção social em termos sócio-econômicos, tendo as teorias do sociólogo Pierre Bourdieu como principal referencial teórico. De acordo com a autora, já não bastariam, como mecanismos de distinção social, as roupas e acessórios, sendo necessário também um corpo esculpido a partir de determinados padrões, expressão de poder aquisitivo.

Neste grupo de seis dissertações sobre corpo e estética, a mais atenta às dimensões de gênero, em especial às relações de poder e à naturalização de diferenças entre homens e mulheres, é o trabalho de Damico (2004), produzido na área de Educação. Nas demais, frequentemente o campo de estudos de gênero é tomado como sinônimo de estudos sobre mulheres ou aparece como que embutido na própria ideia de corporeidade. Já os debates sobre a juventude como uma categoria socialmente construída são apropriados apenas por Damico (2004) e Montenegro (2005). Destaque-se ainda que somente Ruggi (2005) e Queiroz (2004) preocuparam-se em descrever as moças investigadas do ponto de vista racial e discutiram a questão dos padrões de beleza considerando este pertencimento.

Um diálogo interessante com esses estudos pode ser feito a partir da dissertação de mestrado de Santos (2002). Proveniente da área de Antropologia, a pesquisa investigou o significado da aparência e do termo “autoestima” para jovens negras militantes do Grupo Criola, do Rio de Janeiro, além de comparar seus depoimentos

¹⁸ Não foi possível obter o texto completo desse trabalho.

com os de jovens também autotclassificadas como negras, porém não militantes de movimentos anti-racistas. Nestes grupos, a questão do cabelo é central, diferentemente da maioria dos estudos anteriores, nos quais a magreza e o “corpo malhado” são o foco.¹⁹ Apesar dessas diferenças, os significados sociais e políticos da aparência – até mesmo a possibilidade de ascensão social – também estão no centro da análise. O trabalho de Santos (2002), contudo, aborda marginalmente questões de gênero e poderia até mesmo ser localizado neste levantamento no tema das relações raciais, além de não incorporar debates referentes à situação juvenil dos grupos estudados.

Moças em grupos juvenis são objeto de quatro estudos, sendo três dissertações e uma tese, todas elas provenientes da área de Educação e defendidas após 2003²⁰ (Magro, 2003; Lima, 2005; Matsunaga, 2006 e Rodrigues, 2006). Os instrumentos de pesquisa são entrevistas e observação participante. Algumas das pesquisadoras parecem estar diretamente envolvidas nos grupos que investigam e, nesses casos, o caráter de denúncia da invisibilidade das mulheres nos grupos e dos papéis secundários que elas ocupam predomina sobre a dimensão de pesquisa. A tese de Magro (2003) tem um caráter de pioneirismo e apoia-se em alguma discussão tanto sobre o conceito de gênero como o de juventude. Já a dissertação de Matsunaga (2006), com sólido embasamento tanto na teoria das representações sociais quanto de movimentos sociais e identidades coletivas, além dos debates sobre relações de gênero, apresenta conclusões capazes de abarcar a complexidade da posição das jovens no movimento *hip-hop*. Analisando tanto letras de músicas produzidas por homens e por mulheres quanto entrevistas com oito moças participantes do movimento, a autora aponta alguns sentidos desta participação, os quais questionam e ao mesmo tempo reforçam papéis sociais a elas atribuídos, em especial a estrita divisão entre público e privado, seja nos palcos, seja nas tarefas domésticas e no controle da sexualidade.²¹

Duas dissertações (Marinho, 2004 e Gomes Silva, 2005), ambas provenientes da Sociologia, debruçaram-se sobre mulheres envolvidas afetivamente com membros do narcotráfico ou gangues. Em que pese o interesse e relevância da temática, pouco se pode afirmar a respeito dos estudos, pois a dificuldade de acesso a essas jovens fragilizou os resultados apresentados por Gomes Silva (2005) e o texto completo de Marinho (2004) não foi localizado. Já a dissertação de Dornelles (2001), proveniente da área de Educação, enfoca mulheres em situação de rua, utilizando entrevistas, com base em leituras sobre gênero.

¹⁹ Apenas a dissertação de Queiroz (2004), que investigou moças de camadas populares, mais da metade autotclassificadas como negras, também destacou a questão do cabelo liso e longo como referencial de beleza, assim como a rejeição ao cabelo crespo.

²⁰ Sendo três da UNICAMP, embora com diferentes orientadores/as.

²¹ Esses estudos certamente dialogam com as teses e dissertações reunidas no capítulo sobre grupos juvenis.

Três pesquisadoras dedicaram suas dissertações a investigar moças em situação de prostituição em diferentes lugares do país: Tocantins (Soares, 2005), interior de São Paulo (Martinez, 2004) e região metropolitana de Salvador – BA (Matos, 2000). O tema da prostituição como problema social tende a predominar no conjunto, que conta com um trabalho proveniente de cada área em foco (Educação, Serviço Social e Sociologia), todos eles lançando mão de metodologias qualitativas, em especial entrevistas. Embora seja o mais antigo deles, é o estudo de Matos (2000) que consegue trazer com mais ênfase novas informações sobre o grupo investigado e debatê-las em termos de relações de gênero. Nenhum deles entra propriamente nas questões da juventude.

Um grupo social bastante diferenciado é investigado a partir de entrevistas, observações e consulta a *sites* por dois mestrados da Antropologia: as jovens conhecidas por “patricinhas”, com poder aquisitivo alto, adesão a valores tradicionais, participação intensa numa cultura de consumo (Pereira, 2003²² e Müller, 2004). São trabalhos inovadores na temática, pois são pouco estudadas as moças de setores médios, sua sociabilidade, cotidiano, projetos de futuro, etc. Embora ambas destaquem o sentido ora negativo, ora positivo do termo “patricinha”, com o qual nem sempre as jovens gostam de ver-se identificadas, em especial o estudo de Müller (2004), realizado por meio de entrevistas e observações etnográficas em dois shopping centers, com uso adequado da literatura tanto sobre gênero quanto sobre juventude, traz informações muito ricas sobre a sociabilidade dessas jovens mulheres e seu cotidiano.

O único estudo sobre mulheres jovens numa instituição religiosa é o mestrado de Oliveira (2005b), sobre moças na maçonaria (Ordem Internacional Filhas de Jó), proveniente da área de Educação. Trata-se de um trabalho consistente e inovador em sua temática, com forte apoio nos debates sobre a condição juvenil, e que se destaca frente à ausência de outras pesquisas sobre moças e rapazes em grupos religiosos, temática, a nosso ver, central para a compreensão da situação dos jovens brasileiros na contemporaneidade.²³

Finalmente, duas pesquisas – uma proveniente da Sociologia e outra da Antropologia – colocam questões sobre como jovens de diferentes setores sociais percebem as difíceis articulações entre trabalho profissional, família e maternidade em seus projetos de futuro, permitindo avançar na compreensão de suas ideias sobre feminilidade e os lugares sociais das mulheres (Silvestre, 2002 e Telerman,

²² Esse trabalho foi orientado pela mesma professora – Miriam Goldberg, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – que orientou Santos (2002) no estudo sobre moças do grupo Criola e Rosistolato (2003), que investigou a implantação de políticas de orientação sexual na escola.

²³ Maria Tereza Canezin Guimarães, da Universidade Católica de Goiás, orientou essa dissertação, assim como o estudo de Montenegro (2005) sobre os mecanismos de distinção social por meio da cultura corporal entre jovens mulheres, e o mestrado de Vasconcelos (2001), que abordou o sucesso escolar entre as jovens (ver o subtema *Educação Formal*). Trata-se de uma das orientadoras mais profícuas no conjunto dos estudos sobre jovens e não apenas neste tema.

2004). Em sua tese de doutorado, Telerman (2004) analisa questionários respondidos por estudantes do primeiro ano de diferentes cursos da PUC-SP, enfocando especialmente seus valores sobre o que denomina “a questão feminina”, isto é, a problemática trazida à tona pelo movimento feminista em torno ao projeto de uma “mulher emancipada”. E, com apoio na literatura feminista, evidencia contradições na argumentação e nos projetos de vida dessas jovens de setores médios e altos. Já Silvestre (2002) debruçou-se, em sua dissertação, sobre o universo de moças de baixa renda, alunas do ensino médio em uma escola pública do interior de São Paulo, indagando-lhes em especial sobre o eventual conflito entre maternidade e inserção profissional. Enquanto as estudantes universitárias da pesquisa de Telerman (2004) percebiam diante de si amplas possibilidades de profissionalização, as moças ouvidas por Silvestre (2002) relatavam situações de desemprego e inserção precária no trabalho. Contudo, em ambos os grupos estudados a constituição de família e particularmente a maternidade foram colocadas no centro dos projetos de vida das jovens, o que seguramente abre um amplo campo de investigação a respeito de permanências e mudanças nos valores e projetos de vida das moças brasileiras em diferentes camadas sociais.

Sete pesquisas investigaram rapazes, representando 21% do total de teses e dissertações incluídas neste subtema (Messeder, 1999; Monteiro, 2001; Elmôr, 2002; Malcher, 2002; Márques, 2002; Santos, 2004; e Oliveira, 2006b). A área predominante é das Ciências Sociais, com três estudos provenientes da Antropologia e dois da Sociologia, aos quais se somam um da Educação e um do Serviço Social. No conjunto, podemos afirmar que estes estudos dialogam pouco com os debates a respeito da juventude e da condição juvenil.

Pioneiro, o mestrado de Messeder (1999), utilizou tanto entrevistas e observações quanto filmagens em vídeo para analisar os usos do corpo, suas representações, significados e interpretações por jovens pobres e negros de Salvador (BA). Considera tanto a juventude quanto o corpo e as masculinidades como construções sociais e, com apoio em literatura sólida, incorpora a sexualidade como um dos aspectos em análise, além de trazer descrições relevantes da temática escolhida. Chama a atenção o fato de considerar muito secundariamente a questão do pertencimento racial em suas análises.

Já Santos (2004) dirigiu seu olhar para jovens frequentadores de uma escola de futebol em João Pessoa (PB), com a hipótese de que rapazes pobres e pouco escolarizados encontram-se em contextos menos flexíveis e pouco abertos a mudanças, reproduzindo assim referenciais tradicionais de masculinidade. Por meio de entrevistas e baseado em um aporte teórico sobre gênero e masculinidades, o autor confirma sua hipótese e conclui que não há no grupo estudado a emergência de “novas masculinidades”, tão propagadas pela mídia. Também Elmôr (2002) estudou rapazes de uma escola de futebol, utilizando tanto a teoria quanto os instrumentos de pesquisa do Psicodrama, com algum esforço de diálogo com outras correntes a respeito de gênero e masculinidades. Esta autora também indica a permanência de uma visão cristalizada de masculinidade no grupo de rapazes estudados.

Por sua vez, Monteiro (2001) nos apresenta o único estudo a respeito de uma torcida de futebol organizada, a partir de um enfoque de gênero. Em um trabalho etnográfico, o autor se apoia principalmente nos estudos sobre esportes e lazer feitos por Elias e Dunning (1992), na Inglaterra, e nas pesquisas de Alba Zaluar (2004) que articulam violência e masculinidade. Já Oliveira (2006b), entrevistando rapazes que cometeram atos ilícitos e ilegais, com apoio em literatura semelhante, também aponta as interfaces entre uma concepção de masculinidade e de um “*ethos* guerreiro” com o envolvimento em atos criminais, tal como no caso das torcidas, percebendo essa articulação frente aos atos de violência.

Márques (2002) nos apresenta em sua tese de doutorado o único estudo sobre rapazes em situação de prostituição (de rua). Trata-se de uma pesquisa etnográfica, que dialoga com a literatura sobre prostituição masculina e masculinidades e procura trazer à luz um grupo muito pouco estudado, atenta a seus territórios, tempos e tensões, além dos conflitos com outros grupos sociais; e destaca a presença em seus comportamentos de um “culto à virilidade”.

Ademais, o mestrado de Malcher (2002) foi o único a pesquisar rapazes de setores médios, desta feita na cidade de Belém (PA). Indagando-lhes em entrevistas e por meio de observações, a respeito do amor e das relações afetivas, Malcher conclui pela presença de novas configurações em seus relacionamentos afetivos, que incluíam o adiamento do amor duradouro, ligado à constituição de uma família, ao sucesso profissional e à vida adulta; e, ao mesmo tempo, a não exclusão de uma concepção de amor romântico do universo tido como masculino. A comparação desta pesquisa com aquelas que indagaram sobre concepções de masculinidade entre rapazes de setores populares (em especial Santos, 2004 e Elmôr, 2002) indica a necessidade de maiores investigações e de instrumentos de pesquisa e análise mais refinados, de forma que se possa efetivamente colocar em questão, ainda que para eventualmente confirmá-lo, o pressuposto corrente no senso comum de que apenas os setores médios e as elites estão abertos a mudanças nos padrões de gênero, enquanto as camadas sociais de menor poder aquisitivo vivenciariam continuidades e permanências.²⁴

Tomados em conjunto, só o fato de estudarem rapazes demonstra alguma apropriação, nesses estudos, dos debates de gênero, pois todos lançam mão de algum conceito de masculinidade e, neste sentido, são inovadores. Entretanto, chama a atenção a quase ausência de sujeitos de setores médios e altos, assim como a ênfase nas temáticas do corpo, violência e sexualidade, o que deixa lacunas seja no estudo de outras formas de masculinidade e de rupturas nos padrões hegemônicos, seja de outros aspectos tais como a sociabilidade, a religiosidade ou projetos de futuro dos rapazes, em análises que tomassem como referência as

²⁴ É interessante também comparar os resultados desses estudos aos obtidos por Telerman (2004) junto a moças universitárias de camadas médias urbanas, que apontam fortes indícios de permanência dos valores ligados à maternidade e ao papel central das mulheres no interior da família.

relações de gênero. Afora menções feitas na dissertação de Messeder (1999) e na tese de Márques (2002), que incluem entre seus sujeitos rapazes “com práticas sexuais homoeróticas” e “bieróticas”, não foram localizados estudos focados em jovens *gays* fora do espaço escolar (ver subtema sobre Educação Formal).

Finalmente, quatro pesquisas (Moraes, 2001; Ferreira, 2003; Fernandes, 2005 e Machado, 2006) abordam jovens de ambos os sexos, investigando variados aspectos das relações de gênero: diferenças e semelhanças no cotidiano conforme o sexo, as representações de adolescência, assim como as construções identitárias de sexualidade e gênero, entre jovens em situação de rua e em escolas. São estudos bastante diferentes entre si, mas que trazem a marca comum de pesquisar, a partir de um olhar de gênero, tanto moças quanto rapazes, sem ater-se exclusivamente a aspectos de sua sexualidade ou vida afetiva. São uma tese e uma dissertação provenientes da área de Sociologia, um mestrado em Educação e outro em Serviço Social.

Neste grupo de pesquisas revelam-se com toda intensidade as dificuldades e tensões, na verdade presentes no conjunto desse subtema, colocadas às/aos pesquisadores/as quando se propõem a articular categorias teóricas formuladas em diferentes contextos e utilizá-las na análise empírica. Por vezes, é a ausência de uma apropriação adequada dos debates sobre juventude que leva a conclusões relativamente óbvias a respeito dos sujeitos investigados. Noutras, a fragilidade do conceito de gênero utilizado não permite um maior avanço no conhecimento.

Estas dificuldades teóricas estão bem resolvidas na dissertação de Machado (2006), proveniente da área de Educação, que foi produzida no âmbito de uma equipe de pesquisa e lança mão de uma metodologia consolidada – o mapeamento dos usos do tempo –, porém pouco frequente em estudos sobre juventude. Seus resultados, de natureza predominantemente quantitativa, são inovadores quanto à vida cotidiana de jovens de setores populares urbanos: demonstram o maior envolvimento das moças com atividades de estudo e formação, simultaneamente ao emprego maior de tempo, por elas, em tarefas domésticas, que são de natureza diversa daquelas realizadas pelos rapazes e representadas como “obrigação” para elas e “ajuda” para eles. Também revelam o menor tempo de lazer na vida cotidiana das moças e a existência de tipos de lazer diferenciados por sexo; enquanto apontam que a presença dos rapazes em trabalhos formais, com ou sem renda, é apenas ligeiramente superior à das moças.

Por sua vez, o doutorado de Moraes (2001), proveniente da área de Sociologia, traz uma contribuição relevante aos estudos sobre instituições destinadas ao atendimento de “adolescentes abandonados e em situação de risco”, ao evidenciar o conflito entre as imagens que orientam esses serviços e a perspectiva dos próprios rapazes e moças. Enquanto as políticas e ações institucionais estigmatizam os jovens como vítimas, carentes e desviantes, em especial no que tange à sexualidade, eles e elas identificam-se como parte da juventude.

Ao final da leitura do conjunto de trabalhos que agrupamos sob o título “Masculinidades e feminilidades”, tem-se um panorama bastante diversificado dos significados de ser jovem e das vivências da juventude numa perspectiva de gênero, em múltiplos lugares sociais e diferentes espaços urbanos pelo país afora. Apesar de muitos dos estudos não considerarem a categoria juventude e/ou as relações de gênero, seus achados empíricos e descrições permitem apreender um pouco da diversidade do ser moça ou rapaz, no Brasil urbano atual. Sem dúvida, contudo, o avanço teórico na direção de uma apropriação mais densa de ambos os conceitos não apenas abriria novos problemas de pesquisa, em especial ampliando as temáticas para além das questões da sexualidade e do corpo, como também permitiria análises mais enriquecedoras. Se os grandes ausentes como sujeitos das pesquisas são os jovens *gays* e lésbicas, destaca-se também a predominância de estudos sobre o sexo feminino; sobre moças e rapazes “excluídos” ou “em situação de risco”; e sobre jovens pertencentes às camadas populares, em sua maioria moradores das capitais e regiões metropolitanas.

Educação Formal

Este subtema reúne 22 teses e dissertações, representando 16% do total estudado neste capítulo. Dentre as características que marcam este grupo destaca-se a forte predominância da área de Educação, com 77% (17 dissertações), complementados por 18% das Ciências Sociais (quatro pesquisas, entre elas o único doutorado deste subtema) e 4,5% do Serviço Social (uma dissertação). Estão aqui reunidas as pesquisas que consideram a participação da instituição escolar e da formação profissional na constituição das relações de gênero, de masculinidades e feminilidades, levando em conta seja aspectos curriculares ou da vida cotidiana na escola; ou que, inversamente, buscam nas relações de gênero explicações para escolhas profissionais e para o sucesso, o fracasso ou o abandono escolar. Finalmente, destacamos que, embora tenham jovens como sujeitos de pesquisa, esses estudos raramente dialogam com a literatura sobre juventude.

Uma exceção a esta última característica é o mestrado de Reis (2003), da área de Educação, que busca compreender se e como a percepção da juventude é diferenciada por sexo e como moças e rapazes percebem as relações de gênero, colocando em diálogo, portanto, as duas categorias. Esse é um trabalho fronteiro entre este subtema (“Educação Formal”) e o anterior (“Masculinidades e feminilidades”) na medida em que discute principalmente as relações de gênero na juventude, mas também tece considerações sobre o papel da instituição escolar na sua constituição. Trabalhando com questionários, observações e grupos focais, em uma escola pública de ensino fundamental, Reis conclui que os jovens estudados tendem a reproduzir padrões sociais conservadores; destaca as diferenças na forma como percebem a juventude, que para as moças significa mudanças, responsabilidade e falta de liberdade e para os rapazes se apresenta como dois

extremos – de um lado, os riscos envolvidos no mundo das drogas e do crime e, de outro, uma grande liberdade de circulação e de experimentação sexual. E, como conclusão, indica o papel da vida cotidiana escolar nestas construções.

Outro estudo fronteiro é a dissertação de Souza (2006), que tem muitas semelhanças com as pesquisas citadas no subtítulo anterior a respeito dos modos como as mulheres jovens lidam com seus corpos. Refletindo a partir das aulas de Educação Física, a autora estudou alunas de uma escola particular em Ouro Preto (MG). Já a pesquisa de mestrado de Barboza (2003) investigou as moças e os rapazes de uma escola pública de Recife (PE), da 7^a e 8^a séries do ensino fundamental, e suas relações com a Educação Física escolar, porém suas principais conclusões referem-se a propostas para modificação curricular da disciplina em foco. Foi localizado apenas um outro estudo que aborda um conteúdo escolar específico (Alves, 2003), neste caso a literatura, a cujo texto completo não tivemos acesso. Isso nos sugere que, pelo menos nas áreas e dentro do enfoque abrangidos neste levantamento, a questão das relações diferenciadas de moças e rapazes com conteúdos escolares tais como a matemática, as ciências e a leitura não tem sido objeto de grande interesse dos/as pesquisadores/as.²⁵

Duas pesquisas de mestrado enfocam jovens mulheres em cursos preparatórios para profissões nas quais serão minorias: mecânica (Teodoro, 2001) e engenharia (Bitencourt, 2006). Ambos são textos consistentes, referidos fundamentalmente aos debates de gênero e que não se atêm à denúncia de discriminações e preconceitos contra essas estudantes minoritárias na escola e nas profissões escolhidas, mas buscam compreender suas diferentes formas de inserção e permanência em espaços onde não apenas predominam pessoas de sexo masculino, como também se perpetuam certos modelos naturalizados de masculinidade.

Três outras dissertações abordam moças estudantes em carreiras tipicamente femininas: hotelaria (Machado, 2002),²⁶ e serviço social (Napolitano, 2002; e Franco, 2003²⁷). A primeira, após extensa discussão sobre as transformações recentes no mundo do trabalho, com ampliação do setor de serviços e novas demandas de formação, destaca a presença majoritária de mulheres jovens “de classe média alta” no curso de hotelaria estudado e, por meio de entrevistas, põe em relevo o fato de que certas habilidades atribuídas à profissão, tais como a facilidade para relacionamentos interpessoais, são consideradas por elas como atributos naturalmente femininos. Por sua vez, a dissertação de Napolitano (2002) preocupa-se mais em conhecer os “estereótipos de gênero” presentes numa sala

²⁵ O único conteúdo curricular colocado em foco em mais de um estudo – Educação Física – é uma área na qual os debates sobre relações de gênero estão relativamente presentes. Isso sem dúvida reflete a concepção de que gênero está direta ou exclusivamente relacionado a corpo e corporeidade, sendo mais raramente correlacionado a outras áreas do conhecimento escolar.

²⁶ As dissertações de Teodoro (2001), sobre estudantes de mecânica, e de Machado (2002) foram ambas orientadas pelo professor Celso João Ferretti, da PUC-SP.

²⁷ Não foi possível obter o texto completo desse trabalho.

de aula do curso de Serviço Social, que estuda utilizando um questionário, observações e intervenções (realização de dinâmicas e debates).

As discriminações contra moças negras no universo escolar são o tema de três dissertações, duas delas provenientes da Sociologia e uma, da Educação: Silva (2005c); Salvador (2006);²⁸ e Duarte (2000), todas elas marcadas pelo tom de denúncia e mais afeitas à temática racial que de gênero. Estes estudos, baseados em entrevistas, observações e intervenções em escolas de ensino fundamental e médio, tendem a operar com uma ideia de somatória de discriminações, percebendo as mulheres negras como dupla ou triplamente vitimizadas até mesmo no processo de escolarização, embora busquem também localizar movimentos de resistência e espaços sociais de suporte e superação. Em que pese a importância de estudar essa temática e denunciar o racismo presente nas relações escolares, os pressupostos das pesquisas parecem estar conduzindo a conclusões reiterativas.

Num caminho inverso, é a constatação do sucesso escolar das moças, evidenciado há décadas nas estatísticas educacionais,²⁹ que dá origem aos estudos de Vasconcelos (2001), Guimarães (2003), Ramos (2004, não localizado) e Alves (2006). Estudando três níveis escolares diferentes (ensino superior, médio e EJA), estas pesquisas exploram os motivos e estratégias de sucesso escolar das moças, o que lhes traz um caráter inovador frente ao quase total silêncio do campo educacional a este respeito.

Proveniente da área de Educação, a dissertação de Vasconcelos (2001) utilizou a técnica de histórias de vida para investigar a construção do sucesso escolar entre jovens alunas com bom desempenho no 3º ano do ensino médio de uma escola pública e de uma escola particular de Goiânia (GO), com a nítida preocupação de fracionar o grupo de mulheres jovens a partir de seu pertencimento de classe. Apoiando-se tanto na literatura do campo feminista quanto nos debates sobre juventude, a autora busca em mudanças recentes nas relações de gênero na sociedade brasileira as razões para o avanço observado na escolarização feminina. Entre suas entrevistadas identifica projetos de ascensão social pela via do sucesso acadêmico e de uma inserção mais qualificada no mercado de trabalho.

O doutorado de Guimarães (2003) apresenta uma problemática muito semelhante: explicar a crescente presença de mulheres no ensino superior brasileiro a partir dos anos 1980, com base numa compreensão das mudanças nas relações de gênero, na família e no casamento. Também procura incluir as diferenças de classe social em suas análises, ao realizar questionários, observações e entrevistas junto a estudantes de duas universidades, uma pública e uma privada, que atendiam clientela bastante diferenciadas. Proveniente da Antropologia, sua pesquisa se fundamenta principalmente nos estudos de gênero e conclui que, apesar das diferenças entre as estudantes da faculdade privada e da universidade pública

²⁸ As dissertações de Silva (2005 c) e Salvador (2006) foram ambas orientadas pelo professor José dos Reis Santos Filho, da UNESP de Araraquara –SP.

²⁹ Ver, por exemplo, Rosemberg (1992, 2001) e Carvalho (2004), entre outros.

quanto ao fato de as primeiras serem na maioria mais velhas, casadas e/ou com filhos, de origem mais pobre e com maior presença de negras, para ambos os grupos o curso superior aparece como possibilidade de realização de aspirações próximas a um modelo de “mulher moderna”, capaz de conquistar bens materiais e simbólicos por meio de seus méritos individuais.³⁰

Já o mestrado de Alves (2006), da área de Educação, coloca-se na interface dos estudos de gênero e o campo da Educação de Jovens e Adultos, indagando-se a respeito da maior presença de mulheres nestes cursos. Por meio de entrevistas com alunas, nem todas jovens, percebe que as motivações para a retomada dos estudos podem tanto significar uma perspectiva de rompimento com o papel exclusivo de dona-de-casa, visando a uma inserção no mercado de trabalho, como também uma reiteração desse papel, para melhor acompanhar os estudos dos filhos.

Finalmente, entre 2003 e 2006 foram produzidas seis dissertações na área de Educação que abordam a discriminação contra homossexuais no ambiente escolar (Corrêa, 2003; Rodrigues, 2003; Caetano, 2005; Lima, 2006; Ramires Neto, 2006; e Oliveira, 2006c). Produzidos sob o impacto do movimento LGBT, esses estudos reiteram o despreparo da escola no trato com a temática e denunciam preconceitos e discriminações tanto por parte de professores quanto de pares, por meio de metodologias qualitativas baseadas em entrevistas com alunos e ex-alunos, além de eventuais observações. Destaca-se o trabalho de Lima (2006), que ouviu estudantes de um curso de Licenciatura em Educação Física, indo em busca, portanto, das lacunas de formação dos futuros professores como uma das razões para o quadro descrito pelos demais trabalhos, em geral restritos à denúncia da discriminação. No conjunto, trata-se de temática relevante, mas ainda aberta à pesquisa, pois estão ausentes as lésbicas, assim como o conjunto de vivências desses/as jovens para além das situações de preconceito e discriminação (formas de sociabilidade, representações do corpo, valores, projetos de futuro, representações de juventude, etc).

As 22 pesquisas reunidas neste subtema mantêm com intensidade as características do item anteriormente analisado: trata-se de um conjunto de trabalhos dispersos, que praticamente não dialogam entre si, mesmo quando abordam temas semelhantes, o que dificulta o acúmulo de conhecimentos e o avanço crítico. Na verdade, se no subtema anterior já percebíamos o desafio de articular os estudos de gênero e as pesquisas sobre juventude, no caso da Educação Formal trata-se da tentativa de fazer dialogar três campos, adicionando-se a educação escolar. Poucos trabalhos efetivamente alcançaram essa intersecção, embora ela seja promissora de novas temáticas, abordagens e problemas de pesquisa.

³⁰ É interessante cotejar as conclusões dessas duas pesquisas com aquelas encontradas na tese de Telerman (2004), descritas anteriormente e que apontam a permanência de valores tradicionais ligados à centralidade do casamento e da maternidade entre jovens universitárias.

Finalmente, cabe destacar a ausência de estudos sobre a escolarização de rapazes, uma vez que há décadas um conjunto de indicadores estatísticos demonstra serem eles os principais protagonistas de trajetórias escolares tumultuadas, interrompidas e não concluídas. Relacionar essas dificuldades frente à escolarização com diferentes percepções de masculinidade e juventude, vigentes tanto entre os rapazes como nas escolas, sem apelar a explicações simplistas de que o ingresso no mercado de trabalho levaria os jovens de sexo masculino a abandonarem os estudos, ainda é um desafio a ser enfrentado pela produção acadêmica brasileira.

Referências bibliográficas

- BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- CARVALHO, Marília Pinto de. O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça. **Cadernos Pagu**, Campinas, v.22, n.1, jan./jun. 2004.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Tradução de Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.
- FONSECA, Jorge Luiz Cardoso Lyra da. Paternidade adolescente: da investigação à intervenção. In: ARRILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra; MEDRADO, Benedito (Orgs.). **Homens e masculinidades: outras palavras**. – São Paulo: ECOS e Ed. 34, 1998.
- FONSECA, Jorge Luiz Cardoso Lyra da. **Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção**. Dissertação (mestrado). São Paulo: PUC, 1997.
- HEILBORN, Maria Luiza. Experiência da sexualidade, reprodução e trajetórias biográficas juvenis. In: HEILBORN, Maria Luiza et al (Orgs.). et al. **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. pp.30-58.
- HEILBORN, Maria Luiza; BRANDÃO, Elaine Reis. Introdução: ciências sociais e sexualidade. IN: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- HEILBORN, Maria Luiza; CABRAL, Cristiane; BOZON, Michel. Valores sobre sexualidade e elenco de práticas: tensões entre modernização diferencial e lógicas tradicionais. IN: HEILBORN, Maria Luiza et. al (Orgs.). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.
- ROHDEN, Fabíola. Religião e inicial sexual em jovens de camadas populares. IN: HEILBORN, Maria Luiza et. al (Orgs.). **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- ROSEMBERG, Fúlvia. Educação formal e mulher: um balanço parcial IN: COSTA, Albertina de O. & BRUSCHINI, Cristina (org.). **Uma questão de gênero**, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- ROSEMBERG, Fulvia. Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo, Florianópolis, **Estudos Feministas**, v. 9, n.2, 2001.
- ROSEMBERG, Fúlvia. Teorias de gênero e subordinação de idade: um ensaio. **Proposições**, Campinas, v. 7, n. 3, p. 17-23, 1997.

- SOUZA, Maria Cecília Cortez. Aspectos psicossociais de adolescentes e jovens. In: SPOSITO, Marília Pontes (Coord.). **Juventude e escolarização: 1980-1998**. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002. pp.35-58.
- SPOSITO, Marília Pontes. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área de educação. In: SPOSITO, Marília Pontes (Coord.). **Juventude e escolarização: 1980-1998**. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002. pp.7-26.
- SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, dezembro 2003, p.37-52.
- ZALUAR, Alba. Masculinidades, crises e violência. In: ZALUAR, Alba. **Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004. p.365-396.
- WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 13, n.1, jan. abr. 2005, p. 107-125.

Teses e dissertações analisadas: Sexualidade e Gênero

EDUCAÇÃO

Teses

- ALTMANN, Helena. **Verdades e Pedagogias na educação sexual em uma escola**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- CABESTRÉ, Sonia A. **A disseminação de informações preventivas e educativas: a AIDS em questão**. 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2000.
- MAGRO, Viviane M. M. **Meninas do Graffite: educação, adolescência, identidade e gênero nas culturas juvenis contemporâneas**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- PAUCAR, Lílian M. O. **Representação da gravidez e aborto na adolescência: estudo de casos em São Luis do Maranhão**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

Dissertações

- ADOLPH, Cláudio F. **A participação da escola na produção da identidade sexual do adolescente**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2004.
- AGUIAR, Maria L. D. **Educação sexual e reprodutiva: conhecimentos e dificuldades sentidas pelos adolescentes assistidos na Policlínica Tucumã, Rio Branco – AC**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

- ALVES, Francisca E. **Mulheres trabalhadoras, sim.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2006.
- ALVES, Vera L. M. **Escola, literatura e sexualidades.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2003.
- BARBOZA, Roberta G. **As representações sociais de gênero das alunas e dos alunos das 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental nas aulas de Educação Física.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.
- BESSA, Andréia G. P. **Na adolescência: oficinas pedagógicas com alunos/as do Ensino Médio sobre sexualidade e as repercussões em suas vidas.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- BOURSCHEID, Jacinta L. **Sexualidade: reconstruindo compreensões de forma coletiva, partindo da visão dos adolescentes.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- CAETANO, Marcio R. V. **Gestos do silêncio: para esconder a diferença.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.
- CALVETE, Clotilde M. D. **O significado do “ficar” na adolescência.** 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- CARDOSO, Alessandra S.E.S. **Sexualidade e o cotidiano escolar de adolescentes: um estudo sobre representações sociais.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2003.
- CARREIRO, José C. **Reflexões a partir da prática de orientação sexual na Escola de Aplicação da FEUSP.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- CORREA, Lisete Bertotto. **A exclusão branda do homossexual no ambiente da escola.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- CRESTON, Álvaro L. A. **Como a sexualidade de uma adolescente interfere na construção do seu conhecimento.** 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1999.
- DAMIANI, Fernanda E. **Gravidez na adolescência: prática pedagógica e competências profissionais.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2003.
- DAMICO, José G. S. **Quantas calorias e preciso (gastar) para emagrecer com saúde: Como mulheres jovens aprendem estratégias para cuidar do corpo.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- DORNELLES, Susana A. **Aprendizagem do conhecimento escolar, gênero e sexualidade em mulheres adolescentes em situação de rua.** 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- DUARTE, Rossana S. **A menina negra e sua integração social na escola pública: o caso de uma escola em Teresina –PI.** 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2000.

- ELMÔR, Marilena G. **Masculinidade em jogo**: um estudo sobre papéis masculinos num grupo de adolescentes no futebol. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- FERNANDES JÚNIOR, Nelson. **Representações de prevenção à gravidez precoce e DST em adolescentes**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- FONSECA, Ana L.B. **Práticas educativas no contexto familiar das mães adolescentes**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.
- FOSSA, Ângela Márcia. **Educação sexual na escola**: um estudo junto a adolescentes. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2003.
- FRANCO, Simone T.T.C.S. **Tecendo subjetividade**: a formação profissional de alunos do curso de Serviço Social. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.
- FRISON, Lourdes M. B. **Percorrendo os caminhos na construção da sexualidade adolescente**: significados do mundo vivido. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- GALVÃO, Maria S. L. **Educação e sexualidade**: as representações sociais dos adolescentes sobre doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) numa escola pública de Teresina – PI. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Universidade Federal do Piauí, Teresina, 1999.
- GARCIA, Antonio M. **A orientação sexual na escola: como os professores, alunos e genitores percebem a sexualidade e o papel da escola na orientação sexual**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2003.
- GIMENES, Valéria C. **A escola pública e a sexualidade**: estudo analítico-descritivo sobre o discurso de um grupo feminino de adolescentes acerca de suas vivências sexuais. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2001.
- GODOY, Maria L. A. **Representação social de adolescentes sobre AIDS e sua prevenção**. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.
- GONINI, Fátima A. C. **Representações sociais do “ficar”**: caminhos para compreender a violência no cotidiano escolar. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Moura Lacerda, 2006.
- GUIMARÃES, Ranilce M. **A educação sexual sobre prisma da gravidez na adolescência**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2000.
- KELLERMANN, Maristela S. **Um discurso clandestino sobre sexo na escola**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2005.
- LIMA, Francis M. de. **O discurso da homossexualidade no universo escolar: um estudo no curso de Licenciatura em Educação Física**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

- LIMA, Mariana S. de. **Rap de Batom: Família, Educação e Gênero no universo do Rap paulista.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- LOIOLA, Luis Palhano. **Coisas difíceis de dizer: as manifestações homofóbicas do cotidiano dos jovens.** 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.
- LUZ, Angélica M. S. **Tateando em zonas (des)conhecidas e intangíveis do ser: conceitos de liberdade e sexualidade produzidas por adolescentes em situação de rua.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.
- MACHADO, Juliana B. **As temporalidades no cotidiano de jovens porto-alegrenses.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- MACHADO, Rosana P. **Formação Profissional no setor de serviços: o curso de tecnólogo em Hotelaria do SENAC em São Paulo.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.
- MATSUNAGA, Priscila S. **Mulheres no Hip-Hop: Identidades e representação.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- MELLO, Jenice T. **Em época de AIDS: concepções de estudantes no Ensino Médio a respeito das sexualidades.** 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2000.
- MONTENEGRO, Tangriane. **Jovens mulheres e a cultura corporal: mecanismos de distinção social nas práticas educativas das academias de ginástica.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.
- MORAES, Teresa C. L. **Estudo de um programa de prevenção em DST/AIDS.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- MORELLO, Rita de C. G. **A realidade da orientação sexual na escola pública: estudo de caso nas escolas estaduais da cidade de Ribeirão Preto.** 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1999.
- NARDI, Maristela. **Os estudantes universitários e a AIDS: o que aponta a produção nacional de 1980 a 2003.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- NEVES, Denise C. A. **A relação da gravidez com a educação, a profissionalização e a socialização das adolescentes que freqüentam o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás.** 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2001.
- OLIVEIRA, Flávia M. **Orientação sexual para jovens do Ensino Médio: uma proposta motivadora, reflexiva e emancipatória.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2005a.
- OLIVEIRA, Luzia A. **Jovens mulheres no projeto educativo da Ordem Internacional das Filhas de Jó.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005b.
- OLIVEIRA, Célia M. S. de. **Educação sexual na escola – concepções e práticas.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006a.

- OLIVEIRA, Meire R. A. **Educação e sexualidade: vivências sócio-educacionais de jovens homossexuais (Cuiabá-MT)**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2006c.
- OLIVEIRA, Rita A. P. **Sexualidade e adolescentes: um estudo de representações sociais**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2004.
- PAGAN, Acácio A. **Um estudo das representações sociais acerca da AIDS, manifestadas por pré-adolescentes e adolescentes de escolas públicas de Cuiabá em 2002 e 2003**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2004.
- PIMENTEL, Nilton P. **Á beira do Abismo estamos prestes a voar: educação-jovens gueis-aids**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2001.
- PROVENZI, Neila A. **Educação formal e gravidez não planejada na adolescência: um estudo de base fenomenológica**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- QUEIROZ, Madeleine P. M. **Corpo de Vênus: mediações sociais formativas dos valores estético-corporais em adolescentes do sexo feminino na contemporaneidade**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.
- QUINTANA, Eduardo. **A gravidez na adolescência e sua relação com a escola pública: visibilidade ou exclusão?** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2004.
- RAMIRES NETO, Luiz. **Habitus de gênero e experiência escolar: jovens gays no Ensino Médio em São Paulo**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- RAMOS, Souzan S. **As representações sociais das alunas sobre papéis sociais da mulher e sua influencia no rendimento escolar**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2004.
- REIS, Jandira G. **Relações de gênero no cotidiano escolar: visões e percepções do corpo discente**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2003.
- RODRIGUES, Fábio R.S. **O currículo e a norma: gênero, sexualidade e educação entre alunos dos anos finais do Ensino Fundamental**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2003.
- ROSSATO, Ana R.S. **O significado da maternidade na adolescência**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- SANTOS, Terezinha M. **Os conceitos sobre gravidez e reprodução humana segundo os alunos e alunas do Ensino Médio**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- SILVA, Jeane Félix da. **Sexualidade e protagonismo juvenil a partir do olhar de jovens educadores/as sociais: um estudo de caso no projeto Fala Garotada**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005 a.

- SILVA, Kátia K. V. **Sexualidade:** professor que cala nem sempre consente. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.
- SILVA, Rosimeri Aquino da. **Sexualidades na escola em tempos de AIDS.** 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- SILVA, Sheyla P. **A relação amorosa no cotidiano do adolescente:** fragmentos e tramas de sedução. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- SOARES, Maria I. B. **A prostituição numa região de fronteira:** um estudo na cidade de Paraíso do Tocantins. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade São Marcos, 2005.
- SOLDATELLI, Maira M. **Educação sexual e condições de ensino:** implicações na construção da corporeidade de alunos do Ensino Médio. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2006.
- SOUZA, Laí C. **Gravidez na adolescência:** subsídios para uma proposta pedagógica. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- SOUZA, Vanessa G. **Entre quadras, bolas e redes:** um estudo de caso sobre o incorporar de rituais no corpo feminino nas aulas de Educação Física no Ensino Médio em uma escola particular de Belo Horizonte. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- SPITZENER, Regina H. L. **Sexualidade e Adolescência:** Reflexões acerca da educação sexual na escola. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2005.
- TEODORO, Cristina. **Mulheres na contramão da segregação ocupacional.** 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.
- VASCONCELOS, Ângela D.B. de. **Jovens/adolescentes, gênero e sucesso escolar.** 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2001.
- VIDAL, Elaine I. **Sexo e concepção de sexualidades para jovens estudantes de uma escola pública.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2005.
- ZAMPIERI, Maria Cristina. **Sexo na Universidade:** um estudo sobre a sexualidade e o comportamento sexual do estudante universitário. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara. 2002.

CIÊNCIAS SOCIAIS

Teses

- ALMEIDA, Margareth A. S. **Treze meninas e suas histórias:** um estudo sobre mãe adolescente. 2001. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2001.
- ALMEIDA, Paula C. S. de. **Gurias e mães novinhas:** demarcadores etários, gravidez e maternidade entre mulheres jovens em grupos de baixa renda urbanos. 2002.

- Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- DIAS, Acácia B. **Parentalidade juvenil e relações familiares em Salvador – BA.** 2005. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.
- GUIMARÃES, Ana L. **Por que hoje no Brasil mais mulheres buscam o Ensino Superior?** Trajetórias educacionais, família e casamento em questão. 2003. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.
- JEOLÁS, Leila Sollberger. **O jovem e o imaginário da AIDS: o bricoleur de suas práticas e representações.** 1999. Tese (Doutorado em Antropologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.
- MÁRQUES, Fernanda T. **No cais do corpo: um estudo etnográfico da prostituição viril na região portuária santista.** 2002. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2002.
- MORAES, Aparecida Fonseca. **A sexualidade de jovens nas instituições: razões, emoções e políticas.** 2001. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.
- NOVENA, Nádia Patrícia. **A sexualidade na organização escolar: narrativas do silêncio.** 2004. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004
- RIETH, Flávia M. S. **Sexo, amor e moralidade – iniciação na juventude de mulheres e homens, Pelotas (RS).** 2001. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- SILVA, Helen D. G. da. **Aproveitar a vida: um estudo antropológico sobre valores, juventudes e gravidez em uma cidade do interior.** 2004. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- TELERMAN, Rosali. **Projetando o futuro: a questão feminina dos 18 aos 21 anos.** 2005. Tese (Doutorado em Antropologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

Dissertações

- BITENCOURT, Silvana M. **Existe um outro lado do rio?** Um diálogo entre a cultura da Engenharia e relações de gênero no Centro Tecnológico da UFSC. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- BORGES, Renata. **Gravidez na adolescência e reconhecimento social.** 1999. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.
- CARPES, Nívea Silveira. **“Filho cedo não é a pior coisa que pode acontecer na vida”:** um estudo sobre representações e práticas de jovens a respeito da transição de fase da vida a partir da maternidade e paternidade. 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- FERNANDES, Luís A. B. **Adolescência: a construção das identidades sociais de gênero e de sexualidade.** 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

- HONÓRIO, Maria das Dores. **“Botar corpo”**: um estudo sobre corpo e sexualidade com meninas de camadas populares. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.
- LAGO, Syane S. C. P. **Namoro para casar?** Namoro para escolher (com quem casar). Ideias e práticas de namoro entre jovens em Belém do Pará. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, 2002.
- LEAL, Andréa Fachel. **Uma Antropologia da experiência amorosa**: estudo de representações sociais sobre sexualidade. 2003. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- LIRA, Luciana C.de. **Narrativas de Ana: corpo, self e consumo entre um grupo pró-anorexia na Internet**. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.
- MALCHER, Leonardo F. S. **Mulheres querem amor, homens querem sexo?** Amor e masculinidades entre jovens de camadas médias urbanas de Belém. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, 2002.
- MARINHO, Camila Holanda. **Viúvas de guangues**: o universo interdito da violência urbana. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.
- MATOS, Railda M. **Elas sonham acordadas em Santos Antônio dos Prazeres**: mulheres em prostituição. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.
- MESSEDER, Suely A. **É só um jeito de corpo**: um estudo sobre masculinidade a partir das representações e do uso do corpo por jovens negros de setores populares na cidade de Salvador. 1999. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.
- MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. **Torcer, lutar, ao inimigo massacrar**. Raça rubro-negra: uma etnografia sobre futebol, masculinidade e violência. 2001. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2001.
- MULLER, Elaine. **As patricinhas no mundo do shopping center**: um discurso e algumas práticas juvenis bem-comportadas. 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.
- MUZZOLON, Arlene B. F. **O significado da gravidez, da maternidade e do óbito infantil para a mãe adolescente**. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.
- NOGUEIRA, Maria José. **O que você vai ser quando crescer**: sexualidade, gênero e maternidade na adolescência. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- OLIVEIRA, Luciana M. R. de. **Meninos Bandidos?** Interfaces entre criminalidade e identidade masculina em homens jovens. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006b.
- PEREIRA, Claudia da Silva. **Patricinhas da Zona Sul**: adolescência nas camadas médias cariocas. 2003. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2003.
- QUINTELA, Rosângela S. **Desabrochando no jardim secreto: um estudo sobre imaginário do corpo, gênero e sexualidade entre adolescentes em Belém**.

2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, 2002.
- RODRIGUES, Fernanda G. **O grito das garotas**. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- ROSISTOLATO, Rodrigo P. R. **Sexualidade e escola: uma análise da implantação de políticas públicas de orientação sexual**. 2003. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.
- RUGGI, Lennita O. **Aprendendo a ser a corporificação da beleza: pesquisa com alunas de uma escola de modelos**. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.
- SALVADOR, Maria Nazaré. **Mulheres negras adolescentes: projetos de vida e suporte familiar**. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.
- SANTOS, Eliane dos. **Aparência e auto-estima: um estudo de caso no grupo criola**. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.
- SILVA, Maria A. **Mulheres negras adolescentes no Ensino Médio**. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2005 c.
- SILVA, Viviane D. L. da. **Causas sociais da anorexia nervosa: a ditadura da beleza magra**. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005 b.
- SILVESTRE, Célia M.F. **Mulher de papel: o imaginário de mulheres jovens sobre o sucesso profissional e maternidade**. 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2002.
- STEIBEL, Carlos N. P. **Heterossexismo: um estudo antropológico sobre as atitudes negativas para com os gays**. 1999. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

SERVIÇO SOCIAL

Teses

- REIS, Vânia T.M. **Jovens pais e jovens mães: experiências em camadas populares**. 2004. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

Dissertações

- ALMEIDA, Soraia J. **Meninas-moças: olhares de um corpo**. 1999. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999.
- ARAÚJO, Ana Glória Lucena de. **Maternidade Precoce no contexto da pobreza**. 2003. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.
- BARRETTO, Elvira Simões. **Sexualidade e gravidez entre adolescentes: desordem ou busca?** 1999. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

- BASTOS, Fernanda G. **Interfaces e lacunas na assistência prestada ao adolescente convivendo com o HIV/AIDS**. 2004. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2004.
- FANELLI, Cláudia M.T. **A gravidez na adolescência como um dos desafios para as políticas de Educação e Saúde**. 2003. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2003.
- FERREIRA, Carolina M. T. O. **Adolescência nas classes populares: uma questão de gênero**. 2003. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2003.
- GOMES SILVA, Clesirlene O. **Ciclos de vida e integração de mulheres jovens em situação de risco em Acari**. 2005. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.
- ISLÃ, Rocio Del P. A. **Educação sexual e prevenção do HIV/AIDS em ambiente escolar**. 2005. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2005.
- MARTINEZ, Simone, D.T. **A exploração sexual comercial de crianças e adolescentes: questão de gênero**. 2004. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.
- MENEZES, Walfrido Nunes de. **A barriga cresceu**. 2000. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.
- NAPOLITANO, Sira. **Gênero, educação e preconceito: uma pesquisa no curso de Serviço Social através da abordagem psicossocial**. 2002. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Estadual Paulista, Franca, 2002.
- PEREIRA, Lucélia L. **Direitos sexuais: dialogando com adolescentes e profissionais de saúde**. 2005. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2005.
- ROSSI, Dalva. **Adolescentes marcadas pela violência sexual doméstica**. 1999. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.
- SAKAMOTO, Dulcinéia Luccas. **Gravidez na adolescência: análise da reincidência**. 2003. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Estadual Paulista, Franca, 2003.
- SANTOS, Ivone B. **As estratégias utilizadas na maternidade e paternidade adolescente**. 2003. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal do Pará, 2003.
- SANTOS, Willian T.M. **Masculinidade(s) na juventude de homens de baixa renda de João Pessoa**. 2004. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.
- SOUSA, Antonia L. B.de. **Sexualidade na adolescência: moralismo, comportamento e atuação do PROAMA**. 2002. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2002.

Outras publicações

ARGUMENTVM Editora

As Origens da Educação Pública
A instrução na Revolução Burguesa do Século XVIII
Eliane Marta Teixeira Lopes

Memória, Subjetividade e Educação
Isabel de Oliveira e Silva e Martha Lourenço Vieira (org.)

A Educação e seus Sujeitos na História
Maria de Araújo Nepomuceno e Elianda Figueiredo Arantes Tiballi (org.)

Educação e Reforma
O Rio de Janeiro no anos 1920-1930
Diana Gonçalves Vidal (org.)

Lições de Casa
Discursos pedagógicos destinados à família no Brasil
Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi

História das Punições e da Disciplina Escolar
Grupos Escolares de Belo Horizonte
Rita de Cássia de Souza

O Impresso como Estratégia de Formação
Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1940)
Maurilane de Souza Biccas

Qualidade na Educação Fundamental Pública nas Capitais Brasileiras
Tendências, Contextos e Desafios
Fátima Alves

As Escolas dos Dirigentes Paulistas
Ensino médio, vestibular, desigualdade social
Ana Maria Fonseca de Almeida

Escola e Destinos Femininos
São Paulo, 1950/1960
Graziela Serroni Perosa

Desigualdade e Desempenho:
uma introdução à sociologia da escola brasileira
Maria Ligia de Oliveira Barbosa

Coleção
EDVCERE

1ª EDIÇÃO: Novembro, 2009

IMPRESSÃO: Del Rey Indústria Gráfica

FORMATO: 15,5 x 22,5 cm; 276 p.

TIPOLOGIA: Bodoni

PAPEL DA CAPA: Supremo 250 g/m²

PAPEL DO MIOLO: Offset 90 g/m²

PRODUÇÃO EDITORIAL: Daniela Antonaci

CAPA & PROJETO GRÁFICO: Milton Fernandes

REVISÃO DE TEXTOS: Erick Ramalho

ARGUMENTVM
Editora

A produção de conhecimento, qualquer que seja o campo do saber, não pode prescindir do esforço sistemático de inventariar e fazer balanço sobre aquilo que foi produzido em determinado período de tempo e área de abrangência. Isso é o que se convencionou denominar de “estado do conhecimento” ou “estado da arte”. Organizada em dois volumes, esta coletânea é resultado de pesquisa nacional desenvolvida em rede e coordenada pela pesquisadora Marília Sposito (USP) sobre o Estado da Arte da produção de conhecimentos discente de Mestrado e Doutorado no tema **Juventude**. A pesquisa sondou o banco de teses do Portal Capes no período de 1999 até 2006, nas áreas da Educação, Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia) e Serviço Social e produziu artigos sobre diferentes eixos temáticos. A publicação dos dois volumes deste livro foi possível com o apoio do Projeto *Diálogos com o Ensino Médio*, uma parceria iniciada no ano de 2009 entre o Observatório da Juventude da UFMG, o Observatório Jovem da UFF e a Secretaria de Educação Básica do MEC.

ISBN 978-85-98885-77-3



9 788598 885773

Ministério
da Educação

